

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***DOMINGOS ARTHUR MACHADO FILHO***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Domingos Arthur Machado Filho (DM)

Entrevistadores – Rose Ingrid Goldschmidt (RG) e Wanda Hamilton (WH)

Data –19/06/1986 a 29/07/1986

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 11h17min

Resenha biográfica e Sumário – Lúcio Flávio Taveira

Conferência de fidelidade – Wladimir Glezos

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MACHADO, Domingos. *Domingos Machado. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 186p.

## Resenha Biográfica

Domingos Arthur Machado Filho, nasceu a 28 de maio de 1914, no Rio de Janeiro. Formou-se em veterinária pela Escola Nacional de Veterinária, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 1937, e em medicina pela Escola de Medicina Cirurgia do Instituto Hannemaniano, atual UniRio, em 1947. Graduou-se em história natural pela Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1938.

Aluno de Lauro Travassos e de Hugo de Souza Lopes, ingressou no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), em agosto de 1935, como estagiário da Divisão de Zoologia Médica, sem remuneração. Cerca de 16 anos depois, ainda em Manguinhos, foi contratado como bolsista e, posteriormente, como pesquisador e professor. Foi também subchefe e chefe da seção de helmintologia, onde dedicou-se principalmente ao estudo dos acantocéfalos. Mas essa pesquisa foi interrompida devido ao Ato Institucional nº 5 (AI-5), que cassou seus direitos políticos e o aposentou compulsoriamente, em 1970.

Professor de nível médio e secundário da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, lecionou também na Escola Nacional de Veterinária, na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e no mestrado da UFRRJ. Livre docente pela Escola de Medicina e Cirurgia, foi também professor dessa faculdade. Porém, perdeu seu cargo logo que a instituição foi federalizada.

Desde 1968 a 1981, Domingos Machado foi professor de parasitologia da Faculdade de Medicina de Valença, e professor titular da Faculdade de Medicina de Nova Iguaçu, de 1981 a 1988.

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), mas não voltou a trabalhar na instituição devido a problemas de saúde.

## Sumário

### Fita 1 e Fita 2

Origem familiar; formação escolar; influência do professor Mário Eugênio do colégio São. José no seu interesse pela biologia; influência do irmão na escolha da profissão; participação do pai na Revolução de 30; o curso preparatório e o teste para a Escola Militar; o ingresso na Escola Nacional de Veterinária; as aulas de fisiologia de Miguel Osório de Almeida; o convite de Lauro Travassos para estagiar em Manguinhos; as aulas de parasitologia ministradas por Lauro Travassos na Escola Nacional de Veterinária; o trabalho na Fundação Rockefeller por indicação de Lauro Travassos e a campanha contra a febre amarela no sul de Minas Gerais; o convite de Hugo de Souza Lopes para seu assistente na Universidade do Brasil; o estágio não-remunerado no IOC e as dificuldades financeiras; o trabalho com Lauro Travassos em Manguinhos; a convocação para a guerra; o vestibular para a Escola de Medicina e Cirurgia.

### Fita 3 e Fita 4

O vestibular para o curso de história natural da UDF; comentários sobre professores e colegas de turma de UDF; a participação acidental na fundação da Ação Integralista Brasileira de 1933; o trabalho como professor de nível médio; o convite de Hélio Carvalho de Oliveira para a direção da Escola Técnica Visconde de Mauá; o telegrama enviado pelos pesquisadores do IOC apoiando Luís Carlos Prestes em 1946; a célula do Partido Comunista nos arredores do IOC; a contratação para o quadro permanente do IOC durante a gestão Olympio da Fonseca; comentários sobre César Pinto de Lauro Travassos; o financiamento de Guilherme Guinle à Revista Brasileira de Biologia; o trabalho como chefe de laboratório na Escola de Medicina e Cirurgia; a incorporação de Mário Vianna Dias na área de fisiologia da Escola de Medicina e Cirurgia; comentário sobre as faculdades da área de biomédica do Rio de Janeiro; o ingresso no corpo docente da Faculdade de Valença (RJ); opinião sobre o ensino universitário no Brasil; o exercício do magistério em detrimento da atividade de pesquisa; a homenagem prestada por Darcy Ribeiro em 1985 aos cientistas cassados do IOC; o exercício da atividade clínica em Manguinhos.

### Fita 5 e Fita 6

A relação do IOC com os moradores da região próxima ao *campus*; o trabalho na seção de helmintologia; comentários sobre os auxiliares técnicos; as administrações de Cardoso Fontes e Henrique Aragão; a produtividade científica de Manguinhos; opinião sobre o desenvolvimento da ciência brasileira; os cursos de doutorado na área biomédica no Rio de Janeiro; a relação entre pesquisa pura e aplicada na helmintologia; a importância da ciência pura para a ampliação do conhecimento; a falta de verbas para a pesquisa no IOC; o trabalho de combate à malária e febre amarela na Fundação Rockefeller; a relação entre a Fundação Rockefeller e o IOC.

## Fita 7 e Fita 8

A orientação científica de Oswaldo Cruz para o IOC; a redemocratização da FIOCRUZ na administração Sérgio Arouca e o incentivo à pesquisa; a oposição de Afrânio Peixoto à descoberta da doença de Chagas; o prestígio político de Carlos Chagas; comentários sobre Olympio da Fonseca e o retorno do IOC como diretor em 1950; os desentendimentos entre Olympio da Fonseca e Lauro Travassos; perfil de Herman Lent; o trabalho das mulheres em Manguinhos; o movimento pela deposição de Olympio da Fonseca; as dificuldades na obtenção de material para pesquisa no IOC; o IOC antes do golpe militar; a relação com Rocha Lagoa até a cassação em 1970; o relacionamento entre os cassados; a transferência de pesquisadores que não foram cassados; a gestão Francisco Laranja; a Lei de Desacumulação de Cargos e o ingresso no quadro permanente do IOC; a participação dos cientistas de Manguinhos na elaboração de dicionários e enciclopédias após a cassação.

## Fita 9 a Fita 11

Comentário sobre a gestão Antônio Augusto Xavier; o Conselho Deliberativo implantado na época de Francisco Laranja; a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek; as deficiências de equipamentos nas universidades do Rio de Janeiro; o pleito acadêmico Potsch-Mello Leitão; perfil de Hugo de Souza Lopes; as administrações de Tito Cavalcanti e Joaquim Travassos da Rosa; comentários sobre o acervo documental e bibliográfico de Manguinhos; ciência e tecnologia no Brasil a partir do governo Juscelino; o incentivo à pesquisa aplicada e à saúde pública no governo João Goulart; a instauração de inquéritos administrativo e militar em Manguinhos durante a gestão Rocha Lagoa; a repercussão do golpe militar no Instituto; a surpresa de cassação; o Inquérito Policial Militar (IPM) presidido pelo General Falcão em 1964; o clima político em Manguinhos após 1964; comentários sobre Geth Jansen; o incremento ao setor de produção após 1964; a situação das instituições científicas no Brasil diante das perseguições políticas após o golpe de 1964; o fechamento dos laboratórios do IOC após as cassações dos pesquisadores; comentários sobre o Ministério da Ciência e Tecnologia criado no governo José Sarney; as dificuldades de trabalho e a situação financeira depois da cassação; opinião sobre o desenvolvimento atual de ciência brasileira; o intercâmbio com cientistas do exterior antes da cassação; expectativas em relação à integração ao quadro de pesquisadores da FIOCRUZ.

Data: 19/06/1986

### **Fita 1 - Lado A**

RG - Dr. Machado, para iniciarmos este seu depoimento para a Casa de Oswaldo Cruz, do Instituto Oswaldo Cruz, gostaríamos que o senhor nós falasse um pouco da sua infância. Sabemos que o senhor é carioca, dos poucos cariocas, pois tem muito pouco carioca no Rio de Janeiro. E sabemos também que o senhor nasceu no ano que estourou a Primeira Guerra, não é?

DM - Nasci em 1914, 28 de maio de 1914. Nasci em Vila Isabel, na Rua Turfe Clube, que é a frente da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ. Eu era filho de uma família grande, que ainda continua grande. Meu pai era militar, nordestino, veio de Alagoas. Enganou a idade para entrar para Polícia Militar, foi fazendo os cursos e chegou a coronel, posto máximo da Polícia Militar. Isso num tempo em que a Polícia Militar não era tão desacreditada. Minha mãe foi dona de casa, porque não podia fazer outra coisa.

RG - Ela era nordestina também?

DM - Não, era carioca. Éramos sete irmãos: cinco homens. Destes estão vivos seis. Não, cinco, porque morreu uma irmã há cinco meses atrás.

RG - Qual é o seu lugar na escada dos irmãos?

DM - Tinha o mais velho, que já morreu, logo abaixo tinha um chamado Aguinaldo, que está vivo, outro Marcílio, que está vivo e depois eu. Tinha abaixo de mim Joaquim Artur, este que morreu, Maria José, e Eunice.

RG - O senhor está bem no meio, não é?

DM - Bem no meio. Comecei o primário num colégio em Vila Isabel e fui terminar no Diocesano de São José, ali no Rio Comprido.

RG - Era uma escola muito rigorosa?

DM - Era. Era uma escola de irmãos maristas.

RG - Porque seu pai devia ser um homem de muita disciplina...

DM - Muito religioso.

RG - Como era a educação que ele dava aos filhos?

DM - Muita disciplina. Ele não admitia que alguém chegasse atrasado para as refeições, porque ele gostava de fazer o prato de todos.

WH - Com sete filhos não era complicado para ele juntar a família toda?

DM - As vezes era, não é? Porque algum estava num jogo de futebol e se atrasava. Al complicava tudo. Mas no fundo dava tudo certo. Nós morávamos ali em Vila Isabel, moramos muito tempo na Rua Visconde de Abaete, uma rua que atravessava a Avenida 28 de Setembro - hoje voltou a se chamar Boulevard 28 de Setembro. A vida ia passando assim, de casa para colégio, do colégio para casa. Depois tínhamos que fazer os trabalhos, porque minha mãe era muito rigorosa. Aí sim é que podíamos jogar umas peladas...

RG - Tinha pouco transito naquela época?

DM - Não tinha transito. Tinha uma rua perto de casa chamada Torres Homem, uma rua enorme, comprida, que era toda de areia. De modo que não havia problema de asfalto, de paralelepípedo, não é? E assim nós estudamos durante muito tempo. Depois, eu fiz admissão para o São José, lá da Usina da Tijuca.

RG - É outra escola.

DM - Mas dos mesmos maristas. Era um internato, mas eu fui sempre semi-interno. Entrava as nove da manhã e saía as cinco da tarde.

RG - Seu pai e sua mãe, portanto, faziam questão de que os filhos estudassem. Qual foi a orientação que eles deram a vocês?

DM - Todos, queriam que todos se formassem.

RG - Em quê? Tinham alguma admiração?

DM - Não, não tinham. Davam inteira liberdade.

RG - As mulheres também estudaram?

DM - Estudaram. Depois descambaram para a música, para tocar piano, e tinham professor em casa, um maestro. Estudavam piano e tocavam bem. Mas depois foi sendo abandonado. Casamento, isso tudo, não é? O meu irmão mais velho, esse não estudou. Foi um autodidata. Aos 11 anos, quando saía do Diocesano São José, no Rio Comprido, ele ia tomar o bonde para Vila Isabel na Praça da Bandeira. E um dia ele viu o bonde, que já ia saindo, correu, caiu do bonde e a roda do reboque passou no pé dele. Ele teve que fazer três amputações, mas sobreviveu. Depois resolveu, quando pôde andar, pedir emprego numa companhia. Entrou como *boy* numa multinacional, o *trust* mundial das linhas, a Machine Cotton Limited - Linhas Corrente. Aquilo é uma firma em que os diretores são todos escoceses. E o inglês do escocês é uma coisa horrível. Pois ele conseguiu aprender o inglês e o escocês, sozinho. Comprou uma coleção de livros do Zane Gray, um autor americano que escreveu sobre o faroeste. Eu li esses livros, a minha cunhada ainda tem

eles. Estão escritos nas entrelinhas, todos eles traduzidos. Ele começou a comprar uma porção de dicionários, e depois nós nos divertimos muito lendo aqueles livros.

RG - O senhor lia traduzido por ele.

DM - Por ele. Isso mesmo.

WH - O senhor aprendeu inglês também dessa maneira?

DM - Não foi assim não, foi mais difícil. Porque eu precisava muito do inglês por causa dos livros de veterinária, de biologia e de medicina.

WH - O francês também era importante naquela época, ou era mais o inglês?

DM - Era importante. Eu vou lhe contar daqui a pouco como foi. Mas esse meu irmão, chamado Fernando, chegou a vice-presidente da companhia.

RG - Fantástico! Devia ser o cargo máximo de um brasileiro, não é?

DM - É. Basta dizer que, quando ele morreu, a minha cunhada recebeu uma quantia de prêmio que seria correspondente agora a 50 milhões de cruzados - 50 bilhões de cruzeiros. Basta dizer que ela pôde comprar em São Paulo, no bairro Paraíso, um apartamento de luxo onde ela mora até hoje.

RG - Ele foi trabalhar em São Paulo?

DM - É. Houve aquele episódio da guerra, e a companhia começou a ter muitos prejuízos com o afundamento dos navios. Então resolveu acabar com os escritórios aqui no Rio e deixar apenas um pequeno depósito. Fizeram uma boa proposta para ele ir para São Paulo, e ele foi. Nessa época ele ainda era solteiro. Mas aí veio o casamento do meu irmão mais novo, esse Joaquim Artur, e ele conheceu uma grande amiga da noiva. Ela gostou dele, e se casaram. Teve com ela quatro filhas, e todas as quatro vivas. Uma é casada com um empresário, outra é casada com um engenheiro-desenhista, uma é assistente social, trabalha num hospital de indigentes, não quis casar, e a outra é advogada, está trabalhando com um escritório de advocacia. Também não casou ainda.

RG - Esse caso de seu irmão é muito interessante, porque é aquele caso típico da pessoa que subiu na vida do nada. Um rapaz que começou como *office boy*, uma coisa cada vez mais rara hoje em dia.

DM - Ele não tinha diploma nenhum. Organizou um fichário de acordos e de leis trabalhistas, e com aquilo conseguia resolver todos os problemas de uma firma como a Machine. Também tinha acordos e leis sobre política fazendária. Ele vinha ao Rio, ao Conselho de Contribuintes, discutir as dificuldades e os problemas da Machine. Quando ele completou 70 anos, quis parar. Mas a companhia não deixou. Então ele fez um acordo.

Trabalharia três dias por semana, e a companhia mandaria apanhá-lo e levá-lo. Nos dias em que ele não fosse, se surgisse algum problema, a secretária dele viria em casa.

WH - A companhia estava então praticamente nas mãos dele, não é?

DM - Eles sabiam disso. Ele chegou a uma posição muito privilegiada. E era muito querido.

WH - Devia ser uma pessoa muito inteligente.

DM - Tinha dificuldade para andar, porque usava uma perna mecânica. No verão, o coto da cirurgia ficava em carne viva. Aí ele tinha que parar um pouco.

RG - Mas isso, mesmo com as modernas técnicas ortopédicas?

DM - Bom, ele já morreu há quase dez anos. Ele conseguiu depois melhorar muito isso. Mas teve acidentes graves. Uma vez caiu no banheiro e teve uma fratura de colo de fêmur na perna que tinha aquela prótese. Mas foi muito bem operado por um professor da Universidade de São Paulo, se não me engano, Domingos de Fini. Recuperou-se. Mas ele pensou que tinha acabado a possibilidade de andar

RG - Com todos esses acidentes, ele foi uma pessoa que acabou se dando muito bem na vida. E os outros irmãos? Na família todo mundo era assim brilhante?

DM - O meu irmão mais velho, agora, é o Aguinaldo. Há quatro anos atrás, ele teve um acidente vascular-cerebral e ficou com uma hemiplegia. E se acovardou completamente. Ele anda, ou empurrando uma cadeira de rodas, ou de muletas, ou segurando no braço de alguém. Mas a mulher dele - ele nunca teve filhos - a mulher dele, há 20 anos atrás, teve um câncer de útero e foi feita uma esterectomia total. Ela, que pesava 56 quilos, pesa hoje 35, mas sobreviveu. É ela quem ainda cuida dele. Ele estudou contabilidade e trabalhou na Alfândega, com um tio nosso que era meu padrinho, mas esse meu tio, que era despachante, teve um problema com o diretor da Receita e foi demitido. O Aguinaldo já tinha um relacionamento com o setor de medicamentos, e foi então trabalhar no laboratório Parke-Davis, justamente na contabilidade. Mas o problema é que ele era muito ligado a esquerdistas ativos, e os americanos acabaram descobrindo. Aí, indenizaram-no e mandaram-no embora. Foi numa época em que havia uma febre de compra de ações na bolsa, e ele vendeu até um apartamento para comprar ações. E isso tudo acabou, não é? Veio a revolução, e a economia pessoal foi por água abaixo. Ele tem uma aposentadoria que não é lá grande coisa, mas não só nós, irmãos, como os irmãos da minha cunhada, alguns muito bem situados na vida, ajudamos os dois. Com isso eles vão sobrevivendo. Não tem grandes despesas, também. O outro irmão, mais velho que eu um ano, Marcílio Machado, entrou comigo no mesmo vestibular para a Escola Nacional de Veterinária. Foi o Juarez Távora, quando ministro da Agricultura em fins de 1933/1934, que desmembrou a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária em três escolas - Escola Nacional de Química, Escola Nacional de Veterinária e Escola Nacional de Agronomia. E foi aí que eu entrei. Foi aí que eu fui conhecer o professor Hugo.

RG - Mas antes o senhor tem que contar para a gente como foi que o senhor optou por essa área.

DM - Eu vou contar. Eu tinha um companheiro que era primo em segundo grau, o Antônio Duarte Viana. O apelido dele era Tuna. A mãe dele era prima da minha mãe, e eles tinham dificuldades enormes, porque eram muito pobres. A mãe tinha uma pensão na rua Haddock Lobo. Então, eu sentava com ele na mesma sala no São José e dizia: "Ô Tuna, como é que a gente vai fazer? Nós vamos terminar o curso este ano". Era 1933. "Nós temos que pensar no que é que nós vamos fazer".

WH - Até aí o senhor não sabia?

DM - Não sabia. Por um motivo. É que nós não tínhamos como pensar em pagar uma escola superior. Pagar a condução. Comprar livros. Não tínhamos nem como pensar nisso.

WH - Mas durante a sua escolarização, não tinha alguma matéria de que o senhor gostasse mais?

DM - Vou dizer já, já. A idéia então era fazer um curso que permitisse a nossa vida, a manutenção, roupas e tudo o mais, e teria que ser uma escola de curso curto, sem despesas e já com remuneração. E qual é a única escola que tem isso no Brasil? Quais são elas? São as escolas militares. Então um dia eu li num jornal que tinha muita saída naquele tempo, A Noite, que iam ser abertas as inscrições para um curso de preparação para a Escola Militar, que naquele tempo era na Estação de Realengo, ainda não tinha Agulhas Negras. E aí eu brinquei com o Tuna: "Pois é. A coisa que mais me marcou aqui no São José foi biologia" - eu fui primeiro aluno de biologia, sempre. Nessa ocasião eu já lia muito bem inglês.

RG - Tinha um professor que lhe...

DM - É, um professor chamado Mário Eugênio, finlandês, mas que falava muito bem o português. Ele saía todos os sábados conosco para fazer excursões no Alto da Boa Vista, em Jacarepaguá, para coletar insetos e fazer herbários, pegar fragmentos de rochas. Depois voltávamos para o São José, que nessa ocasião já era lá na Usina, íamos preparar aquele material todo. Isso então me marcou, e eu comecei a pensar em fazer biologia. Nunca tinha passado pela minha cabeça a medicina. Além disso, o Fernando, meu irmão, que era um especialista autodidata em cavalos de corridas, queria que eu fizesse veterinária. Eu disse: "Mas Fernando, veterinária? Será que tratar de cachorro vai ser um bom negócio?". Ele disse: "Mas você não vai tratar de cachorro, você entra para o Jockey Club". Eu disse: "É. Mas não será fácil". Ele colecionava, tinha assinatura de revistas de criação de cavalo de corrida, uma revista que eu nem sei se existe mais Thoroughbred.

WH - Importada?

DM - É. Era de Londres. Ele sabia a história de todos os grandes ganhadores do Derby de Epsom.

WH - Ele chegou a criar cavalo?

DM - Não, nunca.

DM - Porque ele começou a se dedicar a isso numa época em que não ganhava bem. Depois, já tinha mais de 50 anos e deixou de lado. Apenas estudava a genealogia dos cavalos.

RG - Este era o seu irmão mais velho.

DM - Era, o Fernando. Então ele falava: "Vai estudar veterinária, a gente dá um jeito de você se arrumar". De modo que isso ficou no meu subconsciente. Mas aí eu entrei para um curso, esse abriu inscrição, na Rua do Ouvidor, quase Largo de São Francisco. Tinha um coronel do Exército - Sinésio de Farias - que era professor na Escola Militar, e os outros professores também eram todos professores de lá. Então era natural que nós, eu e o Tuna, procurássemos aquele pessoal que ia nos ensinar aquilo que eles cobravam lá. E o curso era à noite. Nós cursamos de julho a dezembro. Em Janeiro foram as provas.

WH - Era um curso preparatório para entrar na universidade?

DM - Não, na Escola Militar, no Realengo. Escola de Guerra, como se chamava antigamente. Mas aí nós não demos sorte, porque houve uma reforma total no ensino das escolas militares, inclusive com relação aos exames de admissão e a distribuição das vagas: em primeiro lugar era para os filhos de militares, em segundo lugar, para as chamadas praças de pré - sargentos, cabos, soldados -, e em terceiro lugar, para civis. De modo que o menor número de vagas era para os civis.

RG - Mas o senhor era filho de militar.

DM - Mas eu estava proibido pelo meu pai de usar essa coisa.

WH - Foi que ele proibiu?

DM - Porque ele não queria que eu fosse militar.

WH - E por que ele não queria?

DM - Porque ele disse que não via futuro nenhum na carreira. Militar ganhava muito pouco naquele tempo.

WH - O que ele fazia para sustentar sete filhos, a mulher...

DM - Quem fazia era a minha mãe (rindo). Ela lavava, ela cuidava dos filhos.

WH - Mas ela não trabalhava.

DM - Não, nunca trabalhou fora.

RG - Quer dizer que seu pai era uma pessoa desencantada com a carreira.

DM - Era. Completamente desencantada. Apesar de ter feito carreira total.

RG - Mas ele não tinha identificação com a questão militar mesmo, aqueles valores...

DM - Não. Sabe por quê? Quando ele chegou a coronel, ele foi muito perseguido com telefonemas anônimos, porque os tenentes-coronéis, os majores, vinham em cima, achavam que ele devia pedir reforma, porque já tinha atingido o máximo.

RG – Queriam ocupar o espaço.

DM - Queriam abrir espaço para eles.

WH - Isso foi na época da revolta do Forte de Copacabana?

DM - Não, depois. Em 1930, ele comandava aquele regimento da Rua Salvador de Sá. Caetano de Faria, atualmente.

RG - Na época do Getúlio.

DM - Na época em que o Getúlio veio. Aquele regimento antigamente se chamava Quartel General da Polícia Militar. Ele passou, nessa época, quando depuseram o Washington Luís, um mês e pouco sem ir em casa. Porque ele tinha - hoje chama-se telefone vermelho - um telefone direto do gabinete dele para o chefe de gabinete da Presidência da República que, se não me falha a memória, era o general... Não, o chefe de gabinete nessa época era Otávio Mangabeira, que foi ministro do Exterior.

WH - Ele é pai do Otávio Mangabeira Filho, que depois veio pesquisar também em Manguinhos.

DM - Isso mesmo. Era ele que entrava em contato com o meu pai. O meu pai ficou naquela situação porque a revolução estava vencendo, o Getúlio já estava em São Paulo, todas as guarnições da Vila Militar já tinham aderido, e aviões passavam em cima do quartel jogando panfletos forçando a rendição.

RG - As tropas estavam todas do lado do Getúlio?

DM - Do lado do Getúlio.

WH - E o seu pai estava na resistência.

DM - Ele estava na resistência. Porque ele era, vamos dizer, a guarda do presidente da República, naquele tempo. Eu me lembro que nós morávamos na Tijuca, numa rua que desemboca ali perto da Praga Saens Peña. Agora está me faltando o nome.

RG - O senhor já não estava mais na Turfe Clube?

DM - Não, da Turfe Clube passamos para a Visconde de Abaeté, e daí para uma rua que inicialmente tinha um nome muito bonito, mas depois acabou esse nome, porque prolongaram essa rua. É... Aldeia Campista. Agora ela tem outro nome que eu não estou lembrando. Então, eu saía pé de casa para levar roupa para o meu pai, para saber algum recado porque minha mãe vivia aflita, não é? e ia a pé porque não havia bonde, estava tudo parado, até a Salvador de Sá.

WH - Havia uma greve naquela época?

RG - Era o estado de sítio.

DM - Era estado de sítio, era tudo. Estava tudo subvertido.

RG - O senhor lembra bem ainda desse momento?

DM - Lembro perfeitamente. Porque eu era muito garoto e andava mais ou menos depressa, as vezes corria, as vezes passava para a outra calçada. Ia pela Rua Barão de Mesquita até São Francisco Xavier, depois pegava a Haddock Lobo e depois ia sair no Estácio de Sá e na Salvador de Sá.

RG - Seu pai era uma pessoa que tinha posições políticas, ou ele não se envolvia?

DM - Nunca teve.

RG - Não se empolgou por nenhuma causa?

DM - Nunca teve. Ele nem gostava do Getúlio Vargas.

RG - Nem depois? Nem nunca?

DM - Meu pai era um... Todo mundo diz que eu sou o mais parecido com ele porque...

RG - De temperamento?

DM - Não. No físico, porque ele era calvo assim também. Ele parecia muito com um deputado que era inimigo do Getúlio, paulista, Labarte Lebre. E o meu pai as vezes era designado, antes de ser coronel, como major fiscal, para ir para o Rio Grande do Sul comprar cavalos para a polícia. Eu me lembro que a minha mãe fazia uma cinta que funcionava como uma bolsa de dinheiro que ele levava na cintura, por baixo da roupa. Ele usava, naquele tempo, um chapéu de palha.

RG - Os militares usavam?

DM - Não. Ele ia à paisana. Como o chapéu de um grande cantor de samba, Luís Barbosa, que cantava se acompanhando no chapéu de palha. Ele usava aquele chapéu, e o Labarte Lebre também usava. O caminho era o trem, não é? Quando o trem começou a passar do planalto paranaense, a penetrar em Santa Catarina, já tinha sido percebida a presença dele, e já tinham comunicado que naquele trem ia o deputado Labarte Lebre. Então, quando...

RG - Grande recepção?

DM - Numa cidade fizeram até o enterro dele (rindo).

RG - Claro, foi chegando no território getulista, não é?

DM - É. Fizeram até o enterro dele.

WH - Como foi que ele conseguiu explicar que não era...

DM - Conseguiu porque um general acreditou nele. Lúcio Esteves. Que era um dos comandantes do Getúlio Vargas e que veio com as tropas para o Rio. Aí não houve mais nada. Ele comprou os cavalos, embarcou os cavalos e correu tudo bem. Ele...

### **Fita 1 -Lado B**

DM - ... andava fardado. Era a farda caqui, antigamente. Usava perneira, não era bota, não. Era uma botina e, por cima, aquela perneira. E usava sempre o rebenque.

RG - Perneira é igual a polaina?

DM - Só que era de couro. Ele era muito espigado. Durante muito tempo o bigode dele era muito preto, e ele gostava muito de tomar chope. Saía com algum colega e ia para a Rua da Carioca, para o antigo Bar Adolfo, hoje Bar do Lima. Ali, tinha sempre o garçom que servia ele, que se chamava Adolfo.

RG - Era o dono?

DM - Não, era garçom mesmo. O dono raramente aparecia ali. Então o meu pai sempre reclamava que o chope não vinha muito gelado. Ele inaugurou uma coisa. Um dia ele comprou uma caneca de granito, com tampa, como existe na Europa. Mas está era feita aqui no Brasil mesmo. E disse: "Adolfo, agora eu vou tomar chope gelado todos os dias quando chegar". O outro perguntou: "por quê? Ele: "Você vai deixar isso no congelador".

RG - Muito inteligente. (rindo)

DM - Não é? Aquelas geladeiras enormes... "E quando eu chegar, você enche". Aí o Adolfo ficou esperando ele provar e disse: "Então coronel, que tal?" Ele disse: "Ah, parece um tigre. Morde os lábios da gente". Ficava grudado. (rindo)

WH - Os alemães tomam chope quente, não é?

DM - Pois é, mas lá tem outro clima. E foi aí que o Adolfo começou a fornecer canecas. Até aquela época não tinha.

WH - Dr. Domingos, o senhor estava falando daquele período em que o seu pai não voltava em casa, estava fazendo resistência. E o que aconteceu depois?

DM - Pois é. Eu fui lá varias vezes a pé. Aconteceu que o cardeal - D. Sebastião Leme, se não me engano - convenceu Washington Luís a renunciar, e foram o Mangabeira e o cardeal que o levaram de carro para o cais do porto. E aí acabou tudo. Veio um general entrar em contato com o meu pai, e normalizou-se tudo.

WH - Ele não sofreu nenhum tipo de perseguição?

DM - Não. Nenhuma coação.

RG - Ele era de que estado?

DM - Alagoas, Maceió.

RG - E ainda tem família lá?

DM - Olha, é possível que tenha, mas eu não sei. Eram muitos tios. E na nossa família, do lado do meu pai, havia o hábito, inaugurado por meu avô, pai do meu pai, de usar como segundo nome Arthur. Eu sou Domingos Arthur, Joaquim chama-se Joaquim Arthur, meu pai era Domingos Arthur.

WH - Por que o senhor, que é o filho do meio, tem o nome do seu pai, e não o primeiro filho, como é normal?

DM - Isso agora eu não sei. Tenho a impressão de que me acharam mais parecido com ele.

WH - Porque, em geral, é o primeiro filho que leva o nome do pai, não é?

DM - É. Meu pai tinha um irmão que inaugurou o hábito de o segundo nome ser Nelson. Ele era Amílcar Nelson Machado. Tinha José Nelson Machado, tinha Francisco Nelson Machado.

WH - Todos os seus irmãos tem Arthur no nome?

DM - Não, não. O Fernando não tinha. O Aginaldo não tinha, nem o Marcílio. As minhas irmãs não tem, e o Joaquim, o último, tem.

WH - Mas, Dr, domingos, o senhor estava contando também quando o senhor fez a prova da Escola Militar...

DM - Deixa eu contar. Havia só 90 vagas para os civis. Nós metemos a cara, fizemos as provas, e eu tirei o último lugar. Nonagésimo. Tinha, pelo menos, uns quinhentos candidatos. O Tuna, esse que estudava comigo, tirou o 91º; o filho do Góis Monteiro, Pedro Aurélio de Gois Monteiro, tirou o 92º. Mas ele entrou. Mas que pena. Se não tivesse entrado, talvez estivesse vivo. Porque não havia Escola de Aeronáutica, e ele escolheu a arma da Aeronáutica. E no primeiro solo que deu, o avião caiu e ele morreu. Foi o destino dele.

RG - Ele entrou no lugar de vocês?

DM - É. Entrou na frente.

WH - Porque era filho de militar.

DM - Filho de general. Que tinha sido ministro da Guerra do Getúlio, não é? Ou foi depois? Não me lembro bem. Não, foi do Getúlio mesmo. Naquela época, o Getúlio já estava como ditador.

RG - Em que ano que vocês fizeram a prova?

DM - Janeiro de 34. A revolução foi em 30.

RG - É. Em 34 é que teve a Constituinte, teve até um período democrático de 34 a 37.

DM - Não. Isso eu não estou me lembrando não, mas acho que não.

RG - Não havia esse clima de democracia naquela época?

DM - Não, não. Porque, lembra que veio o partido integralista, do Plínio Salgado? E que em 37 o Getúlio fez o Estado Novo e acabou com o partido integralista, quando todos pensavam que o Getúlio era integralista? Porque o Getúlio, inicialmente, dava a impressão de ser adepto do Hitler.

RG - Até a Última Hora deu.

DM - Até a Última Hora, pois é. Então, dois dias depois, nós voltamos para saber o resultado. Tinha um guichê com um sargento que perguntava o nome, e quando eu disse o meu nome, ele insistiu: "Domingos Arthur Machado Filho?" Eu: "Sou eu mesmo". Ele: "Entra aí nessa porta". Eu disse: "Bom. Estou em cana, não é?" (risos) Aí, o sargento chamou um ajudante-de-ordens do comandante e disse: "Esse aqui é Domingos Artur

Machado Filho". Aí o ajudante-de-ordens me chamou, me mandou entrar e falou com o comandante, que era o general Lúcio Esteves. Aí ele disse: "Você é filho do coronel Domingos Artur Machado?" Eu disse: "Sou". Ele falou: "Porque o seu pai não falou comigo que você vinha fazer exame?" Eu perguntei: "O senhor conhece o meu pai?" Ele disse: "Conheço. Nós trabalhamos juntos". Eu disse: "O senhor já sabe porque ele não falou". Porque o meu pai não pedia nada a ninguém e não queria que eu fosse militar. Aí viemos embora. Tomamos um trem maria-fumaça, veio o jornaleiro e eu comprei A Noite.

RG - Trem de onde para onde?

DM - De Realengo aqui para a cidade, para a Central do Brasil. E eu então comprei A Noite. Com aquela luz horrível do trem, fui lendo o jornal. Aí eu disse para o Tuna: "Tuna, já sei o que eu vou fazer". Porque eu tinha dito a ele pouco antes que não ia ficar um ano sem estudar. "Já sei o que eu vou fazer". Tinha uma notícia dizendo que "encerram-se amanhã as inscrições para a Escola Nacional de Agronomia, Escola Nacional de Química e Escola Nacional de Veterinária do Ministério da Agricultura". Então, vinha a notícia de que as inscrições podiam ser feitas na secretaria, na Praia Vermelha, na Avenida Pasteur. Ele disse: "Você está maluco? Você estudou matemática a beça e agora vai fazer prova de biologia, prova de zoologia, de botânica, de mineralogia, de desenho? Você está maluco!" Eu disse: "É. Eu vou fazer". Fui no dia seguinte lá. O secretário era um senhor chamado Mário Justiniano Quintão. Perguntou o que eu queria, eu disse que queria me inscrever, mas não tinha documento nenhum. Ele disse: "Ué, mas como é que você vai se inscrever?" Eu falei: "Não, mas eu tenho isto". E mostrei o cartão de inscrição na Escola Militar. "Eu acabei de fazer o exame de admissão lá, e os documentos estão todos lá". Ele disse: "Ah, então não tem dúvida. Você depois apresentará os documentos". Você vê, um burocrata que não tem nada de burocrata, não é? Porque, se eu tinha aquele cartão, eu estava legal. E eu tirei o primeiro lugar.

RG - Sem estudar, sem nada?

DM - Não! Eu fiz uma virada.

RG - Deu tempo para se preparar.

DM - Poucos dias. Mas com a biologia, a botânica, a zoologia e a mineralogia eu estava em dia. Desenho, eu sempre desenhei mais ou menos.

RG - O senhor tinha aptidão manual.

DM - Nunca fiz curso, não.

RG - Mas gostava.

DM - Gostava. Eu tenho fotografias de quadros negros da Faculdade de Medicina de Valença, com ciclos de parasitos, todos a cores. Feitos por mim.

RG - É. Porque o Dr. Hugo nos mostrou a importância dessa habilidade na área de vocês.

DM - Pois é. Porque nós temos aí um grande cientista que nunca gostou de desenhar. É o Herman Lent.

RG - Ele nunca teve jeito para desenho?

DM - Não sei se é isso ou não. Mas ele nunca gostou. Então, ele tinha sempre um colaborador. E um deles é o José Jurberg.

RG - Mas então, quando o senhor viu aquele anúncio no jornal, naquela viagem de trem, o senhor vislumbrou que ali estava a sua vida.

DM - Estava o início do meu futuro.

RG - O senhor sentiu que tinha encontrado alguma coisa? O senhor sentiu que era por aí?

DM - Senti. Senti que aquilo era o caminho. Aí comecei no primeiro ano anatomia, histologia, fisiologia, com o Miguel Osório de Almeida, lá de Manguinhos.

RG - De Manguinhos?

DM - De Manguinhos. Era o chefe da Fisiologia.

RG - Mas ele dava aula ali na Praia Vermelha?

DM - Na Veterinária. Só que ele dava aula, ele que me perdoe, num nível muito elevado. Porque ele era um grande fisiologista, um dos maiores do mundo, e então ele pensava na estratosfera, e nós estávamos aqui na terra, não é?

WH - O senhor o pegou nos primeiros anos do curso?

DM - Logo no primeiro ano. Era um homem extraordinário. Era um homem que falava inglês, alemão, francês, que ia a Roma fazer conferências em italiano. E nos intervalos dava concertos de piano. Foi uma família que marcou na ciência brasileira.

WH - É. O Álvaro Osório também era notório.

DM - Álvaro Osório de Almeida, Miguel Osório de Almeida e Branca Osório de Almeida.

RG - A Branca nunca é comentada, não é? Ela passa despercebida ao lado dos irmãos.

DM - Pois é. Porque ela casou-se... A Branca era realmente uma mulher de esquerda.

RG - De esquerda? E cientista também.

DM - Era. E casada não me lembro com quem, mas uma pessoa também... Pois eles fizeram na Rua Machado de Assis, no Flamengo, um laboratório de fisiologia onde se iniciaram os fisiologistas brasileiros.

RG - E a esquerda? O que a esquerda tem a ver com isso?

DM - Não tem nada. Porque ela tinha atividades, não é? Fora disso.

RG - Ela era militante de algum partido? Partido comunista?

DM - É. Eu acho que não existia Partido Comunista assim, nesse tempo, 1918.

WH - O Partido Comunista é de 22.

DM - Pois é. Não existia. O Prestes ainda estava na campanha dele, na Coluna, não é?

WH - E ela era feminista também?

DM - Era feminista. Era casada - ora, como é o nome dele? Fialho. O marido dela era Fialho. (falha) Depois, no segundo ano é que eu fui conhecer o Lauro Travassos, que era o catedrático de parasitologia. E o Hugo era assistente dele.

RG - Ainda era aluno ou já era formado?

DM - Era formado pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, que tinha sido extinta. E o Travassos, com quem ele já trabalhava lá em Manguinhos, convidou-o para assistente. E foi aí que eu o conheci. Em agosto de 1935, o Travassos me convidou para estagiar em Manguinhos.

RG - O senhor ainda devia estar no segundo ano.

DM - Ainda estava no segundo ano.

WH - Por que o Travassos o convidou para estagiar em Manguinhos?

DM - Porque ele via o meu interesse nas aulas práticas.

WH - O senhor participava muito das aulas.

DM - É. Fazia questão, quando ele trazia ou mandava buscar um bicho para a gente autopsiar, eu me oferecia, não é?

WH - Que tipo de aula o dr. Travassos dava? Como é que ele era?

DM - Ah! Travassos, era uma aula... uma aula extraordinária! Lá no laboratório de parasitologia, que era ali - foi tudo demolido - perto do estádio do Maracanã. Uma parte a

Radial Oeste absorveu, mas ainda tem o edifício onde funcionou o Museu do Índio. Então, o laboratório do Travassos era de mesas isoladas, individuais. E cada aluno tinha um microscópio e...

WH - O aluno é que tinha que levar o microscópio, ou o microscópio era dado?

DM - Não, não. Era da veterinária. Nós recebíamos o material para preparar lâminas, e cada aluno, quando terminava, tinha uma coleção de lâminas de todo o curso de parasitologia. Ele ficava andando entre as mesas e fumando um cigarro com piteira. Travassos era um homem muito simples. Usava roupas de um brim que antigamente era conhecido como "cimento armado". Tinha cor de concreto, não é? Ele gostava muito de usar uma palavra, quando alguém, estava se distraindo: "O gaita, presta atenção senão você vai ser reprovado".

WH - Ele era exigente no curso?

DM - Ah, era. Era exigente. E reprovava.

WH - Porque era comum, na universidade daquela época, a deficiência no ensino pratico. Em geral as aulas eram teóricas.

DM - É. Mas na Veterinária, se antes foi, no meu tempo não. E depois melhorou, porque o Anísio Teixeira abriu concurso para catedrático de zoologia da UDF, e o Travassos se inscreveu. O Jornal do Comércio daquele tempo, que era um jornal imenso, publicou quatro paginas com os títulos do Travassos. Títulos e Trabalhos.

RG - O senhor sabe que é uma coincidência que tanto o senhor como o dr. Hugo tenham ido parar meio que por acaso nessa escola. E era uma ótima escola, não é, com bons professores. Parece que os melhores que se poderia ter. Pelo menos tinha o Osório, o Travassos...

DM - É. Bons professores. Olha, tinha alguns professores que tinham muita fama, como Paulo Figueiredo Parreiras Horta, que fez parte do Hospital de Sangue de Liege na Primeira Guerra e era bacteriologista, professor de bacteriologia. Conhecido por descobertas, por exemplo, entre os fungos parasitas: ainda hoje tem uma espécie que tem o nome dele - *Pietraia hurtal* - em homenagem a ele. É um fungo que dá um nódulo no fio de cabelo, um nódulo negro. Ele fez grandes coisas. Mas ele gostava muito de contar prosa, então perdia muito tempo na aula. Contava que conheceu o Metnikov, conheceu Haffekine, conheceu Roux, conheceu (risos)... muitos outros, daqueles inícios do Instituto Pasteur.

RG - Mas ele devia ter também um lado ótimo, não é? Porque informava vocês de...

DM - Ótimo. Informava. Eu gosto muito de fazer essas interrupções para contar coisas relativas a cientistas que conheci, passagens aqui em Manguinhos, na Escola de Veterinária é na UDF. Bom. Eu nunca mais me afastei do Travassos. Você não imagina o que era

aquele laboratório. Vocês sabem qual é o prédio do Quinino, não é? O prédio do Quinino tinha uma praça no térreo.

WH - Interna, não é?

DM -É. De um lado tinha o laboratório do Miguel Osório de Almeida com o Haity Moussatché e o Mário Vianna Dias, e do outro tinha o laboratório do Travassos. E uma mesa enorme. O Travassos me botou numa ponta de mesa. Essa mesa tinha uma vidraria enorme, e cada qual sentava-se ali para escrever, passar nanquim em desenhos. Teixeira de Freitas, que morreu, Herman Lent, às vezes aparecia o - uma das maiores inteligências que eu conheci - Manuel Cavalcanti Proença, que foi veterinário do Exército. Ele foi da Escola do Realengo. Naquele tempo, na Escola do Realengo tinha uma coisa chamada "carro de fogo". Era um conjunto de provas que se você não passasse era excluído. E ele foi excluído. E foi para a tropa, ser soldado. Mas ele tinha um tio que o ajudou, o general Deschamps Cavalcanti. E o Proença conseguiu ir trabalhar com o general José Pessoa, que foi praticamente o construtor da Escola Militar das Agulhas Negras, e também um dos precursores da construção de Brasília. O general José Pessoa era inspetor de cavalaria, nunca comandou corpo de tropa. Foi adido militar na França, e aqui ele inspecionava o setor de cavalaria, no Brasil inteiro. E o Proença foi acompanhando e anotando tudo o que via. Um dia ele conseguiu entrar na Escola de Veterinária do Exército. Continuou ligado ao Pessoa, mas aí transformou as anotações feitas durante as viagens nas margens do Rio São Francisco num livro, Ribeira do São Francisco, onde ele estudava toda a zoologia, toda a botânica, a geologia e o folclore da região. Esse livro, ele apresentou à Academia Militar de Geografia e Estatística e com ele ganhou o Prêmio Taunay.

RG - Academia Militar de Geografia e Estatística?

DM - Ganhou o título de membro e a medalha de premiado.

RG - Essa academia existe ainda?

DM - Não sei. Era uma coisa que tinha sido criada, se não me engano, por Taunay. E o Proença aí começou a lecionar na Escola de Veterinária do Exército. A lecionar helmintologia, porque ele já estava freqüentando o laboratório do Travassos e se especializou...

RG - Mas ele era um autodidata completo, não é? Ele já sabia tudo antes de entrar para a escola.

DM - Ele sabia, mas procurava muito o Travassos. Na parte de literatura, ele foi completamente autodidata. Ele estudava muito latim e grego, e literatura nacional. Aí, um dia - ele já era capitão - ele soube que estava vaga a cadeira de português do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Então ele foi se inscrever lá. Não sei se já viram que o emblema do veterinário do Exército são duas cobras enroladas num facho, de um lado e de outro. O do médico é uma cobra só, veterinário são duas. Ele se apresentou lá ao comandante, que foi um general famoso, Jair Dantas Ribeiro, depois ministro do Exército do Jango Goulart. Ele

estava com um câncer quando o Jango caiu. Eu o conheci muito, porque ele morou na minha rua. E o Jair, quando o Proença disse o que ele queria fazer ali, falou: "Ué, eu estou vendo que você é veterinário!" Ele disse: "É, sou veterinário, mas gosto muito de português e tenho aqui o meu currículo, que o senhor pode ver". Mandou o Proença sentar e começou a folhear. Quando viu o prêmio da Ribeira do São Francisco - e ele já tinha outras coisas escritas para uma publicação do Ministério da Educação, um livro que agora está me escapando...

RG - Não era uma revista, era um livro.

DM - Era um livro mesmo. Ele publicava ali, onde se faziam críticas de escritores. E o Proença passou a ser um colaborador constante. Quando veio o IV Centenário de São Paulo, ele concorreu ao prêmio de literatura com o livro Roteiro de Macunaíma e ganhou o primeiro prêmio.

WH - Sobre a obra do Mário de Andrade?

DM - É. Ele ali traduziu tudo. Porque Macunaíma é uma coisa de difícil digestão, não é? Pois ele ganhou o primeiro prêmio.

RG - E essa figura freqüentava o laboratório do Travassos sistematicamente?

DM - Depois ele deixou os helmintos e começou a estudar morcegos. Deixou uma grande coleção. Mas depois ele largou também tudo isso para se dedicar só à literatura. Foi um companheiro freqüente de Antônio Houaiss. Ele era muito citado. E o filho dele ainda hoje é perseguido - Ivan Cavalcanti Proença - , é escritor também. Era capitão quando veio a revolução, e como era um líder, desde o tempo da Escola Militar das Agulhas Negras, foi cassado. Até hoje. Ele já fez não sei quantos concursos, e na hora de sair a nomeação, não sai. Nem agora, com essa anistia, eu não vi nada sobre ele. Recentemente, neste último carnaval, ele fez parte de uma comissão nomeada pelo Brizola para escolha de elementos que constituíram a comissão de enredo e letras.

RG - De samba, não é?

DM - Letras dos sambas.

RG - É. Ele é uma figura muito conhecida na vida nacional, o Ivan Cavalcanti Proença.

DM - É. muito conhecido mesmo.

RG - Ele é uma pessoa da sua geração, ou é mais moço?

DM - Ele devia ser mais velho. Assim da idade do Hugo.

RG - Mais velho? Ivan?

DM - Não. O Ivan é mais novo.

RG - Do Ivan é que eu estou perguntando.

DM - O Ivan, se tiver 50 anos, é muito. Vocês estão entrevistando pessoas do escalão mais alto. É o escalão de baixo?

RG- Nós?

DM - Sabe quem é meu laboratorista em Nova Iguaçu? O José da Cunha.

RG - Nós vamos falar com o Cunha. O senhor tem contato com ele?

DM - Toda quarta-feira.

RG - Pois a gente está fazendo toda uma série de entrevistas com os técnicos.

DM - Esse conhece tudo sobre o Proença.

RG - Nós estivermos com o Borriello, que disse que é compadre do Cunha e que ia fazer o contato para a gente.

DM - Isso mesmo.

RG - Disse que o Cunha saiu muito magoado do Instituto e tal, mas...

DM - E tem a medalha Oswaldo Cruz.

RG - É. Mas a gente não abandonou os escalões inferiores, não,

DM - E o Chico Trombone?

RG - Já fizemos entrevista com ele.

WH - O senhor trabalhou com ele?

DM - Não. Estava sempre com ele, mas trabalhar, propriamente, não.

WH - Como era a sua relação com essas pessoas?

DM - Muito boa. Chico Trombone. Francisco Gome, não é?

WH - Exato.

DM - Ele atualmente tem um filho que vai ser meu aluno lá em Nova Iguaçu.

WH - Aluno de quê?

DM - Medicina. Ele fez vestibular e passou.

WH - Veja só.

DM - Ele já é enfermeiro.

RG - Dr. Domingos, a gente vai voltar a esse assunto. Eu queria perguntar alguma coisa. . .

### **Fita 2 - Lado A**

DM - ...eles estimulavam o pessoal. E a mim, principalmente, quando ele soube que eu era remador do Guanabara, aqui na Praia de Botafogo - tem o Botafogo de Regatas e o Clube Guanabara. E o Travassos, quando estudante, no início da vida, foi remador de canoa. Então ele vinha para a murada que existia aqui na Praia de Botafogo, para assistir as regatas em que eu corria.

WH - O senhor participava de competição e tudo?

DM - Competição. Eu fui campeão sul-americano.

WH - De regatas?

DM - É.

RG - Qual era a sua modalidade?

DM - Era outrigger. Primeiro remei o iole a oito, depois o iole a quatro, depois outrigger de quatro e outrigger oito. E eu era o voga, não é? O primeiro.

RG - O senhor é que dava o ritmo, não é?

DM - É. A nossa guarnição, no Guanabara, disputou as eliminatórias de Berlim.

WH - O senhor foi a Berlim?

DM - Não, não fui. Era proibido. Antigamente, o Ministério da Educação não dava licença, porque era período de provas.

WH - O senhor era aluno, ainda. Não pôde ir.

RG - Essa foi aquela olimpíada de Berlim: antes da guerra?

DM - É. Antes da guerra.

RG - Aquela famosa, que foi filmada?

DM - É. Isso mesmo. Que foi a desilusão do Hitler. Com aquele preto Jesse Owens, que derrotou todos os corredores alemães. (rindo)

RG - Os branquelos todos, não é?

DM - Mas o Travassos era um sujeito extraordinário. Ele, em aula, conseguia prender a atenção de todo mundo. Ele tinha um aparelho de projeção de lâminas, projetava as lâminas e falava. As aulas práticas tinham essa, vamos dizer, esse embrião desses aparelhos audiovisuais de agora. Esquentavam tremendamente, porque eram carvões e álcool arco voltaico. Mas a gente aprendia muita coisa.

RG - O senhor diria que isso era uma criação dele, ou ele tinha tido experiência no exterior?

DM - Eu tinha a impressão de que isso era dele. É verdade que o Travassos tinha dado curso em Hamburgo e inclusive produziu uma obra, (inaudível) dois anos, e com interprete.

RG - Ele não falava alemão?

DM - Ele não fazia questão nenhuma de falar língua estrangeira nenhuma.

RG - Era um nacionalista convicto?

DM - Convicto.

RG - Em todas as questões?

DM - Não. Em todas não. Porque, politicamente, Travassos tinha tendências integralistas.

RG - Ah, é!?

DM - É. Ele não admitia esquerdismo. Aí espinafrava a gente. Justamente no laboratório ele estava cercado pelo Hugo, pelo Sebastião, por mim, e só tinha do lado dele o Teixeira, que era filho de general.

RG - O Sebastião tem a mesma idade de vocês?

DM - O Sebastião tem mais de 50 anos. É mais moço. Acho que o mais moço de todos.

RG - E era um grupinho assim muito...

DM - Ah, muito chegado. Porque o Sebastião foi nosso aluno, meu e do Hugo.

WH - O senhor foi aluno do Hugo e o Sebastião foi aluno do senhor.

DM - E todos foram alunos do Travassos.

RG - Mas vocês se davam bem, para além dessas divergências ideológicas?

DM - Ah, sim. Às vezes a gente discutia, não é? E o Travassos era lacerdista doente. E eu dizia assim: "Mas professor, não é possível! Isso é uma doença! Isso é lacerdite".

RG - Quando ele morreu? O senhor lembra?

DM - Olha, ele morreu... pouco antes da cassação.

RG - Morreu já muito velho ou...

DM - Não. Eu acho que ele tinha 74, por aí. Mas ele já vinha doente há muito tempo. E era teimoso. Não gostava de se tratar, apesar de ter dois filhos médicos, que não exerciam a medicina, é verdade. Um é Laurinho, que trabalha no Butantã, e o outro era o Haroldo, que morreu cedo, era especialista em peixes, no Museu Nacional. E também a Odetinha, que é botânica, no Jardim Botânico.

RG - E a mulher dele está viva? Era D. Odete, não é?

DM - Não, a D. Odete foi um episódio muito triste, também. Ela vinha doente há muito tempo. E quando o Travassos chegava no laboratório ou na escola, eu percebia que ele não tinha dormido bem. Nessa época, eu estava no sexto ano de medicina e estava fazendo um curso de especialização na Santa Casa, com o Costa Couto, de doenças hepáticas. E eu dizia: "O que foi, professor, esta noite?" Porque eles chamavam muitos médicos. Tudo quanto era especialista já tinha examinado D. Odete.

RG - Ele não era médico, o Travassos?

DM - Travassos era médico, mas sempre se dedicou à pesquisa, à helmintologia. E o hobby eram as borboletas noturnas. Então o Travassos disse: "O rim vagabundo da Odete não deixou ela dormir e eu também". Chamavam de rim, porque havia uma ectopia de um dos rins, mas não era isso, não. Depois ela fez um tratamento por problemas intestinais com um especialista...

RG - Era câncer?

DM - Não. Coisa banalíssima. O Hugo de Souza Lopes foi dar um curso na Bahia, lá no Instituto Gonçalo Muniz, em que o Mangabeira, Otavinho, era o diretor. E ele ia de cargueiro. Então, nós fomos ao cais do porto. Nós chegamos... Sempre a gente chega cedo, não é? O Hugo ia com a mulher dele, e foram lá também o Travassos com a D. Odete. E a D. Odete estava magérrima. Eu disse a ela: "Mas D. Odete, a senhora emagreceu muito". Aí o Travassos disse logo: "Pois é. Esses doutores não conseguem dar jeito na doença dela". Aí ela sentou-se no banco, e eu sentei ao lado. E o Travassos ficou em pé, fumando o

cigarro dele de piteira. Eu disse: "D. Odete, a senhora quer me contar como é o seu dia desde que a senhora acorda até o outro dia ao acordar? Como é que a senhora passa?" E ela me contou. Aí eu virei-me para ela e disse - o Travassos ouvindo: "Olha, D. Odete, a senhora tem uma historia de livro. Cálculos de vesícula biliar". Aí o Travassos deu aquela gargalhada, disse: "É. Também é médico..."

RG - Com fúria de diagnóstico.

DM - Pois é. Eu falei: "Faz uma coisa. Dr. Travassos, tira uma radiografia". Dali a pouco ele disse: "Olha, a Odete tem uma hora marcada com o ... " - era o médico mais conhecido na época, eu agora não lembro o nome, tinha feito o curso em Manguinhos, era especialista em regimes alimentares - "e eu vou primeiro a ele, depois vamos ver". No dia seguinte, o ... Vocês já viram aquele laboratório de helmintologia?

WH - Não.

DM - É no prédio de vírus, onde tem a Fisiologia no segundo andar e a Helmintologia no terceiro. No térreo era o soi disant vírus, que não tem nada a ver ali. Porque funcionava ali o Lacorte.

RG - É atrás do relógio, não é?

DM - É. Atrás do relógio, isso mesmo, aquela porta que fica de frente, porque de lado era a Técnica Cirúrgica, do Gudin.

RG - Do Murilo. . .

DM - Do Gudin. Murilo Fontes era o assistente dele. O Gudin era irmão deste economista que fez cem anos agora. Então eram dois lances de escadas. E todas as pessoas que passavam, obrigatoriamente, tinham que me ver, porque eu ficava numa mesa lateral de frente para a porta. E a porta estava sempre aberta. Aí o Travassos chegou, parou e veio sentar numa cadeira ao lado de minha mesa. "Pois é, ô gaita" - não me lembro do nome do homem agora - "você está com a razão. Fulano achou que tem que tirar uma radiografia antes de dar qualquer regime". E ele, nesse dia tirou a radiografia. E não acreditou. Pensou que tivessem trocado e pediu outra. Era uma verdadeira pedreira a vesícula da D. Odete. Cerca de 30 cálculos foram extraídos. Ela foi operada na Casa de Saúde São José pelo primo dela, Darci Ribeiro.

RG – Homônimo do nosso Darci.

DM - Isso. Sujeito brincalhão, mas excelente cirurgião. Ele já morreu. E o Darci extraiu as pedras, e ela passou muito bem. Mas naquela época, havia uma verdadeira febre de se tomar sulfa. Todo tipo de sulfa ela tomou. E tomava assim em doses cavalares. Afinal, numa sexta feira o Darci foi ao hospital de manhã cedo e deu alta. E o Travassos, não sei por que cargas d'água, achou que seria melhor esperar para sair no sábado. O Darci, que tinha que operar no dia seguinte, passou a noite lá pra fazer umas de terminações e ainda

aproveitou, subiu e disse: "O Travassos, está querendo jogar dinheiro fora? Isso aqui é caro!" E é caro mesmo, a Casa de Saúde São José. Ele disse: "Não, nós vamos embora amanhã de manhã". De manhã ele foi pagar a conta. Aí chegou lá um pesquisador de Manguinhos, também famoso, patologista, Burle de Figueiredo, e o Burle foi visitar a D. Odete. E ao segurar na mão da D. Odete, sentiu que a mão estava quente. Aí tocou a campainha - porque ele era clínico também -, veio a enfermeira, e ele disse: "Tira a temperatura da D. Odete". Ela ficou espantada olhando para ele. E a D. Odete disse: "Pode tirar, que ele é médico". Estava com quase 39 graus. Aí ele mandou tirar no outro braço. A mesma coisa. Ele aí pediu todo o material pra fazer uma coleta de sangue, fazer hemograma e fazer esfregaços. Veio o material, ele mesmo puncionou e preparou. E foi lá para o laboratório do hospital, o laboratorista fez as conversões para ele, fez a leucometria, e a série branca estava completamente siderada. Quer dizer, a medula não estava mais funcionando. O Travassos chegou no quarto, e a D. Odete contou a ele. Aí o Travassos, quando viu a cara do Burle, ficou emocionado. Porque viu pela cara o que era. Aí foi uma correria.

RG - Isso foi o resultado do excesso de sulfa, ou a sulfa estava mascarando uma coisa que já estava acontecendo?

DM - A crença geral é que foi a ação siderética da sulfa. Inclusive um sobrinho dela, que é médico, que foi, se não me engano, prefeito de Angra dos Reis há anos atrás, Paulo Richart, veio, ofereceu e foi feita uma transfusão de medula. Não adiantou nada. Ela morreu rapidamente.

RG - O senhor tem uma memória excelente para nomes. Sabe todos.

DM - Já esqueci dois.

RG - Eu já teria esquecido 90. O senhor citou tantos, já.

DM - É o habito da gente... Imagina que quando veto a desacumulação, e o Travassos teve que largar dois lugares, ele largou a Veterinária e a UDF e ficou com Manguinhos, onde ganhava menos. Outros não fizeram isso. Exemplo, Olímpio da Fonseca.

RG - O famoso Olímpio da Fonseca.

DM - Esse preferiu ficar na Praia Vermelha.

RG - Ele era da Medicina, não é?

DM - É. E o Travassos ajudou muito no concurso dele. Ele era assistente do Travassos! Foi nomeado pelo diretor da Escola de Veterinária professor catedrático interino, e imediatamente inscrito, ex-officio, para dali a seis meses fazer o concurso para catedrático. E aí o Hugo ficou apavorado. Porque ele, afinal de contas, tinha uma prática de ensino relativamente pequena, ainda. Ele era especialista em dípteros.

RG - É. Ele tinha 27 anos.

DM - Pois é. Então ele foi meter a cara nos livros. E havia um outro ex-aluno do Travassos, que foi assistente do César Pinto, Jaime Lins de Almeida, que era um excelente helmintologista. Aí aconteceu uma coisa. Porque essa nomeação do Hugo saiu - não me lembro bem a data mas saiu no fim do primeiro semestre de 38. E eu tinha terminado a UDF em janeiro de 38, o diretor da Rockefeller tinha pedido ao Travassos uma indicação de um zoólogo para trabalhar na campanha da febre amarela, e o Travassos me indicou. E lá fui eu para o sul de Minas...

RG - Isso depois o senhor vai contar para a gente, essa campanha. A gente está muito interessada nesta história.

DM - É. Mas eu não agüentei os americanos muito tempo, (risos)

RG - O senhor lembra do nome desse diretor da Rockefeller?

DM - Fred Soper. Era o presidente, não é? O Wilson. Tinha um brasileiro, Jorge Franca. Quem mais? Tinha vários. Tinha um zoólogo americano, Raymond Gillmore.

RG - Esse parece que era muito bom, não é?

DM - Muito bom. Mas melhor do que ele era o entomologista com quem eu viajei, Raymond Shannon, que suicidou-se, acho que em Cuba, quando estourou a Segunda Guerra. Mas... Eu também viajei com o Gillmore.

WH - Que tipo de trabalho o senhor fazia?

DM - O trabalho que nós fazíamos era procurar macacos.

RG - Para cobaias, para fazer experiências?

DM - Para sangrar no coração, com umas seringas especiais da fábrica Bhering, e mandar o sangue. Ia sempre um estafeta para trazer para Manguinhos, para a pesquisa de anticorpos.

RG - E era difícil a convivência com esses americanos? Eles eram chatos?

DM - Chatos pelo seguinte: eles achavam que eram donos de tudo o que a gente colecionava. Então, eu que sempre tive mania de apanhar, guardar, porque eu acho que de repente a gente vai precisar, ou para nós ou para alguém... Basta dizer que eu tenho agora uma coleção de lâminas aqui integral, uma coleção de lâminas integral em Nova Iguaçu, uma coleção de lâminas integral em Valença. Sem contar o que eu dei. Me pedem, eu dou. Eu sempre fui grande colecionador. Visando a esta coisa para a qual sempre o Travassos fazia questão de chamar a atenção: aliar a pesquisa ao ensino.

RG - São lâminas de que, que o senhor tem?

DM - De parasitas, de protozoários, de helmintos, de artrópodes, de fungos.

WH - Qual é a importância de fazer essas coleções para o trabalho que o senhor...?

DM - É porque, se a gente vai dar uma doença como a esquistossomose, a gente tem que falar no agente etiológico, que é o *Schistosoma mansoni*.

RG - E o senhor quer mostrar, não é?

DM - Aí eu mostro. Machos e fêmeas, livres ou acasalados, ovo colhidos em fezes, ovos colhidos em biopsia retal, ovos colhidos no fígado. Porque é uma patologia muito complexa a da esquistossomose.

WH - Mas esse material tem valor didático, ou também tem valor de estudo?

DM - Tem valor didático e de estudo, porque, de repente, a gente encontra uma coisa nova para a ciência. Uma vez, lá em Manguinhos, eu tinha feito uma infestação experimental em camundongo, e aí, quando o exame de fezes foi positivo, eu abri o camundongo.

RG - Infestação de quê? De xistossomo?

DM - É. Isso mesmo. Mergulhava na água onde tinha o caramujo infestado, as cercárias saíam e penetravam no camundongo. E aí, quando o exame de fezes estava positivo, era sinal de que as fêmeas já tinham acasalado e já estavam fazendo postura. Então, eu abria. Eu colecionei materiais, e aí eu preparava para fazer colorações. E num dos exemplares examinados, de uma fêmea, eu encontrei uma coisa que nunca ninguém tinha visto. Porque a fêmea do *Schistosoma mansoni* tem no útero apenas um ovo ou no máximo dois. E eu encontrei uma fêmea com seis ovos. Foi fotografado e tudo, foi publicado.

WH - O senhor publicou esse trabalho?

DM - Publiquei lá nas Atas da Biologia, na revista da Sociedade Brasileira de Biologia.

WH - Revista Brasileira de Biologia, é esse o nome?

DM - Não, não. Atas da Sociedade Brasileira de Biologia. Isso está lá, foi em 1969, 68,69. De modo que esse material é muito importante. A laminoteca de helmintologia é uma das mais importantes do mundo. E muito se perdeu. Como, praticamente, a laminoteca - eu não sei, mas perdeu-se muito - do Area Leão.

RG - Por quê? Que aconteceu?

DM - Eu não sei, na do Olímpio, ele tinha lâminas, inclusive, que ele tinha trazido das viagens dele do Japão. Estavam em caixas, em gavetas, onde tinha o laboratório dele. E um

doutor lá, que participou grandemente do massacre, Gilberto Teixeira, ele um dia precisou de caixas de lâminas, foi lá, despejou as lâminas todas no gavetão, ficou tudo ali, quebrou muita coisa.

RG - Isso depois que vocês já não estavam lá.

DM - Depois. Já não estávamos lá.

RG - O Area Leão é parente do Aristides Leão? É outra família?

DM - É outra família. Eu acho que de outra área, de outro estado.

RG - Mas então, o senhor dizia que os americanos, eles se apropriavam da sua coleção...

DM - Eu colecionava o material e ele dizia: "Ah! Esta é da Rockefeller". E mandava botar no carro e levar. Aí o Hugo me escreveu me convidando pra ser assistente dele. E no dia 24 de agosto de 1938 eu comecei a trabalhar com o Hugo.

WH - Como assistente de cátedra.

DM - Como assistente, que se chamava antigamente, assistente contratado de ensino superior.

RG - Essa escola era federal, não é? Era da Universidade do Brasil?

DM - Federal. Do Ministério da Agricultura. Hoje é que pertence à Rural, que pertence ao Ministério da Educação.

RG - A Rural, hoje em dia, faz parte do Ministério da Educação, saiu do âmbito da Agricultura?

DM - É. Isso. E o Hugo aí me disse: "Olha, Domingos, você vai ficar com o curso, que eu só venho aqui para assinar o ponto. Eu vou ter que estudar porque o concurso vai ser uma dureza. Você sabe que o Jaime é um adversário perigoso".

RG - Ah, ele era o adversário do Jaime?

DM - É. Todo mundo sabia que ele ia se inscrever. Ele era helmintologista. E assistente de um gênio, do César Pinto, na mesma escola. Não ia perder essa oportunidade. Ele era muito amigo do Hugo, não é? E aí, para mim, isso me deixou quase em estado de choque, foi muito bom, porque eu tinha me casado...

RG - Quando o senhor se casou?

DM - Foi no dia 12 de fevereiro de 1938.

RG - Nesse mesmo ano. Como era o nome de sua esposa?

DM - Maria de Lourdes Furtado Machado.

RG - D. Maria de Lourdes tinha alguma coisa a ver com essas suas atividades?

DM - Não. Ela era secretária do presidente da Companhia Internacional de Seguros. Que é uma companhia que existe ainda, alemã. E fazia parte do Banco Alemão Transatlântico. O nome do presidente era Richard Von Schiller. E ele gostava muito dela, porque ela era uma secretária que ele podia ditar direto com ela na máquina.

RG - Mas não em alemão?

DM - Não. Português. Mas português daquele jeito, não é? E saía tudo certinho.

WH - Ela já corrigia antes de datilografar.

DM - É. Ela já conhecia o modo dele falar, e tudo, não é? Basta dizer que ela teve uma crise de apendicite e foi falar com ele. Essa coisa de alemão que é difícil de acreditar: "Senhor Von Schiller, eu vou me embora". Ele tomou um susto: "O quê?" "Eu vou me embora"; "Ah, quer ir para casa hoje?"; "Não, eu vou me embora. Vim me despedir". Ele disse: "Por quê?"; "Porque eu vou me internar amanhã e vou ser operada de apendicite. Afinal de contas eu não estou aqui há tanto tempo para ter uma licença"; "A licença já está dada, e a senhora vai receber integralmente".

RG - Naquela época não tinha essas leis trabalhistas que garantissem...

DM - Nada disso, nada. E o pai da minha mulher era muito pobre.

RG - Ela começou a trabalhar cedo.

DM - Ela começou a trabalhar com 15 anos. Fez curso de datilografia, de estenografia, de português, não é? Trabalhou primeiro na Atlantic Refining, com americanos, e aí foi convidada pra ir lá para. . .

RG - O senhor está falando dos empregos das pessoas, e eu me dou conta de que são todos empregos em firmas estrangeiras, não é? Não existia indústria nacional, não existia capital nacional nessa época, e todo mundo estava ligado a uma empresa estrangeira.

DM - Praticamente, não tinha mesmo. É isso mesmo. Então, eu meti a cara no livro, não é, e assumi a direção de uma turma. Ali me saí muito bem. Mas quem não se saiu bem foi o Hugo, porque ele fez um concurso brilhante, ganhou, mas entrou em parafuso.

RG - Ah é!? Ele passou e não se deu bem.

DM - Ficou estressado. E aí...

## Fita 2 - Lado B

DM - O Hugo, quando recomeçou, não conseguia dar mais 10 minutos, 15 minutos de aula. Ele ficava passando mal. Tinha uma espécie de diplopia, não escrevia direito no quadro. E eu, que estava na sala ao lado, percebia que alguma coisa estava havendo de anormal, ia espiar. Ele entrava na sala dos professores e dizia: "Domingos, você vai. continuar, porque eu não estou agüentando". Aí pegava um cigarro, ia fumar. Depois melhorava um pouco, ia direto para Manguinhos. Isso já era em 39. E Isso foi se repetindo. As aulas eram segundas, quartas e sextas na parte da manhã. Era um regime muito melhor do que esse atual, regime de créditos, em que o professor só tem contato com o aluno uma vez por semana. Ali nós tínhamos três vezes por semana. E o curso se desenvolvia muito melhor. Até que um dia, diante dessa situação do Hugo, eu resolvi falar com o Travassos. Falei com o Travassos, e o Travassos então, não sei se foi ele ou o Teixeira que fez uma brincadeira: "Ah, o Hugo está com coisa aí. Isso aí deve ser caso para 'Saúde da Mulher'". Existe um remédio aí, 'Saúde da mulher', que cura tudo na mulher. "Ele está precisando de 'Saúde da Mulher'". Para tudo era 'Saúde da Mulher'.

RG - Uma espécie de Curativa Maravilha, não é?

DM - Maravilha Curativa existe. Essa do Dr. Hans Fritz. Mas esse não, era uma panacéia que saiu muito para os Estados Unidos, porque tem um teor alcoólico. Na lei seca, não é?

RG - Eles bebiam...

DM - É, na lei seca. Ali na Gloria havia uma espécie de castelo que era o laboratório da 'Saúde da Mulher', hoje não existe mais. Mas eu falei com o Travassos: "Olha, eu não estou brincando, não. O Hugo vai acabar não podendo dar mais a aula". E aí o Travassos foi conversar com ele e insistiu para ele ir se tratar. E ele foi procurar, lá mesmo na Veterinária, no laboratório ao lado - do lado do nosso tinha o laboratório de farmacologia, cujo catedrático era um professor extraordinário e um grande clínico, Artidônio Pamplona. E o Hugo me disse: "Com quem é que eu vou me consultar?" Eu disse: "Olha, aí do lado. Ele deve estar aí já". Ele perguntou: "Com quem?"; "Com o Terra". Terra era o assistente do Pamplona, que era médico também, mas não clinicava. Antônio Benjamin Barreiros Terra. E o Hugo foi lá falou com o Pamplona. Pamplona era o médico clássico. E ele, na disciplina dele, tinha uma parte do curso chamada "arte de formular". Ele era um artista mesmo para formular. Fazia fórmulas enormes. E ele fez uma fórmula grande para o Hugo, e o Hugo melhorou rapidamente. Deixou de fumar...

WH - Era um remédio?

DM - Eram pílulas e misturas de várias substâncias. Por exemplo, coisas assim como extrato de murungu, extrato de crátegus. Tudo de plantas.

WH - Era homeopático?

DM - Não era homeopático. Era alopático, mas...

WH - Com base natural.

DM - É, com base natural.

WH - Mas o que o Hugo tinha, afinal?

DM - Ele teve uma distonia neurovegetativa.

RG - Foi stress mesmo.

DM - Foi stress mesmo. Ficou estressado.

RG - E ele se recuperou e voltou a trabalhar?

DM - Trabalhar, tudo normalmente.

RG - E o senhor ficou como auxiliar dele.

DM - Eu fiquei como assistente. Depois...

RG - Naquela época, o Dr. Hugo mesmo nos falou, era só privilegiado que podia ser pesquisador, porque ganhava-se muito mal, não é? Para fazer essa carreira toda era uma coisa muito...

DM - Ou então se tivesse um emprego.

RG - Pois é. Aí no seu caso a sorte foi o emprego.

DM - Foi o caso do Hugo, também. Porque nós não ganhávamos nada em Manguinhos, durante quase 20 anos.

WH - E os senhores se sustentavam com as aulas na universidade.

DM - Com as aulas. E minha mulher ficava muito zangada, às vezes.

RG - Ela continuou trabalhando depois que vocês casaram?

DM - Não, não. Quando casamos, ela deixou. E ela dizia: "Não entendo. Trabalhar tanto sem ganhar nada". Porque as vezes, lá em Manguinhos, na hora quase da gente ir embora para tomar aquele trenzinho, a maria-fumaça da Leopoldina, chegava o material, que eram aves, peixes, anfíbios, que a gente precisava aproveitar. E houve noites em que eu saí de lá às duas horas da madrugada. Então vinha o vigia, que queria vir comigo. O vigia ficava ali por fora, e eu dizia: "Não precisa, não. Não tem perigo". E de fato não havia perigo. Eu

atravessava aquilo tudo, porque não havia a Av. Brasil, e ele então me dava um pedaço de pau.

RG - E como o senhor chegava em casa? Tinha trem de madrugada?

DM - Eu morava no Méier nessa época. Atravessava toda a Maria da Graça, Cachambi e ia a pé para casa.

RG - Bem longe.

DM - E como. Mas eu fiz isso muitas vezes, durante o dia, não só pela falta de dinheiro como porque, morando no Méier, eu tinha que tomar um bonde até depois da Praça da Bandeira para andar até a Leopoldina e aí tomar o trem. Veja que volta enorme. E eu a pé, às vezes, chegava em tempo menor.

RG - Não tinha nenhuma outra possibilidade de condução direta.

DM - Não tinha. Eu dizia para a minha mulher: "Olha, você não faz idéia do que eu estou ganhando. Com o tempo é que vai ver". Porque a gente diariamente está acumulando coisas. A gente pode esquecer coisas como, por exemplo, o Artur Neiva sentar ao lado da minha mesa e perguntar: "Então, como é que vai o trabalho?" Eu disse: "Vai bem. Mas não pode ir tão depressa como eu desejava. Porque eu não ganho nada aqui, tenho que trabalhar lá fora". Ele disse: "É. Isso é verdade". E por isso - essa é uma das causas, não é a única - que afinal de contas, eles tiveram mais capacidade de trabalho do que eu. O número de trabalhos meus é muito menor do que do Hugo, do Herman e do Teixeira. Porque eles passavam o dia lá. Porque o Hugo, ele trabalhava na Veterinária, mas tinha casa própria. Ele tinha herdado do pai, parece.

RG - É. O pai dele morreu cedo, mas tinha uma situação boa.

DM - Pois é. E comigo não aconteceu isso. Eu tinha que pagar aluguel. Que era pouco, mas era muito em relação ao salário. Mas assim fomos atravessando.

RG - A D. Maria de Lourdes parou de trabalhar porque naquela época as mulheres paravam quando casavam?

DM - Geralmente é assim.

RG - E também tiveram filhos logo ou...

DM - Logo depois. O meu filho nasceu em 39. Casamos em 38. Só tivemos um filho, porque também não era possível pensar em aumentar a família, com aquele salário tão baixo. E era uma situação terrível para estudar todos os métodos anticoncepcionais que existiam na época. E o cuidado com aquele ciclo de Ogino-Knaus.

WH - Hoje é mais simples, não é?

DM - Hoje a coisa pode ser mais programada. E então, minha mulher não tinha empregada. Como minha mãe. Ela via o exemplo da minha mãe, que não tinha empregada. Quando nasceu o garoto, com muito sacrifício, tivemos uma empregada. Mas que logo depois tivemos que mandar embora. Era uma época terrível. Porque eu tinha que estudar para dar aulas e tinha que ajudar a minha mulher...

RG - Com o menino. Com a casa.

DM - Com o menino. Eu acordava muito cedo.

WH - E ainda vinha ao Instituto?

DM - Vinha ao Instituto, todos os dias. E tinha mais uma coisa. Existia, naquele tempo, um leite que era entregue em casa, que era dos Guinle, leite Normandia. E então, o pediatra recomendava que se desnatasse o leite, que era muito gordo. E sabem o que fazia? Ficava com o garoto num dos braços e o leite no outro, batendo o leite. Também não gastava manteiga. Saía uma bolota de manteiga puríssima. E de vez em quando ainda passava na mesa e ainda lia alguma coisa.

RG - Isso foi antes da época do leite em pó.

DM - Foi. Leite em pó não existia.

RG - O leite em pó apareceu aqui na época da guerra, depois da guerra.

DM - É. Existiam aquelas... chamavam-se vacarias. Geralmente eram Portugueses ou pessoas do interior que tinham duas, três vacas. Eles ordenhavam e vendiam o leite, e a gente não sabia como é que estava o tipo de contaminação e tudo mais.

RG - E a fazenda dos Guinle já tinha assim um padrão de qualidade, devia ser uma coisa modelo.

DM - É. Uma coisa formidável.

RG - Até hoje existe a coalhada Normandia.

DM - É. O nosso professor de clínica médica e veterinária era o veterinário dos Guinle, Otávio Dupont. Tem o nome dele naquele hospital do Jockey Club Brasileiro, lá na Lagoa.

WH - Hospital da Lagoa?

DM - Não, hospital do Jockey Club com a frente para a Lagoa. Tem lá: Otávio Dupont. O Hospital da Lagoa é do INAMPS, não é? E Otávio Dupont foi um professor extraordinário. Ele levava para as aulas de clínica médica tudo o que ele encontrava. Se era um porco doente, ele levava no carro dele. Se era uma cabra, era uma cabra. E assim por diante.

RG - E o que o senhor pegava lá naquelas excursões, que o pessoal da Rockefeller dizia que era deles? Eram conchas?

DM - Qualquer coisa. Inclusive crustáceos característicos, siris, uma variedade enorme, conchas, muitas conchas, insetos.

WH - Dr. Domingos, o senhor veio ser estagiário aqui do Instituto, chamado pelo Travassos, não é? O senhor trabalhou no laboratório do Travassos. O que o senhor fazia lá?

DM - O Travassos me deu um vidro cheio de um verme. Disse: "Você vai estudar isto". Não me disse mais nada.

WH - Ele era assim? Ele definia o que as pessoas tinham que estudar?

DM - Ele escolhia, como escolheu esse grupo de helmintos, chamados acantocéfalos, de que ele gostou muito no início da vida dele. São parasitos de todos os vertebrados, com exceção do homem. É um dos maiores parasitos, por exemplo, na helmintologia que é a do porco, na nematologia aliás.

WH - Parasitos intestinais.

DM - É, tem no intestino delgado, no intestino grosso, mas com larvas localizadas em outras partes do corpo. E a maioria dos trabalhos que eu publiquei foi sobre acantocéfalos.

RG - O senhor aproveitou aquela orientação e...

DM - E fui fazendo. Um dia foi inaugurado o Instituto Municipal de Veterinária, ali na Rua Visconde de Niterói. Hoje chama-se Instituto Jorge Weissman.

RG - Onde fica?

DM - Naquela rua ao lado da Quinta da Boa Vista que vai lá para... Ora, um subúrbio da Central do Brasil: Rocha, talvez São Francisco Xavier, Rocha, Sampaio, por aí. Quando se atravessa aquele viaduto ali da Quinta da Boa Vista, não tem uma rua que passa por baixo? Rua longa, com umas guarnições militares de um lado e do outro? É ali, rua Visconde de Niterói. Passa no morro da Mangueira, na escola de samba.

RG - Isso. Agora me localizei.

DM - Então, o diretor-secretário de Agricultura da Prefeitura era um homem chamado Júlio de Azukem Furtado, que era amigo do Travassos. E eles iam se encarregar de apanhar os cães vadios, para profilaxia da raiva. Então eu disse: "Dr. Travassos, o que o senhor acha de eu fazer uma pesquisa em cães?" Ele olhou pra mim: "Que tipo de pesquisa?"; "Ué, necropsiar cães e coletar parasitos". Ele disse: "Onde é que o senhor vai fazer isto?" Falei:

"O senhor pode arranjar isso para mim" Ele: "Onde?" Tinha a notícia no jornal, eu mostrei a ele, e ele escreveu uma carta me apresentando ao Júlio. E o homem botou a minha disposição laboratório, com todo o material cirúrgico. E os cães - não sei agora como é feito - eram mortos naquela espécie de jaula elétrica: eles punham ali, vamos dizer, dez cães, molhavam tudo aquilo e ligavam uma chave. Os cães morriam rapidamente. Os americanos fazem isso com gente. (rindo) Ainda estão fazendo. Então eu necropsiei cem cães. Juntei material à beça para as aulas. Fiz um relatório, com a determinação das espécies de tudo o que ia encontrando. E numa delas - foi o meu primeiro trabalho em acantocéfalos - encontrei quatro exemplares jovens de um acantocéfalo que tinha sido descrito, uma vez só, nos Estados Unidos, um *Oncicola canis*. Desenhei, publiquei, e está nas Memórias, não é?

WH - Em que ano o senhor publicou este trabalho?

DM - Isso foi... Porque levou tempo para determinar tudo isso. Foi em fins de 40, 41.

RG - Eu queria fazer uma pergunta, porque eu estou um pouco confusa. É o seguinte: o senhor fez a Escola de Biologia? Chamava Biologia já? Era separado?

DM - Não. Era a Escola de Ciências, na qual estavam o curso de história natural, o curso de matemática, de física...

RG - Isso na Universidade do Distrito Federal. De 35 a38, ou 37?

DM - Foi 35,36 e 37. Em Janeiro de 38 terminou.

RG - E quando foi que o senhor entrou para a Medicina? Estou confusa porque foram três os cursos que o senhor fez.

DM - É. Medicina demorou um pouco mais.

RG - Mas o senhor começou quando a medicina?

DM - Foi num ano terrível. Nós fomos convocados para a guerra. O Hugo não contou?

RG - Não contou. Ele esquece das coisas dele. Acho que ele não gosta de falar dessas coisas pessoais.

DM - É. Porque nós fomos convocados. E como já éramos formados, não podíamos ir como soldados. Então nós designaram pra fazer um curso de oficial da reserva, na Vila Militar, em Marechal Hermes. Isso começou em Janeiro de 1943. Em fevereiro, fim de fevereiro, eu pagava a uns soldados lá e fugia para fazer as provas do vestibular de medicina.

WH - Porque universitário não ia para a guerra, ou porque o senhor queria...

DM - Não. Eu queria fazer. Eu queria.

RG - Foi só coincidência.

DM - É. Uma coincidência. Porque nós não fomos para a guerra.

WH - Por que não foram?

DM - Porque os aliados já estavam ganhando, então...

WH - Não precisou.

RG - Acabou antes.

DM - Não. Não acabou antes, continuou, mas o Brasil não mandou mais ninguém.

RG - Foi uma sorte, não é?

DM - É. Sei lá. (rindo)

RG - Eu acho que foi uma grande sorte o senhor não ter ido para aquela guerra.

DM - Eu fugia para ir fazer as provas do vestibular, na atual UniRio, porque na Nacional, na chamada Nacional de Medicina, eu não poderia fazer, porque os horários da Veterinária onde eu era assistente, iam se chocar. Porque tudo era de manhã, enquanto na UniRio era de tarde. Naquele tempo chamava Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hannemaniano.

RG - E por que o senhor quis fazer esse vestibular em 43? De onde que lhe veio essa vontade de fazer medicina?

DM - Eu tinha sempre essa idéia, de que eu tinha que penetrar na área chamada médica, médica básica: biologia, veterinária e humana. Eu achava que tinha que fazer.

WH - Fechar um círculo.

RG - Completaria a sua formação.

DM - Ah, me completou muito. Muito.

RG - O senhor sentia essa necessidade e ficou satisfeito com o resultado, achou que valeu a pena.

DM - Eu hoje tenho grande facilidade, que consigo transmitir a outras pessoas, em campos correlatos. Porque hoje, em medicina de doenças infecciosas - parasitárias, o médico não pode se afastar do veterinário, nem o veterinário do médico. Não pode.

RG - O senhor clinicou? Nunca pretendeu clinicar?

DM - Não. Quando eu fui nomeado - isso foi uma guerra - professor de nível médio...

WH - Na escola de Veterinária mesmo?

DM - Não. Por causa da Biologia.

RG - Por causa da Universidade do Distrito Federal, que formava professores.

DM - Nós levamos muito tempo para sermos nomeados. Porque o prefeito do Distrito Federal era o General Ângelo Mendes de Morais.

RG - Substituiu o Pedro Ernesto.

DM - É. Isso mesmo. E não nomeou ninguém dali daquela...

RG - Não queria reconhecer, não é?

DM - Queria fazer política com os cargos e nomeou cerca de 400 professores. E aí nós fomos para a Justiça e ganhamos. Mas ele relutou, relutou. Só em 1950 é que nós conseguimos a nomeação. Porque o decreto que criou a UDF dizia no artigo 22: "A partir desta data, só poderão ser nomeados professores de nível médio no município os diplomados pela Universidade do Distrito Federal". Então, desde o momento em que o Mendes de Morais nomeou um professor sem o curso, o nosso direito estava ferido. E o juiz nós deu ganho de causa. E nós, para não criarmos caso, abrimos mão dos atrasados. Mas queríamos contar o tempo a partir da nossa formatura.

RG - E conseguiram ganhar?

DM - Ganhamos. Ganhamos 12 anos.

WH - Dr. Domingos, o senhor podia contar sua experiência na UDF?

RG - Eu acho que a gente devia deixar isso para a nossa próxima entrevista.

Data: 25/06/1986

### **Fita 3 - lado A**

RG - Dr. Domingos, continuando a nossa entrevista - da última vez nos interrompemos porque estava ficando tarde, e iríamos entrar num assunto que é importante demais para ser interrompido no meio - o senhor poderia nos contar a sua experiência na Universidade do Distrito Federal?

DM - Quando nós soubemos que iria haver vestibular para uma universidade nova, recentemente criada por Pedro Ernesto e dirigida por Anísio Teixeira, nós logo nos interessamos.

RG - Como é que o senhor ficou sabendo desse exame?

DM - A primeira coisa que nós ficamos sabendo foi quando vímos que o professor Lauro Travassos estava refazendo o seu currículo, a sua lista de trabalhos publicados, para concorrer à cátedra de zoologia. Aí ficamos sabendo que era para a Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal, e nos interessamos. Ele mesmo nos encaminhou à secretaria, onde nós obtivemos todos os dados e nos inscrevemos.

RG - Nessa época o senhor ainda era estudante ou o senhor já tinha se formado?

DM - Não, não. Era estudante de veterinária. Fiz os dois cursos com muita dificuldade, praticamente simultaneamente.

RG - E foi só o senhor que foi para a Universidade do Distrito Federal, ou havia um grupo de colegas que foi junto?

DM - Havia um grupo de colegas, inclusive lá de Manguinhos. Tinha um colega meu de turma na Veterinária, o Geth Jansen, que já morreu. Fizemos o vestibular, passamos e começamos o curso. O número de vagas era limitado a 25, mas alguns foram desistindo e, se não me falha a memória, terminaram 18. Começamos o curso, e na primeira parte nos tínhamos zoologia, botânica, mineralogia e geologia, e iam sendo introduzidas as disciplinas pedagógicas.

RG - Desde o começo?

DM - Desde o começo. Tivemos uma experiência extraordinária, porque o Lauro Travassos foi realmente um dos nossos maiores zoólogos e...

RG - Ele era chefe de alguma coisa, ou era só professor?

DM - Era o catedrático, como se chamava, de zoologia, e tinha a liberdade de escolher os assistentes que quisesse.

RG - O senhor lembra quem era o diretor desse Departamento de Ciências?

DM - Era o Roberto Marinho. Não tem nada a ver com o da Globo.

RG - Quem era esse Roberto Marinho?

DM - Era um professor da Escola Politécnica.

RG - Um bom professor?

DM - Bom professor. Homem de renome, lá. E assim o Travassos trouxe para nos dar aulas o Herman Lent, o Hugo de Sousa Lopes.

RG - Ah, esses já eram formados.

DM - Já eram formados. E o Manuel Cavalcanti Proença, o Gustavo Mendes de Oliveira Castro, o próprio Carlos Chagas Filho, que estava se preparando para o concurso da Praia Vermelha e fez um treinamento dando aulas para nós na presença do Travassos e dos assistentes. E assim o curso foi se desenrolando. Na botânica, tivemos o professor... agora me falha o nome, mas o assistente-chefe era o Carlos Viana Freire, autor de várias chaves de determinação de espécies botânicas. O Othon Leonardos, da Escola Politécnica, o Viktor Leintz, de que já falei na entrevista passada. E foi um curso muito proveitoso. Tivemos trabalhos muito interessantes, e oportunidade de conhecer gente realmente importante.

WH – Havia pessoas do exterior dando aulas lá?

DM – Pessoas do exterior.

WH – Qual era a relação dessas faculdades com professores do exterior?

DM – A relação era o Anísio Teixeira, que visitou várias universidades da Europa, entrou em contato com muita gente e fez os convites.

WH – Que professores eram esses?

DM – Que eu me lembre, assim especificamente, é muito difícil agora, mas Émile Breillet, que era um mutilado da Primeira Grande Guerra, que dava organização de ensino.

WH – Francês?

DM – É. Francês. Des Fontain, também professor francês, nesta área pedagógica. Em suma, foram vários professores estrangeiros.

WH – Da Alemanha, havia professores?

DM – Da Alemanha havia o Viktor Leintz, da Universidade de Heidelberg.

RG – O senhor falou sobre o Viktor Leintz outro dia, mas foi gravado ou era numa conversa fora da gravação?

DM – Não me lembro. Foi conversa, porque me lembro que o Viktor Lintz ainda está vivo em São Paulo. Ele deve estar com mais de 80 anos e é autor de várias obras sobre geologia, especificamente geologia do Brasil. Os livros dele são adotados nas universidades. Aqui, ainda ontem, eu vi uma professora que está fazendo mestrado de geologia no Fundação com o livro dele na mão.

RG – Dr. Domingos, nós já havíamos falado que a USP foi criada mais ou menos na mesma época em que foi criada a Universidade do Distrito Federal...

DM – Mais ou menos na mesma época. Talvez um pouco antes.

RG – Houve professores que vieram para cá e acabaram na USP ou vice-versa? Houve esse intercâmbio entre a Universidade de São Paulo...

DM – Eu tenho a impressão de que o Viktor Leintz foi um caso desses.

RG - Ele estava em São Paulo.

DM – É. Mas os outros eram todos daqui do Rio. Alberto José de Sampaio é o nome do professor de botânica que era o chefe do Carlos Viana Freire.

RG – Além dessas disciplinas que eram bem dadas, parece que havia assim na UDF toda uma nova concepção, visando formar professores de nível médio. Havia também um contato interdisciplinar, ou seja, vocês, do Departamento de Ciências, conviveram com o pessoal de Letras, de Humanidades?

DM – Ah, sim. Às vezes vinham professores de outras áreas, porque a didática é diferente, muitas vezes. Porque na Escola de Ciências, principalmente no setor de biologia, eu acho que não há nada que se compare com as aulas práticas, em que se exige muito material vivo e conservado. Havia uma disciplina – anatomia comparada – cujo titular era um homem extraordinário – Carlos Leoni Werneck, irmão do Fábio Leoni Werneck, que foi entomologista do Instituto Oswaldo Cruz e era especialista em piolho de aves. Mas o Carlos Leoni Werneck tinha uma mímica extraordinária. Ele, com o lenço, fazia movimentos para explicar as transformações que ocorriam em animais, mudando a postura quadrúpede para bípede. As transformações nas articulações. Então, aí, o Carlos Leoni Werneck nos passava tarefas, do mesmo modo que o Travassos. Travassos pedia uma coleção de crânios de vertebrados. Um número limitado, vamos dizer, 15, no mínimo, e nós tínhamos que preparar isto. Eu me lembro que eu caí na asneira de querer preparar um crânio de tubarão, que é a coisa mais difícil do mundo, mas consegui.

RG – Por quê é a coisa mais difícil do mundo?

DM – Ah, porque... vocês já viram algumas espécies de tubarão, a quantidade de dentes que têm? E a gente não podia estar perdendo material não é? O Travassos um dia sorteou pontos para nós fazermos uma espécie de monografia, e para mim caiu justamente a baleia. E eu aí fui procurar, por indicação do Travassos, o chefe da zoologia do Museu Nacional, Alípio Miranda Ribeiro. O Alípio me recebeu muito bem, desde que soube que eu era aluno do Travassos, e pôs à minha disposição uma bibliografia formidável, e então eu pude descobrir uma coisa. É freqüente se usar a expressão “este é o famoso jeitinho brasileiro”, mas eu descobri numa publicação da biblioteca La Cave de Thiers, francesa, que um especialista estava interessado em estudar a anatomia da baleia, que era muito mal conhecida. Esse sujeito entrou em contato com diferentes autoridades e acabou sabendo que tinha dado a uma praia do sul da França uma baleia. Então ele, que já tinha o equipamento praticamente organizado, partiu em caravana para lá. E quando já estava armando uma enorme parafernália, com andaimes, escadas e tudo, para começar a trabalhar no bicho, chegou um guarda da praia perguntando o que que estavam fazendo ali. Ele respondeu: “Nós vamos estudar esta baleia”. O guarda: “Com autorização de quem?” E ele disse: “Ué, mas precisa autorização? Nós somos naturalistas, zoólogos do governo francês. Aqui está uma baleia na praia, que se ficar aqui vai apodrecer, e nós queremos aproveitar isso para estudo”. O guarda disse: “Ah, não pode. Tem que ter autorização do Ministério da Marinha, porque tudo o que chega nas praias da França pertence à Marinha”. E foi uma dificuldade. Quando chegamos, a baleia já estava podre. Apesar de muito pistolão, muito jeitinho, chegamos tarde. E foi apenas possível estudar o esqueleto da baleia. Foi o primeiro trabalho feito nesse sentido. Foi realmente um período de estudo muito difícil, porque a Universidade do Distrito Federal não tinha sede própria. Então, tinha conseguido autorização para dar aulas em diferentes lugares. Exemplo: Escola Politécnica do Largo de São Francisco.

RG – Funcionava uma parte da UDF lá?

DM – É. A parte de mineralogia, a parte de desenho científico e algumas aulas de geologia também. Outras eram dadas no Museu Nacional. De modo que nós tínhamos que correr de uma lado para outro.

RG – E ainda tinha a escola do Largo do Machado, que era...

DM – É. Ali era a secretária. Então, a Escola Nacional de Veterinária, que funcionava ali perto do estádio do Maracanã...

RG – Mas não era na Praia Vermelha?

DM – Era na Praia Vermelha uma parte, mas a outra parte era ali.

WH – Os senhores andavam a cidade toda!

DM – Toda. Era Jardim Botânico, era Museu Nacional, e...

RG – Eram todos muitos jovens os estudantes, e então tinham essa disponibilidade.

DM – É. Tinha alguns já formados, até, em medicina, como um rapaz que já morreu, que era meu companheiro de estudo. Era de Campinas. César Langaard Barbosa de Oliveira. Era descendente de suecos. Theodore van Langaard foi um dos primeiro médicos que vieram do estrangeiro para o interior de São Paulo. Ele tem uma estátua na mesma praça em que está a estátua do Carlos Gomes.

RG – Onde?

DM – Em Campinas.

RG – E esse rapaz era descendente desse Theodore?

DM – Desse Theodore van Langaard. Era bisneto, ou coisa assim. Esse rapaz era neto e afilhado do embaixador Rodrigo Otávio, que foi da Academia Brasileira de Letras e era membro de organizações culturais do Brasil com vários países. Então, na casa dele, na antiga Rua das Palmeiras, em Botafogo, ele recebia delegações. E era na biblioteca dele que nós estudávamos e ali nós tínhamos oportunidade de conhecer muita gente importante.

RG – Era um privilégio, não é, conviver com essas pessoas.

DM – É.

RG – Tinha outros colegas com os quais o senhor lembra de ter...

DM – Tinha. O Eduardo Floriano de Lemos também estudava conosco. Também já morreu. E fora estes, tinha outros grupos que estudavam juntos. Por exemplo: havia um grupo que era composto de Newton Dias dos Santos, que está no Museu Nacional, é entomologista, um outro, que hoje faz genética humana na Universidade de São Paulo, que é o Oswaldo Frota Pessoa. Um que é professor, um dos diretores de um curso famoso aqui no Rio, que é Miguel Couto Bahiense. Alcides Lourenço Gomes, esse formava um grupo à parte.

RG – Por que à parte? Tinha algum motivo?

DM – Afinidade. Vieram do mesmo colégio, do mesmo ginásio. E assim nós fomos fazendo o curso e tivemos oportunidade de sermos alunos da primeira e única turma da Universidade do Distrito Federal.

WH – Era história natural?

DM – É. Chamava-se história natural. Hoje é biologia.

RG – Vocês entraram em 35 mesmo?

DM – Fins de 35.

RG – E se formaram no comecinho de...

DM – No início de 38.

WH – Esse curso dava quê título, dr. Domingos?

DM – O decreto dizia no 2º artigo: “Todos os licenciados pela Universidade do Distrito Federal serão aproveitados como professores de nível médio das escolas do município”. E depois tinha um parágrafo que dizia: “Não poderá ingressar no magistério de nível médio quem não tiver o curso da UDF”.

RG – O senhor contou que 11 anos depois, os senhores acabaram conseguindo ser nomeados.

DM - Foi. Conseguimos.

RG – Porque o que acontece, é que a UDF tem uma história muito peculiar, não é? Ela foi criada pelo Anísio Teixeira, na época do Pedro Ernesto, aí veio o golpe do Estado Novo, em 37, o Anísio foi preso, o Pedro Ernesto... O que aconteceu com ele?

DM – Também foi preso.

RG – Também. E a escola não acabou logo, ela ainda permaneceu apesar de ter sido criada por eles.

DM – Permaneceu um pouco, mas o ministro da Educação, que era o Capanema, já estava interessado em formar a Faculdade de Filosofia e acabou encampando tudo.

RG – Ele pegou a estrutura...

DM – Todo o acervo, tudo. Só que mudou de nome.

RG – E como é que as pessoas que estavam lá dentro viveram tudo isso?

DM – Inicialmente nós nos sentimos frustrados. Mas depois, como nós recebemos o diploma, ficamos com alguma esperança. Mas esperança que durou até 1950, quando fomos nomeados professores. Assim mesmo por imposição do Judiciário.

WH – Dr. Domingos. O senhor estava fazendo a Faculdade de Veterinária. Como é que se completava esse curso com a faculdade? Havia uma necessidade de...

DM – Porque as aulas da UDF eram à tarde e à noite, e a Veterinária era só de manhã.

WH – Mas em termos de currículo?

DM – Não havia problema, porque na Veterinária a coisa se orientava na anatomia dos animais domésticos, fisiologia dos animais domésticos, patologia dos animais domésticos e assim por diante, de modo que não havia nem coincidência de disciplinas. Porque se nós tínhamos fisiologia especializada, na UDF, era fisiologia botânica, fisiologia animal.

WH - Eu queria lhe fazer uma outra pergunta, já que o senhor falou nisso. O senhor trabalha com a parte de entomologia, helmintologia. Qual era a necessidade de ter conhecimento, por exemplo, de geologia ou biologia, para o trabalho que o senhor fazia?

DM – Isso, naquela ocasião, nós nos questionávamos, nós que estávamos interessados na biologia. Mas isso era da organização da universidade, da Escola de Ciências. Era obrigado. Eram disciplinas obrigatórias. E havia excursões. Nós saíamos pelo estado do Rio todo e íamos para Minas, para colher material de rochas e minerais e estudar aqui no Rio. De modo que isto era uma imposição do...

WH – Currículo.

DM – Da organização, do currículo. Aí fizemos. Daí resultou também que alguns se fixaram na geologia e na mineralogia. Um deles, se não me falha a memória, ainda está vivo no Museu Nacional, Emanuel Martins. Outros foram abandonados. Houve um que se tornou um dos mais conhecidos professores de nível médio do Rio de Janeiro e publicou uma série de livros didáticos – Fritz de Lauro, que já morreu também. Esse era um dos mais antigos. Zoologia em Evolução, por exemplo. Eram livros interessantes, de que os estudantes gostavam muito. Ele foi professor num curso que existia no antigo Instituto Hannemaniano, que preparava alunos para o vestibular. O Instituto Hannemaniano funcionava ali a Escola de Medicina e Cirurgia, na Rua Frei Caneca, esquina de Moncorvo Filho. E o hospital, no Gaffrée Guinle. O Hannemaniano, praticamente, chegou um momento em que desapareceu. Era homeopatia, não é? Mas a coisa está crescendo agora.

RG – Está.

DM – Por vários motivos, e principalmente pelo alto custo dos medicamentos alopatas.

RG – O senhor não acha também que hoje em dia há toda uma descrença nos milagres dessa alopatia que é tão agressiva, às vezes, para o corpo?

DM – Também é possível. (riso) E depois, a homeopatia está sendo aproveitada por especialistas de técnicas novas de tratamento, como a acupuntura, não é? Eu mesmo, há tempos atrás fiz umas aplicações na coluna, com medicamento homeopata.

RG – E o senhor se sentiu bem? O senhor achou que teve um efeito...

DM – Não, não. Porque o meu problema é difícil de se resolver com acupuntura. Pode ser. Tem um japonês, que foi meu aluno, que de vez em quando me telefona querendo fazer uma série em mim. Mas eu já fiz e não adiantou nada. A gente fica descrente.

RG – Eu queria voltar um pouquinho à questão da Universidade do Distrito Federal, e também à questão política e ideológica que envolve esse momento. O senhor era bastante jovem. Eu não sei como é que o senhor vivia naquela época essa questão do Getúlio, essa questão do Partido Comunista. Porque em 35 teve a chamada Intentona, que foi o que gerou esse movimento que acabou no golpe de 37.

DM – Uma Intentona esquisita, sabe. Porque, basta dizer que em 35, o manifesto do Luís Carlos Prestes foi lido na Praça Tiradentes por quem? Por Carlos Lacerda. De modo que...

RG – Era um jovem e ardoroso militante nesse momento.

DM – Pois é. Ele era da Faculdade de Direito. Acho que ele nunca conseguiu terminar o curso. Porque depois vieram outros interesses, e eu me lembro perfeitamente dessas passagens. E eu não sei se já contei, que eu acidentalmente fui fundador do Partido Integralista.

RG – Não. O senhor não contou, não. Podia contar.

DM – Olha, isso foi em 1933, final de 33, início de 34. Eu já contei que eu tinha tentado entrar para a Escola Militar do Realengo, e tinha um professor ali, Jaime Ferreira da Silva – ele era muito míope, usava uns óculos de lentes muito grossas – que era professor de matemática ali na Rua do Ouvidor, num curso de nome Freycinet cujo diretor era Cinésio de Farias, que também era professor na Escola Militar do Realengo. Eu e esse meu primo que estudava comigo, Antônio Duarte Miranda, acabamos descobrindo que o “Ceguinho”, que era o apelido dele, era nosso vizinho na Tijuca. O Ceguinho tinha um Ford bigode, e nós então começamos a cercá-lo para nos dar carona, ele acabou dando sempre, e nós íamos e voltávamos com ele. Um sábado, não me lembro a data, o Ceguinho disse: “Olha, nós vamos ter carona, mas antes vamos na Travessa do Ouvidor. Vai haver uma comemoração, ali, e vocês assistem, é coisa rápida, e depois vamos embora”. Bom. Entramos num primeiro andar, imenso salão, a mesa enorme coberta com a bandeira brasileira, e toda ornamentada com *corbeille* de flores, no chão e tudo, e na parede tinha uma figura estranha completamente para nós, que era o sigma integralista. Assim como tem a cruz suástica, o sigma é o emblema do integralismo, da Ação Integralista Brasileira.

RG – Essa era a sede desse partido? Estava sendo criado?

DM – Era a sessão inaugural. Aí começou a chegar muita gente, algumas pessoas ficavam na mesa, tinha um introdutor, e chegavam muitos casais, senhoras de casaco de pele, e o Ceguinho nos colocou na primeira fila. E nós vestidos de estudante...

RG – Vocês nunca tinham ouvido falar desse movimento?

DM – Nada. Nada vezes nada.

WH – Vocês eram colegas dele e nunca perceberam...

DM – Do Jaime? Não era colega não, ele era nosso professor.

WH – Mas vocês tinham um contato freqüente com ele, pegavam carona...

DM – Mas ele nunca nos falou nesse assunto. E ele era da chamada Câmara dos 40, do partido Integralista. Depois, com o tempo, eu fui identificando as pessoas.

RG – Os membros da Câmara dos 40 estavam lá nesse primeiro dia?

DM – Escuta. De repente chegou um homem baixinho, de bigodinho, e todo mundo se levantou para bater palmas – era o Plínio Salgado, que era o presidente da Ação Integralista Brasileira. Aí chegou um senhor de terno preto, que dois anos depois eu fui conhecer na Escola de Veterinária, era o professor de Farmacologia, Artidônio Pamplona.

RG – Eles permaneceram militantes desse partido?

DM – É. Esse era um inocente útil. Era um homem extremamente carola, mas foi levado por outros colegas médicos e professores da Faculdade de Medicina. Como ele, por exemplo, foi o Juvenil da Rocha Vaz. São tantos nomes que a gente agora...

RG – Dom Helder foi dessa...

DM – O Dom Helder foi. Eu não me lembro bem se ele estava na mesa nesse dia, mas creio que sim.

RG – Tristão de Ataíde também foi.

DM – Tristão de Ataíde é isso mesmo. Quem mais?

RG – Sobral também foi?

DM – Sobral Pinto, não me lembro. Acho que não. Madeira de Freitas, nomes que depois a gente foi vendo em seqüência nos jornais, em revistas. Para resumir, quando o Plínio Salgado terminou o discurso, ele assinou o livro de ata, e o livro correu a mesa toda. E os componentes da mesa assinaram. E aí o homem correu a primeira fila. Quando chegou na nossa vez, eu fiz sinal para o sujeito passar. E aí o Jaime Ferreira da Silva disse: “não, assina, assina”.

### **Fita 3 - Lado B**

DM - ...Quando veio a revolução de 1964 houve um inquérito chefiado pelo general Aluísio Falcão. Porque o que se dizia é que Manguinhos era um antro de comunistas. Então, num dado momento, o general me perguntou se eu era comunista. Eu disse: “Não, nunca pertenci a partido nenhum”. E aí eu me lembrei do integralista e disse: “Salvo o seguinte episódio”. Hoje eu fico pensando que se algum dia eu tivesse que ser punido por pertencer a um partido político, seria da direita. E, no entanto, aqui em Manguinhos, estamos sendo

acusados de comunistas, de esquerda, não é? Ele disse: “Mas como foi isso aí?” Eu contei o episódio, e ele achou muita graça. “Mas nós temos aqui, nas anotações que recebemos, que o senhor assinava A Classe Operária”. Eu disse: “Não, nunca assinei A Classe Operária. Eu recebia A Classe Operária. E vou lhe dizer que não sei por quê. Alguém me mandava. Assim como eu recebo muita revista médica, não é, e recebo também uma revista – naquela época e até hoje – chamada Scala, que é uma revista de propaganda da República Federal Alemã”. Aí ele virou-se e disse: “Eu recebo também e não sei por quê recebo”; “O senhor está vendo que há sempre uma explicação para os fatos”. Essa revista Scala é muito curiosa e tem coisas muito boas. Só que eu acho que a embaixada alemã deveria se preocupar em ter um tradutor que fosse pelo menos brasileiro para a edição do Brasil, porque usam termos que não são brasileiros.

RG – Portugueses, talvez.

DM – Pois é. E isso causa uma má impressão. Em suma, quando começamos a trabalhar como professores de nível médio, eu fui designado para o Instituto de Educação, porque eu era professor de biologia geral, portanto, biologia educacional, e por ser médico, era também indicado para professor de higiene e puericultura. Mas então, fui designado lá para o Instituto de Educação, ali na Mariz e Barros, mas tinha sido criada, em homenagem à mulher do general Dutra, a Escola Normal Carmela Dutra. E o diretor dessa escola me arrastou para lá.

WH – O senhor conhecia o diretor?

DM – Ricardo Vieira. E aí fiquei lá na Carmela Dutra.

WH Como era dar aula para o curso normal?

DM – Ué, eu usava muito o quadro negro. Hoje o quadro não é mais negro, é verde. E eu sempre tive uma facilidade de fazer esquemas de ciclos evolutivos, de espécies biológicas. Então eu tinha quadros com giz e cores, e as alunas – eram só mulheres, naquele tempo – gostavam muito. Havia sempre uma exposição sobre o assunto do dia, havia os desenhos, aulas práticas quando era o caso, e as alunas traziam – por exemplo, se eu fosse dar uma aula sobre anfíbios – traziam sapos, rãs, e a gente dissecava. Aí aconteceram umas coisas importantes, porque quando nós abríamos, por exemplo, um sapo ou uma rã, nós tínhamos a oportunidade de não só mostrar a anatomia da rã e do sapo, como também de mostrar em diferentes órgãos - como no fígado, na bexiga e no intestino grosso e delgado - os parasitos. E aí elas viam o bicho vivo, algumas queriam colecionar, guardavam, e íamos guardando para quando chegasse a oportunidade de utilizar esse material. Tudo isso correu por conta do nosso aprendizado com o Lauro Travassos, porque ele exigia muita prática. É como nós fazemos aqui na Santa Úrsula. Eu dou aulas, por exemplo, de protozoários, e os alunos fazem infusões de vegetais, e vão examinando na primeira semana, na segunda, e aí já começam a aparecer, porque com a poeira, naquela água das infusões, chegam aquelas formas de resistência de protozoários, de vida livre, que se alimentam naquela infusão e aí se multiplicam. E aí pode-se mostrar um mundo de coisas.

RG – Mas o senhor falava da Carmela Dutra. Fica onde essa escola?

DM – Fica em Madureira. Agora não está mais no lugar onde foi instalada, já mudou para mais adiante. Tem o nome de político importante daquela zona, nome de avenida. Porque ali, quando foi feito há coisa de alguns anos o viaduto de Madureira, congestionou muito, e era justamente onde estava a Escola Normal. Então ela foi para um outro terreno adiante e hoje continua lá. Eu fiquei na Escola Normal Carmela Dutra até 1955, quando um dos professores de lá, Hélio Carvalho de Oliveira Fontes, que era professor de matemática do Pedro II, foi diretor do Pedro II, foi nomeado pelo secretário da Educação, que era o Roberto Accioli – ele ainda está na Secretaria de Educação, trabalhava com a secretária Yara Vargas, que saiu agora para se desincompatibilizar. Mas então, o Hélio Carvalho de Oliveira Fontes foi nomeado diretor do Departamento de Ensino Técnico da Secretaria de Educação e me convidou para ser diretor da Escola Técnica Visconde de Mauá, em Marechal Hermes. Ele tinha um objetivo, queria recuperar aquela escola, que era um internato, era uma escola profissionalizante, com oficinas de mecânica de automóvel, de lanternagem, de tornearia mecânica, tornearia em madeira, fundição. Estava tudo mais ou menos parado.

RG – O senhor sabe em que época foi criada originalmente essa escola?

DM – Essa escola foi construída em um terreno doado por uma guarnição do Exército vizinha.

RG – Mas foi assim atendendo a todo o movimento pedagógico de criação de escolas técnicas de nível secundário?

DM – Foi. Pois é, de nível secundário e profissionalizante.

RG – Foi uma coisa do Getúlio?

DM – Não. Não foi do Getúlio, não. Não, não. Foi uma coisa do Dutra. O Getúlio era o presidente da República. Foi...

RG – Eu digo assim do Getúlio da década de 30.

DM – Não, não. Creio que tenha sido mais tarde. Essa data eu não tenho assim. Se bem que eu tive toda a documentação na mão, porque eu tive uma briga séria com o coronel-comandante, não me lembro mais o nome dele, porque a escola tinha área grande, e se eu queria inaugurar ali o ensino agrícola e ter alguns animais para os alunos aprenderem a lidar com o bovino, com o carneiro, com cabras, eu tinha que cercar a escola. Tinha um pavilhão de aulas recuado, e tinha as oficinas, dos lados. Eu então consegui verba e cerquei a escola. A escola, nos fundos, fazia contato com o Campo dos Afonsos, do Ministério da Aeronáutica. E cerquei também do lado da unidade militar. Se não me engano era um grupo de obuzes, mas que tinha tanques, porque os soldados circularam livremente por dentro da escola. Aquilo criava casos, e mais de uma vez nós tínhamos encontrado granadas dentro do terreno da escola, como ainda aparece. Parece que apareceu recentemente em Jericó,

em Bangu. Então, ficou aquilo cercado, bonito e comecei logo a fazer as hortas. A produção foi tão grande que nós mandávamos para a merenda escolar. Porque nessa escola eram feitos os móveis para algumas escolas, para a Secretaria de Educação.

RG – Então era uma escola bem sucedida, não é?

DM – Os mestres eram competentes, embora alguns fossem praticamente analfabetos. Mas o Mendes de Moraes tinha criado uma figura pejorativa de professor, padrão “O”, professor de nível médio, era o mais alto nível, com uma gratificação ainda. Então chamavam de “O de penacho”. Eu tive isso. Mas acontece que quando se aproximaram as eleições, ele foi procurado pelos mestres de oficina que pleitearam também essa coisa, pois afinal eles eram professores dos mesmos alunos. E o Mendes de Moraes fez o decreto dando. Desde esse dia, eles nunca mais puseram macacão. Andavam de avental branco por dentro das oficinas. Isso começou a fazer decair o ensino, não é?

RG – Por quê?

DM – Porque eles queriam ter as mesmas regalias – não havia regalia – queriam a mesma carga horária dos professores de nível médio, por exemplo, de matemática. Eles iam lá, davam três, quatro horas de aulas e iam embora. Duas, três vezes por semana. Eles não tinham trabalho diário, mas era natural, por causa do aprendizado. Olha, quando eu saí de lá, eu deixei 300 alunos em regime de internato.

RG – O senhor ficou muito pouco tempo?

DM – Fiquei dois anos. Porque quando o Accioli saiu, o Hélio Fontes saiu, eu pedi demissão, apesar de ter sido nomeado um professor com quem eu ainda hoje me dou muito bem: Haroldo Lisboa, que tem ali o nome na UERJ, ali perto do Maracanã, Haroldo Lisboa da Cunha.

RG – Mas o senhor estava contando essa história, e eu acho que o senhor ia fazer uma ligação ou com o Partido Comunista ou com o Partido Integralista, porque foi daí que surgiu o assunto.

DM – É. Porque veio aquela pergunta do general Falcão e eu disse: “Eu pensei que eu pudesse ser penalizado pela direita, não pela esquerda. Essa questão de A Classe Operária, eu expliquei ao senhor. Mas eu nunca fui a uma reunião do Partido Comunista, nunca fui a um comício de Prestes”. Mas aconteceu um fato que nos colocou sempre na alça de mira. Foi em 1945, quando o Prestes fez aquele famoso discurso como senador e eu assinei esse...

WH – Telegrama.

DM – Telegrama. Trinta e tantos assinaram em Manguinhos. E de vez em quando ele ressurge. De modo que agora não há mais motivo para isso, mas eu ainda não tenho muita certeza.

WH – Quem organizou, ou seja, quem se mobilizou por esse telegrama e por essas assinaturas?

DM – Foi um momento nacional. Naturalmente as pessoas, os intelectuais das diferentes áreas se sentiram sensibilizados com aquilo e resolveram dar apoio ao Luís Carlos Prestes, e aí a coisa também... Lá em Manguinhos havia uma célula comunista, ali naquele morro.

RG – Que morro?

DM – Ali onde tem a favela.

RG – Ah, não dentro do Instituto.

DM – Não. Fora. Eu nunca nem fui ver esse negócio lá. Mas eu sei que alguns colegas iam lá.

RG – Eles iam se reunir fora do Instituto.

DM – É. Célula comunista. Um nome assim.

RG – Era um trabalho junto à população local, é isso?

DM – É. Isso mesmo.

RG – Organizado pelos cientistas?

DM – Não. Pelos cientistas, não. Por gente também que não era cientista. Por trabalhadores.

RG – Locais.

DM – Locais e de Manguinhos também.

WH – Funcionários, técnicos...

DM – Técnicos e tudo. E isso ressurgiu, e foi motivo de ser citado.

RG – Isso era um fato notório, todo mundo sabia? Todo mundo sabia quem eram os colegas que participavam, não havia....

DM – É, ninguém fazia escondido, não. Eu fui convidado mais de uma vez, mas eu tinha uma vida muito difícil. Porque eu tinha o meu trabalho em Manguinhos como estagiário e depois como biólogo. Se bem que essa situação de biólogo só veio muito depois, em 1962, quando João Goulart mandou incluir nos quadros do funcionalismo público todos os trabalhadores, de toda natureza, que estivessem recebendo dinheiro do governo federal, a qualquer título.

RG – Quer dizer, não tinha nem nada a ver com o tempo de serviço que o senhor tinha lá.

DM – Não, nada, nada. Apenas eu nessa ocasião era bolsista do CNPq, estava recebendo dinheiro porque trabalhava lá, e fui nomeado. Houve depois um inquérito, presidido pelo Olímpio da Fonseca, lá de dentro, que deu um parecer, porque muita gente que já tinha desistido do estágio voltou para ser nomeado e para se aproveitar desse benefício. E o Olímpio, no relatório final, teve a bondade de citar o meu nome, justamente com o de uma doutora, que eu não lembro como se chamava, como os dois únicos que realmente tinham mérito para serem nomeados.

RG – Por que o senhor ficou esses anos todos lá sem ser nomeado? O senhor não quis ou não houve uma oportunidade?

DM – Não houve concurso. Quando houve o último concurso, eu não tinha feito o curso de Manguinhos ainda. Porque eu fiz em 1944.

WH – O senhor fez o curso de aplicação?

DM – É. De aplicação.

WH – E era exigência para fazer o concurso?

DM – Era. Se bem que, eu não tenho muita certeza, mas tenho a impressão de que essa exigência foi esquecida para alguns.

WH – Na mesma época?

DM – Na mesma época.

WH – Quando foi esse concurso?

DM – Se não me engano foi em 1944.

RG – Então o senhor foi bolsista esses anos todos, ganhando...

DM – Não.

RG – Ah, sim, naquela época nem tinha CNPq ainda.

DM – Em 1946 ou 47<sup>1</sup>, o Olímpio da Fonseca foi nomeado diretor de Manguinhos. Então, ele quis fazer um apaziguamento, porque lá em Manguinhos sempre houve grupos – agora eu não sei como é que está a situação, porque eu estou afastado de Manguinhos há muito tempo. Mas foi uma época, por exemplo, em que o César Pinto fez um levantamento da produção científica dos pesquisadores de Manguinhos e publicou isso numa revista

---

<sup>1</sup> A nomeação de Olímpio da Fonseca Filho ocorreu em 1949.

chamada O Campo.

RG – Que saía lá mesmo?

DM – Não. Era uma revista avulsa, que tinha trabalhos muito interessantes sobre veterinária, sobre a agricultura e sobre assuntos assim desse tipo. Então verificou-se que alguns pesquisadores estavam ali quase desde o tempo de Oswaldo Cruz e nunca tinham produzido um trabalho científico.

RG – Foi César Pinto quem fez isso?

DM – Foi. Ele era um homem de briga. Era um gaúcho de briga.

RG – Mais um gaúcho de briga.

DM – Mas era um homem muito inteligente e trabalhador. Parece que eu estou vendo ele sentado lá no nosso laboratório conversando com o Travassos – porque ele foi assistente do Travassos, quando o Travassos, certa época, foi professor em São Paulo, na Faculdade de medicina. E então ele tinha um hábito curioso de sentar em cima da perna. Ele dobrava a perna no assento e sentava em cima. Eu não sei como ele agüentava ficar tanto tempo assim.

RG – Tem pessoas que têm esse hábito.

DM – É. Como o Proença – ele era matogrossense -, que ficava de cócoras às vezes uma hora, conversando conosco sobre assuntos dos mais variados, científicos e tudo.

RG – Pintando um cigarrinho de palha, por acaso?

DM – O nosso laboratório era um laboratório muito democrático, apesar do Travassos ser um homem, politicamente, mais descambando para a direita.

WH – Por que o senhor diria isso?

DM – É como eu disse, porque o Travassos era um admirador incondicional do Carlos Lacerda. Ele participou daquela campanha, inclusive, de mandar um dólar para o Lacerda quando ele estava mais ou menos exilado nos Estados Unidos. O Lacerda foi um dos políticos brasileiros que lutou pela revolução, lutou para derrubar o João Goulart, e foi talvez o primeiro a ser traído pela revolução. Porque o primeiro presidente tinha prometido que convocaria eleições imediatamente, logo que fosse possível. Nisso ele foi ficando, e se passaram 21 anos.

WH – O senhor falava que o laboratório era democrático, apesar do Travassos.

DM – Era democrático e muito procurado. Mesmo pessoas que depois se tornaram antipáticas conosco, como por exemplo o Henrique Aragão, que foi diretor também.

RG – Foi. O Aragão ficou até 50. Quer dizer, essa fase sobre a qual o senhor falou deve ter sido depois, não é? O Olímpio deve ter entrado depois do Aragão.

DM – É. O Olímpio entrou justamente em 50. Porque houve o congresso de microbiologia. Inclusive eu publiquei um trabalho nas Memórias, nesse congresso. Mas eu disse que o Olímpio quis normalizar a situação. Então, ele, que não se dava muito bem como o Travassos – não sei bem por que o Travassos não se dava bem com ele. Mas o Olímpio foi um sujeito difícil a vida toda dele. Ele teve a maior equipe de assistentes de parasitologia que um professor pode desejar, inclusive o César Pinto.

WH – Ele trabalhava com parasitologia?

DM – Ele fez concurso para a antiga Faculdade Nacional.

WH – Ele se formou com o Travassos?

DM – Isso eu não sei. Não sei mesmo. Não me lembro. O Olímpio teve Júlio Muniz, como assistente, César Pinto, Herman Lent, Rui Gomes de Moraes, que inclusive era sobrinho dele, com quem eu trabalhei também, já morreu, e ele rapidamente brigava com esse pessoal todo.

WH – Por que brigava?

DM – Ele sempre foi muito vaidoso. Apesar de ser um homem pequeno, era muito vaidoso. Ele viajou o mundo inteiro, fez coleta de material no Japão, era um homem de valor. Um grande micólogo. Um homem que foi chefe da micologia até praticamente o Rocha Lagoa tomar posse. Area Leão, Area Leão, também foi um grande micólogo. Então, ia todo mundo lá para o nosso laboratório para tomar café, conversar. E o Aragão era um que chegava no instituto às duas horas da tarde e subia para o laboratório do Travassos, nem ia no laboratório dele, dali ele ia embora outra vez.

WH – Quer dizer, o Travassos era uma pessoa que além de ser formador de uma escola, aglutinava as pessoas que trabalhavam...

DM – Eu não conheço nenhum igual ao Travassos.

WH – Ele era o único, naquela época, que formava gente na área de parasitologia, entomologia?

DM – Era.

WH – No resto do Brasil também?

DM – Não. No Brasil houve outro. O Pessoa, que foi professor...

WH – Samuel Pessoa.

DM – Samuel Barros Leite Pessoa, que é autor do melhor livro de parasitologia que nós temos. Já está na 11ª edição, hoje assinado por um ex-diretor de Manguinhos que trabalha em Minas, Belo Horizonte, Amílcar Viana Martins. Porque o Pessoa morreu. O Pessoa foi muito perseguido porque a mulher dele era comunista – as pessoas até costumavam dizer que o comunismo do Samuel Pessoa era mais uma doença venérea. (rindo) Porque era a mulher, não é? E ele teve a maior equipe – a do Travassos se comparava também – de parasitologistas, do Brasil e das Américas.

RG – E eles teriam linhas diferentes de trabalho?

DM – Não. O Travassos era essencialmente o cientista que pesquisava, fazia ciência pura, sem qualquer conotação de aplicação didática. Diferente do Samuel Pessoa, que fazia os seus trabalhos, mas principalmente para publicar seus livros.

RG – Mas não uma coisa voltada para a saúde pública...

DM – Era sim. Samuel Pessoa tem obras sobre saúde pública, sobre saúde pública no meio rural, tudo isso.

WH – E havia algum tipo de problema entre as pessoas que trabalhavam com saúde aplicada, no caso a escola de Samuel Pessoa, e as pessoas que trabalhavam com o Travassos em assuntos puros?

DM – Tinha sim. Lá no Travassos todos seguiam mais ou menos a linha do Travassos. Era colecionar material, identificar material, comparar com o que já tinha sido feito no resto do mundo, e então descrever, quando eram coisas novas para a ciência. César Pinto foi um dos poucos que publicou livros com finalidade didática: Os Zooparasitos, Interesse Médico e Veterinário.

RG – Vocês tinham contato com aquele grupo do Pessoa?

DM – Ah sim. O pessoal vinha muitas vezes ao Rio. Havia intercâmbio.

RG – E não havia competição, hostilidade?

DM – Não. Não. Havia uma admiração grande.

RG – De parte a parte.

DM – De parte a parte. Isso. Porque um grupo impulsionado pelo Travassos, mas chefiado praticamente pelo Herman Lent, conseguiu, com o prestígio do Travassos, que o Guilherme Guinle financiasse a Revista Brasileira de Biologia.

#### Fita 4 - Lado A

DM – E O Herman Lent era o editor. E o Travassos foi como Herman Lent ao Guinle – o Guinle era muito amigo dele – pra tratar desse financiamento, dessa concessão. O Guinle era presidente da Companhia Docas de Santos, e por causa da amizade como Travassos, provavelmente, e também porque era um homem de visão, financiou a revista enquanto foi vivo. Depois, ainda com o prestígio do Travassos e do Herman Lent, e como a revista era uma revista vitoriosa, de divulgação mundial, a família continuou a financiar. Então, esse pessoal do Pessoa, o Hildebrando Pereira da Silva, que está em Paris...

RG – Ele é cria do Pessoa?

DM – É. E o casal Victor e Ruth Nussenzweig, que trabalha em Nova York. Os três estão trabalhando na vacina da malária, que parece não vai demorar muito a aparecer.

RG – Que bom. Porque apareceu malária agora aqui, não é? O senhor viu no jornal hoje?

DM – Pois é. Novamente. Ali em Santa Cruz. E por falar nisso, esses jornais precisavam ter uma assessoria, porque os nomes saem todos errados. Hoje, por exemplo, eles falaram no agente da terçã maligna, que é o *Plasmodium falciparum*, e saiu lá Plasmodium ciparum, comeram o fal. De modo que havia esse intercâmbio por causa desses trabalhos. O Herman recebia os trabalhos dele e o corpo editorial lia, punha dentro das normas técnicas, não é? E então, todo esse pessoal que trabalhava em parasitologia no Brasil, em Belo Horizonte, na Bahia, em Porto Alegre, eles tinham esse contato constante conosco. E mais ainda, vinham pesquisadores de universidades do Norte, como a de Recife, por exemplo, colecionavam material e vinham estudar em Manguinhos com especialistas. Vinham do Instituto da Amazônia... De modo que em Manguinhos tinha sempre gente trabalhando no nosso laboratório. E foi realmente o Travassos o maior formador de escola, nesse sentido, até maior do que o Pessoa, na América do Sul. Porque argentinos, uruguaios, paraguaios, venezuelanos, estavam sempre por aqui.

WH - Uma pessoa pode ser considerada, como o Travassos, formadora de escola quando ela cria uma maneira própria de trabalhar, uma metodologia própria no estudo científico? É nesse sentido que se poderia falar em criar escola?

DM – É. Porque ele tinha uma capacidade enorme de trabalho. Ele raramente faltava ao Instituto. Ele excursionava. Conseguiu, certa época, com um major do Exército, Marinho Lutz - eu acho que não era parente do Lutz – que era o diretor da Escola da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que se preparasse um vagão que funcionasse como laboratório, e que se metesse o vagão numa composição. Quando chegasse no Pantanal do Mato Grosso, nas diferentes estações, desligavam o vagão e depois, quando a composição voltasse, o trazia de volta. O pessoal fazia ali uma coleta em pessoas, em todos os animais. Quando nós fomos afastados de Manguinhos, tínhamos cerca de mil lâminas colecionadas deste jeito.

RG – O senhor chegou a participar dessas excursões?

DM – Eu nunca fui. Porque não havia possibilidade, eu não era funcionário de Manguinhos, eu era bolsista. Mas eu participei de outra forma. Publicando. Examinando o material e publicando uma série de trabalhos, Excursões Helmintológicas Realizadas no Pantanal do Mato Grosso.

RG - O senhor lembra que pessoas participaram desse tipo de ...

DM – Iam o Travassos, o Herman Lent, Teixeira de Freitas, Cavalcanti Proença.

RG – Porque o Hugo também não ia. Ele disse que não gostava muito.

DM – É. Ele não gostava muito. Não era bem isso. O Hugo, ele sempre foi muito agarrado às duas filhas e depois aos netos.

RG – Ele é um homem da família, da casa.

DM – É. Às vezes a mulher dele telefonava para lá para dizer que uma das filhas estava febril. O telefone era perto do Herman Lent, e ele dizia: “Já vai para casa, não é? A Marlene está com 37,2, não é?” (rindo).

RG – O Herman já sabia tudo.

DM – Já. O Hugo contava, e era aquela zombaria. Então, esta capacidade de trabalho possibilitava a quem estava lá trabalhar em helmintologia e em outras coisas. Porque o Travassos tinha um hobby, que eram as borboletas noturnas, e as borboletas estão no Museu Nacional, sob a guarda do Alfredo Rego Barros, que foi colaborador do Travassos. Ele ainda está lá trabalhando. E assim foi esta fase da nossa vida.

RG – O senhor contou que o Aragão chegava às duas da tarde, ia direto para o laboratório, depois nem subia e ia embora. Por que? Ele não trabalhava muito?

DM – Ele trabalhou muito, no início da vida. Fez trabalhos notáveis, mas depois, como diretor de Manguinhos, ele quis embelezar Manguinhos. Então começou a plantar muitas árvores lá. A maior parte do que está lá foi plantado por ele. Mas era um homem de sociedade, não é? Até outro dia nós encontramos com o filho dele aqui no La Mole: Mário Aragão.

RG – Médico, pesquisador?

DM – Eu não sei onde é que ele está, não sei se ele é médico. Ele é biólogo, com certeza. Ele é antes de mais nada um ecólogo. Mário Aragão. Eu não sei onde ele está atualmente, se está em Manguinhos ou não.

WH – Não<sup>2</sup>.

DM – Acho que não, não é? Em 1955, eu disse que saí da escola Técnica Visconde de Mauá, e aí fui transferido para uma escola de nível médio, no centro da cidade.

RG – Como é que o senhor conciliava? Nessa época o senhor ia uma parte do dia para Manguinhos, outra parte dedicava ao magistério, e o que mais?

DM – Tinha outra coisa que eu fazia. Porque no magistério do estado a gente trabalhava dias alternados, e eu sempre pedia um horário à tarde. Em Manguinhos eu chegava sempre às sete horas da manhã, porque cumpria a minha carga horária e à uma hora da tarde eu estava saindo. E nesse meio tempo, em 1950, o Rui Gomes de Moraes, que era o titular de parasitologia do atual Centro de Ciências da Saúde, da UniRio, me convidou para ser chefe do laboratório lá.

RG – Onde o senhor tinha estudado?

DM – Onde eu tinha estudado.

RG – Pois é. Acho que o senhor vai ter que contar agora essa história, porque senão vamos ficar com esse buraco negro.

DM – É. Justamente.

RG – Como é que o senhor começou a estudar medicina? O senhor me contou particularmente isso, mas eu gostaria que o senhor dissesse no seu depoimento. Por quê o senhor quis fazer medicina?

DM – Eu tinha vontade sempre de fechar o círculo das especialidades da área médica. Então, veterinária, biologia e medicina. Em 1943 eu fiz o vestibular. Em 1947 coleí grau. Em 1950 entrei como chefe de laboratório.

WH – Da mesma universidade?

DM – É. Dessa atual UniRio.

WH – O senhor podia contar como foi o curso de medicina?

DM – Ah, muito irregular. Os cursos nas faculdades de medicina, em qualquer uma delas, tem falhas, muitas falhas. Algumas são muito boas num setor, como está onde eu me formei, que tem uma tradição na anatomia.

RG – Quem era o chefe da cadeira? Qual era a tradição?

---

<sup>2</sup> Mario Aragão trabalha na Escola Nacional de Saúde Pública, na Fiocruz.

DM – O chefe, quando foi fundada, era Benjamin Baptista. E o Pavilhão de anatomia tem o nome dele. Ele tinha um filho, Benjamim Vinelli Baptista, que era um homem sistemático, bom, excelente professor. Um vozeirão enorme, pesando mais de 150 quilos... Nasceu com um defeito. Tinha um braço mais curto que o outro. Mas era um excelente cirurgião. Foi chefe de equipe no Pronto Socorro, atual Souza Aguiar. E formou, talvez, a melhor escola de anatomistas, eu acho, do Brasil. Ainda está lá Jair Ramalho, como titular, que foi monitor dele, depois foi assistente, fez concurso e foi ficando. E outros também foram se especializando.

RG – Como era o nome original dessa escola?

DM – Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hannemaniano.

RG – O senhor lembra quando ela foi criada, aproximadamente?

DM – Ah, não me lembro não. Deixa eu ver. Eu tenho a impressão de que foi na década de 30 ou 40.

RG – Era uma escola muito nova quando o senhor estudou lá.

DM – É. Isso mesmo, 30 ou 40. O prédio era um prédio muito antigo, que depois foi demolido. Hoje está ali naquela esquina, e no paredão da frente tem o busto de Oswaldo Cruz.

WH – Alguma razão?

DM – Foi uma homenagem prestada pelo Instituto Hannemaniano mas influenciada por um professor de Manguinhos, Mário Vianna Dias.

WH – Que era professor da faculdade.

DM – Que fez concurso para lá por insistência minha.

RG – Vocês eram amigos? Vocês são contemporâneos, não é?

DM – É. Ele trabalhava no segundo andar e nós no terceiro, ali naquele pavilhão chamado de Vírus. Mário Vianna Dias trabalhou com o Miguel Osório de Almeida, juntamente com o Haity Moussatché, que está na Venezuela. O curso tinha altos e baixos, como eu disse. A fisiologia era um dos mais baixos, e aí deu um pulo, um salto extraordinário, quando Mário Vianna Dias entrou, porque ele inaugurou aulas práticas e tudo mais.

WH – Não havia aulas práticas em fisiologia, lá?

DM – Nada. Puramente teórico. Dado por um coronel médico do Exército.

RG – Quer dizer, o senhor estava lá, via que o curso era deficiente e por isso deu uma força

ao Mário...

DM – Não. Fiz mais. Ali foi a primeira e única revolução que eu fiz.

RG – Como é que foi?

DM – Porque eu já era formado em veterinária, e aí comecei a ver, nas aulas de fisiologia dadas por esse homem, erros tremendos. Inclusive de grafia de nomes de cientistas.

RG – Era um grande ignorante, o professor?

DM – Era completamente ignorante. E obrigava os estudantes a estudarem num livro dele, num livresco, dois volumes que eram uma cópia mal feita, mal traduzida, de livros franceses. Então, eu já me dava muito bem com o professor de farmacologia, Paulo de Carvalho – ele está aposentado agora, da UFRJ -, e o Paulo de Carvalho me estimulava nessa campanha. Porque ele achava que os alunos – a fisiologia é imprescindível para a farmacologia – não chegavam com base. Eu tanto fiz – eu era do diretório central dos estudantes – que acabamos fazendo uma fogueira do livro do homem (risos) no pátio da escola.

WH – Os alunos também se mobilizaram.

DM - Ah, se movimentaram. Eu tinha uma certa influência porque já era formado em veterinária. E podia, afinal de contas, ajudar, como ajudei muitos. E tinha o Cílio Pereira Lima, que era um professor de clínica cirúrgica, coronel-médico do Corpo de Bombeiros, e que também acompanhava aquela situação. Então, ele reuniu a congregação e propôs a aposentadoria do coronel. Foi aí que eu falei com o Mário Vianna Dias, e ele se inscreveu e fez o concurso. Eu falei também com o Haity. Mas o Haity nunca esteve muito interessado por esse tipo de magistério, ele sempre quis fazer pesquisa de laboratório, aulas práticas, como está fazendo, lá na Venezuela. E aí melhorou muito o curso. E havia excelente professores – por exemplo, na área cirúrgica, o Augusto Paulino, pai, o Augusto Paulino, filho, com enfermarias próprias na Santa Casa. E aí, a maior parte das aulas eram dadas na Santa Casa, na área profissionalizante. De modo que, atualmente, há escolas que continuam a apresentar – por exemplo, a Escola de Nova Iguaçu tem um professor de anatomia que foi da escola do Vinele Baptista, Severino Ramos. O Severino é um sujeito de uma organização extraordinária – ele foi meu aluno, ele e a mulher dele foram meus alunos – e ele continuou a lecionar anatomia. Depois ele fez uma especialidade médica, urologia, e passou a ser professor de urologia também, onde ele é cirurgião. E o Severino elevou muito o nível da anatomia em três escolas: em Vassouras, de onde depois ele pediu demissão por discordar da orientação do general Severino Sombra – que foi integralista, da Câmara dos 40. Ele saiu de lá e foi para Nova Iguaçu. E o curso de Nova Iguaçu é duríssimo. Depois eu, quando fui coordenar de nutrição aqui, ao organizar o corpo docente, chamei o Severino, e ele continua aqui.

RG – Aqui na Santa Úrsula.

DM – Na Santa Úrsula. De modo que há altos e baixos em todas as escolas. Se for na UniRio, há grandes falhas, mas também há cursos muito bons.

WH – Mas não há integração na universidade, ou seja, ela...

DM – É muito difícil. Isso não existe. A parte básica do Fundão está muito deficiente. Foi decaindo, decaindo. Agora, tem outros setores. Por exemplo, o Hospital de Clínicas do Fundão tem setores muito bons, porque dependem do chefe da enfermagem, mas o governo não dá os elementos necessários. Porque a meu ver, lá no Fundão, onde eu outro dia fui assistir a uma defesa de tese e não assisti, porque quando íamos chegando, a chofer parou bruscamente o ônibus e gritou para trás: “É melhor todo mundo se deitar no chão porque está havendo um tiroteio ali na frente, defronte da favela da Maré”. Eu aí...

RG – O senhor desistiu.

DM – Eu disse: “Bom, não adianta nada deitar, porque essas balas aí atravessam essa lataria com a maior facilidade”. Aí eu pedi ao chofer para saltar, ele relutou, mas me deixou saltar. E atrás tinha um carro que estava manobrando para voltar e me ofereceu uma carona e eu voltei. De modo que essas experiências vão marcando. Apenas como detalhe, para mostrar que a gente não sabe mais o que fazer. Eu costumo ir a Vassouras, num lugar chamado Barão Vassouras, na beira do Paraíba, onde eu tenho uma casinha. Desde mil novecentos... desde a cassação. Porque foi para lá que eu levei uma grande quantidade de livros.

RG – O senhor comprou essa casa?

DM – Era uma casa abandonada. Basta dizer que eu comprei, na época, por oito milhões. Aí comecei a reformar, e agora é uma casinha muito gostosinha. Vou lá de 15 em 15 dias, sexta-feira é dia de ir. Mas eu estou com medo, pelo seguinte, o ônibus em que eu vinha – foi no dia do primeiro jogo do Brasil, eu saí de lá às 9:30 h... Eu tenho que tomar uma condução até a rodoviária de Vassouras, e aí eu pego um ônibus da empresa Pedro Antônio, Vassouras-Rio. Eu vinha vindo, o ônibus passou pelo pedágio, e uns cinco minutos depois nós ouvimos um vozerio atrás. Pensei que era uma briga, mas aí o homem alterou a voz e disse: “Olha, fiquem todos calmos, que é um assalto. Nós só queremos o nosso ganho. Se ninguém se mexer, ninguém se machuca”. E um deles veio – eu estava sentado na poltrona 4 – veio se postar na minha frente com um revólver 38, a menos de meio metro do meu peito, e eu vendo aquele dedo no gatilho e o buraco do revólver...

RG – E o homem estava calmo?

DM – Não parecia calmo, não. Ele disse ao chofer: “O senhor vá pela esquerda. Se alguém pedir passagem, venha para a direita e volte para a esquerda. Sempre entre 80 e 90. Não dê nenhuma pala de que o ônibus está sendo assaltado, que o senhor não se machuca. Não quero nada seu”. Fizeram a limpeza e levaram o meu relógio, que estava comigo já há 15 anos. E uns trocadinhos, pouca coisa. Eu tive que tomar um táxi, parar na porta de casa, subir...

WH – E apanhar dinheiro.

DM – Mas sabem o que é pior? É que no sábado, o Fontana passou o mesmo. Pedro Fontana, professor em Vassouras, que foi de Manguinhos. Um que tem uma cabeleira branca. Químico. Está no Câncer, agora.

RG – Acho que o senhor falou dele conosco.

DM – Falei, naquele momento. Pois houve um assalto, mas havia um soldado atrás, e quando o bandido falou, ele fuzilou o bandido. O companheiro do bandido fuzilou o soldado e um outro feriu um passageiro.

WH – Que horror!

DM – Pois é. Diz o Fontana que houve cerca de dez tiros.

RG – E o senhor está com medo de pegar esse ônibus, claro, com toda a razão.

DM – Pois é. Mas eu acho que é a mesma quadrilha. E aí eu fico pensando: será que eles não vão fazer uma pausa? Porque se eu não puder ir por Vassouras, eu terei que ir por Barra do Piraí, e vai levar mais uma hora a viagem.

RG – É. Mas antes disso a gente estava falando sobre o Fundão, sobre o ensino nas escolas de medicina. O senhor estava falando, na verdade, da sua época, não é?

DM – Querem saber de uma coisa? Eu tenho um sobrinho que quer por força fazer educação física. Fez dois vestibulares, um na UERJ outro no Fundão. Ele passou direto no Fundão. Na UERJ ele ficou aguardando classificação, e acabou desistindo do Fundão porque não tinha motivação. Agora fez para a Gama Filho e está gostando. Só que a Gama Filho é cara, não é?

RG – A Gama Filho, nessa área de educação física, é muito boa.

DM – Na educação física, pois é. De modo que escolas médicas perfeitas, nós estamos muito longe de ver.

RG – Nós estamos longe da perfeição em tudo, não é? (rindo) Atualmente, estamos bem longe.

DM – Porque houve sempre uma grande parte de improvisação. Vejam hoje, por exemplo, a histologia, que no Fundão teve sempre uma tradição da família Bruno Lobo. O Bruno, pai, era da microbiologia. Mas os filhos, Francisco e Bruno Alípio, foram da histologia, e acabaram se aposentando. E aí houve muito professor que fez mestrado, fez doutorado, e tem direito a ser titular. Chegaram lá os professores adjuntos, pleitearam, foram para a Justiça e acabaram ganhando. Deve ter cerca de dez titulares lá, em histologia. Então, é uma confusão muito grande.

RG – Quer dizer, o senhor acha que o sistema atual também não é o...

DM – Por exemplo, parasitologia. O curso que eu dou aqui, o curso que eu dou em Nova Iguaçu e o curso dado pela equipe que eu deixei em Valença e na UniRio – eu às vezes pergunto a alunos que se transferiram, e eles acham que o do Fundão é muito pior. O da UERJ também, tem altos e baixos.

RG – Essa escola de Nova Iguaçu é particular?

RG – É. É a Sociedade de Ensino Superior de Nova Iguaçu, SESNI.

RG – É que a gente não sabe nada dessas escolas, só conhece as escolas clássicas, tradicionais.

DM – É. Por exemplo, Valença é particular. Pertence à Fundação Dom André Arcoverde. A UERJ é do estado. A UniRio é do Ministério da Educação, em regime de fundação, e o Fundão é do Ministério da Educação.

RG – Mas por exemplo, essa escola de Nova Iguaçu é uma escola razoável, o senhor diria?

DM – É. Inclusive porque tem um hospital de clínica muito bom.

RG – Porque a de Valença já é bem conhecida. Agora a de Nova Iguaçu...

DM – Na de Valença também o hospital está muito bom. Mas houve uma série de problemas em Valença com relação à administração da Fundação Dom André Arcoverde. Então os alunos começaram a protestar, porque estava andando muito devagar a construção do hospital de clínica. Aí é que foi o erro dos estudantes, porque o que estava errado era a fundação, e não a faculdade. E aí o ministério fez uma intervenção na faculdade de Valença, e muitos saíram, inclusive eu. Eu saí de lá em 1981.

RG – O senhor entrou para lá depois que saiu de Manguinhos, ou o senhor já estava ligado a esse pessoal antes?

DM – Eu já estava. Porque o achatamento dos nossos salários era muito grande, e as dificuldades aumentavam. Então me ofereceram para ser professor lá em Valença. Como eles me ofereceram condução daqui do Rio a Valença e de Valença ao Rio, e a gente dormia uma noite lá e saía de lá no dia seguinte às quatro da tarde, nós arrumamos o nosso horário. E me deram permissão para indicar cinco assistentes, dos quais três estão lá ainda, e três estão na UniRio. De modo que eu saí, mas logo depois o diretor de Nova Iguaçu, que tinha saído também numa intervenção – ele tinha sido aluno, é um coronel do Exército – me convidou, e em 82 eu fui para lá.

RG - Esse coronel sabia da sua história toda de Manguinhos e não ficou...

DM – Toda. Pois ele era estagiário lá em Manguinhos! Com esse... um patologista que está muito doente, agora não me ocorre o nome dele.

#### **Fita 4 - Lado B**

RG – O senhor dizia que o coronel que o chamou para trabalhar em Nova Iguaçu tinha trabalhado em Manguinhos e, portanto, sabia da história dos cassados.

DM – Porque lá em Valença, como em todas as guarnições do Exército – lá tem uma guarnição -, o comandante é um elemento do SNI. E ele recebe correspondência do SNI com a lista de pessoas que não devem trabalhar em determinados locais. E o diretor, na época, teve um comportamento muito legal comigo, porque no dia seguinte ao da cassação eu tinha que dar aula e eu fui a ele – João Elias de Araújo – e disse que tinha sido cassado. Ele disse para mim: “Olha, Domingos, eu recebo – e por sinal está aqui na mesa uma última lista que chegou – listas de pessoas que não podem trabalhar aqui na faculdade, estudantes que não podem estar aqui”. Ele disse: “Você continua, porque enquanto não chegar o seu nome, sua vida aqui é normal”. E nunca chegou. Aliás, por sinal, um dia houve uma solenidade lá nesta guarnição militar, e diretor me convidou, e eu achei que devia ir. Fui, fui apresentado ao comandante, conversamos muito, ele me perguntou onde é que eu trabalhava, e eu disse: “Não trabalho em lugar nenhum mais, porque eu fui... fui punido pelo AI-5”. Ele disse assim: “Mas, como é seu nome?”; “Domingos Artur Machado Filho”. Ele disse: “Não, o seu nome nunca chegou aqui”. Eu disse: “É, o diretor João Elias me disse a mesma coisa, e por isso eu continuo a dar aulas”. E eu fui trabalhar em Nova Iguaçu, onde eu estou. Mas estou sentindo que vou ter que parar, porque estou ficando cansado. Por exemplo, aqui na Santa Úrsula, cada vez que eu atravesso essa passarela é um sacrifício. Porque chega lá em cima, eu tenho que parar. Aqui, desse lado, tem uma sala com uma imagem de Cristo, com umas cadeiras. Toda vez que eu venho do outro lado, da sala do meu laboratório eu paro ali para sentar um pouco e poder subir o resto.

RG – Muita escadaria.

DM – Muita. E rampa também. Bom, Ah, sim. Afinal em Medicina, o curso não foi melhor nem pior. Para mim foi fácil, porque eu já trazia um substrato da veterinária e da biologia que me facilitou muito.

WH - Dr. Domingos, eu queria lhe fazer uma pergunta. Já que a gente está falando em ensino, em universidade, o senhor poderia fazer uma análise do próprio curso universitário em geral? Apontar as deficiências, mais na estrutura, e alguma solução que o senhor veja?

DM – Olha, 1968, eu fiz concurso de livre docência na UniRio, em parasitologia. Eu falei 68, mas foi em 82. Fiz a tese em Manguinhos. Em 68, o Rui Gomes de Moraes se aposentou, porque ele queria se valer de uma lei que estava em extinção que dizia que o funcionário público, quando se aposentava em final da carreira, tinha 20% de gratificação. Como ele era o titular ali na UniRio e titular na Nacional de Farmácia, ele se aposentou e ganhou 40%. Então, fiz o concurso e fui nomeado logo titular. Mas levei pouco tempo. Porque ele se aposentou em 68 e em 70 foi o AI-5. De modo que o regime de livre docência foi uma

grande instituição. Eu mesmo tive aulas com professores que não eram os catedráticos, e sim livre docentes.

WH – Em que isso influenciou no ensino?

DM – Porque eles eram especialistas que não podiam penetrar no corpo docente porque a vaga estava ocupada, não é? Sendo livre docente, ele poderia se candidatar a catedrático, mas isso atrasava muito. Então, foi feito no Ministério da Educação, foi proposta uma lei que permitia, nas faculdades, no nível superior, que os livre docentes abrissem inscrições para o seu curso. E esses professores, como tinham mais nome, então as turmas eram maiores do que as do professor catedrático, do quadro.

WH – O senhor falou em cátedra, mas por exemplo, a Universidade de Brasília foi toda montada em sistema de departamento, para acabar com esse esquema de cátedras. Como é que o senhor viu isso?

DM – Foi, é claro. O sistema de cátedras era o problema de vitalidade, não é? O sujeito era o dono até morrer, ou até ser aposentado na compulsória, era o dono daquilo. E isso criava uma série de problemas. Por exemplo, dinastias que se formavam dentro do magistério superior. Professores que conseguiam arrastar irmãos, filhos e sobrinhos, e iam colocando. De modo que quando ele saía, era muito difícil que um desses não o substituísse. Tem muitos casos na história de ensino superior no Brasil, principalmente na medicina. E depois houve uma série de modificações, uma série de reformas que foram prejudiciais. Por exemplo, a última grande reforma tem criado grandes problema, que é o sistema de créditos. O sistema de créditos é uma cópia do que se fez nos Estados Unidos, e muitas universidades americanas estão terminando isso.

RG - Ah, é? Não sabia, não.

DM – Estão terminando. A universidade de Goiás já terminou.

RG – O que eles propõem como alternativa?

DM – Como alternativa, não. Voltar ao regime anterior seriado. Como está acontecendo em Nova Iguaçu, onde havia o sistema de créditos e se voltou para o seriado.

WH – Em que o regime de créditos é prejudicial?

DM – O regime de créditos cria situações difíceis de resolver. Por exemplo, um estudante, ele só pode se matricular em sete, oito ou nove disciplinas, fazer no máximo 30 créditos por período. E acontece que se ele é reprovado numa disciplina que não vai ser oferecida no período seguinte, ele fica com aquele buraco. Se isso é disciplina obrigatória, tem que esperar. Isso aconteceu com um grande número de alunos do curso de nutrição, principalmente na passagem do básico para o profissionalizante. E aí, de repente, ele tem que estudar uma alternativa. Dar um curso de férias, para que alunos que estão devendo se inscrevam e possam completar o seu currículo.

WH – Inclusive, Dr. Domingos, existe uma interpretação de que a universidade atualmente, mais do que formar pessoal qualificado, pelos próprios métodos de ensino, ela forma pessoal quantitativamente, e gente mais ligada à parte técnica.

DM – É. Isso foi o problema da massificação do ensino superior durante a gestão do ministro Passarinho. E depois, para resolver o problema dos excedentes dos vestibulares. Então, o número de vagas foi aumentando em uma porção de escolas. A primeira turma que entrou para Valença ficou conhecida como turma D. Yolanda Pereira, porque ela conseguiu com o marido autorização para que a escola funcionasse, e havia o interesse do Passarinho, porque havia 420 excedentes que foram matriculados lá.

RG – Pessoal aqui do Rio?

DM – Do Rio, de São Paulo e de vários lugares. Gente até de Goiás. Como está acontecendo ainda, só em menor número. Então, depois veio o problema da redução do número de alunos. Valença caiu de 420 para 220.

DM - Porque os laboratórios não comportavam, as aulas práticas não podiam funcionar. Então, o aluno só voltava para uma aula de microscopia de mês em mês. Era um curso muito prejudicado. Na anatomia, por exemplo, em que as aulas de dissecação são feitas por grupos de alunos - três ou quatro alunos funcionando na região cervical anterior direita, na região cervical anterior esquerda. No fim a mesa tem 20 alunos ali, dissecando diferentes regiões do corpo. Isso não pode funcionar. Então os alunos começam a lançar mão de uma porção de artifícios para melhorar essa situação. Pagam aos serventes para ir de noite lá. Agora mesmo, eu tenho um sobrinho que vai lá para o anatômico de Vassouras e sai de lá a uma hora da madrugada. Porque senão ele não vê nada direito. De modo que o ensino superior tem muitas falhas de pessoal especializado, principalmente. Hoje é muito difícil conseguir um professor em determinadas áreas, como parasitologia. Professor categorizado. Microbiologia. Fisiologia, nem se fala. É uma crise total. Por quê? Como é que se faz?

RG - É. De onde poderiam sair esses professores?

DM - É a tal história. O professor é um autodidata. Um amigo de um titular, que o titular nomeia assistente, e que vai, aos trancos e barrancos, tentando solucionar suas dificuldades.

RG - O senhor diria que, com toda essa questão de Manguinhos, do afastamento desse grupo de vocês, foi uma fonte de formação de pessoal que desapareceu?

DM - Especialistas. E era. E era. O curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, os estagiários que iam para os laboratórios estagiar, como eu fui, e como foram Herman Lent, o Hugo de Sousa Lopes e muitos outros.

RG – O pessoal da fisiologia, não é? O Mário...

DM – Pois é. Eu me lembro que uma ocasião o Travassos vinha com o volume das Memórias, atravessando o pátio, quando encontrou o Aragão. Aí – eu tinha um apelido que eles gostavam muito, que vinha do tempo em que eu remava, o Travassos era meu fã e assistia às regatas – ele disse assim: “Saiu o primeiro trabalho do Mingote”. Mingote era diminutivo de Domingos. E o Aragão perguntou: “Mingote? Quem é Mingote?” “ O Travassos disse: “É o Domingos”; “Domingos? Quem é Domingos?”. Aí vinha chegando. Ele me chamou: “É esse aqui”; “Ora bolas!” (rindo). Ele já me conhecia muito bem, mas não sabia o meu nome.

RG – Foi na época em que o senhor ficava naquela mesa e via todo o movimento passando. Todo mundo via o senhor, o senhor via todo mundo.

DM – Passando. Pois é. Há muita coisa a ser feita no ensino superior. Agora parece que tem uma comissão trabalhando nisso, recebendo sugestões. Mas...

RG – Chamaram gente da área de vocês? Tem gente de todas as áreas?

DM – É. De todas as áreas.

WH – Isso tem alguma coisa a ver com a Constituinte, com todo esse movimento?

DM – Também. Porque, provavelmente, vão ser inseridos na Constituinte alguns artigos para reger essa parte.

WH – E o que essa comissão está levantando e propondo?

DM – Ah, isso eu ainda não sei, não. Ainda não consegui saber nada.

WH – O senhor sabe quem faz parte disso?

DM – Não sei, não. Isso é o Afonso Arinos que é o chefe. Outra coisa que veio criar problemas sérios na seleção foi o regime de mestrado e doutorado, porque o que acontece com o estudante? O estudante vai para a faculdade e na faculdade – homem ou mulher, - ou fora, começa a namorar, alguns casam antes de terminar, aí já vem filho, e ele tem que trabalhar, ele ou ela ou os dois, ou então casam depois de formados. É a mesma coisa. E aí, para fazerem mestrado, eles têm que fazer uma prova, porque o número de vagas é limitado, e depois é tempo integral. Como é que eles vão largar o emprego? Quem é que vai sustentar a família? Porque o mestrado não é remunerado. Então, ele tem tempo integral, como acontece no mestrado do Museu Nacional, na área de zoologia, em que nós temos alunos daqui fazendo. Mas agora mesmo, tem uma assistente do Herman Lent, Cláudia, que fez mestrado. Ia tudo bem, ela estava estudando muito, passou. Tirou primeiro ou segundo lugar, não me lembro bem. Mas coincidentemente ficou grávida. De modo que quando chegar no segundo período, ela vai ter que parar durante uma temporada. E aí ela está querendo ver se consegue os créditos todos nesse período até entrar de licença para ter o neném. Este problema é um problema seríssimo. Meu filho é professor. Ele foi meu monitor, meu assistente e ficou na UniRio, na parasitologia. E aconteceu isso. Ele casou-

se e não pôde parar por causa dos encargos de família. Veio o primeiro filho, veio o segundo, e ele, que já era assistente, teve a chance de uma lei que de repente saiu e que agora foi ampliada, que diz que o professor assistente que não tenha mestrado e que tenha experiência de magistério em mais de uma escola médica de pelo menos cinco anos, pode ser promovido a professor adjunto. E depois, vem a mesma situação para o titular. São essas dificuldades. Porque geralmente quem faz essa legislação, ou faz em cima da perna, ou não é um professor de nível superior.

WH – Quer dizer, quem teria que fazer a legislação seria uma pessoa que trabalhasse com ensino.

DM – Na área. Isso mesmo.

WH – Dr. Domingos, o senhor também, foi professor do mestrado da Universidade Rural?

DM – Não. Eu fui orientador. Orientador do atual vice-reitor da Rural.

WH – Isso agora?

DM – Ele é agora. Esse novo reitor, que teve um problema com os alunos, os alunos entraram em greve por causa de um projeto da Pesagro, que é uma entidade do Ministério da Agricultura que pesquisa a área da pecuária. Esse, o vice-reitor, acadêmico, é o Hugo Resende, que é o titular de parasitologia, que ficou no lugar do Hugo de Souza Lopes.

WH – Ele foi aluno do Hugo de Souza Lopes.

DM – Foi aluno nosso. E eu fui orientador dele. Foi ele que me deu a notícia da cassação, quando eu estava lá no laboratório da UniRio. E outro, que foi com ele, Paulo Lide, está aguardando a oportunidade, porque ele já é doutor da Universidade Federal Fluminense.

RG – Eu queria mudar um pouquinho de assunto, na verdade completar algumas informações que eu acho importante para a gente. O senhor fez medicina. O senhor disse que achava fundamental fechar um quadro. Mas eu não sei qual é o peso maior na sua carreira. O senhor é do magistério, parece que isso foi uma coisa importante ao longo da sua vida. O senhor sempre deu aulas, em níveis variados. O senhor foi pesquisador...

DM – E o exercício do magistério me prejudicou grandemente na produção científica.

RG - Prejudicou?

DM - Em número.

RG - Mas o senhor também tinha prazer, quer dizer, é uma coisa que o senhor sempre fez, não foi só por necessidade financeira, econômica.

DM - Ah, claro. Com muito prazer. Eu sempre achei que talvez isso fosse pesar no futuro,

mas recentemente nos tivemos uma demonstração de que alguém andou pensando no que nos fizeram lá em Manguinhos, com a cassação. Foi o Darcy Ribeiro, que é o secretário de Cultura.

RG - Ele é o secretário e o vice-governador.

DM- Agora ele está afastado de tudo, para ser candidato. Todos os anos, no estado, há a festa de entrega do Golfinho da Ouro. Inicialmente era uma figura em metal com o emblema do estado, que é o golfinho. Mas depois foi mudando. Este ano os dez cassados de Manguinhos foram homenageados. Recebemos um diploma que, no nosso caso, é o diploma-prêmio Estácio de Sá em ciência. O prêmio é um obelisco, que foi chamado de Obelisco da Liberdade, foi feito por um homem chamado Weissmann. Estava na Quinta da Boa Vista e ninguém sabe onde foi parar.

RG - Ninguém sabe onde foi parar o quê?

DM - Esse obelisco, essa coisa, essa estátua.

RG - Ah! Mais uma que foi roubada, desapareceu.

DM - Pois é, provavelmente.

RG - Franz Weissmann, não é? É um escultor muito importante.

DM - É. De modo que... E ali compareceram o Niemeyer, o arquiteto...

RG - Ele também era homenageado?

DM - Foi. Mas com outro prêmio. Cada um recebeu um prêmio com um título diferente. Mas todos receberam a estátua, o obelisco, e o diploma. E a Maria Clara Machado, no teatro infantil. Muita gente ali compareceu.

RG - E de Manguinhos foram os dez que foram homenageados?

DM - Lá no palco. Foi uma coisa que felizmente nós, do palco, não estávamos vendo por causa da iluminação. Mas parentes que compareceram, amigos que compareceram, disseram que quando essa apresentadora Leda Nagle, com o companheiro que agora não me lembro também, quando eles disseram que estavam ali presentes os dez cassados de Manguinhos, foi uma coisa emocionante.

RG - Uma choradeira geral? Posso imaginar.

DM - É. Não houve muita divulgação.

RG - Foi de última hora, não é?

DM - Foi de última hora.

RG - A gente leu no dia, no Jornal.

DM - Eu recebi os convites no dia de manhã. Tive que pegar o estafeta daqui e mandar entregar em mãos.

RG - Mas então, Dr. Domingos o senhor falava da sua carreira. O senhor clinicou? O senhor chegou a clinicar?

DM - Não. Eu cliniquei gratuitamente, não é? Em primeiro lugar eu trabalhei numa farmácia, quando fui professor na Carmela Dutra, num sobrado, farmácia dos pobres, que não cobrava nada e ainda dava amostras.

RG - Nessa época o senhor era recém-formado, não é?

DM - Recém-formado. Depois, em Manguinhos, criou-se o hábito, como eu era o primeiro a chegar, de aparecer alguém para me pedir alguma coisa. Ou pedia amostras grátis, ou pedia para eu examinar, tirar pressão. Isso foi se divulgando, e eu acabei sendo uma pessoa popular naquela favela de Manguinhos.

RG - Não existia um ambulatório no Instituto?

DM - No hospital, tinha. Mas eu não trabalhava no hospital, não.

RG - Tinha o hospital.

DM - E os médicos chegavam mais tarde, não é?

RG - Ah. Claro. O senhor chegava muito cedo, o senhor era o primeiro.

DM - É. Às vezes me atrapalhava, formava fila.

RG - Isso na porta do seu laboratório?

DM - No corredor. Eu tinha uma saleta onde eu examinava os doentes e onde eu também escrevia. Tinha uma mesa, e tinha um armário com as amostras. Tinha uma mesa de exame de doentes. Tudo Isso improvisado, arrumado por mim... Então o pessoal, Herman Lent, Teixeira de Freitas, Hugo, eles diziam que aquilo era o consultório sentimental de Domingos Machado. E Isso levou anos.

RG - Mas essa prática teria sido assim uma prática secundária na sua vida, que se divide entre magistério e pesquisa.

DM - Não estava me interessando muito, não. Porque mesmo na Veterinária, os que sabiam que eu era formado em veterinária, julgavam que eu devia fazer clínica veterinária.

RG - O senhor também é veterinário, claro, eu nem me lembrava mais disso.

DM - Pois é. E tinha uma certa prática.

RG - O senhor chegou a trabalhar com animais?

DM - Cheguei.

WH - Fez tudo.

DM - Eu me lembro que uma vez uma prima tinha uma cadela Irish Setter, essa de pelo escorrido, e ela não conseguia criar os filhotes. Nasciam e morriam em 10, 15 dias. Então, o marido dela, já está morto, conversou comigo. Fizemos uma série de exames, e acabei diagnosticando que ela estava com um parasito intestinal, que os filhotes se contaminavam ingerindo o ovo. E do ovo saía uma larva que penetrava na parede do Intestino, ia pela circulação para os pulmões, provocava uma pneumonia, e os animais morriam. Então, no canil da Escola de Veterinária, eu reservei três boxes e mandei fazer uma esterilização total. Reservei três para garantir um cuidado maior, porque a fêmea ia ficar no do meio. Mas a minha prima ia lá diariamente para vê-la. Tratei a verminose, fiz uma série de exames, não tinha. Então, com aquela limpeza, não havia como ocorrer uma contaminação. Pois no primeiro parto, nasceram 12 filhotes. E ela ganhou um bom dinheiro com isso. Inclusive, ela me deu um. Mas eu não tinha tempo de cuidar, minha mulher também não tinha, e eu dei para o Hugo de Sousa Lopes, que esteve com ele muito tempo.

Data: 09/07/1986

### **Fita 5 - Lado A**

RG - Dr. Domingos, apesar desse intervalo de duas semanas, eu acho que a gente pode retomar a nossa entrevista basicamente centrando em torno da sua atividade, da sua vivência e dos acontecimentos do Instituto Oswaldo Cruz. Porque, grosso modo, a gente falou até agora das suas outras atividades, enfim, da sua juventude.

DM - Pode até acontecer que a gente repita sem sentir.

RG - Claro. Isso não tem importância. Mas eu me lembro que nós estávamos falando do "consultório sentimental", como o pessoal chamava. Talvez tenham ficado faltando algumas coisas antes mesmo a isso. Quer dizer, coisas de quando o senhor começou, o senhor contar um pouco o seu itinerário dentro do Instituto, e também o papel que o Instituto teve na sua vida. O senhor tinha falado, da outra vez, sobre aquela sua pesquisa que resultou inclusive numa publicação, em torno daquele bicho, daquele...

DM - Parasito de cão.

RG - Pois é. Isso o senhor já contou, mas a gente não falou de muitas outras coisas.

DM - Bom. Foi a coleta de material de seis cães apanhados na rua, na campanha de profilaxia da raiva, transmitida hoje pelos cães, e isso me forneceu um material muito rico para todo o curso de parasitologia na Escola Nacional de Veterinária e para pesquisas lá no Instituto Oswaldo Cruz. E assim surgiu a descrição, a segunda descrição de um acantocéfalos de cães. Uma foi feita nos Estados Unidos, outra aqui no Brasil. Mas o material coletado serviu para as aulas práticas não só no curso de Admissão do Instituto Oswaldo Cruz, como para as aulas práticas da Escola Nacional de Veterinária. Nessa época, eu ainda não lecionava na Escola Nacional de Medicina. E assim nós aproveitamos bastante como pesquisa no Instituto de Veterinária, na Prefeitura. O nosso tempo de trabalho lá em Manguinhos era dedicado, basicamente, a coletar material de invertebrados: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Material que chegava sempre, quer coletado por pesquisadores que saíam em excursão pelo Brasil, quer material que esporadicamente ia chegando, porque todos sabiam, na vizinhança, que nos interessavam esses animais. E para ficar bem conosco, para conseguir tratamento, ou qualquer facilidade, medicamentos, curativos algumas pessoas traziam sempre. Às vezes, esse material chegava próximo da hora em que nós íamos embora, e nós não queríamos perder o material. Ainda mais que nós tínhamos sempre a preocupação de coletar parasitos, parasitos externos e parasitos internos em todas as vísceras e inclusive no sangue. De modo que levava tempo. Por exemplo, se fosse uma garça, se fosse um socó, que naquele tempo havia muito lá em Manguinhos...

RG - Como é o socó?

DM - É uma ave que se alimenta de peixes. E havia muito ali, porque não havia a Avenida Brasil.

RG - Era o mangue.

DM - Era o mangue. Hoje a gente vê raramente um. Isso às vezes nos obrigava a entrar pela noite a dentro coletando material e conservando. Porque nós tínhamos que conservar esse material, e às vezes era interessante que a gente examinasse vivo, principalmente quando examinávamos o animal recentemente abatido e ainda quente. Então, nós examinávamos isso ainda fresco. Examinávamos as fezes a fresco, porque isso às vezes nos permitia distinguir com facilidade uma forma chamada vegetativa de um protozoário. Porque apresentava ainda movimentos.

RG – Como é que eles sabiam o material em que vocês estavam interessados?

DM - Ah, isso tradicionalmente, lá em Manguinhos.

RG - Sempre houve essa relação muito íntima entre o instituto e a comunidade?

DM - Sempre houve, com o pessoal que morava no morro. Depois não é só isso, muitos dos serventes de Manguinhos moravam no morro também, então, tinham parentes e tinham amigos, e eles ficavam sabendo por intermédio desses funcionários.

RG - Vocês pagavam alguma coisa?

DM - Às vezes. A gente pagava do nosso bolso mesmo. Outras vezes, quando era mais caro, por exemplo, uma serpente, nós pedíamos a um funcionário encarregado dessas pequenas despesas para comprar, e ele comprava.

RG - Isso em que época, mais ou menos?

DM - Na década de 40, principalmente na década de 40. Depois a coisa foi ficando mais difícil, em 50, por falta de verbas. Então, o pessoal não queria mais arranjar animais, porque não recebiam uma volta. Mas, de qualquer jeito, sempre chegou muita coisa.

RG - Mas então o senhor diria que essa relação entre o instituto e a comunidade foi se enfraquecendo ao longo dos anos.

DM - Ah, sim. Isso não tem dúvida que foi. Mesmo porque, essa dificuldade nesse relacionamento partia de alguns administradores. Por exemplo, o prefeito e o zelador começavam a impedir que as pessoas transitassem por dentro do Instituto, o que até certo ponto não era uma coisa ruim, tinha suas vantagens.

WH – O prefeito?

DM - Havia cargo de prefeito lá dentro. O Moacyr Lára de Andrade foi o prefeito.

WH - Do campus?

DM - É, do campus. Aqui a universidade tem um prefeito também. Eu me lembro que uma vez chegou um rapaz que morava em Brás de Pina. Trazia um garotinho que tinha a mão enrolada num curativo e contou que o garoto tinha sido picado por um escorpião. Ora, não é fácil, mesmo hoje, conseguir o soro específico contra a picada do escorpião. Mas a gente fazia o curativo sintomático, um tratamento sintomático, e geralmente melhorava. A pessoa acidentada ficava se recordando disso, porque a região ficava adormecida durante algum tempo. Então, eu perguntei a ele onde o garoto tinha sido picado, ele falou que tinha sido em Brás de Pina, relativamente perto de Manguinhos. Eu disse: "E você não apanhou o escorpião?"; "Ah, não, não apanhei. Mas se o senhor quiser, eu trago". No dia seguinte ele me trouxe um vidro de geléia com mais de cem escorpiões. Eu perguntei: "Mas como é que você arrumou Isso?" Aí ele me disse: "Olha, no fundo do quintal tem um amontoado de pedras onde os garotos costumam brincar, e foi ali que ele foi picado". E deve ter sido picado por um escorpião jovem, com o mínimo de peçonha, por isso o acidente não foi muito grave. Aí ele me trouxe esses escorpiões, e todos eram da mesma espécie. Esses escorpiões nos serviram muito tempo, porque no curso de parasitologia nós temos sempre duas ou três aulas sobre animais peçonhentos, e eles serviram para demonstração prática. Depois veio cá um especialista em escorpiões, venezuelano se não me engano, o nome dele era Vachon. Ele disse que estava interessado em coletar escorpiões, perguntou onde poderia coletar. Então eu levantei e apresentei o vidro a ele. Ele abriu os olhos diante de tantos escorpiões. Perguntou se eu sabia onde tinham sido apanhados, e eu disse: "Aqui pertinho, num bairro chamado Brás de Pina". Ele levou uma quantidade enorme de escorpiões com ele.

WH - Dr. Domingos, o senhor vem aqui para o Instituto em 1935. O senhor vai trabalhar no laboratório do Travassos, cuja especialidade era?

DM - Helminologia e o estudo dos vermes, vamos dizer assim, parasitos do homem e outros animais.

WH - E o senhor trabalhava com parasitos. Que tipo de trabalho se fazia? Um trabalho de classificação? Qual era a orientação?

DM - É. Esse material coletado nas excursões era fichado e guardado em armários, dentro de uma solução conservadora. De modo que nós íamos estudando esse material.

RG - Quando o senhor fala nós, era um grupo grande, significativo, que trabalhava?

DM - Lógico que era. O Teixeira de Freitas trabalhava no grupo, juntamente com o Herman Lent, até uma certa época. Depois o Herman Lent saiu da helminologia, e foi ficar com os barbeiros.

RG - E com o senhor, diretamente, trabalhava alguém, ou era um trabalho individual?

DM - Não. Só quando vinha de fora. Por exemplo, uma moça lá do Instituto de Patologia do Norte, do Amazonas. Uma outra, Renée, que veio do Instituto de Biologia Animal, no Km 47. E assim vinham trabalhar, mas basicamente, eu sempre trabalhei sozinho. Os meus trabalhos são todos assinados por mim só.

RG - O senhor não tinha estagiários, alunos?

DM - Não. Porque eu tinha uma vida difícil. Eu passei uma vida praticamente como estagiário gratuito, e eu tinha que sair a horas certas para dar aulas fora. Isso não me permitia uma folga grande, e não permitia também que eu mantivesse alguém que também tivesse seus horários. Era muito difícil conciliar essas coisas. No caso, quando chegava meio-dia, eu saía porque tinha que ir para a Escola de Medicina. Havia dias que eu ia lá na Universidade Rural. Eu chegava de tarde em Manguinhos, passava algumas horas, depois ia embora. Às vezes eu estava registrando um trabalho, e chegava um momento em que eu tinha que parar. Então, eu terminava o período e nem fechava o bloco de rascunho. E aí, tinha sempre... Quem gostava de fazer isso era o Sebastião José de Oliveira, que também foi cassado - ele chegava e escrevia uma frase qualquer, continuando, como quem diz: "Ele nem vai perceber". Eu percebia, apagava e não comentava nada.

RG - Vocês dividiam a mesma sala?

DM - É. Uma temporada muito grande tivemos a mesma sala eu, Hugo e Sebastião. De modo que havia dificuldades, por exemplo, do microscópio. Mas o Sebastião e o Hugo trabalhavam mais em lupa do que microscópio, estereoscópio e aumentos, usados em entomologia. Eu não gostava muito desse microscópio óptico porque precisava de maiores aumentos.

WH - Os senhores trabalhavam na mesma sala. Havia uma identificação do trabalho, ou como é que se definia que cada pessoa trabalhasse em cada sala?

DM - Cada pessoa ia apanhar o material, vinha estudá-lo, eram assuntos diferentes. Mas sempre discutíamos, quando encontrávamos alguma coisa interessante, uma curiosidade morfológica. Eu os chamava para ver, e a mesma coisa eles faziam comigo. Isso nos permitiu um grande aprendizado.

RG - Havia muita troca de experiências.

DM - Muita troca.

RG - E o Travassos era uma pessoa atuante, nessa época?

DM - Travassos, às vezes vinha na sala, ou então, se nós queríamos algum esclarecimento, nós íamos na sala dele. Mas constantemente ele vinha na nossa sala, sentava, e aí a gente mostrava o que estava fazendo. Às vezes um sujeito perguntava a ele: "Dr. Travassos, isso que eu estou vendo aqui, o senhor quer vir ver?" Por exemplo, qualquer coisa que tinha um grupo zoológico e que não era muito bem estudado por nós, nem por outros. Ele dizia

assim: "O gaita, você pensa que eu sei tudo". Daí a pouco voltava e dizia: "Olha, vê se não é isso". Mandava pegar um livro de um autor francês, Palliet, e era aquilo. Ele tinha uma memória fabulosa e tinha uma vivência em zoologia fora do comum. Daí, por isso é que eu dizia em casa: "Vocês reclamaram de eu não ganhar nada em Manguinhos, mas só o que eu estou acumulando de experiência, de especial, não tem preço".

RG - O senhor ficou sem receber praticamente durante esses anos todos?

DM - Dezenove anos.

RG - O que fez o senhor persistir tanto com esse vínculo tão pouco gratificante do ponto de vista financeiro?

DM - Eu era assistente do Hugo de Sousa Lopes, na Escola Nacional de Veterinária, atualmente na Universidade Rural. Então, estar junto ali, facilitava a troca de idéias sobre o curso: o material que poderíamos levar, esse tipo de coisa. Nós gostávamos muito de preparar uns *posters* de cartolina, e aí houve uma experiência muito interessante. Nós tínhamos um servente, Herman, muito inteligente, e eu dizia sempre a ele: "Herman, isto aqui não é lugar pra você". Ele já tinha terminado o ginásio. "Estuda, rapaz, faz um concurso". Ele fez concurso para um banco, passou, pediu demissão.

RG - Perdeu o servente.

DM - A gente perdeu um auxiliar. Um dia, nós estávamos passeando, eu e o Hugo, no nosso almoço, e assistimos a uma pelada lá dos serventes. Depois, quando voltamos, um dos peladeiros, um preto, alto, estava varrendo. Não sei se vocês conhecem a Universidade Rural. Aqueles imensos edifícios...

RG - Eu já estive lá, mas não lembro.

DM - Internamente com aquelas varandas grandes, com arcos e o jardim, dentro de cada pavilhão. Aí, ele estava varrendo. Eu parei com o Hugo e perguntamos a ele: "Como é teu nome?", "Valdir"; "E você chegou a fazer algum gol?" Ele disse: "Não, hoje eu não tive sorte"; "Escuta, você gosta desse serviço que está fazendo?". Eu disse: "Você não quer trabalhar no nosso laboratório?" Ele disse: "Ah, mas como?"; "Nós requisitamos você. O Herman foi embora". Um dia ele estava vendo, nós pregávamos a cartolina - não havia isopor - numa placa de celotex pregávamos e projetávamos o que nós queríamos fazer *poster*. Cobríamos com lápis e depois levávamos para a mesa para passar nanquim, um traço grosso, porque ia ficar no alto e precisava ser visto com facilidade. Ele um dia começou a observar. Nós dissemos a ele: "Valdir, você não quer aprender a fazer isso?". Sabe que ele aprendeu! Depois, coitado, ele teve um acidente vascular-cerebral e tinha dificuldade para andar, mas ainda vai lá diariamente. Ele já sabia, nós deixávamos escrito para ele o assunto da aula seguinte, e quando chegávamos estavam os *posters* todos pregados. Um sujeito que mal tinha feito o primário, mas aprendeu muito bem aquilo.

WH - Ele trabalhava com os senhores também no laboratório?

DM - Trabalhava. Aprendeu a fazer lâminas de microscopia. E está ainda lá com a equipe...

RG - Está lá na Rural?

DM - Rural. Com a equipe dos que foram nossos alunos. O titular e o Hugo Resende, que é o vice-reitor acadêmico.

RG - E em Manguinhos, o senhor teve também uma pessoa, um auxiliar?

DM - Tive. Moacir Simplício. Também teve um acidente vascular e está aposentado. Mas o Valdir... Eu dizia: "Valdir, eu queria que você fosse apanhar caramujos lá na Usina da Tijuca, porque os jornais falaram que surgiram casos de esquistossomose." Ele saía cedo e ao meio-dia estava de volta trazendo uma quantidade grande de caramujos. O que a gente precisasse... Esse escalão inferior em Manguinhos deu gente muito boa.

RG - Pois é. Isso é uma coisa que chama a atenção, o papel e a qualidade dessas pessoas.

DM - É. Tinha um que era o braço direito na coleta de material do Adolfo Lutz. O Joaquim Venâncio, que deixou vários filhos trabalhando ali também.

WH - Era comum o pai levar os filhos e...

DM - Ah, é. Eu não sei se já falei aqui em Nova Iguaçu eu tenho um auxiliar técnico que trabalhou 54 anos em Manguinhos.

RG - O Cunha?

DM - O Cunha.

RG - Ele está trabalhando com o senhor lá em Nova Iguaçu?

DM - Comigo, pois é.

RG - A gente está querendo entrevistá-lo. Se o senhor tiver oportunidade, vai falando já com ele que a gente depois faz o contato definitivo.

DM - Eu vou falar. Ele no momento está passando uma fase ruim, porque a mulher dele passou mal a semana passada e está internada nos Servidores. E ele, como tem artrose nos dois joelhos, nesses dias frios tem passado mal. Tanto que essa semana ele não foi a Nova Iguaçu. Nem segunda nem quarta, que eu dispensei.

RG - Mas em Manguinhos o Cunha não trabalhava com vocês. Foi trabalhar em Nova Iguaçu. Em Manguinhos ele trabalhava com quem, naquela época?

DM - Com o Aristides Marques da Cunha e com o Júlio Muniz, na protozoologia. É um sujeito precioso. Ele tem uma mágoa grande, porque enquanto colegas dele deixaram filhos lá, ele, que tem quatro filhos, não deixou nenhum. Tem um formado até em física, professor de física. Nenhum foi para lá. E, curioso, esse professor de física, ele trabalha na Sucam, justamente na campanha de erradicação do *Aedes aegypti* e agora o *albopictus*.

RG - É. O senhor até tinha comentado outro dia comigo que se tivesse oportunidade, ia ver...

DM - Eu vou ver se o Sebastião requisita ele. Porque não é questão do Arouca nomear, ele já é do Ministério da Saúde.

RG - E ele seria deslocado.

DM - Deslocado. E ia fazer coisa que ele gosta de fazer.

RG - E o Sebastião está onde?

DM - Sebastião está voltando para Manguinhos.

RG - E ele seria a pessoa indicada?

DM - É. Porque o Sebastião trabalha com mosquitos. É a especialidade dele.

RG - É. A gente tem que falar sobre essa volta de vocês, mas eu gostaria de deixar isso para depois...

DM - É. Estamos voltando aos poucos. Eu tenho que ir lá um dia desses para assinar o contrato e abrir a conta no banco, mas fico sempre pensando que eu preciso conciliar horários, atividades, porque sei que ainda hoje, como no início de Manguinhos, havia técnicos que iam lá só para assinar o ponto e ir embora. Mas isso não é do nosso feitio, não.

RG - É. O senhor acha que sempre existiram pessoas que só iam assinar o ponto, não é um fenômeno recente?

DM - É. Sempre existiu. É antigo.

RG - Mas nessa época em que o senhor foi para lá, na década de 30, e depois na época em que o senhor já tinha uma atividade mais assumida, já conhecia mais a Instituição - o que que foi? A gestão Aragão? - o senhor poderia falar um pouco da administração?

DM - Quando eu cheguei em Manguinhos, um ano antes tinha morrido o Carlos Chagas, em 1934. E aí foi nomeado o Cardoso Fontes, pelo Getúlio Vargas. Cardoso Fontes trabalhava em bacteriologia. Depois do Cardoso Fontes... Agora fica difícil a ordenação.

RG - Mas o Cardoso Fontes, o senhor chegou a conhecê-lo? Ou ouvia comentários sobre o estilo de administração que ele fazia?

DM - Conheci. Ele procurava cultivar a orientação de Carlos Chagas, que por sua vez continuava a de Oswaldo Cruz.

RG - Mas o senhor acha que ele teve sucesso nessa continuidade?

DM - Não. Não. Mesmo porque, como pesquisador ele não tinha o brilho do Carlos Chagas. Carlos Chagas era realmente um grande cientista.

WH - Mas o Oswaldo Cruz não era um cientista bom, era um bom administrador.

DM - Não. Administrador muito bom e um excelente sanitarista.

RG - Agora, o Getúlio o nomeou porque esse cargo era sempre de confiança da Presidência, diretamente?

DM - É. Não havia Ministério da Saúde e o diretor de Manguinhos estava ligado diretamente ao gabinete da Presidência da República.

RG - É quais seriam os vínculos dele com Vargas? Por que ele foi nomeado, e não outro qualquer, se não conhecia esses bastidores?

DM - Porque, talvez, já houvesse uma indicação, uma previsão do Carlos Chagas, e o Cardoso Fontes era um dos mais antigos lá em Manguinhos. Talvez o Chagas tivesse citado o nome dele. Mas isso eu não sei. Eu era muito novo lá, não tinha ainda conhecimento desses fatos.

RG - É. Foi Isso que eu imaginei. Quer dizer, na sua entrada, talvez o senhor não percebesse bem quem era quem, como é que funcionava todo o ...

DM - Eu me lembro que se contava lá em Manguinhos que o Carlos Chagas, quando ia ao Palácio do Catete para falar com o Washington Luís, antes do Getúlio, o ajudante-de-ordens o recebia: "O presidente está numa reunião, mas eu vou falar com ele". E o presidente ouvia e dizia: "Os senhores me dão licença, por que Manguinhos não pode parar. É a saúde do povo. O professor Carlos Chagas está aí".

RG - Quer dizer, já era uma instituição muito muito prestigiada.

DM - Pois é. Agora, quem foi nomeado porque era amigo do Getúlio foi o Aragão.

RG - Ah, é? Eles tinham relações de...

DM - É. Parece que relações de amizade.

WH - Não relações políticas?

DM - Não. Aragão, que eu saiba, nunca teve relações políticas. Que eu saiba, não.

RG - Mas devia ter afinidade político-ideológica, não é?

DM - Isso sim. Isso sim. Porque o Getúlio tinha uma formação política de direita. Ele era adepto do fascismo e do nazismo. E isso criou problemas no relacionamento com os Estados Unidos, com o Franklin Roosevelt, por causa da necessidade dos aliados terem bases no Brasil. Até que o Getúlio sentiu que ia ser pressionado mesmo aqui dentro do Brasil. Ainda mais com o afundamento dos navios brasileiros, ele acabou recebendo Roosevelt, se não me engano, em Natal, para combinar essas coisas todas. Outro diretor de Manguinhos que foi nomeado porque era amigo do presidente da República foi Amilcar Viana Martins, que era amigo do Juscelino Kubitschek.

RG - Ah, é!? Pois é, o Amilcar!

DM - Ambos eram mineiros, e o Juscelino médico, formado por uma escola, se não me falha a memória, a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em que o Amilcar era professor. E por isso ele foi nomeado diretor.

WH - Mas os cientistas aqui de Manguinhos tinham proposto a nomeação do Amilcar, ou ele foi escolhido pelo Juscelino?

DM - Não, escolhido pelo Juscelino.

RG - Agora, foi bem recebido, não é?

DM - Muito bem recebido. Porque ele tinha um círculo de amizades grande aqui. Ele vinha sempre aqui a Manguinhos.

RG - A gente vai inclusive tentar entrevistá-lo. Parece que continua vindo bastante. Mas voltando um pouquinho ao Aragão, como foi recebida a nomeação dele? O senhor disse que eles tinham afinidades porque o Getúlio era um homem de direita. O Aragão era um homem de direita também, marcada e claramente?

DM - Isso mesmo. Não sei se lembram que eu já falei, acho que já falei aqui, que ele começou logo a fiscalizar o ponto dos funcionários e técnicos de Manguinhos.

RG - Foi Aragão que instituiu ou que...

DM - Instituiu, não, passou a fiscalizar. E ele nunca cumpriu o horário. Nunca cumpriu o horário.

WH - Mas por que ele fiscalizava? Qual era a pretensão dele?

DM - Seguir a lei, apenas, eu acho.

WH - Quer dizer, a lei já existia, mas ela formalmente não era...

DM - Não. Porque acontece o seguinte: quem trabalhava, realmente, não precisava estar preso a livro de ponto. Porque regularmente estavam lá no mesmo horário. Se precisavam sair cedo algum dia, saíam, se não, ficavam também, se o trabalho se prolongasse, ficavam mais tempo.

WH - Então ele queria controlar quem não trabalhava.

DM - Não sei. Isso é difícil saber.

RG - O Aragão, sendo um cientista atuante, que parece que ele foi...

DM - Foi.

RG - ...ele deveria conhecer muito bem como funciona a pesquisa, ele poderia até avaliar qual seria a melhor maneira de conseguir uma produtividade, um crescimento da instituição, sem se tornar burocrático. É estranho isso.

DM - É, é realmente estranho. Mas houve um diretor, o Lacorte, Guilherme Lacorte, que tinha como chefe do gabinete o Mário Santos. E o Mário Santos nunca foi um grande trabalhador. Ele tinha um cacoete curioso. Quando ele ia dar uma aula, ele ficava virado para a janela e começava a falar e ninguém entendia nada. Então puseram o apelido nele de "Mário Mistério". Ele ainda está vivo.

RG - Ele dava aula de quê?

DM - Ele só dava aula, se não me falha a memória, de peste bubônica, no curso de aplicação. Ele era casado com uma bióloga de Manguinhos, que também está aposentada, Mireille Carneiro Felipe dos Santos. Era filha de um grande pesquisador de lá.

WH - Do Dr. Carneiro Felipe?

DM - É. Então, o Mário Santos chamou o rapaz do ponto, que era o Candinho, e disse: "Olha, de hoje em diante, às nove horas da manhã, você encerra o ponto. E me faz a lista dos que não chegaram". Bom. Na primeira lista apareceu o nome da mulher dele. Ele perguntou: "Ô, você não sabe que essa é minha mulher?" Ele disse: "Eu sei, mas eu não vi" Aí ele transferiu o Cândido do ponto.

WH - Um sistema de privilégios.

DM - Pois é. Isso sempre existiu. O Cardoso Fontes, por exemplo, levou para lá o filho. Coitado, parece que morreu recentemente. Murilo Fontes. Mas ele nunca fez nada.

WH - Dr. Domingos, o senhor fala em "nunca fez nada", pesquisadores que fazem e que não fazem. O senhor podia explicar melhor que diferenciação há entre o pesquisador que faz e o que não faz?

DM - Porque havia uma espécie de acordo tácito, lá, pelo menos em nosso setor, de que nós deveríamos entregar para publicação em uma revista científica, as Memórias, a Revista Brasileira de Biologia ou a Revista de Medicina Tropical, três trabalhos por ano. Isso não era fácil, não é? Às vezes havia chance da gente dobrar, mas outras vezes não. O resultado disso é que quem não se aplicasse mesmo não fazia isso. Não fazia. Então, havia coisas curiosas. Por exemplo: número das Memórias, na década de 50, que praticamente só tinha trabalhos de zoologia médica, o nosso setor.

WH - Era o setor mais atuante, e isso se refletia na publicação?

DM - É. Isso mesmo. E outros setores raramente apareciam.

WH - Quer dizer que as pessoas que eram consideradas pessoas que não faziam, dentro do Instituto, eram aquelas que não publicavam trabalhos.

DM - Isso mesmo.

WH - Só? Apenas por não publicar trabalhos?

DM - Não faziam nada mais.

WH - Bom. Existe o caso de alguns pesquisadores que também não são considerados muito bons, mas que mesmo assim publicaram muita coisa, não é?

DM - É. Publicaram. Nós temos o exemplo, aqui no Brasil, de um homem que teve uma produção científica grande - não era do Instituto Oswaldo Cruz, ele ia de vez em quando. Era o Mello Leitão, que trabalhava com aranhas e escorpiões no Museu Nacional. Mas a maioria das coisas que ele fez eram repetições de trabalhos de outros. Ou então ele descrevia uma espécie nova que depois vieram pesquisadores, como Benedito Monteiro, no Km 47, que botava na sinonímia. Isso era relativamente freqüente. É uma coisa que ocorre freqüentemente. Se a gente pega um livro de referência como o Zoological Record, a gente vai ver que pesquisadores de outros países, revendo o trabalho de um pesquisador brasileiro, verificam que está mal situado na taxonomia. Então redescreve, corrigindo. Mas isso não tira o valor do trabalho de quem passou para a sinonímia, não é?

RG - Dr. Domingos, o senhor diria que esse setor de vocês era o mais dinâmico de Manguinhos? Como é que o senhor situaria as áreas, as diferentes áreas?

DM - Eu tenho a impressão de que a helmintologia era a mais ativa. Porque o Teixeira de Freitas, o Travassos principalmente, o Teixeira de Freitas tinha uma atividade científica muito grande. E o Herman Lent, na primeira fase da vida dele, também na helmintologia. Mesmo depois, nos barbeiros, não deixava de ser zoologia médica. Deu uma produção

muito grande. Hugo de Sousa Lopes, que tem talvez uma das maiores produções científicas do Instituto Oswaldo Cruz. Travassos, incomparável, não é? E o Travassos tinha uma expressão, que eu já repeti aqui, em relação a Artur Neiva: "Olha, rapaz, toca isso para a frente porque nesse momento, em qualquer parte do mundo, pelo menos cinco pessoas estão trabalhando nesse assunto". Ele aconselhava a gente a estar sempre atento para terminar o trabalho.

RG - Correr na frente.

DM - Hoje há uma verdadeira febre de frequência de inscrição, de comparecimento a congressos, congresso de zoologia, congresso de entomologia, não é? Então, a maioria dos trabalhos apresentados nada mais são do que notas. O trabalho definitivo nem sempre aparece, na maioria das vezes não aparece.

WH - Não aparece por quê?

DM - Porque o autor não terminou o trabalho.

RG - A pessoa ganha crédito com os projetos, mais do que com a...

DM - Eu não dou esses créditos. Quando eles apresentam como título, em concurso, eu não considero, se não tem o trabalho. Constantemente a gente recebe aqui pedidos do estrangeiro sobre o trabalho da nota tal, publicada nos anais da SBPC. A gente vai procurar e não tem.

RG - Agora, a comunidade científica no Brasil cresceu muito, não é? O Brasil se modificou, se modernizou. Eu acredito que nessa época em que o senhor começou, e durante muitos anos, vocês eram um grupo muito pequeno. É que a qualidade, digamos assim, era muito mais facilmente identificada.

### **Fita 5 - Lado B**

RG - Então, aproveitando que a gente já está falando nessas mudanças, como é que o senhor vê esse crescimento numérico, quantitativo? Aumentou o número de estudantes, aumentou o número de pessoas nessa área. E mudou a qualidade também? Hoje em dia se faz ciência como se fazia naquela época, ou há uma novidade?

DM - É. Sem dúvida. Eu acho que sim. Porque, olha, há uma massa grande de trabalhos que não tem ainda um...mas vão servir muito para orientar pessoas que vem depois. Mas surgem trabalhos de real valor, de real valor. Os conselhos científicos das revistas científicas às vezes publicam trabalhos sem consultar a pessoa mais autorizada para dar o parecer sobre aquele trabalho, e o resultado é que fica essa falha naquela revista. Isso surge constantemente. Mas aqui, por exemplo, nós sentimos um interesse muito grande de uma boa parcela de estudantes.

RG - Aqui na Santa Úrsula.

DM - Aqui na Santa Úrsula. Por exemplo, na arquitetura, há coisa de uns poucos anos atrás, houve um concurso para projetos de construções populares, e um grupo de cinco estudantes de arquitetura tirou o primeiro lugar, na Polônia. E foram convidados pra ir lá e apresentar, falar sobre o projeto. Eles mandaram a maquete e uma explicação sumária. Aqui, nós temos tido exemplos também assim. Só que em biologia, vamos dizer, é uma coisa muito mais fuçada, não só no Brasil como fora do Brasil. Mas nós temos estudantes que se destacam, por exemplo, aqui no curso de nutrição. Nesse concurso último que houve para a Secretaria de Saúde do estado, o primeiro colocado foi um aluno daqui no curso de nutrição.

RG - Mas pensando na comunidade científica como um todo, por exemplo, nos seus contatos internacionais, o senhor acha que o Brasil ocupa o mesmo lugar que ocupava há 20, 30 anos atrás, ou proporcionalmente diminuiu a importância?

DM - Eu acho que sim. Ainda mais tendo em vista a descoberta do caminho para a obtenção da vacina contra a malária. São brasileiros, não é?

RG - No exterior.

DM - Estão trabalhando no exterior, na Europa e nos Estados Unidos.

RG - Pois é. Mas aí entra o papel das instituições. Quer dizer, o cientista, ele é brasileiro, ele foi formado aqui, mas só pode trabalhar de fato lá fora. Quer dizer, a gente tem que ver um pouco o papel dos institutos de pesquisa hoje em dia no Brasil. Eu gostaria que o senhor...

DM - Isso é verdade. Isso é verdade. Porque a seleção do pessoal para trabalhar em instituições científicas, não sei se está certa. Porque geralmente não há concurso, e os poucos concursos que existem são quando os candidatos se propõem a fazer mestrado. Nós temos um grupo agora terminando o doutorado em São Paulo. Então, uma vez por semana, viajam a São Paulo, porque estão na fase de escrever a tese. Nós temos uma aluna aqui, aluna não, uma professora, que é assistente do Herman Lent. Ela fez o último concurso para mestrado no Museu Nacional e tirou o segundo lugar. Nós tivemos um outro, anterior a ela, que tirou o primeiro lugar. Todos formados aqui. Porque a Santa Úrsula não tem essa seleção para mestrado e doutorado.

RG - E aqui no Rio também não tem doutorado bom? O pessoal tem que ir lá para São Paulo?

DM - Tem o Museu Nacional, só. Assim mesmo na área de zoologia.

RG - A UFRJ é fraca?

DM - Fraca. Na parasitologia, o melhor é a Universidade Rural. Lá é bom.

RG - E o papel de Manguinhos nisso tudo, como instituição de pesquisa?

DM - Pois é. Manguinhos estava ligado à UFRJ. Mas parece que o Conselho Federal cancelou o mestrado lá. Isso prejudicou Manguinhos. Por quê? É difícil da gente saber. Mas é uma pena que Manguinhos não tenha. Pode ser que agora, com essa nova administração, já se esteja fazendo alguma coisa nesse sentido. Por exemplo, um dos vice-presidentes lá de Manguinhos, o Luís Fernando, ele publicou um artigo recentemente montado na opinião do José Coura, sobre uma proposta para um curso de parasitologia. Publicou na revista das escolas médicas. Ele quer fazer uma verdadeira revolução no curso de parasitologia. E me parece que ele não está com a razão.

WH - Por quê? Qual é a proposta?

DM - A proposta é o seguinte: no início da parasitologia no Brasil era história natural médica, depois passou a ser parasitologia e doenças parasitárias. Depois passou a ser parasitologia médica. Porque nós sentíamos que não agradavam muito aos estudantes aqueles detalhes de morfologia de asa de mosquitos e de patas de mosquitos. Eles nunca demonstravam o menor interesse. E aí começavam a fazer perguntas, muitas perguntas, sobre a parte da aplicação médica do assunto do dia. Por exemplo, no caso da doença de Chagas, além do nome do parasito e algumas noções de morfologia e do ciclo biológico, eles queriam saber o mecanismo de transmissão. Como o barbeiro transmitia ao homem, e o que se passava dentro do barbeiro em termos de evolução do agente da doença. E depois o que acontecia no organismo dos homens e dos animais quando o *Trypanosoma cruzi* estava transitando pelos tecidos, pelo sangue, e o que acontecia nos órgãos afetados. Eles queriam saber logo. E aí, das duas, uma: ou o professor não dava, porque não queria invadir outra área e ficava sujeito a ser criticado como não sabendo do assunto, quando não era verdade; ou então, dava-se a ação do parasito no organismo, dava-se alterações patológicas e dava-se sintomatologia da doença. E ainda se dá, não é? Nós damos, pelo menos.

WH - Isso era no curso de aplicação do Instituto?

DM - No Instituto também. Só que no Instituto a coisa era diferente. Porque a parte relativa ao parasito quem dava era o protozoologista. A parte relativa a patologia quem dava era o anatopatologista. Aí a coisa se aprofundava muito mais. Mas então, depois vinha o diagnóstico da doença; meios de diagnóstico e o tratamento. Eles queriam saber qual era o medicamento. O máximo que nós fazíamos era dar - e fazíamos isso - o grupo farmacológico. Não entrávamos em detalhe de tratamento porque era muito cedo. Parasitologia é dada no segundo ano, nas faculdades de medicina é o quarto período. E depois dávamos profilaxia, epidemiologia e profilaxia. Pois ele quer acabar com isso tudo. Para a gente parar no mecanismo de transmissão. Toda a parte médica fica para doenças infecciosas e parasitárias. Quer dizer, a disciplina do Coura, que puxou a brasa para a sua sardinha. Mas ele se esquece que especialistas competentes, pelo Brasil afora são muito poucos, e geralmente o professor de parasitologia se interessa muito por esses assuntos.

RG - Mas vocês tem oportunidade de contra-argumentar, de debater essa proposta? Existe um espaço para isso ou...?

DM - Não. A gente pode comentar isso num artigo e mandar para a revista, não é?

RG - Seria interessante, já que existem coisas...

DM - Claro. Pode-se modificar assim, não é? Porque tem que ir para o Conselho Federal de Educação. Porque os currículos são aprovados...

WH - Quer dizer, essa modificação seria no nível das universidades, do curso de graduação...

DM - Das universidades. Do curso de graduação. Só que no básico do curso de graduação está a parasitologia, e no profissionalizante está o que se chama abreviadamente de doenças infecciosas e parasitárias.

WH - Dr. Domingos, pensando nesse problema do currículo para a área de parasitologia, o Instituto historicamente sempre trabalhou muito em nível de curso com pessoas de saúde pública. não é? Mas ao mesmo tempo, existe um grupo que trabalha na parasitologia com assuntos não aplicados, que faz um trabalho taxonômico, de classificação.

DM - Mas agora está sendo dada mais ênfase justamente à aplicação. Tanto que os trabalhos, como dizer, de helmintologia pura estão sendo muito criticados. Pelo menos foram com o Coura. E tem equipes trabalhando em esquistossomose aplicada.

WH - Isso no Instituto?

DM - É. Agora, no *Schistosoma mansoni*, nas coisas que porventura possam ainda ser esclarecidas, pouco se trabalha. Trabalha-se na doença, doença de Chagas, por exemplo.

WH - Mas historicamente...

DM - É bem verdade que existem alguns que não fugiram da sua linha de trabalho. Por exemplo, o José Jurberg continua a trabalhar naquilo em que ele trabalhava com o Herman Lent, os transmissores da doença de Chagas. E mantém lá em criação cerca de 30 espécies diferentes, que são fornecidas a quem pede para o diagnóstico, o chamado xenodiagnóstico da doença de Chagas.

RG - E os que trabalham com uma linha que seria considerada menos aplicada...

DM - Por exemplo, o Travassos, eu já disse aqui uma vez, ele fazia helmintologia pura. Ele limitava-se ao parasito. O máximo a que ele referia era ao órgão em que esse parasito tinha sido colhido, porque se surgisse alguma lesão ele não ia estudar, ele mandava para o patologista.

WH - E qual é, Dr. Domingos, a importância da helmintologia que o senhor chama de pura e da helmintologia aplicada? Como é que se dá essa relação?

DM - Olha, se não fosse a ciência pura, nós não teríamos chegado aquela situação de esplendor do Instituto Oswaldo Cruz, com os trabalhos de Carlos Chagas, de Ângelo Moreira da Costa Lima. Ciência pura.

WH - O que é ciência pura?

DM - Ciência que não tem a conotação de estudar uma doença que porventura apareça. Mas vejam bem. O Carlos Chagas, ele era entomologista, especialista em mosquitos. Foi mandado pelo Oswaldo Cruz para o norte de Minas, porque estava graçando malária. Mas ele tinha uma formação científica que permitiu a ele vislumbrar que aquilo que ele estava observando no barbeiro, poderia estar relacionado com uma doença grave do homem. Porque foi descoberto primeiro no barbeiro, por Carlos Chagas, e depois ele descreveu nos doentes.

WH - Quer dizer que essa visão de ciência pura é que daria a possibilidade de uma passagem para a aplicação?

DM - É. Porque se o sujeito não amplia gradativamente a sua base e faz uma especialização muito estreita, ele acaba sendo um Empire State Building ao contrário, que um sopro derruba.

RG - E o senhor estava dizendo agora mesmo que existe uma tendência a não fortalecer as pesquisas não aplicadas, hoje em dia.

DM - Ah, é, isso mesmo. É verdade. Talvez haja até recomendação.

WH - Como é que se deu esse fato, historicamente?

DM - Porque alguns ministros da Saúde, mal orientados, ou sem uma formação científica, acharam que estava se gastando muito dinheiro em coisas que aparentemente não tinham sentido prático. Essa coisa da ciência aplacada é uma história muito velha. Eu ouvi grandes professores criticarem quando, por exemplo, na Universidade Rural, se instituiu a agronomia aplicada. A agronomia é uma só. Se o sujeito não tem a base para fazer a aplicação, não está valendo nada. Não é isso?

RG - Quer dizer que a gente está construindo um país técnico ao contrário, nesse momento?

DM - Sim, em muitos casos é. Em muitos casos eu vejo isso. Eu vejo rapazes e moças aí se dedicando a um assunto, e não procuram expandir aquilo, ampliar o seu conhecimento. Vão ficando muito limitados.

WH - E qual é a necessidade da ciência de ampliar o conhecimento no sentido puro da palavra?

DM - Eu acho que isso é imprescindível, imprescindível. Porque quando o indivíduo não tem condições de aprender zoologia no sentido amplo, ele dificilmente terá condições de

passar numa prova de mestrado do Museu Nacional, que aborda toda a zoologia. Se ele se limita a peixes, ele vai ficar muito vulnerável, se ele se limita a aves, a mesma coisa. Tivemos agora o caso desse Ruschi, que morreu – ele se limitava. Acho que talvez nem se possa chamá-lo realmente de um ecólogo, no verdadeiro sentido da palavra, porque a grande preocupação dele eram orquídeas e beija-flores. Fez um trabalho muito útil, não é? Fez um trabalho útil porque lutou, brigou para preservar aquela área dele, mas não se pode dizer que ele seja um ornitologista.

WH – Isso porque ele só se dedicou a um campo muito específico?

DM – Muito limitado e assim mesmo sem grande, como dizer, sem grande preocupação com o estudo da anatomia, da fisiologia dos beija-flores.

RG – O senhor falou que essa orientação mais prática teria vindo de alguns ministros. Como se fosse assim uma coisa de ministério, de governo. E a comunidade científica ela tem uma unanimidade em relação a isso, ou ela está dividida?

DM – Ela está dividida. Isso se discute muito. Basta ir assistir a uma das sessões da SBPC para ver que...

RG – Nesta questão?

DM – É. Nesses painéis é que aparece esse tipo de discussões.

WH – Que tipo de discussões são essas?

DM – Sobre a terminologia de determinadas doenças, não é? E aí vão surgindo confusões. Eu me lembro sempre de que quando eu comecei a estudar, era ensinado que as doenças parasitárias deviam terminar na desinência – íase. Por exemplo: ancilostomíase, teníase, amebíase. E as doenças infecciosas, ou bacterianas, ou viroses, terminariam em – ose: tuberculose. E há poucos anos atrás, num congresso de dermatologia, foi proposta para designar uma doença que apavorava os doentes só pelo nome, que era a lepra – e como a lepra também era conhecida pelo nome do seu descobridor, como o mal de Hansen – a palavra hanseníase, que foi aprovada. E isso é uma doença microbiana...

WH – Que tem o final como se fosse parasitária.

DM – É. Vizinha até da tuberculose, não é? Essas coisas é que criam essas situações, essas confusões. E nunca mais vai ser possível a gente consertar. Ainda mais que agora mesmo a Organização Mundial de Saúde propôs – outra coisa que no meu tempo, e até um tempo relativamente recente, não se ensinava assim... Antes, toda doença produzida por um microorganismo só visível pelo microscópio óptico ou microscópio eletrônico era chamada de infecção e a doença produzida por um organismo visível na lupa ou com um pequeno aumento no microscópio era chamada de infestação. A Organização Mundial de Saúde, agora, resolveu que tudo o que for externo é infestação, tudo o que for interno é infecção.

Chega um dado momento em que uma dermatose produzida por um fungo que é microscópico, mas é externo, cria confusão.

RG – Mas eu me referia nessa minha pergunta à relação entre governo e cientistas, quer dizer, entre a ciência e o poder. Nesse tipo de conflito, que espaço que a ciência vai ter?

DM – Nesse ponto, às vezes, a assessoria do ministro da Saúde e da Educação se interessa pelo assunto, mas nem sempre.

RG - Agora, por exemplo, com a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, que foi uma grande bandeira. Não sei se o senhor participou, mas a gente sabe que o Herman foi um militante na década de 60.

DM - Foi. Existe até aqui, na Santa Úrsula, um trabalho publicado pelo Herman numa revista sobre esse assunto.

RG - E como é que vocês estão vendo isso hoje em dia? Porque agora existe finalmente ministério.

DM - Eu acho que está certo. Me parece que o ministro é capaz, o Archer. Mas vamos ver como é que a coisa vai se desenvolver. O problema no Brasil, realmente, é verba. Os pesquisadores hoje estão cada vez tendo menos possibilidades de comprar livros. Nós recebemos aqui, todos os meses, catálogos, principalmente da Universidade de Carolina do Norte; catálogos enormes, uma beleza. Mas como é que a gente vai comprar aquilo?

RG - A universidade não tem uma verba destinada a este tipo de...?

DM - Tem. Mas é restrita, não é?, restrita.

WH - Dr. Domingos, eu gostaria de voltar um pouco ao Instituto, a partir dessas conversas, principalmente sobre a questão de verbas, a questão da ciência, e discutir com o senhor como era essa questão no Instituto quando o senhor entrou e mesmo depois. Ou seja, com que tipo de problema se deparava um cientista? Havia o problema de verbas? Como era o financiamento nessa época?

DM - Bom. De um modo geral nós fazíamos o pedido do material, do livro, entregávamos ao chefe da sessão, e o chefe encaminhava à pessoa competente. Mas raríssimas vezes vinha.

RG - Ah, é? Cronicamente, era difícil também?

DM - Difícil. Livros, ainda havia uma possibilidade, porque nós tivemos bons bibliotecários. Um holandês, e a Emília Bustamente. Ambos estão mortos. Eles se esforçavam muito. Revistas, por exemplo, chegavam sempre, e havia sempre renovação de assinaturas. Mas em relação a alguns livros, a coisa se tornava muito difícil por causa do preço.

WH - E em termos de equipamento, do material necessário para a pesquisa?

DM - Isso também demorava muito. Eu já tive a oportunidade de dizer que nós tivemos um microscópio durante muitos anos. Depois o Travassos passou esse microscópio para a sala do Teixeira de Freitas e do Herman Lent, porque ele resolveu trazer para Manguinhos, com a autorização da direção, o microscópio dele, da Escola de Veterinária.

WH - Quer dizer que se tinha que conseguir uma fórmula não institucional para trabalhar.

DM - Pois é. Imagina que - eu não sei se vocês ouviram falar de uma história sobre o carteiro das borboletas?

RG - O Hugo contou um pouquinho.

DM - Pois é. Romualdo Ferreira da Silva. Um dia, o J. Pinto, o homem das fotografias lá em Manguinhos, chegou para levar umas fotografias que ele tinha tirado para o Travassos. O Travassos estava num momento de recreio, vendo as borboletas dele. Examinando, arrumando. E aí o J. Pinto disse: "Dr. Travassos, eu conheço um carteiro que serve a nossa rua que de repente ele larga a sacola das cartas na rua, arma uma rede num pedaço de bambu e sai atrás de uma borboleta. E aí apanha e arruma direitinho num envelope de papel". Era uma coisa que se fazia assim: (mostrando) dobrava-se um lado e pegava-se a borboleta pelo tórax, juntando as asas, apertava-se o tórax e ela morria. Aí ficava guardado. E aí ele anotava a hora e a rua em que tinha apanhado. "Eu posso trazer ele aqui pra ele ver as suas borboletas?", "Pode, pode trazer sim". Acontece que o Travassos recebia bibliografias do estrangeiro, revistas da Europa, e lia sempre um trabalho sobre borboletas, ora escrito em inglês, em francês e talvez até em alemão. Era de Ferreira da Silva, R. Um dia chegou lá o Ferreira, e o Travassos foi mostrar as borboletas. Aí ele começou a dar nomes a algumas, e o Travassos ficou admirado e disse: "Você estuda há muito tempo isso?"; "Estudo. E já publiquei alguns trabalhos"; "Onde?"; "Em revistas na Europa"; "Como é seu nome?"; "Romualdo Ferreira da Silva". Assim o Travassos ficou conhecendo o homem.

WH - É Interessante a história dele, porque era um carteiro que não teve nenhuma profissionalização científica.

DM - Nada, autodidata mesmo.

WH - E havia possibilidade, sendo autodidata e não tendo nenhum vínculo institucional, de publicar trabalhos no estrangeiros?

DM - Claro. Havia possibilidade. Ele mantinha correspondência com as pessoas, mandava o material, apareciam as pessoas interessadas, e aí ele mandava uma cópia de um trabalho.

WH - E as relações se davam pessoalmente?

DM - Pessoalmente. Era uma correspondência pessoal. Aí o Travassos conseguiu - o Travassos tinha sido professor em São Paulo, e o governador era o Ademar de Barros, que tinha sido aluno dele no curso de medicina - Travassos escreveu uma carta ao Ademar de Barros, e ele contratou o Almeida - eu chamei Ferreira da Silva mas não é, Ferreira de Almeida, alias, Ferreira D' Almeida, e ele foi para lá trabalhar no Museu Paulista.

RG - Por que ele foi para São Paulo?

DM - Porque aqui no Rio não houve possibilidade. Mas depois o Travassos conseguiu. Ele veio trabalhar no Museu Nacional e depois em Manguinhos.

RG - Essa história dele é uma história assim muito excepcional, não é? Muito bonita, mas muito fora de série.

DM - Muito. É claro. Isso mesmo. Mas devem existir outros, não é? Eu tive um professor de botânica, que eu nunca soube que ele fosse formado em alguma coisa, Carlos Viana Freire. Foi assistente da UDF.

RG - Eu sempre acho interessantes as histórias da UDF. Mas a gente estava falando das verbas. O senhor diria que quando o senhor entrou em Manguinhos, Manguinhos já era uma instituição mais pobre do que tinha sido? Porque parece que no começo havia uma certa facilidade, não é, de conseguir muita coisa.

DM - É. Isso é verdade. Mas, em alguns setores, por exemplo, nunca faltava nada.

RG - Quais, por exemplo?

DM - O pessoal mais ligado à direção. Agora, para os que não estavam lá insistentemente pedindo, ficava mais difícil.

RG - Havia algum setor já classicamente privilegiado? Áreas que eram conhecidas como as áreas ricas de Manguinhos?

DM - Houve um período em que as áreas mais privilegiadas eram as áreas de vírus e bacteriologia, que eram as áreas do Lacorte, do Rocha Lagoa...

WH - Mas Isso em 64, depois.

DM - Depois disso.

RG - Mas na década de 40 não existia uma coisa assim tão clara, de preferir um...

DM - Eu pelo menos não sabia. Nessa época, eu estava preocupado com problemas de trabalho fora de Manguinhos, e tinha muito pouco tempo para conversas. Essas coisas a gente ouve na hora do café.

RG - É. O senhor vinha num horário diferente dos outros, não participava.

DM - Pois é. Geralmente na hora do café eu não estava, a não ser em período de férias.

RG - Agora, interessante é que o senhor disse que o Aragão foi nomeado pelo Vargas, não é? Só que depois o Vargas caiu, no fim da guerra, e o Aragão permaneceu, ficou como diretor até 1950, justamente o período de democratização maior deste país, 45,46.

DM - Pois é. Mas lá em Manguinhos eu não creio que tenha havido essa democratização, não.

RG - Não houve. Não se consegue fazer um paralelo entre os movimentos da sociedade e os da instituição?

DM - Para mostrar como havia faixas privilegiadas: o Teixeira de Freitas contava uma coisa que só como anedota. Um dia ele pediu ao Aragão uma tesoura anatômica. Aí um funcionário veio trazer um ramo da tesoura só. E no mês seguinte trouxe o outro.

RG - Era a conta-gotas que ele...

DM - A conta-gotas. Depois veio um período novamente de discriminação, que foi o do Olímpio.

RG - Que tipo de discriminação?

DM - Ah, sempre o grupo dele, não é? O grupo chegou a ele. E acabou brigando com muita gente. O Olímpio trabalhou muitos anos com o Area Leão e por fim já não se entendiam mais. O Area Leão foi um grande pesquisador.

WH - Qual era o grupo ligado ao Olímpio? Quais eram as características das pessoas que estavam ligadas ao Olímpio da Fonseca?

DM - Olha, eu acho que era o grupo do Lacorte. O Cássio Miranda... Quem mais?

RG - Cássio Miranda é pesquisador de que área?

DM - Olha, eu vou lhe dizer, eu não sei. Eu acho que da microbiologia, mas tenho a impressão de que ele nunca publicou um trabalho e foi igualzinho ao Rocha Lagoa.

WH - O Júlio Muniz era ligado ao...

DM - O Júlio Muniz foi assistente do Olímpio na Faculdade de Medicina, antiga Nacional. Mas depois se afastou.

WH - O Jansen?

DM - O Jansen é que se aproximou muito dele e acabou trabalhando com ele como assistente, já no fim da vida do Olímpio, na Faculdade de Medicina de Vassouras e na Faculdade de Medicina de Nova Iguaçu.

WH - Existe um médico também, chamado José da Cunha, o senhor conheceu?

DM - Era o homem que trabalhava com a vacina da varíola, se não me engano. Não era Ferreira da Cunha?

WH - José Ferreira da Cunha<sup>3</sup>.

DM - É isso mesmo. Eu não sei grande coisa dele. Era um sujeito que trabalhava muito, sabe. Porque era ali perto a coqueira onde abatiam os animais pra retirar vísceras.

WH - E ele também fazia parte do grupo do Olímpio da Fonseca?

DM - Do Olímpio. Era mais chegado.

WH - Esse grupo de pessoas, que características elas tinham do ponto de vista de um projeto científico para a instituição?

DM - Que eu saiba, não tinham assim um projeto muito bem claro, bem estabelecido, bem projetado.

RG - O que as unia umas às outras? O que que havia de comum nesse grupo?

DM - Eu tenho a impressão de que era um problema de vida social, se reuniam e tudo o mais. O que não acontecia conosco lá, porque cada qual ia para o seu canto quando saía de Manguinhos, e pronto.

RG - Vocês tinham afinidades com um projeto científico. Não havia isso?

DM - Cada qual tinha o seu, pois é.

RG - A gente está tentando entender os grupos, o tipo de vínculos e antagonismos que existiam.

DM - Uma coisa eu posso dizer: o único grupo que não tinha... em cuja área não penetravam, era o do Travassos. O máximo que nós tínhamos ali era um relacionamento com o pessoal do Miguel Osório de Almeida, Haity Moussatché, Mário Vianna Dias e o Ubatuba. Éramos vizinhos, não é? Mas naquele pavilhão tinha ainda a parte de cirurgia experimental, no térreo, onde trabalhava o Murilo Fontes com o Maurício Gudín. E no térreo ainda, debaixo do corpo do edifício, tinha a sessão de vírus e rickettsias, na qual trabalhou Joaquim, Joaquim Travassos da Rosa, que foi diretor daqui também.

---

<sup>3</sup> O nome correto é José Fonseca da Cunha

WH - Dr. Domingos, o senhor falou que o Olímpio e o seu grupo não tinham um projeto científico mais articulado. Mas eu queria lhe perguntar uma coisa. Durante a gestão do Olímpio da Fonseca acontecem várias mudanças dentro do Instituto. Ele traz o microscópio eletrônico, reformula os cursos, e inclusive, cria-se um conflito dele com outras pessoas. O senhor podia explicar melhor o que foi isso?

DM – O Olímpio era muito egocêntrico. Ele levou para lá os filhos, não é. Um deles, se não me falha a memória, era até poeta, não era médico. Arriscava umas poesias. E o Olímpio, a impressão que eu tenho, é que quando algum assistente começava a se projetar, a chamar a atenção, ele se desfazia do assistente. Essa é a impressão que eu tenho. Talvez tenha sido a impressão do César Pinto, que em certa época fez até um desenho muito curioso em que aparecia uma figura, que era a do Olímpio, e tinha uns sinais, sombras, medo da sombra projetada por um assistente. E foi aí que ele criou a expressão “câncer psíquico”, que é o medo da sombra. Isso é relativamente freqüente no Brasil, talvez no mundo. As pessoas que são chutadas porque começaram a se projetar. Mas lá, com o Travassos, nunca aconteceu uma coisa dessas.

RG – E o César Pinto era uma...

DM – Era um sujeito trabalhador.

RG – Mas ele tinha essa característica de ser muito crítico, não é?

DM – É. Ele trabalhou com o Olímpio também. Muito crítico. Muito crítico. Ele foi professor da Escola Nacional de Veterinária. E ele fez críticas terríveis ao diretor, chegando a ameaçá-lo de agressão, como se fazia no Sul, com o rebenque. (rindo)

### **Fita 6 - Lado A**

RG - Em relação aos seus contados com a Rockefeller, o senhor dizia que não foram muito...

DM - é. No pavilhão central ali no Instituto eu estive muito pouco tempo, porque chegava ali para apanhar material e para trazer relatórios e receber ordens para ir a outros lugares.

RG - De quem o senhor recebia ordens?

DM - Geralmente era do Dr. Mário Franca.

RG - Ele era um diretor?

DM - Era um dos diretores.

RG - Da Rockefeller? Onde ficava esse pavilhão central do instituto, que o senhor disse?

DM - Ali quase defronte do ministério, na Avenida Brasil mesmo, em Manguinhos. Atualmente parece que é vírus, não é? Atrás dele fica o hospital.

RG - Isso em 38? Ou mais adiante?

DM - Em 38. Então, eu saí daqui do Rio para ir a Cambuquira, o primeiro lugar que nós fomos tentar colher material de macacos (inaudível), basicamente, mas de outros animais também. E lá conosco um húngaro, um zoólogo, Carlos Laco. Então nós fomos até o Cruzeiro de trem, em Cruzeiro tinha que fazer baldeação com aquela carga toda. Eu procurei o chefe do trem que ia para o sul de Minas, e ele se encarregou de tudo, e aí eu avisei ao Laco: "O Laco - ele estava com a mulher - vigia a tua mulher porque aqui param trens que vão do Rio para São Paulo, vem de São Paulo para o Rio, vem de São Paulo para Minas, ela pode tomar um trem enganada". Não deu outra.

RG - Era húngara também?

DM - É, húngara.

RG - Eles moravam aqui ou estavam só de passagem?

DM - Trabalhavam aqui no Brasil já.

RG - Na Rockefeller?

DM - Ele trabalhou. Ele era zoólogo, principalmente taxidermista, preparava as peças para os museus, não é. E daí a pouco veio o chefe do trem perguntando nos vagões. Porque o Laco tinha dado por falta da mulher e começou a perguntar pelo nome da mulher dele, se tinha alguém com aquele nome. Aí, na primeira estação que parou, por aquilo que chamavam de seletivo que ligava todas as estações...

RG - Uma espécie de rádio?

DM - É, um negócio que tocava uma manivela e funcionava como um telefone, afinal. Então, ele conseguiu localizá-la numa estação perto de Resende, já estava voltando para o Rio.

RG - Estava quase chegando.

DM - E foi uma dificuldade. Bom, ficamos poucos dias lá em Cambuquira, numa fazenda chamada Recreio, na beira do Paraíba. Porque logo depois veio o estafeta para avisar que o Laco voltasse para o Rio, e eu fosse para Itaipava.

RG - Havia assim urgência de...

DM - Urgência, porque tinha morrido o chofer do cardeal, de febre amarela. E assim foi. Nós pulávamos de um lado para o outro, e depois fomos trabalhar ali na... Aí eu já lá sozinho, com os auxiliares, ali em Ribeirão das Lajes, na usina da Light.

WH - Onde vocês se hospedavam nessas viagens?

DM - Em hotel. Por exemplo, em Ribeirão das Lajes nós ficamos no Hotel dos Ingleses, junto daquelas imensas turbinas, era um barulho infernal. E aí saíamos em excursão nas zonas que foram praticamente destruídas pela usina. São José de Bom Jardim, Arrozal de São Sebastião, que foram zonas prósperas, mas onde não tinha mais nada. Só tinha gente com malária ou então com febre amarela.

RG - Era uma região de alta infestação dessas doenças?

DM - Qualquer buraco de pau era um criadouro de mosquitos. E antes da gente fazer relatórios, sangravam-se alguns bichos, mandava-se para o Rio.

RG - O senhor não tinha medo de pegar a doença?

DM - Bom, eu tomava quinino contra a malária e tinha tomado a vacina contra a febre amarela. O único que não quis tomar quinino teve malária. Foi o chofer. O sobrenome dele era Rosa. E aí fomos chamados ao Rio, e já tinha sido preparada uma bagagem enorme para ir para Mangaratiba, de trem também. Não havia estrada de rodagem. Mas a primeira viagem que nós fizemos, nós fomos a escoteira, para ir conhecendo as coisas. Então, fomos pela Rio-São Paulo até Passa Três - não existia a Dutra - e de Passa Três fomos passar em lugares que se chamam hoje Getulândia. Uma cidade que recebeu o nome de uma cidade que foi arrasada pelo Hitler, na Tchecoslováquia, uma coisa assim, pode ser que eu me lembre depois. Então seguimos, passamos num lugar lindo, São João Marcos.

RG - Onde fica isso?

DM - Fica no alto da serra, do outro lado já ficava Mangaratiba.

RG - Serra do Mar.

DM - Serra do Mar. As casas eram todas revestidas com azulejo português. Casas em estilo colonial português, todas com aqueles sobrados, quer dizer, com aquele espécie de varandinha, muito bonitas.

RG - Ainda existe esse lugar ou foi abandonado?

DM - Vou chegar lá. A igreja matriz - uma coisa curiosa é que a igreja matriz tinha dos lados as catacumbas onde estavam as ossadas dos Jesuítas. Então nós andamos tomando informações, não é?, queríamos saber de uma fazenda que fosse muito procurada para caçadas, e nos indicaram a fazenda do Rubião. Nós fomos até lá. Realmente uma fazenda linda, da família Catta Preta. Essa fazenda esteve nos jornais há pouco tempo, porque foi

descoberto lá um laboratório onde destilavam cocaína. Então, nesse dia, nós chegamos lá com muita fome, eram quase três horas da tarde, só tínhamos tomado café de manhã. Veio o encarregado da fazenda, seu Maninho. Eu disse: "Oi, seu Maninho, nós precisávamos conversar consigo, mas antes precisávamos saber se o senhor não tem alguma coisa pra nos oferecer". Ele disse: "ih, eu não sei. Vamos ver". Foi lá dentro, disse: "Ah, ainda sobrou". E foi um dos pratos mais gostosos que eu já comi: tutu a mineira. É uma delícia. Depois, tomamos banho de cachoeira, vimos aquilo tudo e combinamos ir ali depois para botar umas armadilhas.

RG - Vocês estavam querendo pegar animais para fazer experiência?

DM - Para sangrar e mandar o sangue para serem pesquisados os anticorpos da febre amarela. E depois foi verificado - inicialmente não se sabia - que a febre amarela silvestre só tinha esse nome porque ocorria na mata, em animais da mata e com mosquitos sugadores desses animais, que não eram o *Aedes*, mas que o homem poderia ser sugado e adquirir, e na cidade depois, com o *Aedes*, na forma urbana. Nós voltamos, e nessa ocasião estava lá um parente, cunhado, uma coisa assim, do proprietário, que estava passando férias. Depois eu encontrei muitas vezes com ele no Rio, era o gerente da Sloper da Praça Saens Pena, um francês, Henrique Arthou. E quando eu disse o que eu ia fazer, ele perguntou: "Eu posso ir?". Eu disse: "Pode, ué". E daí a pouco ele aparece com um bonezinho e uma bengala. Aí fomos.

RG - O senhor também preparava as armadilhas?

DM - Quem preparava eram o Gentil e o Galdino, os dois técnicos. E escolhíamos os lugares e tudo. O objetivo era pegar macacos, mas nenhum macaco nós pegamos. Só víamos ossadas de macacos. E eles espalharam as armadilhas, prepararam, e aí passa um bando de maritacas - sabe o que é maritaca, que faz aquele berreiro, não é?

RG - Lá em Manguinhos passa de vez em quando.

DM - Passa, também. Essa época é época de passar, porque elas ficam alvoroçadas com as flores vermelhas, com os mulungus, com as cristas de galo. E aí eu disse: "Que pena não poder pegar uma". Nós tínhamos um caçador. "Olha aí, o Bahia, que pena você não pegar isto aqui". Ele: "Ah, esta voando com muita rapidez". Aí o Henrique Arthou disse: "O senhor quer?" Ele puxou o cabo da bengala, apareceu o gatilho, ele apontou e derrubou.

RG - Era uma arma disfarçada de bengala.

DM - Disfarçada. Eu nunca tinha visto uma coisa dessas.

WH - Filme de James Bond.

DM - (rindo) E no dia seguinte fomos ver as armadilhas, e ele foi conosco outra vez. Depois nós descobrimos um lugar chamado "Fortaleza". O Brasil é um país sem tradição, sem

história, porque o que existe é abandonado. Eu nem sei como é que estará aquilo. Os jesuítas tinham feito um parapeito que dominava a baía de Mangaratiba.

RG - Devia ser um panorama belíssimo.

DM - Pois é. E ali eles assestaram os canhões. Canhões antigos, não é?, que eu ainda vi. Ainda vi canhões assim. Porque eles prepararam aquilo como uma defesa contra a invasão dos franceses. Tirei fotografias daquilo, e tudo, mas como sempre os americanos carregaram.

RG - Pois é. Eu queria falar um pouco sobre essa relação com os americanos.

DM - Mas então, a mata atlântica, não é, maravilhosa, A gente pisava num colchão de folhas. E arvores enormes. De vez em quando um espaço entre as folhas, e o sol se infiltrava. Eu me meti numa aventura, numa dessas ocasiões, que foi... Pegamos um trecho de estrada dentro da mata, e um dos rapazes me chamou a atenção para duas cobras que estavam no sol. Eu disse pra Galdino e Gentil: "Vamos pegar essas cobras". Ele disse: "O senhor tem coragem, doutor?"; "Tenho". Então um deles cortou um galho, fez uma forquilha, e quando prendeu no chão, eu segurei por trás da cabeça, aí a cobra enrolou no meu braço. Era 1939. Eu tinha parado de remar há pouco tempo. Enquanto isso, o outro estava vigiando a outra cobra, era um casal. Ele fixou e eu peguei a outra. Aí virei para o Rosa Aquino, que trazia o material, e disse: "Rosa, cadê o saco?" Era um saco de aniagem que a gente usava para trazer coisas. Ele procurou lá a caixa e disse: "Ih, ficou no carro". Tivermos que voltar mais de um quilômetro, e eu com aquelas cobras apertando os meus braços...

RG - E que cobras eram venenosas?

DM - Eram, jararacas.

RG - Que sensação ótima deveria ser...

DM - Aí o Gentil segurou na cauda, desenrolou, e eu joguei lá para dentro. É uma coisa assim...

RG - Vocês queriam levar as cobras vivas?

DM - Depois elas foram pelo estafeta para Manguinhos, foram vivas. Tivemos uma oportunidade também - que eu tinha soro, soro antiofídico, antibotrópico, anticlotárico. Só não tínhamos contra coral porque ali não é zona de coral, e os acidentes são muito raros. Tínhamos os soros específicos e nunca precisamos para nenhum de nós, mas ajudamos várias pessoas. Inclusive, perto do laboratório que eu tinha montado em Mangaratiba, numa sala grande, emprestada por um comerciante que estava interessado no problema, tinha sempre na calçada umas crianças brincando, e uma menina de repente deu um grito e começou a chorar. Eu fui ver. Ainda vi uma jararaca correndo. Tinha picado ela. Aí eu gritei para o Gentil pegar a cobra. Peguei a menina e levei lá para dentro. Ela estava com

uma irmazinha, e eu disse: "Vai chamar sua mãe ou seu pai". Comecei a preparar o soro, e apliquei uma ventosa no local das picadas. Ali, pelas picadas, eu sabia que era uma jararaca, porque ficam logo edemaciados os pontos de penetração das presas. Os pais chegaram logo e ainda viram eu aplicando o soro. Eu botei um garrote em cima e ensinei eles a soltar o garrote de meia em meia hora, que já estava com o soro, mas quanto menos o veneno se espalhasse, melhor. Apliquei uma ventosa que retirou aquela cerosidade sangüínea, que devia estar com veneno também. E a criança não teve mais nada. Nem problemas de sensibilidade ao soro. Lá em Mangaratiba, nós estivemos seguramente seis meses.

RG - Sempre nesse mesmo trabalho de conseguir sangue dos animais, ou vocês também faziam um trabalho assim de reeducação, de levantamento da região? Com a população local vocês não trabalhavam?

DM - Tinha um médico lá, Kahlil Kedhe, mas não era um médico capaz de nos orientar nesse sentido. Com as pessoas mais importantes do lugar, nós conversávamos. Mas ali, a maioria era de descendentes de libaneses, de árabes, ou árabes mesmo, de modo que ficava difícil. Mas nessa época, para fins de diagnóstico, um médico sanitarista, Décio do Amaral, tinha imaginado um aparelho para retirar um fragmento de fígado de todas as pessoas que tivessem morrido com sintomas de febre amarela. Esse aparelho se chama viscerótomo. Então, a Saúde Pública pagava cinco mil reis por cada amostra. Mas aí começou aquela velha história do brasileiro querer ganhar dinheiro. Então começou a tirar pedaço de fígado de quem nunca tinha tido sintoma nenhum, pedaço de fígado de pessoas que nem estavam doentes e que se submetiam aquilo por camaradagem, pedaços de fígado de animais, e pronto. E havia suspeita de que esse médico também fazia isso.

RG - Mas esse trabalho não era de profilaxia, quer dizer, era um trabalho de estudo...

DM - Trabalho de campo. Não era de profilaxia. Era antes de epidemiologia, para saber onde os mosquitos iam se infectar para transmitir ao homem.

RG - Porque lá na Fundação foram encontrados uns cadernos de campo do pessoal da Rockefeller em que eles faziam a descrição das casas, da cidade, todo um trabalho.

DM - Bom, mas essa era outra equipe.

RG - Pois é. Outra equipe. Existia nessa mesma época também?

DM - É. A nossa.. Eu me lembro perfeitamente que eu recebia ordens no sentido de fazer o trabalho na mata. Armar armadilhas, sangrar e mandar embora.

RG - Pois é. Isso era uma outra linha, não é, uma outra vertente. Agora, em relação a essa coisa que o senhor disse, que até as fotos dos animais eles pegavam - os americanos se achavam com o direito de posse, não é?

DM - É. Eu estava certo, sabe por quê? Era um convênio entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller em que os contratados recebiam da Fundação Rockefeller apenas

30% do salário. Os outros 70 eram pagos pelo governo brasileiro. De modo que eles não tinham esse direito de posse.

RG - E como eles eram vistos pela população e pelos cientistas?

DM - Muito bem. Porque o governo estava interessado nessa cooperação. E havia alguns médicos brasileiros que estavam em boa posição junto deles. Lá em Manguinhos mesmo, naquele pavilhão Rockefeller, trabalharam vários americanos permanentemente.

RG - Mas não havia assim um movimento antimperialista? Do tipo "esses americanos, o que eles querem? Qual o interesse deles aqui no país?"

DM - Não. Não. Quando eu cheguei em Cambuquira, por exemplo, foi uma dificuldade vacinar, porque diziam que nós tínhamos ido lá a mando do Getúlio para matar o maior número de pessoas. Foi preciso que o prefeito se deixasse vacinar na frente deles, para eles serem vacinados.

RG - Mas isso porque eram americanos, porque vinham da Fundação, ou. . .

DM - Não. Não tinha nada a ver. Porque ali não tinha nenhum americano.

RG - Isso já era um outro tipo de preconceito da população, por conta da vacina.

DM - Aliás, hoje tem duas notícias no jornal. Uma saiu ontem também. Em matéria de injeção...

RG - Erraram, não é?

DM - É. Injeção no Sarney, não é? Ele foi para a Itália com o braço numa tala para evitar fazer movimentos, por causa de uma calcificação no cotovelo. E a outra foi o erro das vacinas. Cerca de 50 pessoas...

RG - É. Mas eles não sabem quem são as 50. Eles não vão poder saber. Vão ter que fazer uma revacinação completa, pois quase 500 pessoas de fato estão envolvidas nisso.

DM - É, isso mesmo.

WH - Dr. Domingos, até quando a Fundação Rockefeller permaneceu no instituto?

DM - Olha, eu tenho a impressão que foi até o fim da década de 30, no máximo início de 40. E eu sai logo em 38, porque o Hugo me convidou para ser assistente dele.

RG - É, o senhor contou.

WH - Mas o senhor sabe qual era o tipo de convênio que a Fundação tinha com o Instituto?

DM - Era sobre o problema da febre amarela.

WH - Existe uma versão de que o Aragão teria tido problemas com a Fundação Rockefeller?

DM - Isso eu nunca soube direito. Mas tenho a impressão de que isso influenciou muito para que fosse denunciado o convênio.

WH - Denunciado?

DM - É, interrompido o convênio.

WH - E o senhor não sabe que tipo de conflitos havia entre a direção...?

DM - Não sei mesmo.

WH - Mas efetivamente houve um mal-estar?

DM - Eu ouvia falar. Mas o que eu ouvia direito - porque aquele pessoal da Rockefeller, os americanos, Dr. Wilson, Dr. Yeager, eles eram muito importantes para se dirigir a uma pessoa como eu.

RG - Isso porque o senhor era jovem, ou porque eles eram pessoas que mantinham distância mesmo?

DM - Não sei por quê. Uma ocasião, eu ia passando com o Travassos, e o Fred Soper, que era o presidente, reconheceu o Travassos, veio falar com ele, mas não me ligou a mínima bola.

RG - A gente precisa depois saber escrever esses nomes.

DM - Lá em Manguinhos tem os relatórios todos da Rockefeller.

Data: 22/07/1986

### Fita 6 - Lado B

RG - Da última vez nos tínhamos falado de vários pontos, e ficaram algumas coisas que a gente gostaria de retomar para depois dar continuidade.

WH - Por Exemplo, na entrevista anterior. Dr. Domingos, referindo-se ao Cardoso Fontes, o senhor falou que ele tentou continuar a orientação que o Oswaldo Cruz e o Carlos Chagas queriam dar ao Instituto Oswaldo Cruz. E nos ficou a dúvida de que orientação era essa que o Oswaldo Cruz e o Carlos Chagas deram ao Instituto.

DM - O Oswaldo Cruz, quando pensou em fazer o Instituto Oswaldo Cruz, ele pensava, principalmente, em problemas de saúde pública. Resolver os problemas graves de saúde pública. Mas nunca, a mim me parece, nunca passou pela cabeça do Oswaldo Cruz que o Instituto fosse transformado numa fábrica de vacinas. Ele queria um Instituto de pesquisa. E a prova disso é que ele trouxe, logo no início do Instituto Oswaldo Cruz, grandes pesquisadores da Europa, como Giemsa, Hartmann, Prowazek e outros, para formarem uma escola. E isso deu muito bom resultado, porque Manguinhos se projetou no mundo como uma escola de parasitologistas e de patologistas de primeira grandeza. Surgiram homens de grande valor, como, por exemplo, Gaspar Viana, que infelizmente morreu muito cedo, morreu com 29 anos. A ele se deve a descoberta do tratamento de uma doença grave como a leishmaniose, cutânea e mucosa, que naquele tempo era conhecida como ulcera de Bauru, porque foi lá que foi descoberto o primeiro caso. Na mesma época, havia homens que estavam trabalhando intensamente, depois da descoberta de Carlos Chagas, com a doença de Chagas - a tripanossomíase americana - e surgiram assim os meios diagnósticos da doença, como a reação de Machado Guerreiro, feita lá em Manguinhos. Só que o tratamento nunca foi possível, e até hoje não se sabe nada sobre o tratamento da doença de Chagas. Tenta-se muita coisa. Talvez não haja doença onde se tenha tentado uma enorme variedade de processos sem resultados. Hoje caminha-se em busca da vacina. Mas ainda não há nada em definitivo.

WH - Agora, a intenção do Oswaldo Cruz seria criar um Instituto dedicado à área de saúde pública, não é?

DM - É, mas também de pesquisa.

WH - De pesquisa na área de...

DM - Na área de saúde pública ou áreas afins. Nunca passou pela cabeça do Oswaldo Cruz fazer daquilo uma fábrica de vacinas. Isso podia surgir simultaneamente, como surgiu a vacina contra o carbúnculo.

WH - A vacina da manqueira.

DM - Da manqueira.

WH - Agora, o Instituto Oswaldo Cruz, quando foi criado - ele foi criado em 1900 pelo Barão de Pedro Afonso, Rodrigues Alves - chamava-se Instituto Soroterápico Federal. Ou seja, a intenção era que ele produzisse soros e vacinas.

DM - Pois é, naquela época. Mas quando o Oswaldo Cruz veio, ele já tinha outras idéias, não é?

WH - Quer dizer, ele rompeu com aquela...

DM - Orientação. Porque isso seria muito restrito, não é ? Ele entrou em contato com pesquisadores na Europa, na .... Alemanha, convidando-os para vir trabalhar em Manguinhos, e oferecia a eles ou perguntava o que eles precisavam, e eles mandavam dizer. Quando o Oswaldo Cruz já tinha aquilo pronto, comunicava "Pode vir". Já tinha tudo pronto. Muita gente foi estagiar com esses homens.

WH - Mas mesmo assim todo o setor de produção se manteve, no Instituto. O Oswaldo Cruz não acabou com esse setor.

DM - Não, não acabou. De jeito nenhum. Ele estimulou a área da pesquisa e procurou especialistas para orientarem estagiários e assim surgiram grandes nomes. Alguns foram chegando depois, mas aí já havia uma estrutura de pesquisa, e o Oswaldo estimulava.

WH - Mas ao mesmo tempo, paralelamente a essa estrutura de pesquisa que ele começou a montar também havia o engajamento em campanhas sanitárias...?

DM - Sim. Sim. Foi aí que... Quando começaram a surgir casos de malária, no norte de Minas, em Lassance, na construção da estrada de ferro, foi mandado para lá o Carlos Chagas, que era entomologista. Foi aí que ele descobriu a doença de Chagas.

WH - O senhor falou em estrada de ferro. Tem uma coisa interessante. O Instituto Oswaldo Cruz se punha a serviço de empresas privadas?

DM - Não, o governo.. Porque não havia o Ministério da Saúde, não é? O Instituto estava ligado diretamente ao presidente da Republica. Quando começaram a surgir essas coisas que estavam atrapalhando a construção da estrada de ferro - que naquele tempo era a Central do Brasil - para o norte de Minas, casos de malária, como o Carlos Chagas era entomologista, ele foi mandado para lá. Mas ele teve notícias de que existia um inseto que sugava as pessoas, e notícias também de que as crianças amanheciam freqüentemente com os olhos inflamados, a ponto de não poderem abri-los. Era preciso que limpasse bem, se lavasse bem para descolar as pálpebras. Ele aí foi ver o que era e acabou descobrindo no barbeiro um protozoário, que ele descreveu então para o Oswaldo Cruz, mandando barbeiros e pedindo que fizessem com que eles sugassem macacos. Aí começou a descoberta da doença da Chagas.

RG - Por duas vezes o senhor mencionou fato de que o Oswaldo Cruz nunca pensou em

fazer daquilo uma fábrica de vacina. O senhor se referia à orientação ao anterior ou a posterior? Ao que veio a acontecer mais tarde?

DM - Agora, agora, por exemplo, pesquisa pura, praticamente não existe mais. Existe pesquisa aplicada aos grandes problemas nacionais. Isso é importante que se faça, mas não se deve impedir que pesquisadores continuem a trabalhar daquela forma que deu tanto renome ao Instituto Oswaldo Cruz.

RG - O binômio, não é?

DM - É. A descoberta de parasitos novos, de novos hospedeiros de repente, podia se constituir num problema importante.

RG - O senhor sente que com essa administração nova, essa nova orientação, com a redemocratização do país, o senhor sente que pode haver uma mudança, ou ela já esta ocorrendo, no sentido de haver mais espaço para a pesquisa não dirigida, a chamada pesquisa pura?

DM - Tenho a impressão que sim. Nessa nova fase, depois que começou a Nova República, acho que agora sim, há uma liberdade maior, um incentivo maior nesse sentido. Porque o tipo de pesquisa para descobrir vacinas - a meu ver as duas mais importantes são as que vão prevenir a malária e a doença de Chagas - o Brasil não tem condições financeiras de estimular isso. Em Ribeirão Preto, a equipe de parasitologia da Faculdade de Medicina está trabalhando há vários anos, pesquisando a vacina contra a doença de Chagas, e parece que também em Pernambuco, em Recife, mas até agora nada. E o Brasil tem potencialmente mais de dez milhões de brasileiros expostos a doença de Chagas. A outra vacina é a da malária, sobre a qual os brasileiros já vinham pensando há anos aqui mesmo no Brasil. Mas só depois que foram exilados é que eles encontraram meios de levar avante as experiências deles.

RG - O casal Nussenzweig também foi exilado por motivos políticos?

DM - Foi. Porque eles eram da equipe do Samuel Pessoa. O Hildebrando também era da equipe do Samuel Pessoa, só que o Hildebrando foi para Paris, e os dois outros foram para Nova York.

WH - Tem outras pessoas que agora estão lá no Instituto, que eram também desse grupo do Samuel Pessoa: o Leônidas Deane e a Maria Deane...

DM - Não. Não eram, não. Que eu saiba, não. O Leônidas Deane e a Maria Deane trabalhavam no Norte. A mim não consta...

WH - Que eles seguissem a orientação do Samuel Pessoa?

DM - Podiam até seguir, mas não trabalhavam, não eram da equipe do Samuel Pessoa. O Leônidas Deane é entomologista e a Maria Deane é protozoologista. Se não me engano,

eles trabalhavam em Belém. No Instituto de Patologia do Norte. Inclusive, eu tenho um auxiliar - já falei nele várias vezes, ele está doente até, e a mulher também, José Cunha....

RG - Ele não melhorou?

DM - Eu não sei, porque há dois dias não telefono para ele. E a mulher estava internada ainda.

WH - Ele foi convidado também para... Eu falei com ele, ele disse que não sabia, mas que agradecia muito o convite.

DM - É, ele é muito tímido, sabe? O Cunha trabalhou com a Maria Deane, em Belém do Para.

RG - Isso em que época da vida dele?

DM - Logo no início da vida dele. Mandaram ele lá para o Norte.

RG - O Instituto mandou?

DM - O Instituto, é.

RG - Era uma sucursal do Instituto no Norte?

DM - É. Aquilo foi organizado, fundado pelo Evandro Chagas, o filho do Carlos Chagas. E lá se formou uma equipe de grande valor, no Instituto de Patologia do Norte. Hoje, parece que é Instituto Evandro Chagas. Foi lá que em 1966, o entomologista Fraiha, ele e mais dois colegas, denunciaram a presença do *Aedes aegypti* em Belém do Pará. Comunicaram a Saúde Pública e parece que nada foi feito e o *Aedes* invadiu o Brasil inteiro.

RG - Eclodiu, não é? Agora, o senhor dizia que o Cardoso Fontes tentou imprimir a mesma orientação do Oswaldo Cruz e do Chagas. O senhor diria aliás, que o Chagas manteve a mesma orientação do Oswaldo Cruz? Não havia características diferentes de um para o outro?

DM - Eu acho que manteve.

RG - Porque o senhor entrou na sua juventude, nessa época já tinha...

DM - Eu entrei para Manguinhos um ano depois da morte de Carlos Chagas.

RG - Então o senhor ainda sentiu o que era o Instituto, não é?

DM - Mas aí a gente já foi sentindo que a administração tinha muita dificuldade para conseguir aquilo que primeiro Oswaldo Cruz, depois Carlos Chagas, conseguiam com certa facilidade. Por quê? Eu não sei.

RG - Relações com o governo?

DM - Com o governo, influências políticas, não sei.

RG - Pois é. Porque o Chagas era uma pessoa muito bem relacionada.

DM – Muito bem relacionada, prestígio nacional e internacional muito grande. Se bem que ele fora do cargo, cerca de 30 anos se passaram para que cientistas brasileiros e estrangeiros acreditassem na importância da descoberta dele. Houve mesmo um cientista, grande escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, membro da Academia Nacional de Medicina, Afrânio Peixoto, que quando o Carlos Chagas apresentou o trabalho dele na Academia, fez observações muito pejorativas. Porque o Carlos Chagas, acho que ele fez uma descoberta ímpar. Ele sozinho – sozinho é o modo de falar – mas ele conseguiu descobrir tudo em relação àquela doença: o agente etiológico, o transmissor, as principais lesões. Apenas ele fez uma referência, que depois ele modificou, porque não região onde havia a doença havia carência de iodo; então, as pessoas eram freqüentemente acometidas de bócio, bócio endêmico. Ele achou que aquilo era também uma ação do parasito. Mas depois ele corrigiu. Ele fez referencia também ao fato de que havia uma espécie de retardamento no desenvolvimento, devido naturalmente à deficiência tireoidiana, não é...

WH - Cretinismo, se chama?

DM - Cretinismo, que ele chamava. Ele usou a palavra cretinismo. O Afrânio Peixoto, quando comentou a coisa, disse: "V.Ex.a, vem aqui falar na descoberta de uma nova doença. Reúne um grupo de pessoas de uma região e os chama de cretinos. O senhor quer que a gente acredite nisso?" Algum tempo depois o Afrânio Peixoto voltou para corrigir tudo o que tinha dito.

WH - Uma coisa. O senhor falou sobre o Carlos Chagas, sobre as relações e o prestígio que ele tinha. Ele foi o diretor do Instituto durante dois períodos políticos bem definidos no Brasil: um foi a República Velha, e o outro foi já no Estado Novo.

DM - Não chegou a ser Estado Novo, foi próximo. Porque o Estado Novo foi em 37. Ele pegou justamente duas fases. Mas ele já estava doente, e morreu. Porque Getúlio chegou em 30, não é?

RG - Mas apesar de a gestão dele ter se iniciado na República Velha, com essa mudança ele não perdeu, digamos, o trânsito no Estado, entre o poder constituído?

DM - Não. Não perdeu. E conseguia o que precisava. Eu - já disse isso antes - naquela época não tinha muita possibilidade de saber o que se tinha feito.

RG - Mas o senhor poderia ter ouvido falar *a posteriori*.

DM – É. Eu tinha um grande respeito pelo Travassos e, lá me senti inibido de fazer

perguntas sobre aquele período final da vida de Carlos Chagas. Só sei que ele tinha uma grande admiração pelo Carlos Chagas.

WH – Mas alguém disse que eles tinham certos atritos também.

DM – Que eu saiba, não. O Chagas tinha atritos naturais com todos, porque ele queria ver todo mundo trabalhando, e alguns não trabalhavam. Mas com Travassos, que eu saiba, não. Quem pegou algum tempo do Chagas foram o Hugo e o Herman Lent. Se não me engano, o fim de 31, 32, 33, 34. Mas eu não tive isso, porque eu cheguei em 35.

WH – Outra coisa que chama a atenção é que durante a direção do Oswaldo Cruz e até durante a do Chagas, o Instituto se envolveu em campanhas sanitárias. Fez a campanha da febre amarela depois foi tuberculose, um pouco.

DM - Febre amarela, tuberculose e malária. Essas campanhas continuavam porque havia serviços especializados: Serviço de Febre Amarela, Serviço de Peste Bubônica, Serviço de Malária. Tudo depois foi reunido nessa Sucam, Superintendência das Campanhas.

WH – E saiu do âmbito do Instituto?

DM – É, ficou afastado.

RG – Mas o senhor chegou a ir ao Mato Grosso numa campanha?

DM – Não. Não cheguei a ir, porque eu tinha vínculo com o Instituto Oswaldo Cruz como estagiário, estagiário gratuito, naquela época. E era assistente da Escola Nacional de Veterinária. Fui convidado pelo Travassos para ir ao Mato Grosso, e chegou a ser expedido o ato pelo ministro da Agricultura - Daniel de Carvalho - autorizando o meu afastamento. Mas depois, na direção da Escola começou a surgir uma porção de obstáculos e eu não fui. Não cheguei a ir.

RG - Quer dizer, o senhor iria pelo Instituto, mas o senhor tinha o vínculo com a Escola, e era difícil.

DM - É. O meu emprego era na Escola Nacional de Veterinária, não é? De modo que não fui. Com muita pena, mas não fui.

RG - Pois é. Ficou faltando na sua vivência, nas suas experiências de vida, nessas tão variadas experiências, uma expedição. O senhor falou dessa autorização do Ministério da Agricultura, não é? A gente tem assim uma certa curiosidade de saber qual era a ingerência, quais eram os vínculos políticos do ministro para fazer a sucessão no Instituto. A primeira sucessão que o senhor pegou foi a do Cardoso para o Aragão, não é? Depois do Aragão para o Olímpio. O senhor lembra como que se dava essa ligação entre os diretores e os ministérios?

DM - Como eu já disse, eu não tinha acesso a essas... Mas o Olímpio foi um sujeito que

teve uma carreira muito bonita. Ele tinha prestígio de família e era ajudado por muita gente, inclusive pelo Travassos. E quando vagou a cadeira de parasitologia, na antiga Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, ele foi muito ajudado, fez o concurso e ganhou a cátedra. Mas aí o Olímpio passou a dar maior importância a esta posição do que a posição dele em Manguinhos.

WH - Ele ainda não era diretor do Instituto?

DM - Isso foi em certa época em que ele conseguiu formar equipes muito boas, mas que iam se desfazendo por questão de dificuldade de temperamento do Olímpio, não é? E quando veto o Estado Novo, em 1937, e o Getúlio acabou com a acumulação de cargos, o Olímpio deu uma demonstração disso, porque ele preferiu ficar na Praia Vermelha e deixou Manguinhos.

WH - Ele saiu do Instituto?

DM - Ele tinha que optar, não é? Ele saiu do Instituto e ficou na Praia Vermelha. Houve muita gente que criticou isso, pois o Travassos, que tinha uma tríplice posição - UDF, Escola Nacional de Veterinária e Manguinhos - ficou em Manguinhos, que, se não me falha a memória, era onde ele ganhava menos.

RG - Ele abriu mão das outras posições, dos outros cargos todos?

DM - É. Ele optou por Manguinhos.

WH - E como é que o Olímpio volta a Manguinhos depois?

DM - Eu não sei bem como foi, eu acho que ele voltou como diretor. Não sei bem. Isso eu não me lembro.

WH - O senhor acha que ele voltou já na posição de diretor?

DM - Eu não tenho certeza disso. Não me lembro como é que se processou esse retorno. Não me lembro.

WH - O senhor tem idéia de que tipo de relação o Olímpio tinha para ter sido diretor do Instituto?

DM - Não sei. Não sei se foi indicação de alguém de prestígio junto do Getúlio.

WH - Porque é estranho. Ele tinha saído do Instituto, e mesmo assim ele chega a ser diretor. E, por exemplo, o Travassos, que tinha ficado e era uma pessoa também de prestígio, não...

DM - O Travassos nunca demonstrou o menor interesse em ser diretor do Instituto. Ele achava que aquilo ia atrapalhar as pesquisas dele. Nunca. Mas houve outros homens lá que também, apesar do grande prestígio nacional e internacional, como o Area Leão, nunca

foram cogitados para a direção do Instituto.

WH - Porque eles não tinham interesse em assumir a direção, ou porque não havia possibilidades políticas deles assumirem?

DM - Não. Porque, que eu saiba, o Travassos, politicamente, até que podia ter sido, porque ele era um homem que não pertencia a partido nenhum, mas demonstrava muitas vezes que era um homem mais de direita do que de esquerda. O Area Leão, não sei. Como eu disse, era uma época em que eu tinha pouco tempo para ficar em Manguinhos, eu tinha que ganhar dinheiro lá fora. Só comecei a ganhar uma bolsa quando o Olímpio tomou posse. Ele deu bolsa a muita gente que já estagiava lá, queria fazer uma política de aproximação. Então deu bolsa para o Hugo de Sousa Lopes, deu bolsa para mim, para o Sebastião José de Oliveira.

RG - Até então o senhor era estagiário gratuito?

DM - Gratuito.

WH - Eu acho que o Dr. Hugo foi contratado, nessa época.

DM - Acho que logo depois. Porque, não sei por que motivo, o Travassos criticou o Olímpio por alguma coisa, e aí o que aconteceu? O Olímpio cortou a minha bolsa e a do Sebastião.

RG - O senhor ficou sem bolsa.

DM - Fiquei sem bolsa.

RG - Quer dizer, a bolsa durou pouco tempo.

DM - Pouco tempo.

RG - E aí como é que se deu a continuação do sem vínculo depois que cortaram a bolsa?

DM - Eu aí deixei de...

### **Fita 7 - Lado A**

RG - O senhor dizia...

DM - ...me comunicou por escrito

RG - Quem, o Teixeira de Freitas?

DM - É, o Teixeira de Freitas.

RG - O que é que ele era?

DM - Chefe da Sessão de Helmintologia. Ele me comunicou que eu tinha deixado de ser bolsista por uma resolução da administração central, e que ele me agradecia muito a cooperação. Eu então fiz um ofício a ele dizendo que desejava continuar como estagiário gratuito, ele comunicou-se com a administração central, que não opôs objeção, e eu continuei.

WH - Interessante é que durante o período do Olímpio muita gente de fora é contratada para o Instituto e, ao mesmo tempo, o Olímpio não contrata pesquisadores que já vinham trabalhando no Instituto. Eu não entendo quais foram os motivos que o levaram a fazer isso.

DM - Pois é. Isso é meio difícil. Eu me lembro de uma passagem, já em 1964, logo depois da revolução, quando o Olímpio presidiu uma comissão de inquérito para examinar a legitimidade da nomeação de uma quantidade grande de estagiários, de bolsistas que vinham trabalhando no Instituto Oswaldo Cruz e que, por ato do presidente João Goulart, em 62, passaram a fazer parte do quadro de nomeados.

WH - Inclusive o senhor.

DM - Inclusive eu. O Olímpio examinou - eu já tive oportunidade de me referir a isso - e depois, no relatório, declarar que eu era uma das poucas pessoas que tinham verdadeiramente o direito a essa nomeação.

WH - Mas ele não nomeou o senhor quando ele era diretor porque ele tinha um conflito com o Travassos...?

DM - Comigo nunca teve nada. Talvez com o Travassos. Não sei direito. Mas acontece o seguinte: tempos depois, quando Olímpio foi convidado para ser professor da Faculdade de Medicina de Vassouras e queria formar uma equipe, alguém disse a ele - se não me falha a memória, foi o Rui Gomes de Moraes que era casado com uma sobrinha dele que também era professora de parasitologia:" "Por quê o senhor não convida Domingos?" Ele teria respondido: "Ah, era bom. mas eu acho que o Domingos nunca será meu assistente". E o Gomes perguntou: "Mas por quê?"; "Porque ele não vai se afastar do Travassos".

RG - Havia uma grande rivalidade de fato, entre o Olímpio e o Travassos?

DM - Não sei se era bem rivalidade científica. Não sei se havia problemas de família. Porque o Travassos tinha uma vida muito regular, muito ligada à ciência. O Travassos teve quatro filhos. O mais velho é o Laurinho, que trabalha no momento no Instituto Butantã. Depois, se não me falha a memória, é a Odete, que é botânica no Jardim Botânico, não sei se já se aposentou. Tinha o Haroldo, que era especialista em peixes no Museu Nacional e morreu cedo, e o outro, Heraldo, que não terminou o curso de medicina. Nunca mais vi o Heraldo, não sei. A gente tem notícias às vezes. O Haroldo, eu fui uma das últimas pessoas, talvez das duas últimas pessoas ligadas ao pai que falaram com ele: eu e o Herman Lent.

Ele de vez em quando era convidado para fazer umas conferências aqui na especialidade dele, e uma tarde, mais ou menos na hora, eu e o Herman estávamos tomando café, quando o titular da disciplina de peixes, José Andreato, entrou no café e disse: "Olha, o Haroldo está dando aula aí". Eu e o Herman fomos lá dar um abraço nele. Ele interrompeu a aula, veio falar conosco um instante, pediu licença aos alunos e conversou. E a noite nos recebemos a notícia. E aí eu sei bem como é que foi, se foi dentro do carro ou se ele parou e morreu assim que chegou em casa.

RG - Ele teve um acidente?

DM - Teve um problema, um enfarte, algum problema.

WH - Mas o senhor vinha dizendo, sobre o Olímpio e o Travassos, que talvez eles tivessem problemas de família, porque o Travassos estava muito engajado em ciência...?

DM - É. Eu não sei. Não sei se... Porque o Travassos estava engajado em ciência, se preocupava. Nessa época, quando ele teve que desacomular, foi uma dificuldade grande, porque o Laurinho estava estudando em São Paulo e os outros no Rio, e de repente ele teve um corte de quase 2/3 no ordenado. Porque muitos pesquisadores em Manguinhos tinham atividades fora do Instituto. Laboratórios de análises...

RG - Atividades privadas, porque aí não ficava incompatibilizado com o cargo público, não é?

DM - Pois é. Então podiam melhorar o orçamento, coisa que não acontecia com o Travassos.

RG - Ele nunca se interessou em...

DM - Em faturar mais...

RG - Não, não é nem isso. Em conseguir dar conta do orçamento doméstico? Porque ele teve assim uma queda brusca.

DM - Pois é. Agora, a mulher dele era uma mulher extraordinária, que ajudava muito, a Odete.

RG - E esse filho mais moço o que aconteceu? Foi o único que não virou cientista.

DM - Esse mais moço eu não sei o que ele faz. Não sei onde ele trabalha.

WH - Mas voltando à questão do Travassos e do Olímpio, o pessoal que o Travassos formou tinha atrito com o Olímpio. Por exemplo, o Herman Lent é uma pessoa muito crítica em relação ao Olímpio. Isso não o teria também indisposto?

DM - Não sei. Mas olha, o Herman Lent foi monitor do Olímpio. Nem sei se chegou a ser

assistente. Mas depois, com o correr do tempo, o Herman começou a se afastar definitivamente. Porque o Herman é uma pessoa que dificilmente a gente pode encontrar qualquer ponto crítico para criticar no caráter dele. É um homem de uma formação que nos não temos onde criticar. Amigo dos amigos, e não queriam ele como inimigo (risos). Houve uma coisa que ficou famosa em Manguinhos: o Herman é um homem de uma grande organização. Ele guardava tudo, agora eu não sei. E aí, quando surgia alguma proibição, no dia seguinte, ele trazia: "Está aqui. Este homem está fazendo isso. Fez isso assim, assim, assim". Então, fala-se dos arquivos secretos do Herman Lent. E ele criticava mesmo.

WH - E ele tem uma coleção de recortes de jornal sobre o Instituto que é uma coisa impressionante.

DM - É. Ele me disse. O Herman Lent é muito metuculoso, tem uma memória fabulosa. E é organizado, não é, é organizado.

RG - Mas ao mesmo tempo ele é um homem emocional. É engraçado coexistir esse lado metódico com o lado assim menos, digamos...

DM - Muito. Demais. Ele sofre. Sofreu terrivelmente, por exemplo, quando recebeu a visita de um oficial da Marinha, com dois fuzileiros, que foram prender o filho dele, na casa dele, as seis horas da manhã. Ficou preso quase dois meses.

WH - Que filho? Qual é o nome?

DM - É o Roberto. Filho homem é o único.

WH - Roberto Lent. Ele é físico, eu acho.

DM - Ele é biofísico. Aliás, é mais exato dizer que ele é neurofisiologista. Trabalha no Fundão.

RG - E o Roberto foi preso naquela mesma época, no começo de 64, ou posteriormente?

DM - Foi pouco antes. Eu acho que o Lagoa já era diretor de Manguinhos. Sabe, o tempo passa, a gente já não guarda bem. Mas nunca foi chamado para depor.

RG - Mas a prisão do filho tinha alguma coisa a ver com as atividades do pai ou eram coisas assim...

DM - Quem é que vai saber? Quem é que vai saber. Muita gente diz que é uma forma de agredir.

DM - Intimidar.

RG - É. intimidar.

RG - E depois não deu em nada. Ele foi preso e...

DM - Ficou lá naquele depósito, preso, e eles só podiam vê-lo por fora da grade.

RG - Mas não foi a julgamento, não abriram inquérito, não aconteceu nada.

DM - Dr. Domingos, o senhor falou que o Olímpio tinha um grupo em volta dele, e que esse grupo se formou de reuniões, vida social, eram cientistas que se reuniam...

DM - Ah, isso ele tinha. Ele gostava muito, porque... Dizem que a mulher dele - eu não conheci a mulher dele, se não me falha a memória, D. Délia -, que ele é que gostava de... É isso complicava muito a vida do Olímpio, porque isso importava em despesas, não é?

WH - E os cientistas de Manguinhos participavam também dessas uniões?

DM - Provavelmente, mas eu não sei, porque nunca fui. Nunca fui convidado.

WH - Me diga uma coisa. Dr. Domingos, esse grupo que o senhor diz que o Olímpio formou no Instituto, ele se identifica em que linha, qual era a pretensão deles, o que que eles pensavam...?

DM - É difícil, é difícil saber. O Olímpio, como professor titular de parasitologia da antiga Escola Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, gozava de grande prestígio. Em Manguinhos, ele estava ligado ao pessoal da micologia, que foi a especialidade a que ele mais se dedicou. E ele então recebia especialistas do estrangeiro, viajava ao estrangeiro, e conseguiu fazer grande coleção. Tinha a ajuda de um homem, eu até nem sei até que ponto esse homem ajudou o Olímpio: Area Leão. Porque o Area Leão era realmente um pesquisador dedicado.

WH - Ele era da micologia também?

DM - Da micologia. Até pouco antes de morrer estava trabalhando numa espécie de vacina para uma determinada forma de câncer. Agora, voltou para lá o Masao Goto e o Moacyr, para fazer a parte de bioquímica.

WH - Moacyr trabalha com bioquímica.

DM - É. Alguns anos atrás ele passou para a micologia. Ele trabalhava com o Masao Goto e o Area Leão. Ontem o Moacyr deu uma aula lá em Manguinhos, no curso da Pedrina sobre micotoxinas.

WH - Essa dedicação do Olímpio à área de micologia dentro do Instituto levou a um distanciamento dele em relação as outras áreas?

DM - Não. As coisas corriam paralelamente. Ele chegou a publicar um livro, mas que não terminou, saiu só o primeiro volume. Olímpio gostava de escrever, principalmente sobre

história da medicina, e publicou muita coisa sobre isso. Mas como eu disse, eu tinha muito pouco tempo de...

RG - O senhor tinha uma relação boa com o Olímpio, parece, não é?

DM - Sim. Nos encontrávamos e nos cumprimentávamos. mas não havia assim...

RG - Mas também não havia animosidade. O Dr. Perissé, por exemplo, que deu um depoimento para a gente, fala que o Olímpio fez uma gestão que o favoreceu como químico. O Olímpio parece que quis incrementar áreas novas, mudar um pouco o rumo da instituição. O que o deve ter incompatibilizado com algumas pessoas e aproximado de outras. É o que a gente está achando, não é?

DM - É. Parece que sim. Porque o Perissé é um, homem de temperamento difícil. Ele trabalhou com gente muito boa, mas não se afirmava. Por exemplo, com o Haity Moussatché, ele não aceitava certas críticas. E o Perissé, depois da cassação, ele procurou viajar, não é? Já em Manguinhos ele estava interessado em estudar espécie de toxina que era eliminada por esses invertebrados que são chamados de diplópodes, é o gongolo, esse que a gente encontra e ele se enrola todo, e quando ele cai aqui na palma da mão a gente não sente nada, mas quando tira, a pele fica marcada de amarelo e custa a sair. Ele começou a estudar isso, e levantou a bibliografia toda daquilo. Mas ele se perdia no momento da parte zoológica. Então ele insistiu muito comigo, e fez o Moacyr insistir, me trouxe toda essa bibliografia para eu coordenar aquilo tudo, desde o primeiro volume do Zoological Record, da metade do século passado, e de repente ele abandonou tudo. E agora parece que está interessado com lepra, não é?

WH - É. Bioquímica da lepra.

DM - Bioquímica da lepra. Mas isso acontece com muita gente. Eu já tive a oportunidade de me referir aqui que uma das personalidades mais marcantes com quem eu lidei, o Manuel Cavalcanti Proença foi aluno da Escola Militar. Depois, no segundo ano, se não me falha a memória, ele foi reprovado. Naquele tempo havia o chamado "carro de fogo" - quando o estudante não passava, ele vinha para a tropa, para o Exército, e ele foi. Foi e continuou a estudar. E um dia ele fez o vestibular para a Escola de Veterinária do Exército. Continuou a estudar e começou a frequentar Manguinhos. Especializou-se com vermes de cavalos, publicou trabalhos e fez concurso para a Escola Nacional de Veterinária. E apesar do concurso dele ter sido quase brilhante, havia uma coisa na lei que mesmo que ele somasse o maior número de pontos, se ele não tivesse a indicação da maioria dos membros da banca, ele não ganharia. E apesar dele ter tido a maior soma de pontos, ele perdeu. Aí foi viajar e escreveu livros.

RG - Mudou de área.

DM - Começou a mudar. Mas enquanto viajava, ele colecionava. Fez uma coleção de morcego. Ele deixou no Instituto Oswaldo Cruz: morcegos transmissores da raiva. Depois disso ele foi fazer concurso para português, no Colégio Militar, e depois passou para a

Escola Militar como titular de literatura. E quando ele morreu, era crítico do Instituto Nacional do Livro. De modo que, vejamos ele caminhou em muitas áreas.

RG - Uma outra informação que a gente tem da época do Olímpio, dada por um técnico, o Borrielo, que deu um depoimento para gente, é que teria sido nessa época que o Instituto se encheu de mulheres. O senhor percebe isso, que houve assim uma época que não havia mulheres no Instituto?

DM - Era raro. Tinha assim umas serventes. Quando eu cheguei em Manguinhos, lá na nossa sessão ou na fisiologia, não tinha nenhuma mulher. Mas depois começou a aparecer. Não só técnicas, como datilografadas...

RG - E pesquisadoras?

DM- Técnicas pesquisadoras. E aí foi aumentando. Mas eu não posso caracterizar isso, relacionar com o Olímpio, não.

RG - O senhor não nota assim um momento em que houve mudança. Foi uma coisa que aconteceu gradualmente?

DM - É. Mas agora, por exemplo, lá em Manguinhos, a proporção é muito grande.

RG - De mulheres pesquisadoras?

DM - Ou pesquisadoras ou funcionárias administrativas.

RG - As mulheres estão entrando no mercado de trabalho. Mas em relação à ciência, particularmente, como é que o senhor vê o trabalho da mulher?

DM- Eu acho que estão também penetrando. Eu acho que na helmintologia já tem um número razoável de mulheres.

RG - Da sua geração, tem mulheres?

DM - Não.

RG – Não tem mulheres de renome, mulheres assim mais significativas, não?

DM - Tinha, por exemplo, uma patologista, Rita, mulher do Humberto Cardoso – eu nem sei se ela está aposentada ou não -, ela tinha valor. Mas eu me lembro de pouco. Por exemplo, o Gilberto Vilela tinha uma assistente que trabalhou muitos anos com ele, Maria Isabel de Melo, está aposentada.

WH – Ela foi chefe da Seção de Helmintologia ou da Seção de...

DM – Não, a Isabel de Melo trabalhou em bioquímica.

WH – Ela não chegou a ser chefe de departamento, de divisão nem de seção?

DM – Talvez de fisiologia. Depois da revolução.

WH – Depois do golpe de 64?

DM – 64.

WH – A Sílvia Hasselman também era pesquisadora naquela época?

DM – Era. Ela era pesquisadora. Casada com um professor, também pesquisador. Mas eu nunca tive contato com ela.

WH – Mas ela não era daqui de Manguinhos?

DM – Não. Não sei de onde ela era. Talvez do Museu. O Hasselman era da Escola Nacional de Agronomia, se não me falha a memória.

WH – O Gustavo Hasselmann.

DM - É.

WH - A Sílvia Hasselmann era mulher do Walter Oswaldo Cruz.

DM - Walter Oswaldo Cruz, é.

RG - Para a gente tentar esgotar esse período do Olímpio, o senhor lembra do movimento para tirá-lo da direção? Como é que isso se deu?

DM - Eu ouvia falar nisso, mas nunca tive a oportunidade de participar de reunião nenhuma.

RG - O senhor nem sabe quem participou desse movimento?

DM - Não, não sei. Porque lá no laboratório eu ouvia muito comentário, na hora do café, do Teixeira, do Travassos, de que era preciso mudar a direção do Instituto. Mas só isso. Não sabia de nada, de detalhes, por que eles queriam modificar.

WH - Existe uma crítica que se fazia ao Olímpio, naquela época, de que ele tinha uma visão antiga do Instituto, seria possível isso?

DM - Não acredito, não.

WH - Quer dizer, ele prestigiava pessoas já antigas e pretendia fazer o que o Oswaldo Cruz fizera...

DM - Ele conservava a amizade das pessoas antigas, não é, o contato mas prestigiar, assim, não creio. Não creio.

RG - Agora, o senhor falou, da última vez, que para as pessoas que estavam próximas do poder tudo existia, não é. Havia uma certa fartura de material, de tudo. Quem estivesse distante, então, obviamente seria menos privilegiado. Como é que isso fica em relação à liberdade de pesquisa? Isso interfere indiretamente, não é?

DM - A gente tinha que criar, por exemplo, material de dissecação. A gente trabalhava com bichos pequenos, e tinha que imaginar, formar, fabricar com alfinetes entomológicos, diferentes tipos de agulhas, de espátulas, de tudo, para poder dissecar. Tinha que utilizar a camaradagem com o pessoal da carpintaria para fazer as hastes de madeira. E isso nós ainda usamos hoje em dia. Porque o material custa muito, e a gente fabrica isso. Me lembro de uma passagem - gostaria de falar, mas é capaz de eu já ter contado isso – quando eu fui assistir a uma cirurgia do otosclerose...

RG - Acho que o senhor não contou isso, não.

DM - Justamente. Esse cirurgião, Kalil Fariha, era irmão daquele entomologista lá de Belém do Pará. Kalil foi contemporâneo meu na Faculdade de Medicina de Valença. Ele estava na otorrino e eu na parasito. E foi lá uma cunhada minha que foi ser operada. Ela pediu para eu assistir. Ali naquela clínica do Moncorvo Filho, José Kós, uma das mais conhecidas do Rio. E eu fui assistir. Então, essa cirurgia é uma microcirurgia feita com microscópio, na lupa microocular. Além disso tem um tubo ocular pelo qual a pessoa que está assistindo pode acompanhar. Eu tinha muita familiaridade com o Kalil. Estou vendo ele usar um material, pinças muito finas, agulhas finíssimas, ele retirando aquele tampão esclerosado que estava prejudicando a audição. Então ele ia desgastando e depois enfiava uma pinça, que ele chamava por um apelido “jacaré”, que era dobrada, e ele enfiava por baixo, prendia naquele pedaço esclerosado, fazia um leve movimento, partia e retirava e continuava assim. Aí eu disse ao Kalil: "Ô Kalil, você sabe que eu dava para fazer isso?"

### **Fita 7 - Lado B**

RG - Então o senhor disse que dava para fazer isso...

DM - "Você sabe que eu dava para fazer isso?" Ele parou e disse: "Por quê?"; "É, mas só tem uma coisa, você tem um material que provavelmente é importado." Ele disse: "Ah, é importado mesmo."; "Eu não, eu tenho que trabalhar com material feito por mim."; "Como?". Eu disse: "Ue, quando a gente tem que dissecar um aparelho genital de mosquito, não é, que é muito menor do que isso..." Ele disse: "E vocês fazem isso?" Eu disse: "E outras coisas, não é?"

RG - Isso é fantástico. Realmente tem que ser muito criativo, engenhoso. Mas, de qualquer maneira, a questão permanece: sempre se ouviu falar que até o golpe de 64, nunca houve interferência nas diferentes áreas. Quer dizer, sempre se diz que os diretores eram os

cientistas e respeitavam o trabalho das pessoas. Mas na hora com que um diretor, ainda que cientista, faz uma distribuição tão desigual de verbas entre os departamentos, entre os laboratórios, as sessões, isso não deixa de ser uma intervenção - branca, ou da cor que o senhor queira chamar, mas uma intervenção.

DM - É. Depois da revolução, nos sentíamos que sempre, a qualquer instante, alguma coisa podia acontecer.

RG - Mas na época do Olímpio? Eu me refiro a essa época em que o cientista...

DM - Na época do Olímpio, o material era escasso com certas áreas, mas não havia uma espécie de espionagem sobre o que nos estávamos fazendo, que depois de 64 passou a existir.

RG - Uma espionagem?

DM - É sim.

RG - Mas com que intuito?

DM - (rindo) Isso é difícil da gente imaginar, mas que havia, havia. Houve ocasiões em que até os carros eram revistados. E passou a ter uma equipe militar lá dentro, e aí a gente tinha a impressão que de repente alguma coisa podia acontecer. De 64 a 70, não aconteceu nada. Mas pensávamos nisso. De repente vem aquele raio...

WH - Exterminador.

DM - É. Que partiu de um centro de brigadeiros e pronto.

WH - Sobre isso que o senhor está falando, por exemplo, o Dr. Tito nos conta que o Departamento de Fisiologia era um departamento muito pobre, não é, porque é um departamento que requer muitos gastos.

DM - É. Que requer, e eles tem que ter uma grande criatividade para trabalhar. Tinham muito pouca coisa mesmo.

WH - Agora, mesmo antes de 64 eles tinham problemas para levar adiante essas pesquisas. Inclusive, cada vez que eles queriam conseguir algum equipamento, tinham que dar alguma desculpa da sua aplicação, do seu interesse aplicado.

DM - Para se ter uma idéia da diferença de tratamento, o Rocha Lagoa conseguiu um aparelho de raio X de dentista para, supostamente, fazer experiências da ação do raio X sobre os microorganismos. Ele nunca publicou nada, mas ganhava gratificação de raio X.

WH - Em que época foi isso?

DM - Olha, isso pode ter sido um pouco antes de 64. Um pouco antes ou 64. Um pouco antes ou em 64 mesmo. É difícil a gente saber assim. Quando a gente não estava com essa idéia de armazenar coisas, quando nem nos passava pela cabeça. Ainda mais que o Rocha Lagoa era de uma gentileza a toda prova. Principalmente comigo. Ele me cumprimentava todo sorridente e parava. Porque ele encostava o carro, aí ele tinha que entrar a esquerda e eu a direita, para subir a escada, naquele pavilhão que foi modificado completamente, o Cardoso Fontes. De modo que para mim, foi surpreendente quando ele me colocou na lista, porque não havia motivo nenhum, eu nunca tinha tido atrito nenhum com ele.

RG - E os outros tinham?

DM - Tinham, constantemente.

RG - Todos? O senhor diria que todos os incluídos tinham, menos o senhor?

DM - Não. Havia por exemplo coisas como um fato até jocoso, que aconteceu quando o Lagoa assumiu. Ele reuniu os pesquisadores, dando a impressão de que queria a colaboração de todos na administração dele. Ele aí, dando largas a sua vaidade, disse: "Eu vou fazer uma administração aqui nos moldes daquilo que eu vi no Pentágono." Aí alguém deu uma gargalhada, não é? Depois esse alguém apareceu sempre em primeiro lugar na lista dos perseguidos: o Herman Lent. Não tem nada a ver. Como é que ele podia trazer de lá do Pentágono alguma coisa para orientá-lo na administração de um Instituto de pesquisa científica, na área médica?

RG - Pois é. Bom, já que a gente esta falando disso, eu não consigo deixar de me fazer algumas perguntas. Porque o senhor falou que tinha relações cordiais com ele, mas o Herman era essa pessoa que a gente sabe, uma pessoa que demonstra rapidamente o que pensa. Eu não conheço ainda todos os cassados, a gente não entrevistou todos. Mas o Hugo também não é uma pessoa que ri na cara de ninguém. Então por que ele estaria incluído no grupo...

DM - Olha, o Hugo era uma pessoa muito, como dizer, talvez querida pelo Olímpio, não é? E naquele episódio em que Tomas da Rocha Lagoa, tio do diretor de Manguinhos, apareceu lá na Escola Nacional do Veterinária para dizer que ele tinha contratado e designado o sobrinho para trabalhar na cadeira de parasitologia. cujo titular era o Hugo - e eu sei disso com detalhes porque o Hugo já tinha saído, tinha ido para Manguinhos, e eu estava lá no laboratório quando o Tomas da Rocha Lagoa chegou para comunicar isso...

RG - Esse episódio eu não conheço, não.

DM - É. Eu falei aqui que o Rocha Lagoa começou o curso de medicina dele em Juiz de Fora, mas foi terminar em Niterói onde o tio dele era o diretor da faculdade, Tomas da Rocha Lagoa. Mas depois o Tomas da Rocha Lagoa foi ser diretor da Escola de Veterinária. Porque quando foi criada a Universidade Rural, ele foi nomeado reitor também da Universidade Rural. E quando o Rocha Lagoa terminou o curso do medicina em Niterói, o Lagoa era o diretor da Escola Nacional de Veterinária e o designou para a cadeira de

parasitologia, porque dizia ele, era a cadeira que tinha mais afinidade com a medicina. O Tomas da Rocha Lagoa disse isso a mim: "Comunica ao professor Hugo. É apenas uma comunicação. porque o ato já está feito, é apenas uma comunicação da designação que eu fiz." E o Hugo depois - não sei se vocês sabem que o Hugo tem um apelido muito antigo: "Hugo Bonzinho." (risos) - procura sempre passar a mão pela cabeça de todos. Ele procurou o Rocha Lagoa, pegou o programa e disse: "Você escolhe aqui os assuntos que você quer dar." (inaudível) Mas ele nunca deu aula nenhuma, nem ia lá.

RG - O senhor conhece a origem desse apelido do Hugo? Não lembra?

DM - Não. Não lembro. É muito difícil a gente saber, porque o Travassos, o Teixeira, o Herman, usavam. essa expressão. Quando algum estagiário fazia alguma coisa que era criticado ele desculpava.

RG - Pois é. Mas essa história de como o senhor entrou na lista, a gente pode continuar isso daqui a pouco. É interessante a gente tentar ver junto como é que as pessoas entraram.

DM - É. Nós fizemos parte de uma lista diferente. Eu e o Goto.

RG - É verdade.

DM - Por quê? Quem sabe? Porque o ato de cassação dos ex-políticos e dos oito foi assinado pelo Conselho de Segurança. O presidente e os membros do Conselho todos. E nós, eu e o Goto, foi um ato do aposentadoria pelo AI-5 assinado pelo Médici e pelo Rocha Lagoa só. Por quê? Não sei. Não sei.

WH - Inclusive tem uma coisa que eu queria que o senhor me explicasse um pouco. Porque as pessoas que foram cassadas - tinha o Dr. Tito, o Dr. Moussatché. o Dr. Ubatuba, que trabalhavam com a área de fisiologia. Depois, um grupo que estava ligado a área de zoologia, que eram o Herman, o Dr. Hugo...

DM - O Sebastião e eu.

WH - O Sebastião e o senhor. E depois o Masao Goto e Perissé, que eram um ligado a área de química e o outro a micologia.

DM - E o Moacyr na micologia.

WH - E o Moacyr na micologia também. Essas pessoas tinham alguma coisa em comum?

DM - O Moacyr era muito chegado ao Goto. O Perissé também era chegado ao Moacyr. E ainda hoje o Moacyr tentou orientar o Perissé em muitas coisas, na coisa dessa dispersão do Perissé na atividade científica. O Perissé também visitava muito o laboratório do Haity para discutir assuntos de química relacionados com a fisiologia. Não sei. Agora, quando veio a revolução, falou-se muito numa célula comunista lá dentro da qual faziam parte Moacyr, Perissé e Goto. De modo que talvez aí esteja a justificativa da inclusão dos três

nomes.

WH - Mas eles eram realmente comunistas? Tinham relação com o Partido Comunista?

DM - Eles são pessoas de esquerda, muito interessados nos problemas sociais, mas que pertencessem, fossem filiados ao Partido Comunista, não sei. O Goto foi casado com uma mulher chamada Arcelina Mochel, acho que era uma nordestina. Esta sim, foi candidata a deputada pelo Partido Comunista e foi eleita.

RG - E ela morava aqui no Rio?

DM - Morava.

RG - E foi candidata aqui pelo Rio de Janeiro?

DM - Pelo Rio de Janeiro.

RG - Na época em que o Partido era legal, ou já com uma legenda camuflando?

DM - Não, não, não. Legal. Partido Comunista Brasileiro. Ela depois ficou doente, teve um câncer e morreu.

RG - Ela não era cientista, era de outra área.

DM - Não. Vamos dizer, era uma cientista social, não é? Eles tiveram seis filhos, cinco filhas e um filho. De modo que eu não sei qual é essa briga. Por exemplo, o Tito, porque trabalhava com o Haity Moussatché, ou antes o Haity trabalhava com o Tito. O Ubatuba também só por isso.

WH - Mas o Tito tinha sido diretor do Instituto. Ele tinha dado continuidade à linha aberta pelo Amilcar.

DM - Pois é. Eu sei. Mas acham que isso justificaria? Creio que não.

RG - De fato nada justificaria assim formalmente porque houve inquérito em que as pessoas até não foram condenadas a nada, não é?

DM - Foram dois inquéritos. Três. Um na sessão de Segurança Nacional do Ministério da Saúde e dois Manguinhos. Um dirigido pelo general Aluísio Falcão e outro pelo Olímpio. E nada foi comprovado. Por exemplo, esse fato do Rocha Lagoa ter sido nomeado para assistente de parasitologia da Escola Nacional de Veterinária, eu referi isso. Foi em 1941, se não me falha a memória, e até eu disse. É muito fácil verificar isso porque nos arquivos da Universidade Rural devem estar lá os diários de classe. E como cada professor que desse uma aula tinha que assinalar e assinar, era fácil verificar que ele não tinha dado nenhuma. Não vejo como. Porque nós, eu, o Sebastião, o Hugo - o Hugo então foi uma surpresa muito grande - e o Herman, só se pode dizer que nós tínhamos um relacionamento muito estreito.

WH - Eram pessoas muito próximas.

DM - É.

RG - E o Herman era uma pessoa que sempre se expôs muito, porque sempre encabeçou as campanhas a favor ou contra diferentes causas.

DM - É. isso mesmo.

RG - Agora, enquanto amigos, colaboradores, vocês deviam ter uma identidade de pensamento, provavelmente. Quer dizer, o Herman era o que era de briga, era o que ia lá, mas eu acredito que vocês fossem vistos como...

DM - Eu acredito que eles achassem que o Herman era uma espécie de orientador dos dez. Mas nunca houve isso. Nós comentávamos o que se passava no país. Não só na área científica, na área política.

RG - E entre os dois grupos? O grupo do Herman, digamos, o grupo da zoologia, e o pessoal da fisiologia, o Haity, Tito. pessoas que também eram conhecidas como porta-vozes de certas posições da comunidade científica. Havia afinidade entre os dois grupos?

DM - Nós nos dávamos muito bem, todos.

RG - Mas vocês tinham assim, por exemplo, espaços que em se reuniam normalmente dentro do Instituto?

DM - Claro. O Haity, por exemplo, é um sujeito que gosta muito de cozinhar, e uma vez ele cismou de fazer um vatapá lá. Ora, isso apareceu nos inquéritos do Rocha Lagoa. Que era um pretexto para reuniões de esquerda, não sei o que. O pretexto era comer o vatapá.

WH - Vatapá subversivo.

DM - Isso mesmo. Vatapá subversivo. Por exemplo, desde a cassação, quase que todo mês, se não todos, pelo menos um certo número se reúne para almoçar junto, trocar idéias e tudo o mais. E sempre comemorávamos, no dia 1º de abril de cada ano, mais um ano da cassação.

RG - Ah, quer dizer que vocês passaram a se encontrar todos, depois do acontecimento?

DM - Não dava para encontrar todos, porque o Moussatché, por exemplo, não estava no Rio, o Ubatuba não estava no Rio. Mas sempre que possível todos se encontravam.

RG - Vocês mantiveram durante esses anos todos esses tipos de vínculo?

DM - Isso mesmo. E de vez em quando, por exemplo, toda quarta-feira, nós almoçamos juntos aqui no La Mole, mas a turma ultimamente anda meio escassa, porque só eu, o

Moacyr e Herman é que comparecemos.

RG - Quem deveria estar lá e não está? O Hugo, por exemplo?

DM - O Hugo não vai muito, nunca foi. Ele ia aquelas reuniões anuais, principalmente. O Sebastião viaja, vai para Angra. O Perissé não vai mesmo, fica lá em Manguinhos o tempo todo. Só uma vez ou outra aparece. Mas além desses, outros que não foram cassados também comparecem, como o Emílio Mitidieri, o (inaudível), que foram de Manguinhos.

RG - Mitidieri não voltou, não é, está afastado?

DM - Ele está no Câncer. Nem sei se ele está querendo voltar.

RG - E o outro que o senhor falou, está onde?

DM - Também está no Câncer. O Fontana também está no Câncer.

RG - Também foi afastado?

DM - Eu não sei. Eu acho que ele foi transferido pelo Rocha Lagoa, ou coisa assim. Porque muita gente foi afastada pelo Rocha Lagoa, quando ele não conseguiu aumentar o número de cassações. Porque dizem que o Médici teria dito a ele: "Agora só com provas." Então, o Mário Vianna Dias estaria na lista, o Jorge de Paula Guimarães, que esta na Fluminense, estaria na lista, o Mitidieri estaria na lista, aquele que foi diretor por pouco tempo, morreu, o Neri Guimarães, também. E aí eles foram sendo transferidos. Imagina que o Mário Vianna Dias, que era da fisiologia, foi transferido para o Engenho de Dentro, para aquela colônia de...

RG - Hospital psiquiátrico?

DM - É. Hospital Psiquiátrico Pedro II. Foi transferido para lá.

RG - Nem sabia disso. Ele passou uma temporada lá?

DM - Passou. Depois ele, se não me engano...

RG - Mas ele foi para a Fluminense, não é?

DM - É. Ele fez concurso para a Fluminense. Quando ele ainda estava... Porque na UniRio ele se aposentou.

RG - Não sei. Ele ainda está na Fluminense? Eu achei que ele já tivesse se aposentado de tudo.

DM - Eu não tenho certeza, não. Mas podemos ter a certeza disso.. Tem um professor aqui - mas estamos em férias - que fazia parte da equipe da fisiologia, um espanhol, Pepe. Nos

chamamos ele de Pepe. Nós chamamos ele de Pepe.

RG - Ele também foi afastado?

DM - É, porque ele não era funcionário, ele tinha bolsa. José Lopez Quadra, ele é basco. É professor aqui, fui eu quem trouxe ele para aqui. Ele trabalhou com o Haity muito tempo. E estava trabalhando com o Mário Vianna Dias, na Fluminense. Ele é que pode informar.

RG - É. A gente vai tentar conversar também com o Mário, que é uma pessoa que deve ter muitas coisas para contar.

DM - Ah, sim. Porque o Mário também começou a vida dele fora de Manguinhos, com o Funerich, que era um especialista, um zoólogo, que trabalhava com peixes. Depois é que o Mário veio para Manguinhos. Mas olha, arrumar esses depoimentos todos, não vai ser fácil.

RG - É. Depois é que a gente vai poder se dedicar a essa tarefa. Primeiro a gente quer pegar os depoimentos todos e constituir um arquivo. Depois a gente vai tentar dar uma...

DM - É. Da pena, por exemplo, a gente saber que por mais boa vontade, por mais interesse que tenha a atual administração de recuperar muita coisa, esse terreno vai ser praticamente impossível.

RG - A que o senhor está se referindo, mais especialmente?

DM - Por exemplo. Nós dávamos aulas lá no pavilhão Artur Neiva, para o curso de aplicação, e eu me lembro que uma vez eu vi debaixo de uma mesa, no canto do laboratório, uma série de posters feitos em papelão grosso. Era o desenho aplicado sobre esse papelão, feito por desenhistas famosos. E um dia eu disse pra um auxiliar nosso, coitado, já morreu, o Mário Lentel. Mário Lentel trabalhou com o Olímpio da Fonseca, trabalhou depois a vida inteira com o Travassos. "Mário, um dia eu vou roubar esses posters. Estão se estragando aí" Ele disse: "Faz isso, faz isso." Mas eu nunca fiz. Mas nós tivemos desenhistas em Manguinhos que fizeram exposições.

RG - De desenhos científicos?

DM - Não de quadros e tudo. Foram premiados. No nosso laboratório trabalhou muito tempo, e desenhou para o Herman Lent muito tempo, o Pugas, que já morreu também. Isso é uma raça que está em extinção, essa de desenhista. Porque, como fazer desenho científico, quando o sujeito não vai ganhar mais do que o pesquisador, do que o cientista? Aí ele não pode viver. Ainda tem um vivo. Uma personalidade com quem vocês deviam conversar.

RG - Quem é ele?

DM - Raimundo Honório.

RG - O senhor sabe como localizá-lo? Depois a gente vai tentar.

DM - Eu acho que tem o nome dele no catálogo. Ele se assina Ray Honório. Esse tem uma história para contar. Muito grande. Está com mais de 80 anos. Se não me engano, ele está morando no Cachambi. Agora, quem poderia dizer alguma coisa sobre o Raimundo Honório, acho que é o Sebastião. O Herman Lent também. Mas eu também poderia ver, porque ele estava trabalhando...

### **Fita 8 - Lado A**

RG - Então a gente está tentando voltar um pouco a nossa conversa inicial...

DM - É. Eu nem sei direito situar a data em que o Laranja chegou no Instituto. Nem sei como é que ele foi nomeado.

RG - Pois é. Mas dizem que ele era uma pessoa com vínculos com o Getúlio, e que surpreendeu a todos porque, apesar de ter sido colocado pelo governante, fez uma gestão que agradou muito aos cientistas, não é?

DM - Foi. Porque ele era um pesquisador também. Trabalhava em doença de Chagas, nas alterações cardíacas. Publicou muito bons trabalhos. Isso eu ouvia falar. Mas eu tinha muito pouco contato com ele.

RG – O senhor disse que nessa época o senhor estava mais afastado.

DM – Não, eu vinha diariamente, mas tinha muito pouco tempo para ficar... Eu utilizava o tempo que eu tinha em Manguinhos para tocar para frente os meus trabalhos, preparar o material que eu estava estudando. E às vezes nem à sala do café eu ia.

RG – Isso até 60, quando o senhor foi contratado? Esse período da década de 50 todo o senhor ficou com pouco tempo aqui no Instituto?

DM - É, até 62. E depois, nessa época, em 62, eu fiquei numa situação ilegal, porque até 60 eu era assistente na Escola Nacional de Veterinária, no Km 47. Eu tinha sido nomeado em 50 professor do estado, de modo que em 60 eu tinha duas situações de acumulação, e além disso tinha bolsa do Conselho de Pesquisa. Mas isso não tinha mal nenhum. Mas em 62 veio o decreto do João Goulart, e eu passei para o quadro do Instituto Oswaldo Cruz, como biologista. Aí, imediatamente, eu pedi demissão da Universidade rural. E eu já estava inscrito no concurso de livre docência da atual UniRio...

RG - Que era Medicina e Cirurgia, não é?

DM - Medicina e Cirurgia. Aí eu já tinha tempo para me aposentar no estado, e requeri a aposentadoria. Mas o meu pedido de demissão do Km 47, que foi feito em 61, só saiu no meio do ano seguinte. Apesar de eu não ter recebido nem mais um tostão, de não ter assinado mais o diário de frequência, para o governo eu estava numa situação ilegal, porque não tinha sido publicado o ato da minha exoneração. O Lacerda levou seis meses para me

aposentar. A Escola de Medicina e Cirurgia tinha sido federalizada, e eu estava como professor de uma escola federal, como pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz e aguardando a aposentadoria.

RG - Demissionário...

DM - É. Aguardando a aposentadoria e demissionário. Foi feita uma comissão de inquérito, chefiada pelo Adolfo Furtado, para examinar essa minha situação. Mas depois de eles lerem toda a documentação, depois de me ouvirem, o Adolfo fez um relatório dizendo que a situação anormal era culpa do Estado da Guanabara e do Ministério da Agricultura. E aí o DASP mandou arquivar.

RG - O senhor optou pelo Instituto porque era conveniente economicamente, ou porque era na verdade uma vontade sua?

DM - Era isso. Não havia grande diferença de dinheiro, não.

RG - Era um desejo seu de ficar?

DM - Era, de ficar lá.

RG - É. Isso é muito estranho, não é, essa... Todos esses anos em que o senhor trabalhou lá, praticamente sem remuneração... quer dizer, o seu perfil como pesquisador, pelo menos para mim, parece uma coisa muito especial. Claro que pode haver outros casos...

DM - Eu fui muito criticado lá, quando o pessoal sabia que eu já era formado em veterinária, já era formado em biologia, tinha feito vestibular para medicina, o pessoal criticava: “Por quê, rapaz? O que você está pretendendo fazer?”; “Não, eu quero...”

RG - Quem criticava?

DM - Colegas nossos.

RG - Os pesquisadores?

DM - Pesquisadores. Houve um, por exemplo, que era veterinário do Exército, major, coronel, uma coisa assim, Milton Tiago de Melo, que mais uma vez, na reunião do refeitório, fez essa crítica. E uma vez alguém disse: “Ué, por que você não faz também? É só se inscrever no vestibular.”

RG - Na verdade eu gostaria que o senhor dissesse como o senhor vê a ciência e o papel da ciência, já que ela foi uma coisa tão sacrificada na sua vida, uma coisa em que o senhor investiu tanto.

DM - Pois é. Essa curiosidade que a gente tem sempre de procurar esclarecer. O cientista, o que é? É um homem que quer encontrar uma resposta para um fato que ele observou. E

isso é uma seqüência, as coisas vão se concatenando, ele faz uma observação aqui, outra ali, e evidentemente, quando a gente procura, quando a gente começa, às vezes a gente nem sabe o que está procurando. Nem sabe para que vai servir aquilo. E a história da ciência está cheia de fatos como este. Eu fiz uma referência aqui a uma revista *Scala*, que trouxe a semana passada a história de um físico alemão que começou nos bancos escolares, de nível médio, atraído por correntes elétricas Ohm. E esse homem abriu o caminho para muitas descobertas através dos anos. Aquela história que talvez eu tenha contado aqui, do Faraday.

RG - Eu acho que o senhor não contou, não.

DM - As pesquisas dele eram sustentadas pelo governo inglês no tempo da rainha Vitória, e ele um dia apresentou os resultados. Dali surgiram as chamadas correntes farádicas. Em homenagem ao nome dele, Faraday. Mas ele apresentou os resultados na Academia de Ciências, e muita gente assistiu. Depois uma senhora meio gordona veio falar com ele: “Pois é, professor, eu gostei muito da sua exposição, mas que queria saber para que serve isso.” Ele pensou e disse a ela: “A gente nem sabe até hoje para que serve uma criança quando nasce!” E era a rainha Vitória que, com essa resposta, continuou a sustentar as pesquisas dele. Depois, com o tempo, as coisas foram se esclarecendo, e ele é um dos grandes nomes da física.

RG - Mas por exemplo, o seu lado professor, a didática, o ensino, o senhor sente que vai junto com a pesquisa ou...

DM - Acho que não podem caminhar separados, têm que ser juntos. O professor que não é pesquisador, ele vai ter que memorizar coisas que ele não experimentou, não observou na prática. E aí há sempre um furo. Ao passo que o pesquisador que está trabalhando numa determinada área e observa comportamento, observa desenvolvimento e depois relaciona tudo isso com morfologia, com nicho ecológico e com outros seres que podem vir a ser prejudiciais ao homem, aos animais, aos vegetais, ele tem mais facilidade para apresentar as questões aos estudantes. Fica muito mais fácil. Mas normalmente – nós não queremos dizer que o que fazemos é o melhor, mas se aproxima do melhor. Porque nós nem sempre temos os meios de melhorar. E o nosso estudante, na grande maioria das vezes, é um tímido. Ele ainda não se libertou totalmente daquela espécie de medo que ele tem do professor. Então, tem medo de interromper a aula para fazer uma pergunta, tem medo de fazer a pergunta porque talvez não esteja colocando a coisa no lugar certo. E isso apesar da gente dizer constantemente: “Não levem dúvidas para casa, ou se essas dúvidas aparecerem, tragam no dia seguinte para esclarecer. É possível que o professor, eu ou outra pessoa qualquer, naquele momento não esteja em condições de esclarecer, mas o professor é um estudante mais velho, com mais experiência, e que sabe onde procurar as respostas”. E isso atrapalha. E mais ainda agora, que nós estudantes que ou não vêm às aulas ou não assistem às aulas integralmente, e depois pegam o caderno do colega pra tirar uma xerox. Quer dizer, não teve nem o trabalho de copiar o apontamento.

RG - Isso no curso de graduação?

DM - É. No curso de graduação. Não sei, no nível médico, como isso está se passando.

Mas que eu acho que o xerox está contribuindo enormemente para atrapalhar o aprendizado. Inclusive está dando prejuízo aos editores e aos autores, porque os estudantes aí se reúnem, quando uma obra só tem um exemplar na biblioteca, vão xerocar aquilo tudo, e pronto.

RG - Mas professor... Estou até chamando o senhor de professor, estava chamando de Dr. Domingos, e agora mudei.

DM - Tanto faz. Os estudantes aqui me chamam de mestre. Mas a maioria chama de Domingos mesmo.

RG - Ah, é? Sem nada, sem títulos.

DM - É. Sem título nenhum.

RG - Isso é muito simpático. Mas eu chamo o senhor de Dr. Domingos, porque já venho chamando assim há alguns dias. Mas eu queria saber um pouco mais sobre o que o senhor pensa do vínculo, da relação, entre a universidade, o ensino, e os institutos de pesquisa. Como é que o senhor vê essa relação universidade e pesquisa? Porque existem os clássicos institutos, onde a atividade principal é a pesquisa, e a universidade, onde tradicionalmente se ensina. Como é que se faria essa...?

DM - Acho bom. Nós temos o exemplo do Fundão, com a universidade funcionando na graduação e no profissionalizante, e anexo a isso ou relacionado com isso, os institutos de pesquisa.

RG - O senhor acha que a universidade seria o local ideal para a coexistência das duas atividades.

DM - É. Houve uma época em que o Instituto Oswaldo Cruz esteve ligado ao Fundão.

RG - É. Faziam o mestrado lá. Como é que era?

DM - Antes, mesmo para pesquisa... Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz chegaram a receber o título de professor catedrático.

RG - Isso foi quando? O senhor lembra quando é que houve esse vínculo? Era um vínculo formal, não é?

DM - Olha, eu tenho a impressão de que foi na década de 50, não garanto. Mas por exemplo, um que tem esse título é o Moacyr, o Herman Lent. E vários outros tiveram. Eu não tive porque eu não era do Instituto ainda.

RG - É. A sua carreira se dá por outras vias. Mais tarde o senhor ainda dá aula na Escola Nacional de Saúde Pública também, não é? Tem um vínculo com a Escola.

DM - Pois é. A Escola Nacional de Saúde Pública não tinha sede própria. Funcionava em algumas salas da Escola de Enfermagem Ana Neri, ali na...

RG - Foi lá que começou?

DM - É. Na Praia do Flamengo. E era titular de parasitologia o Rui Gomes de Moraes, que me convidou para trabalhar com ele. Então nós dávamos cursos para médicos sanitaristas, para veterinários sanitaristas, para agrônomos sanitaristas, para biólogos sanitaristas, para farmacêuticos e inspetores sanitaristas. Depois o Rui foi largando, só manteve um certo vínculo com a medicina. E eu dava todos os outros cursos. E eu cheguei a ter uma equipe de assistentes muito boa. Até que, na época, foi diretor durante muito tempo o professor de higiene, Aquiles Scorzelli, já está morto. E veio para o lugar dele, se não me falha a memória, Edmar Terra Góis, que era chefe do laboratório na Santa Casa. E aí o Góis começou a tentar conseguir meios da Escola ter sua sede própria. Porque nós pulávamos de um lado para o outro para dar aulas, e eu dava aulas, principalmente, na Escola de Veterinária e na Escola de Medicina e Cirurgia, atual UniRio. Então havia um convênio, e a gente trabalhava ali. E aí o Góis conseguiu a verba, parece que a Organização Mundial de Saúde ajudou, não tenho certeza, e foi feito aquele baita edifício, ali, o Instituto Castelo Branco. E eu fui chamado pelo Góis para fazer a planta do laboratório de parasitologia. E até me ajudou muito nisso um grande amigo meu, que é engenheiro-arquiteto, ele agora não trabalha mais, Euclides Janot de Matos. E aquilo tudo foi aprovado. Eu dava as indicações para ele. E aquele laboratório que estava funcionando, que até bem pouco era do Luís Fernando...

WH - Luís Fernando Ferreira?

DM - É. Quem está como diretor agora?

WH - Da Escola?

DM - É. Da Escola Nacional de Saúde Pública.

WH - É o Frederico Simões Barbosa.

DM - Simões Barbosa. E aí aconteceu uma coisa em que eu acredito que o Luis Fernando não teve a menor influência, e nem poderia ser. O Góis chamou o Rui Gomes de Moraes para saber se ele queria ser o titular de parasitologia. E o Rui não quis, porque ele estava se aposentando. Estava aproveitando os últimos tempos de validade de um decreto que dava 20% a quem se aposentasse por tempo de serviço. Quer dizer, ele estava no final da carreira e era titular de duas escolas – da Medicina e Cirurgia e da Farmácia – e ganharia 40%. Para ele era muito melhor. Aí o Rui disse que não queria e, naturalmente perguntado pelo Góis quem seria o titular, se seria eu, o Rui disse a ele que achava que não queria, que eu não iria largar Manguinhos para ficar na Saúde Pública. Ora, o espaço físico é o mesmo. Em dez minutos, a pé, eu saía do meu laboratório em Manguinhos e ia para a Escola de Saúde Pública. E aí o Rui teria indicado o Luís Fernando, que foi nomeado. E dias depois o Luís Fernando me procurou para me convidar para ser conferencista. Eu disse a ele:

“Olha, Luís Fernando, não leve a mal não, mas não quero. Esse negócio que o Rui fez comigo ainda está muito recente”. Ele não tinha o direito. Tinha que me chamar para conversar comigo. Ainda outro dia eu falei com o Luís Fernando e disse: “Olha, Luís Fernando, eu sei que você no momento está afastado da Escola, mas que queria dizer a você que se eu tiver que voltar para Manguinhos, e trabalhar, que queria voltar para Escola”. Porque o laboratório de helmintologia seria um sacrifício muito grande para mim, entrar ali novamente e depois ver a minha sala que foi transformada completamente, nem sei quem trabalha lá. Sei que um que trabalha é o Amílcar Arandas Rego, que era do nosso tempo. De modo que na Saúde Pública eu teria a oportunidade de começar uma coisa nova.

RG - Claro. Bem mais, agradável do que retomar uma coisa...

DM - Com a qual eu já tive vínculo.

RG – Esse Amílcar, ele é mais moço que o senhor ou é da geração...?

DM – Não. É bem mais moço. Ele tem uma filha que foi nossa aluna aqui. Mas ela foi fazer um estágio, me parece que em Londres. E uma colega dela recebeu uma carta dizendo que ela tinha se casado com um xeique e ia morar na Arábia.

RG - Fantástico! Uma história das Arábias mesmo.

WH - Ia deixar de trabalhar em pesquisa, provavelmente.

DM - Eu acho que sim, não é?

WH - Dr. Domingos, o senhor falou que na eEscola da Saúde Pública se montou um laboratório de parasitologia...

DM - Tem vários laboratórios, mas tem o de parasito.

WH - E uma coisa que me veio assim e que eu gostaria de perguntar o seguinte: e já, no Instituto Oswaldo Cruz, um trabalho de parasitologia...?

DM - Com esse nome, assim, parasitologia, nunca. Existiam as partes que compõem a parasitologia. Por exemplo, a protozoologia, setor completamente diferente. Helmintologia, lá o nosso laboratório. Entomologia, lá onde estavam o Herman, o Sebastião.

WH - Mas parasitologia propriamente não...

DM - Com esse nome não tinha.

WH - Agora, esses laboratórios que havia no IOC, eles tinham um trabalho complementar ou eles se superpunham em termos de linha de pesquisa?

DM - Era tudo independente. Quando a gente queria esclarecer alguma coisa, a gente procurava. Por exemplo, no setor da patologia, se ao abrirem um animal que estava sendo usado numa experiência, encontrassem alguma coisa lembrando um parasito animal ou um fungo, isso era levado para a seção competente para esclarecer. E às vezes, então, surgia um trabalho em colaboração.

WH - Mas não havia assim uma superposição de pesquisas, não se corria esse risco?

DM - Não havia projetos assim desse tipo. Os projetos iam sempre surgindo independentemente. Por exemplo, esquistossomose, lá em Manguinhos: o Lobato trabalha com os caramujos, que são os vetores. Lá na helmintologia, alguns estão trabalhando com o *Schistosoma mansoni*. Na patologia estão trabalhando nas alterações produzidas pelo esquistossoma.

WH - E na parasitologia?

DM - A parasitologia, assim junto, não existe. Existe isoladamente. Por exemplo, lá na ecologia, com o Pedro Jurberg, comportamento dos caramujos. Depois isso tudo pode ser reunido por alguém.

WH - E existe essa intenção de reunir esse material?

DM - Ah, sim. Tem sempre gente observando isso. Porque um só não pode penetrar nisso tudo.

WH - Agora, por que a intenção de montar um laboratório de parasitologia na Escola de Saúde Pública?

DM - Porque tinha fins didáticos, de aprendizado. Criar especialista.

WH - Seriam laboratórios destinado ao ensino propriamente?

DM - Ao ensino, à formação de especialistas, tão necessários a um país como o Brasil, que são os sanitaristas.

WH - E os laboratórios do Instituto não cumpriam esse papel de formação?

DM - Não. Não. Os laboratórios do Instituto... Naturalmente os especialistas poderiam ter outra atividade, inclusive no magistério, mas eles se dedicavam mais à especialidade. Por exemplo, nós tivemos lá em Manguinhos um helmintologista de renome internacional que na parte do magistério, ele só dava aula no curso de Manguinhos, o Teixeira de Freitas. Entretanto, foi um grande especialista. Publicou uma soma grande de trabalhos.

WH - Mas faltou esse lado didático.

DM - Didático. Por exemplo, ele trabalhava na Escola de Medicina...

WH - Mas ele não trazia pessoas para trabalhar no laboratório dele?

DM - Vinha gente sim, pessoas para trabalhar com ele, sim.

RG - Estagiários, estudantes...

DM - É. Tinham. Geralmente professores que eram da área de biologia, do curso de ciências biológicas. E ali ficavam estudando com ele, um determinado grupo, e iam melhorando a sua técnica de estudo e ampliando os seus conhecimentos para as aulas. Ainda há pouco me perguntaram de novo por que essa coisa de eu querer fazer o curso de medicina também. Olha aí. Eu fiz primeiro veterinária, depois biologia, depois medicina, e o curso em Manguinhos, que era o curso de aplicação. Isso me trouxe uma facilidade enorme de penetrar nos diferentes campos, porque eu lecionei em todos esses campos. E se tornou muito fácil aqui no curso da Santa Úrsula, onde eu sou professor-coordenador da última disciplina, da série de disciplinas da área de zoologia, a chamada a zoo-13 – artrópodes transmissores de doenças.

### **Fita 8 - Lado B**

DM - ... Zoologia- 13. Artrópodes transmissores de doenças. Eu começo o curso dizendo que o título da disciplina não está muito certo. Primeiro, porque no programa nós temos que tratar de artrópodes transmissores de doenças e também de artrópodes causadores de doenças. De modo que já aí está o argumento contra o título. E então, no decurso das aulas, nós também vamos ter a oportunidade de falar de artrópodes nocivos ou mesmo de vertebrados nocivos ao homem e aos animais. Então, certa época, nós andamos procurando um título para esta parte, que fica sempre deslocada no curso de parasitologia. Porque no curso de parasitologia nós temos uma parte geral em que estudamos as associações biológicas, o comportamento de espécies na dependência de outros, sem causar doenças. Essa parte geral inicia o curso de parasitologia. Depois nós começamos a parte especial primeiro com a protozoologia médica, depois com a helmintologia médica e por fim com a entomologia médica, que seria a mesma coisa que artropologia médica. Mas aí ficou uma coisa que ninguém mais dá em outras disciplinas, que são os animais peçonhentos – são as aranhas, são os escorpiões, são as vespas e as serpentes. Então o título é sempre este – animais peçonhentos. E não encontrávamos nunca uma palavra única para designar. O melhor livro que existe sobre isso é o do irmão do Olímpio da Fonseca, Flávio da Fonseca: Animais Peçonhentos. Só tem uma edição que está esgotada, e dificilmente vai aparecer alguém que consiga um jeito de reeditar aquilo e atualizar. Então, um dia conversando com o Rui Gomes de Moraes, eu disse: “Rui, precisamos arrumar uma palavra para designar esta parte.” E aí nós fomos conversar com um professor da antiga Medicina, da Praia Vermelha, Pedro Pinto, que era professor de farmacologia. E que ao mesmo tempo era um especialista em termos médicos. Quando ele morreu, deixou o dicionário dele na 9ª edição. Eu tenho essa 9ª edição, com o autógrafo dele. E então fomos a ele. Expusemos o fato, ele anotou, e disse: “Eu vou ver isso.” E de noite ele nos telefonou para dizer que a palavra era iologia.

WH - Como?

DM - Iologia. O grego *ios* quer dizer veneno. Eu anotei e no dia seguinte falei com o Rui. Mas aí eu já tinha feito uma revisão da coisa, fui ver no dicionário também e *ios* quer dizer veneno, mas de um modo geral. Pode ser veneno de natureza vegetal, animal, mineral ou sintetizado em laboratório. Então não me satisfiz.

WH - Não correspondia.

DM - E continuei a fuçar aquilo. E um dia, me deu um estalo. Disse: “Bolas, mas eu vivo falando em animais nocivos, porque não usar a palavra nocivo?” Aí fui ver no dicionário de latim. Estava lá: *noxius* – nocivo; vegetais ou animais nocivos. Aí eu construí a palavra Noxiologia – estudo dos nocivos. E aqui na sala do café, há uns dois ou três anos atrás, eu disse ao Hugo: “O que você acha dessa palavra – noxiologia?” ele disse: “É uma boa palavra, mas é híbrida. Porque *noxius* é latim e *logos* é grego.” Eu fazia parte nessa época aqui do Conselho de Ensino de Pesquisa da Universidade, o Colep. Fiquei com aquilo na cabeça, já tinha até feito a divisão da noxiologia: noxizologia, noxiobotânica e noxiomineralogia. E numa reunião, eu cheguei um pouco mais cedo, e de repente vejo entrar uma freira, velhinha, apoiada numa bengala, e reconheci que era a professora de grego e línguas antigas. Era a irmã Eucaristis Papanicopoulos. Aí eu ofereci o lugar a ela e expus o caso. Ela disse: “Não, a palavra não é híbrida, não. Porque *noxius* é latim, mas através do grego.” No mesmo dia eu expus o caso ao vice-reitor acadêmico, Antônio José Chediak, professor aqui de literatura, muito meu amigo há muitos anos. Ele disse: “É, a madre Eucarista está com a razão. Pode usar a palavra.” Pena que eu não escrevi isso. Estou dormindo no ponto. Mas já apresento esse assunto assim aos estudantes.

WH - Essa palavra faz parte de algum dicionário médico?

DM - Não. Eu estou querendo telefonar para o Aurélio para dar a palavra a ele.

WH - Porque, inclusive, eu me lembrei de uma coisa, que muitos pesquisadores chegaram a participar também em dicionários, enciclopédicas.

RG - O senhor mesmo participou.

DM - Eu mesmo

WH - O senhor podia contar um pouco?

DM - Delta Larousse. Mas foi supervisionado pelo Antônio Houaiss, na Guanabara Koogan. E eu devo isso ao Herman, porque o Herman conhecia o Houaiss, e então o Houaiss o chamou para fazer a parte de biologia. E aí ele perguntou ao Herman: “Quem poderia fazer a parte de medicina e veterinária? Eu desejava que fosse uma pessoa só, para não haver choque de opiniões.” E aí o Herman disse: “Eu tenho um companheiro que pode fazer isso.” Deu o meu nome e me levou lá. E assim eu pude fazer esta parte, e está lá na primeira página do primeiro volume, o meu nome e o do Herman, como chefe dessa seção.

Uma das grandes mágoas que eu tenho da revolução é que caixas compridas, com os verbetes fichados, desapareceram.

RG - Estavam onde, lá no Instituto Oswaldo Cruz?

DM - Lá no meu laboratório.

WH - Isso antes da cassação? Desapareceram antes da cassação?

DM - Não. Não. Foi... Porque acontece o seguinte. Eu, todos os meses, levava os verbetes, as definições ali na Travessa do Ouvidor. E já marcavam o dia para eu receber o cheque. Eu combinei com minha mulher e deposei esse dinheiro, que tinha vindo de maneira inesperada, num outro banco, numa conta que eu não ia mexer, para poder comprar um apartamento, que eu ainda não tinha. E comprei o apartamento.

RG - É? Com os verbetes da Delta? Que ótimo!

DM - Com os verbetes da Delta. Mas nós perdemos muita coisa. Porque nós, inexperientes, e sem saber até que ponto aquilo poderia ser sucesso, perdemos os direitos autorais, e a Koogan tem desdobrado em outros dicionários...

RG - E vocês não recebem.

DM - Mais nada.

RG - E não se pode entrar na justiça conta ela?

DM - Não, não. Porque nós assinamos o contrato.

WH - Nem o Antônio Houaiss tem esse direito?

DM - Bom, o Antônio Houaiss, eu não sei como foi o contrato dele. Mas ele continua a trabalhar como dicionarista, não é? Agora ele está numa grande obra.

RG - Começou agora?

DM - É. Ele é um homem de uma cultura fabulosa. Só que cometeu um erro conosco. Tinha no contrato que seria feita uma revisão, depois de tudo entregue. E não nos chamaram. Então, há duas coisas que eu me lembro que saíram, depois de tudo impresso, bonitinho..

RG - Dois erros?

DM - Um erro da minha parte e um erro do Herman. O Herman, na transmissão da doença de Chagas, botou figuras do livro dele das três espécies principais, e trocaram os nomes.

RG - Mas se pode sempre fazer uma errata para corrigir.

DM - Mas não fizeram. Nós falamos isso, mas não fizeram. E o meu caso é que eu tinha pedido ao Houaiss para conseguir a autorização da Ciba Foundation para eu retirar e colocar junto aos verbetes os ciclos de parasitos do homem e de animais, desenhados por um excelente desenhista, Netter, que deixou uma obra em 12 volumes, toda desenhada por ele, de patologia. E Netter acabou depois se formando em medicina, ele antes era só desenhista. Então, foi dada a autorização. E há uma doença parasitária grave, freqüente em crianças, chamada estrogiloidose. Doença que se apanha andando descalço no chão, e de outras formas. E há outras doenças de cavalos, chamada estrogilose. Pois puseram debaixo do desenho do ciclo da estrogiloidose, o nome estrogilose.

RG - E vice-versa, não é? Mas até que, para quem não fez revisão, foram poucos erros. Isso me pareceu pouca coisa.

DM - Ah, bom. Pois é. Mas, felizmente, nós vivemos num país que o pessoal lê pouco. E até hoje ninguém...

RG - Nunca foram falar com o senhor que tinha erro. Isso é triste, não é?

DM - É. Não deixa de ser triste.

RG - Mas foi experiência interessante, essa?

DM - Foi.

RG - Que lhe deu satisfação intelectual?

DM - Ah, muita. Tive que ler muito. Tive que estudar muito. Eu li muito dicionário. Eu recebia da Delta os verbetes recortados de edições do Larousse francês para ver se cabia traduzir, simplesmente, ou melhorar a tradução, modificar alguma coisa.

WH - Além das coisas já feitas em outras enciclopédias estrangeiras, tinha um trabalho de pesquisa aqui para complementar esses verbetes?

DM - Havia necessidade, porque aqui era tudo já conhecido. Evidente que eu acrescentei muitas coisas, de dicionários antigos brasileiros, que não estavam no Larousse francês. Então...

RG - Coisas tropicais...

DM - É. Isso mesmo.

Data: 29/07/1986

### Fita 9 - Lado A

RG - Retomando o fio da meada, a gente vinha passando pelas várias administrações, as várias diretorias do Instituto. Nós tínhamos ficado - e acredito que a gente possa retomar hoje - na gestão do Xavier, que pega uma parte do período JK, que é um período interessante.

DM - É. Foi nesse governo. O A. A. Xavier. Eu não sei, nunca soube direito o quê que era. Parece que é Antônio Augusto.

WH - Antônio Augusto.

DM - Aliás, há uma piada sobre isso. Alguém perguntou ao Geth Jansen como era o nome verdadeiro do Xavier, porque ele sempre se assinava A. A. Xavier, e Geth Jansen, que era muito brincalhão, disse: “É José Joaquim da Silva Xavier.” E o sujeito escreveu, depois disse: “Não! Mas esse é Tiradentes!” Isso ficou uma anedota lá em Manguinhos. Porque o Xavier era um sujeito, se não completamente, quase completamente nulo cientificamente. Não é o meu conceito, porque eu conhecia pouco o Xavier, mas conceito de gente mais antiga, que eu ouvia. Ele trabalhava em fisiologia, onde havia verdadeiros luminares, como Miguel Osório de Almeida, como Thales Martins, como Haity Moussatché e Mário Vianna Dias, sem contar os estagiários que surgiam ali e que eram pessoas de valor. Mas o Xavier nunca fez nada de importante.

RG - E como ele chegou a ocupar essa posição?

DM - Só pode ser politicamente, não é? Só pode ser. Ele era casado com uma mulher que era irmã, se não me falha a memória, do Benjamin Vinelli Batista, que era o titular de anatomia da atual UniRio. E descendia de um dos mais famosos professores de anatomia no Brasil, que era o Benjamin Batista. De modo pode ser que isso possa ter influenciado. Agora, fora disso, eu não sei. Importância pessoal, não acredito.

RG - E ele era do grupo do Olímpio? Ele fazia parte daquela...?

DM - É difícil da gente dizer. Eu acho que ele não era de grupo nenhum. Ele não era do nosso grupo, disso não tem dúvida. Ele ia muito no nosso laboratório, porque o nosso laboratório ficava em cima, e ele gostava de conversar com o Travassos, de se aproximar. Mas o Travassos não dava muita importância a isso. De modo que eu não sei, realmente, por que ele chegou a diretor de Manguinhos.

RG - E ele ficou relativamente bastante tempo. Ficou uns três anos. Quer dizer, para uma pessoa que é vista assim como tão incompetente...

DM - É. Três anos. Pois é. Eu, pelo menos, nunca falei com ele, enquanto foi diretor, porque não tinha nada para tratar com ele!

RG - Quer dizer, da época dele não existe nada muito marcante, que o senhor lembre? Nem a favor nem contra?

DM - Para mim não tem. Não tem mesmo. Nem a favor nem contra. Não tem mesmo.

WH - Por exemplo, Dr. Domingos, há uma versão de que o Francisco Laranja teria instituído um conselho deliberativo no Instituto. O senhor chegou a participar?

DM - Não. Porque eu era muito novo lá. A maior parte do tempo eu era estagiário. Mas foi uma grande conquista. Pelo menos o Herman Lent, Travassos, Teixeira de Freitas ficaram muito satisfeitos quando foi feito isso. Porque sempre foi uma preocupação dos que realmente trabalhavam, em Manguinhos, ter um conselho para examinar os atos ou preparar os atos da administração. E o Laranja, que era médico do... Laranja era cardiologista. Ele entrou no governo de quem?

RG - Parece que foi posto pelo Vargas. Mas aí o Vargas morreu, veio o Café Filho, e foi nessa época que o Xavier entrou.

DM - Pois é. Ele era cardiologista de um deles.

RG - Do Café?

DM - Talvez do Café. E por isso ele foi nomeado. Ele era, o Laranja, como ainda é hoje, um especialista conceituado. Mas não pôde fazer grande coisa, não. Não era fácil. Mesmo com o Conselho. Porque, mesmo nas instituições como o Instituto Oswaldo Cruz, as pessoas criaram aquele cacoete de que quem deve mandar é uma pessoa. Uma espécie de mentalidade ditatorial, não é? E isso atrapalhava muito.

WH - Agora, o conselho permitiu que houvesse uma participação das pessoas?

DM - Nunca houve deliberação importante assim, que eu saiba, não. Se tivesse havido, posteriormente, não podia ser modificado.

RG - Não chegou a ter uma força, não se impôs como uma instituição.

DM - Não chegou não.

WH - Inclusive, eu perguntei pelo conselho porque eu queria saber se ele continuou funcionando, na época do Xavier.

DM - Não. Xavier não deu mais importância, que eu saiba, nenhuma, ao conselho. Havia reclamações e tudo, mas ele não dava bola.

WH - Mas aquele conselho existia como um estágio institucional?

DM - Uma organização interna. Não sei se houve uma deliberação do governo federal nesse sentido, ou do Ministério da Saúde.

WH - Mas ele era uma instância formal? Tinha um ato que instituía o conselho deliberativo?

DM - Era. Tinha. E tinha as atribuições e tudo. Mas, pelo que se viu posteriormente, não adiantou nada. E não sei se depois, com o Amílcar, ele conseguiu se manter. Porque política é uma coisa muito séria. Às vezes o presidente da República está querendo apoiar e não consegue. Ainda mais que o Juscelino estava empenhado nas metas, 50 em 5, não é?

RG - E como é que o senhor viu isso, na ocasião?

DM - Eu achei uma coisa extraordinária. Achei que, pela primeira vez, nós íamos sair de uma espécie de estagnação.

RG - De uma fatalidade brasileira.

DM - É. De conformismo, de viver sempre uma situação de necessidade. Até hoje eu não entendo bem como é que o Juscelino conseguiu obter os meios para fazer o que ele fez: indústria automobilística, Brasília, Rio-Brasília, e quantas outras coisas. E ninguém pode dizer que quando ele saiu o Brasil estava no buraco. Muito mais no buraco está agora. Ou estava há pouco, vamos ver se está saindo. “Eu acredito”, não é?

WH - O senhor falou no plano de metas de governo Juscelino, e me ficou uma curiosidade. E para a área de ciência, em termos científicos e tecnológicos?

DM - Marcante, não houve nada assim, não. Houve o prestígio dado às instituições de estímulo à pesquisa, mas as verbas eram mínimas. Os Ministérios da Agricultura, Educação e Saúde, sempre foram os primos-pobres da federação, sempre receberam o mínimo. E hoje nós estamos pagando as conseqüências disso. Como é que pode se admitir um país que tem, segundo o IBGE, 130 milhões de cabeças de gado, não ter carne para a gente comer? Não sei quantos milhões de cabeças de suínos, de ovinos, e não se ter carne? Então, as conseqüências são aquelas devidas ao fato de que o Ministério da Agricultura era sempre entregue a um político que ia favorecer a grupos de fazendeiros, de pecuaristas, que conseguiam verba através da carteira agrícola do Ministério da Agricultura, mas vinham construir edifícios aqui no Rio de Janeiro. É a tal história, a gente comprovar isso é muito difícil, mas eu tinha alunos, quando eu era professor da Universidade Rural, filhos de fazendeiros em Mato Grosso e em Goiás. Então eles contavam que era comum conseguir-se empréstimos no Banco do Brasil, alegando que tinham tantas cabeças de gado. Eles pediam o gado emprestado aos vizinhos, para quando chegasse o fiscal, ver que era verdade. Depois eles devolviam. Então, recebiam o dinheiro e não aplicavam. E as conseqüências estão aí.

RG - Isso é uma prática que deve ser lugar-comum até, não é?

DM - É. Sei lá, não sei. Um fazendeiro que faz uma coisa dessas, ele está se mutilando, se suicidando, ele e a família, porque vai chegar o momento em que não tem mais, não é? Ele vai ter que, num prazo x, pagar esse empréstimo, e aí começa a rolar a dívida.

RG - Mas aí ele deve alegar secas ou coisas...

DM - É. Enchentes e tudo o mais. E doenças.

RG - E aí as multas são comutadas.

DM - É. Isso mesmo. Não sei se ainda é assim, mas eu acho que ainda existe isso em muitos lugares. Porque não é possível que o estado de Minas Gerais, o estado de Mato Grosso, de Goiás e grande parte de São Paulo, não tenham podido, com as verbas que receberam, multiplicar os seus rebanhos. Ainda mais na época em que começou a crescer a prática da inseminação artificial. Então aí, era muito mais fácil aumentar os rebanhos. Mas não foi feito isso. Me lembro, por exemplo, que havia fazendeiros em Mato Grosso, no Pantanal, que viajavam a pé 40 dias pra chegar lá em Presidente Prudente, São Paulo, e deixar o gado numa internada, engordando, para depois entregar aos frigoríficos. Isso era uma prática freqüente, e dava lucros. Hoje eu não sei como é que se faz isso.

WH - Quer dizer, naquele momento, de importação de tecnologia, houve também importação de tecnologia para a área rural?

DM - Sim. Como não. Havia muitos especialistas de zona onde a inseminação artificial era já avançada, para a pecuária de carneiros, para a pecuária de bovino. No Sul, na pecuária de ovinos, foi um aumento fabuloso.

RG - Foi beneficiado com esse novo espírito desenvolvimentista.

DM - É. Isso mesmo.

RG - E na educação, o senhor dizia que não...

DM - Na educação, sempre as verbas diminuían cada vez mais. Então, o equipamento que antigamente, quando eu comecei, era muito bom - por exemplo, para disciplinas do curso do ciclo básico, como a minha, parasitologia, tinha um equipamento de microscopia muito bom, todo importado. Mas isso desgasta, o número de alunos aumenta, e não houve renovação nem aumento. Depois, quando veio a guerra nós ficamos impossibilitados de recorrer à tecnologia alemã, que era a melhor, e aí foi a tecnologia americana, que era inferior, menos duradoura.. Nas escolas oficiais a situação tem sido muito grave. Aqui no Rio de Janeiro tem a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Fluminense, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a UniRio e todas elas estão com deficiência de equipamento nas disciplinas básicas. Nas disciplinas do ciclo profissionalizante, eu não sei, mas imagino que esteja pior. Por isso, porque são equipamentos muito mais caros. Para diagnóstico de problemas cardíacos, problemas cerebrais, são equipamentos caríssimos. E eu tenho a impressão de que essas escolas não estão aparelhadas para isso. Aí a gente fica

pensando: será que há realmente interesse, da chefia desses serviços, da direção da faculdade, em renovar, ou será que eles preferem ficar assim para que os interessados, que são uma minoria, recorram aos serviços particulares, como, por exemplo, o Hospital São Sebastião? Encefalograma computadorizado. Exames caríssimos aos quais o povo não tem acesso, de jeito nenhum.

RG - É. A gente tem ainda muito o que andar, não é, doutor?

DM - Tem mesmo. E olha, não é por falta de recursos, porque o que o Ministério da Previdência arrecada é uma fábula.

RG - De Previdência eu não sou particularmente entendida, mas parece que também os gastos são enormes, aquela coisa tem que ser toda revista.

DM - Ah, mas apelo atendimento que a gente ouve falar, nos hospitais, evidentemente... Por exemplo, o INAMPS faz um concurso para 120 vagas de médicos para um hospital enorme, que tem um lugar chamado Posse, em Nova Iguaçu. São selecionados, são admitidos, e logo depois estes médicos conseguem, por prestígio pessoal, político, seja lá o que for, se transferir para outros lugares. Eu tenho a impressão de que não chegam a três dezenas os médicos que ficaram lá. E aí, quem sofre? É o povo, que é descontado mensalmente. Se não pagar na data certa, é multado. Olha, é um superministério, o da Previdência. Eu me lembro que, quando eu comecei a trabalhar, existiam institutos comerciais, o Instituto dos Marítimos, Instituto dos Transportes, dos Industriários, dos Bancários, cada qual com a sua arrecadação. Foi tudo unificado.

RG - É. Funcionava melhor quando havia esses pequenos institutos, porque havia mais controle.

DM - Claro! Porque estava descentralizado. O atendimento era mais fácil. Eu me lembro que o... Todo mundo tinha inveja dos associados dos Institutos dos Bancários, porque era um instituto que tinha atendimento num hospital maravilhoso, aquele hospital dos bancários, que se não me engano era o da Lagoa.

RG - Ah, o da Lagoa era dos bancários, é? Até hoje é um dos melhores.

WH - É. Mas também tinha o sindicato dos bancários, que pela própria remuneração salarial, arrecadava muito mais verbas que os outros.

DM - Isso é possível. Mas e os outros, por que não arrecadavam? Os industriários, com o maior sindicato que o Brasil tem, que é os dos metalúrgicos? Não é mesmo? Em Nova York, qual é o maior sindicato? Sabe? É o dos lixeiros. No dia em que eles fazem uma greve, eles têm que resolver logo, porque...

WH - É um serviço fundamental.

DM - Fundamental. Aqui, que nós não temos a população de Nova York, quando houve uma greve dos lixeiros, a cidade ficou impossibilitada de funcionar.

RG - Bom, as nossas condições sanitárias estão sempre no limite do possível.

DM - No limite, pois é. Eu, sinceramente, por questão de formação, eu não sou a favor de greve, mas também não posso condenar, porque é o único recurso. Porque quando o trabalhador está imprensado entre o que ganha e o que tem que gastar, é o único recurso.

RG - Bom, esse nosso assunto dá pano para muitas mangas, não é?

DM - Muitas. Mas é que está relacionado com muitas coisas na área de medicina.

RG - Claro. Eu só estou dizendo que é um assunto inesgotável.

DM - Pois é. Porque você vê. Já houve quem dissesse, e por isso foi incriminado como extremista, que o problema da doença de Chagas era um problema social. E não tem dúvida que é. O dia em que o governo se resolver a fazer habitações que impeçam que o barbeiro se instale, acaba. E com relação às verminoses?

WH - É. Todo o sistema sanitário básico.

DM - Saneamento básico. O dia em que o governo conseguir reduzir, de maneira apreciável, as verminoses, o trabalhador recupera a sua capacidade de trabalho. Aí o Brasil, rapidamente, acaba a sua dívida externa. Isto é, se houver disposição de pagar a dívida externa.

RG - É. Pode-se pensar em outras alternativas, não é? Mas então, esse período juscelinista foi um período em que as cabeças das pessoas devem terem se modificado. Houve esse momento de otimismo e de entusiasmo...

DM - É. Claro. O Juscelino, segundo a gente lia, era um sujeito de um atividade extraordinária. Por exemplo, quando ele fez a Rio-Belo Horizonte, saía nos jornais que ele dizia lá para os cabeças da construção da estrada: "Olha, tal dia, às tantas horas, eu estarei aqui para ver se tal meta foi atingida." E ele estava. Trabalhadores, chefes de turmas e até engenheiros acostumados a não serem fiscalizados, muita gente perdeu o lugar, muita gente foi substituída.

RG - É outro estilo da política.

DM - É. Outro estilo de atividade. O Getúlio não era assim. O Getúlio, ele antes de chegar ao lugar, todo mundo já estava sabendo. Já tinham preparado a recepção e tudo o mais. Com o Juscelino, não. Ele dava as incertas.

RG - Mas, e a questão de abertura para o capital estrangeiro? Devia ter um lado pelo qual ele era muito criticado, não?

DM - Não. Mas ele teve pulso forte com o Fundo Monetário Internacional. Certa época ele disse: “Não quero mais conversa com vocês.” E aqui nós já vivemos anos em que nos curvamos a esses banqueiros. Hoje saiu uma notícia de que o Brasil não tem condições de pagar cinco bilhões de dólares por ano de serviços. Que, pelo menos, três bilhões serão pagos em títulos. Vamos ver o que ai sair daí.

RG - É. Eu tinha lido essa proposta também. Não sei o que vai sair daí, não. Mas eu acho que outro dia o senhor falou que o Amílcar era uma pessoa ligada ao Juscelino, não é?

DM - É. Ele era um cientista, era um professor que estava intimamente ligado à pesquisa. De modo que ele ajudou muito. E lá em Manguinhos, ele nomeou para os departamentos pessoas que tinham grande atividade científica. E assim, coisas interessantes foram feitas. Por exemplo, o Herman Lent conseguiu uma autorização do Amílcar pra fazer um convênio com essa organização americana de *conversation* em inglês, *Yasigi*. Mas quando veio o Lagoa, acabou logo.

RG - Quer dizer, isso era uma maneira de dar uma formação ao técnico, para ele poder ter mais contato com a bibliografia...

DM - Pois é. Poder consultar a literatura especializada. Eu digo sempre aqui aos alunos: “Vocês têm que estudar uma outra língua. De preferência o inglês. Porque o português é o túmulo da ciência. Muitos cientistas brasileiros perderam prioridade porque o trabalho não foi publicado nem em inglês, nem em francês, nem em alemão. Vocês saibam que no início das Memórias, cada página tinha duas colunas, uma escrita em português e outra em alemão.

RG - Naquela época era o alemão. Hoje em dia ainda se usa publicar em alemão, ou caiu?

DM - Muito pouca gente. Depois caiu. Agora é o inglês. E muito menos o francês. Eu nunca tive curso especial de inglês. Eu fui aluno, já disse no início, de colégio de maristas,. E o professor de inglês era muito bom. E eu cheguei ser o primeiro aluno de inglês. Eu gostava. Eu tinha um irmão que trabalhava numa firma inglesa e assinava revistas em inglês. Eu vivia procurando ler aquilo. E havia uma revista, que eu não sei se existe mais, Overseas, sobre os mares. Revista de divulgação internacional. E, às vezes, eu ia até para a escola com aquilo, porque eu estava lendo um artigo, lia devagar, e aí os meus colegas zombavam de mim. Mas eu aproveitei.

RG - Zombavam porque o senhor estava lendo em inglês?

DM - É. Em inglês, e eles não eram capazes.

RG - Era considerado *snob*?

DM - É. Isso mesmo. Pois é. E o professor nem conhecia aquela revista. Era uma espécie de Reader's Digest, muito interessante, com assuntos de divulgação. E, depois, quando comecei o curso superior, aí tive que forçar mais esse aprendizado. Eu não sou capaz, a não ser com alguém que compreenda, de manter uma conversação rápida, mas leio e escrevo corretamente em inglês.

RG - O senhor sentiu que não foi prejudicado nessa área, cientificamente. O Senhor pôde acompanhar.

DM - E a minha correspondência era sempre feita em inglês.

RG - O senhor escreve bem em inglês?

DM - Só para autores alemães é que eu escrevia em português. Mas aí eles faziam força para traduzir, não é?

WH - A importância dos livros em inglês até hoje é grande?

DM - Eu acho. Quando fui professor de nível médio, eu sentia a dificuldade dos alunos de se preparar para o vestibular. E um dia, na hora do café, o professor de inglês - era Serpa, o nome dele, o primeiro nome eu não sei se... talvez Oswaldo. Ele foi professor de nível médio muitos anos, e é autor de vários livros. Eu disse a ele: “Ô Serpa, eu estou vendo você aí com esse livro, que eu sei que é muito bom, mas eu...”

### **Fita 9 - Lado B**

DM - Servia para quem ia fazer vestibular de línguas, vestibular de física, de química, de biologia. Eu disse: “Ô Serpa, por que você não experimenta usar livros especializados para cada especialidade?” Ele ficou pensando e disse: “Não é uma má idéia.”; “Vou te trazer um livro de biologia, você vai ler, e você usa nas aulas do pessoal da biologia, da medicina.” E eu trouxe um livro, o autor era Weiss, um americano, livro muito interessante. Por sinal eu perdi esse livro, porque ele nunca me devolveu. Mas eu não me incomodei não, porque eu estava satisfeito com aquilo. E os alunos me diziam que estavam satisfeitos, porque eu era professor daqueles alunos, em biologia. Às vezes, eles me faziam perguntas sobre nomes de órgãos, de aparelhos, que na aula de inglês não tinham entendido. E o Serpa passava tarefas. Ele ditava, e eles tinham que trazer traduzido. Então, eles estavam satisfeitos. Aí depois, eu soube que o Serpa tinha conseguido livros em inglês de física, de química e de letras.

RG - Ele fez uma pequena revolução no sentido.

DM - Pois é. E aí, ele atendia ao interesse direto dos estudantes.

WH - Mas, Dr. Domingos, a tradução do livro científico para o português é uma coisa...?

DM - Olha, isso, às vezes, é um negócio muito perigoso. Muito perigoso. Houve um caso... bom, eu não estou autorizado a contar isso pelo autor, mas tenho a impressão de que ele não se aborrecerá. Há muitos anos atrás, houve uma questão com o diretor, me parece que era do Instituto Nacional do Livro Didático, que era o Antenor Melo Leitão. O filho, me parece, ainda é vivo, professor no Fundão, foi professor nesta casa, mas não satisfez e foi mandado embora. Ele era professor de biologia do Instituto de Educação. E ele, publicou um livro. Ele era muito amigo do Getúlio Vargas, e era o presidente do Instituto do Livro. O livro foi editado pelo Instituto. Havia um professor muito conhecido no Pedro II, foi diretor do colégio, Waldomiro Potsch, morreu, já, que era pai do ex-reitor daqui, Carlos Potsch, que ainda tem uma posição, na administração aqui Santa Úrsula e é, se não me engano, superintendente da Fahupe, Faculdade de Humanidades, que é um prolongamento do Pedro II. E então, o Potsch já vinha publicando há anos livros de nível médio sobre zoologia, biologia, botânica, mineralogia. O Potsch era uma personalidade muito curiosa. Quando entrou para o Pedro II, ele era professor de português, mas gostava muito dessa coisa e acabou se fixando nisso. É um dos professores mais famosos do Pedro II. E aí, o Melo Leitão...

WH - Qual era a formação do Waldomiro Potsch?

DM - Ele era formado em medicina, mas dedicou-se ao magistério. O Potsch Filho, Carlos Potsch, também é formado em medicina e em biologia, pela Faculdade de Filosofia. Mas então, o Melo Leitão, quando saíram novas edições do livro do Waldomiro Potsch, ele não autorizou. E começou uma briga. Uma briga que acabou no Judiciário. E que envolveu pessoas muito conhecidas nossas. Por exemplo, Waldomiro Potsch convidou para - como é nome que se dá?

WH - Acusador?

DM - Não. Daqui a pouco eu me lembro, era uma espécie de defensor dele, o Potsch convidou o Herman Lent, e o Melo Leitão convidou o Olímpio da Fonseca. E o juiz foi o Ângelo Moreira da Costa Lima. Quer dizer, todos os três de Manguinhos, e todos os três com grande prestígio científico. Mas o mais metucioso de todos era, sem dúvida, o Herman Lent. Perito! Eles eram os peritos. E o Herman Lent, fuçando os livros do Melo Leitão, acabou identificando o livro americano de onde ele tinha copiado, com uma tradução malfeita.

RG - Estava plagiando, de fato.

DM - Plágio. O autor desse livro é o Ponder, General Biology of Ponder.

RG - Que horror!

DM - É. E o Herman, então, publicou aquilo que ficou conhecido na época como “tijolo”, porque era um volume dessa grossura. Então ele colocava, numa coluna, o que o Melo Leitão tinha mal traduzido, e na outra coluna o texto do Ponder, inclusive as figuras.

WH - Eram as mesmas.

DM - Mesmas. Pior que isso! Ele pegou a espécie de rã, que era comum nos Estados Unidos, e botou embaixo o nome da espécie brasileira, que não tem nada a ver, tem diferenças marcantes.

RG - Isso foi um escândalo, não é?

DM - Um escândalo terrível! E o Ângelo Moreira da Costa Lima ficou em má situação e o Olímpio também. Porque, quando foi julgado, o Melo Leitão perdeu.

RG - E o Costa Lima ficou em má situação por quê?

DM - Porque estava defendendo...

WH - Não, era o Olímpio.

DM - É, era o Olímpio que estava defendendo o Melo Leitão.

RG - Mas o Costa Lima estava numa posição neutra, não é?

DM - Numa posição de juiz, mas pedia para o Melo Leitão, porque era colega dele na Universidade Rural - naquele tempo não tinha esse nome ainda -, os dois eram professores lá. O Costa Lima tinha uma formação científica do melhor padrão, mas o Melo Leitão não. Era um copiador, um compilador.

RG - E então ele acabou perdendo a causa e isso gerou uma inimizade profunda entre o Olímpio e o Herman, não é?

DM - É. Também foi isso. Mas o Ângelo Costa Lima, não. Ele disse: “Não. Eu estou errado.”

WH - Uma curiosidade. O Olímpio era uma pessoa, cientificamente, também muito prestigiada, não é? Como é que ele assume...

DM - Pois é. Mas não tinha a profundidade biológica que tinha o Herman. Eu costumava fazer umas comparações. Eu, se tivesse que invejar alguém em medicina, em biologia, eu invejava o Adolfo Lutz, que trabalhou em diferentes campos, sempre com a maior autoridade. E, depois dele, as personalidades marcantes, para mim, foram Hugo de Souza Lopes e Herman Lent. O Travassos foi, também, realmente, mas o Hugo de Souza Lopes... Eu costumo dizer a ele: “Você é um botânico frustrado.” Porque ele sabe um mundo de coisas de botânica...

RG - O Hugo é uma figura interessante. As pessoas, quando falam dele, o colocam numa posição muito especial.

DM - Muito especial!

RG - Como se fosse, realmente, uma espécie de sábio. E ele se coloca numa posição super-humilde. É muito interessante isso.

DM - Eu posso falar isso, porque trabalho com o Hugo há 50 anos!

RG - O senhor diria que ele realmente é uma pessoa que se destaca na área.

DM - Ele se destaca mais do que o Herman, porque o Herman sabe pouca coisa de botânica. E o Hugo sabe muito! Uma vez o convidaram para o Conselho Nacional de Pesca, e ele meteu a cara. Acabou sendo um conhecedor de peixes extraordinário. E aí, o Hugo sempre aproveitava o que ele sabia para transformar em dinheiro. Por exemplo, quando estava trabalhando em pesca, nas reuniões do Conselho, ele teve muito contato com pescadores, e um dia viu uns pescadores trazendo sacolas de conchas e de moluscos. Aí ele perguntou: “O que vocês fazem disso?” O sujeito disse: “Nós jogamos fora.” Ele: “Ah, não façam isso. Eu compro.”; “Não, se o senhor levar, tudo bem.” Olha, o Hugo passou a fazer uma permuta com instituições estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, com colecionadores de conchas. E como era proibido importar dólares no tempo do Getúlio, ele abria uma conta corrente lá, e nas casas em que ficava, e quando precisava de livros ou de revistas, o sujeito comprava e mandava para ele. Isso ele não vai contar nunca!

RG - Eu acho que ele contou isso. Ele é uma pessoa que, de repente, tem um senso prático.

DM - Prático. Olha, o Hugo quando terminou o concurso - eu já contei isso - para titular de parasitologia, ele ficou doente, ficou estressado. E eu fiquei assustado, com medo de que ele chegasse ao ponto de não poder dar mais aulas. Eu o estava substituindo. E eu aí contei ao pessoal, e o médico, companheiro nosso, que o tratou, disse: “Você vai ter que deixar de fumar.” E ele deixou de fumar e perguntou ao médico: “E o cachimbo?”; “Bom, o cachimbo, você experimenta.” E ele importava, por esse processo, fumo americano.

WH - Bem que ele se diz uma pessoa que não sabe muito bem lidar com administração de dinheiro.

DM - O quê?!!! Ah!

RG - Ele disse que deve à mulher dele a sobrevivência da família, porque ele não tinha a menor facilidade.

DM - Ah, pode ser. Pode ser. A Jurema é realmente... O Hugo nunca foi de andar com muito dinheiro. Raramente ele almoçava conosco, porque ou ele trazia almoço ou ia almoçar em casa. Ele criou esse hábito.

RG - É uma pessoa muito de vida doméstica, não é?

DM - É. Ontem, por exemplo, ele estava aflito com o atraso, e foi duas vezes ao telefone para avisar a mulher. E ele estava com o neto.

WH - O Huguinho?

DM - É. Eu acho que é o Huguinho, o mais velho, que já está treinando com ele. (rindo)

RG - Interessante.

DM - Mas o Hugo é um sujeito de vida, economicamente, independente. Ele pode. Viajou e tudo, tem casa em Petrópolis, mora em apartamento próprio. E a vida inteira ajudou as filhas e ainda ajuda. Há pouco tempo, não sei por que motivo, ele deu até um carro para um dos genros. Aliás, foi uma coisa que o Herman fez também para o filho, porque lá no Fundão roubaram o carro dele! (rindo)

RG - Pois é. Mas isso é interessante, porque a gente não conhece as pessoas. O Dr. Hugo parece uma pessoa extremamente simples. Provavelmente ele poupou muito, porque ele não gastava em nada também (rindo).

DM - Muito, muito simples. O Hugo - está sendo gravado? - mais de uma vez ele chegou em Manguinhos com o sapato de duas cores. (rindo)

RG - Faz aquele estereótipo do cientista, não é?

DM - Mas não é isso, porque nós tivemos cientistas em Manguinhos que faziam isso de maneira estudada.

RG - Ah, é!

DM - É.

RG - Para manter a imagem clássica...

DM - É. (rindo)

RG - O senhor não gostaria de revelar o nome dessas pessoas que faziam isso de maneira estudada?

DM - Não, não. (rindo) Não, porque um deles é pai de uma excelente professora aqui. Que é muito nossa amiga, competente e tudo. E ele foi um sujeito competente, não precisava fazer isso. Não precisava.

RG - Mas é incrível imaginar que exista um cientista que faça a performance.

DM - É. Poxa! Tem gente que tem correspondentes contratados para escrever para eles.

RG - Alguns cientistas.

DM - É.

RG - Que coisa! Devem existir coisas desse tipo que a gente não imagina. (rindo)

DM - Aqui no Brasil já houve de tudo! Isso eu vou revelar. O tio do Rocha Lagoa, Tomás da Rocha Lagoa, que era um homem de valor, ele fazia teses para quem ia fazer concurso.

RG - Ele vendia o trabalho intelectual dele?

DM - Vendia.

RG - O chamado *ghost writer*, não é?

DM - Isso.

RG - Isso a gente de vez em quando ouve falar, mas, realmente, procurando....

DM - No jornalismo existe isso também.

RG - Bom, isso existe, formalmente, oficialmente na política.

DM - Na política sim, sim. Nós temos aqui, por exemplo, na Santa Úrsula, o homem que escrevia tudo para o Juscelino. Foi nosso vice-reitor acadêmico e agora é um assessor especial da chancelaria.

WH - Quem é?

DM - Antônio José Chediak. É professor de literatura, de português, no Pedro II, na Fahupe e aqui. É um sujeito de uma imensa cultura. Aquele, também assessor do Juscelino, Afonso Schmidt<sup>4</sup>, ele consultava o Chediak para tudo que era assunto. E o Chediak revia os escritos daquele pessoal todo.

RG - Mas esse caso do Melo Leitão, sobre o qual a gente estava falando, não é nem uma questão de tradição, é de roubo.

DM - É. Claro. Nós tivemos um diretor que perseguia muita gente, na Escola Nacional de Veterinária, que comprou, naquele bairro em que se reuniam os cientistas em Paris...

RG - A Rive Gauche?

DM - É na Rive Gauche, mas tem outro nome. Não está me ocorrendo. Ele comprou uma tese lá. Uma tese de parasitologia. Quando chegou aqui no Brasil, o ministro da Agricultura

---

<sup>4</sup> Augusto Frederico Schmidt.

era muito amigo dele, Juarez Távora, mas a cadeira de parasitologia estava ocupada pelo Travassos, e ele não podia tomar o lugar do Travassos. Então, arranhou uma cadeira de zootecnia, que não tem nada a ver com parasitologia. (rindo)

RG - Ah! Essa história é ótima. (rindo)

DM - É. Isso mesmo.

RG - A gente entrou nesse capítulo, das histórias por trás dos bastidores.

DM - É isso aí!

WH - A necessidade de prestígio...

DM - Porque, no início da medicina aqui no Brasil, havia o hábito - eu nem sei se era lei - dos famosos fazerem aquilo que se chamava tese inaugural. Então, o sujeito ia para um laboratório, para um hospital, escolhia uma doença e esgotava o assunto naquilo. Num determinado dia, marcado, diante de uma banca, ele defendia a tese.

RG - E essa tese inaugural servia para quê, dentro da carreira?

DM - Para o título de doutor.

RG - Para acabar a formação?

DM - É. Depois isso se vulgarizou. Hoje doutor é todo mundo. Não é isso?

RG - Médico, não é?

DM - Não. Médico só não.

WH - Advogado...

DM - Contador, farmacêutico, todo mundo é doutor. E ainda há uma discussão: “Ah, mas doutor, realmente, é aquele que defende uma tese.” Tudo bem. Mas como é que você vai mudar esse hábito, que o povo adquiriu, de chamar todo mundo de doutor?

RG - Que é uma coisa também italiana, que a gente vê nos filmes.

DM - Pois é. Isso mesmo.

RG - Lá todo mundo é doutor.

DM - Isso mesmo. De modo que as teses... do nosso grupo, o único que tem tese inaugural é o Tito.

RG - Foi bom mesmo o senhor falar do Tito, porque ele foi o administrador que veio em seguida ao Amílcar, não é? Fale um pouquinho do Tito para a gente.

DM - O Tito, praticamente, me parece que continuou a mesma administração. Nas mesmas linhas. Prestigiando o pessoal que ele já conhecia. O pessoal da fisiologia, o pessoal da zoologia médica, da entomologia, da parasitologia.

RG - Vocês já eram muito íntimos, não é?

DM - Pois é. Prestigiando, e procurando fornecer material.

RG - Ele era uma pessoa com boa capacidade administrativa?

DM - Era. E ele demonstrou isso não só... Antes, ele esteve no Instituto de Pesquisa da Amazônia, e, segundo me contaram, foi um bom período. Depois teve também a atuação dele em São Paulo. Eu não sei de muita coisa, mas ele esteve muito tempo em São Paulo.

WH - É. Ele pertenceu ao CNPq também.

DM - É. Isso mesmo, CNPq. E sempre prestigiando. E ouvindo as pessoas que podiam fornecer boas informações. Ótimo.

RG - Foi o Amílcar que o colocou lá? Houve uma continuidade?

DM - Isso eu não sei. Eu não sei como foi. Não sei como o Tito chegou a diretor de Manguinhos. Mas foi uma satisfação grande, isso eu sei, quando saiu o Amílcar... Por que o Amílcar saiu também, não sei se ele estava cansado, se ele pediu demissão.

RG - Eu acho que ele foi, talvez, ocupar um outro cargo, que eu não me lembro mais. Alguma coisa assim.

DM - Talvez, é. Porque o Amílcar - isto aí foi tudo antes de 64 -, ele já era um homem visado lá em Minas, pela família mineira que trabalha em silêncio.

RG - Ah! O Amílcar era mal visto?

DM - É. Porque ele era um homem que pendia para a esquerda, e parece... Aí eu não sei bem, mas parece que ele tinha um genro que era diplomata e que era de esquerda e foi cassado. E depois o Amílcar foi cassado também. E dizem que por causa disso.

RG - O Amílcar foi cassado, é?

DM - Foi.

RG - Pois é. A gente não esteve com ele ainda.

DM - Ele deve vir agora aí, para essa... Esse dia 15<sup>5</sup> (\*), não é?

RG - Acredito que sim. Então, o Amílcar foi diretor depois do Xavier, que todo mundo concorda que era uma nulidade. Vem Amílcar, Tito, e depois vem Travassos. O senhor diria que isso forma assim um todo?

DM - Foi. Não, o Joaquim, Travassos, era outra formação... ele veio para Manguinhos lá de São Paulo, veio preencher uma lacuna em Manguinhos, que era o setor de rickettsioses. Agora, por que ele foi nomeado para Manguinhos, qual o seu prestígio, eu não sei. Talvez para fugir de insinuações, mercado de prestígio, para gente aqui do Rio...

RG - Para não ficar como coisa só de um grupo, uma facção?

DM - Pois é. Talvez por isso ele tenha sido nomeado diretor de Manguinhos. E foi um sujeito sempre muito acessível, continuou a trabalhar na especialidade dele, que era rickettsioses. Rickettsioses, é o grupo de doenças conhecidas geralmente por tifo exantemático

RG - Sim. Perissé também falou isso.

DM - É, tifo exantemático. E deu grandes contribuições. E foi justamente aí que o Lagoa foi agir para expulsá-lo.

WH - Por quê? Como assim?

DM - Porque o Lagoa não tinha posição. Ele estava encostado no grupo do Lacorte. E aí ele viu a possibilidade de, se o Joaquim Travassos do Rosa sáisse, ele ficar, tomar conta do setor de rickettsioses

RG - Que era a área dele?

DM - De quem? Do Lagoa? Ele nunca teve área nenhuma!

RG - Então por que ele escolheu...?

DM - Porque não tinha ninguém. Não tinha ninguém para ir para ali. Não tinha ninguém. (rindo)

RG - Estranho. Que raciocínio mais...

DM - É. Eu me lembro que uma ocasião, fui convidado para dar aula na Escola Nacional de Saúde Pública, num curso novo, sobre artrópodes transmissores de doenças. E aí, um dos assuntos importantes é este, as rickettsioses. Eu comecei a preparar as minhas fichas, e precisava consultar um atlas, um livro enorme, de um homem chamado Bartolomeu, onde

---

<sup>5</sup> 15/08/86, data do ato de reintegração dos cientistas cassados de Manguinhos

estavam referidas todas as doenças transmissíveis. E eu fui para a biblioteca. Em toda biblioteca existem os livros de consulta no local, que não podem sair, são os dicionários e tudo, não é? Pois esse livro não estava lá. E ninguém queria me revelar com quem estava. Acabei descobrindo. Um funcionário, que era muito meu amigo, disse: “Olha, o senhor, por favor, não me comprometa, mas está no laboratório do Dr. Lagoa.” O servente do Lagoa era meu cliente. E eu fui a ele e disse: “Olha, eu preciso de um favor seu. Não quero que você se comprometa, mas eu precisava consultar este livro.” Ele disse: “Ah, eu sei qual é. Fui eu que fui buscar. É um atlas grande.” E eu perguntei: “O Lagoa vem sempre aqui?” Ele disse: “Não, às vezes ele passa três, quatro dias sem vir aqui.”

RG - Ao Instituto?

DM - Não. Ao laboratório dele. Aí eu disse: “E qual foi a última vez que ele esteve aqui?”; “Ele esteve ontem.”; “Então você me empresta isso, eu vou consultar no meu laboratório, e amanhã eu te devolvo.” Foi o que eu fiz, e felizmente ele não soube que eu tinha consultado o livro. Era assim! Nós tivemos, lá em Manguinhos, um bibliotecário, Mário Araújo, se não me engano, que ele repente foi transferido para a Faculdade de Medicina, a antiga Nacional. Por quê, não sei. E, um dia, ele descobriu que muitas revistas estavam inutilizadas, porque faltavam páginas. Eu perguntei: “Mas por que isso, Mário?” Eu nem sei se ele está vivo. Era um bom bibliotecário. Ele disse: “Eu tenho a impressão de que são pessoas que fazem tese, e para que os examinadores não possam consultar a bibliografia, eles arrancam as páginas.” É uma coisa criminosa, não é?

RG - Em dois sentidos. Está estragando a bibliografia e está, na verdade, fazendo uso daqueles dados para...

DM - Quer dizer, se valendo disso. Existe um livro aqui, que eu indico sempre aos estudantes, um livro caro, de protozoologia - não existe tradução em português, existe uma edição em inglês e outra em espanhol. E um dia os alunos...

### **Fita 10 - Lado A**

DM - ... Richard Cudor, um americano. Pois um grupo de alunos, que estava fazendo um trabalho de pesquisa, veio me dizer que aquele capítulo todo tinha desaparecido do livro. Aí eu tive que pegar o meu volume, mandar xerocar, mandar desencadernar e encaixar. Está na biblioteca isso.

RG - Bom. Mas então, antes da gente continuar a falar do Rocha Lagoa e entrar um pouquinho mais assim na época do Travassos, você queria voltar alguma coisa para trás.

WH - Eu queria. Quando a gente estava falando sobre o período juscelinista e o plano de metas, o senhor disse que para área de ciência nunca houve assim um grande impulso, não havia verbas.

DM - É.

WH - E eu me lembrei que em 1951, quer dizer, pouco tempo antes, tinha sido criado o CNPq.

DM - É. Mas no início houve dificuldades tremendas, porque as verbas custavam a chegar. E a política não gosta muito de se envolver nesse setor. Outro dia eu ouvi lá em Manguinhos que o ministro da Ciência e Tecnologia ficou horrorizado quando viu aquele charco, que é a parte da biblioteca lá naquele...

RG - INCQS.

DM - INCQS. Quer dizer, parece que o interesse desse pessoal é mesmo queimar as fontes para as novas gerações.

WH - Queimar fontes de conhecimento?

DM - Sei lá. É a mesma coisa que disse o Cesar Pinto. É o que é o ser psíquico. Medo da sombra, medo de que os outros cresçam e eles desapareçam.

RG - Mas quem é o pessoal responsável por esse desastre?

DM - Ah! Tem a ver aí com pessoal da administração central, sem dúvida.

RG - Da época da ditadura, dessa época negra da nossa vida.

DM - É. Isso mesmo. Esses dois últimos presidentes foram os grandes culpados.

WH - Agora, a época do Juscelino, parece que com toda essa questão da importação de tecnologia, é um momento em que se pretende também dar um avanço à área científica, pelo menos em termos de discurso se vê essa preocupação.

DM - É. Ele falava muito. Mas o Juscelino, com a preocupação do desenvolvimento industrial, eu tenho a impressão de que ele confiava demais no segundo escalão, e isso deve ter prejudicado muito. Pelo menos as faculdades sofreram. Sofreram porque não houve renovação do equipamento, o que eu já falei. E a bibliografia estrangeira, então, era uma dificuldade. Havia dificuldade até de reagentes importados.

RG - Mas isso foi na época do Juscelino ou na época do Jango?

DM - Já vinha de antes, de logo depois da guerra. A coisa foi se prolongando.

WH - Quer dizer, mesmo na época juscelinista, quando abrem para a importação...

DM - Nunca foi o ideal para a pesquisa e o ensino. Nunca foi.

WH - Agora, é interessante, porque nessa preocupação do governo Juscelino de desenvolver a área científica, em termos de discurso, ele cria uma série de institutos de

pesquisa. Mas existe uma crítica de um certo grupo da comunidade - eu não sei se o senhor conhece esse momento -, uma crítica ao Juscelino porque ele cria institutos sem ter nenhum planejamento, sem ter nenhuma assessoria...

DM - Isso mesmo. Basta ver o exemplo de Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz, quando quis criar o Instituto Oswaldo Cruz, começou a buscar assessoramento fora do Brasil, porque aqui não havia. Ele importou gente capaz de formar equipes aqui. E isso não aconteceu nunca mais. Só aconteceu uma vez e logo foi extinto, com Anísio Teixeira.

RG - E com a USP, em São Paulo. Que tem esse mesmo modelo. E lá deu certo, por muito tempo.

DM - Isso mesmo. Pois é. Mas aqui não deu, porque o Getúlio prendeu o Pedro Ernesto, o Anísio Teixeira, e a coisa acabou. Essa é que é a coisa.

RG - É, no mesmo momento em que se cria a UDF aqui, que vai ter uma vida breve, a UDF dá certo, tem o apoio estadual e, na verdade, rouba os nossos cérebros, provoca um deslocamento do Rio para São Paulo.

DM - É. O exemplo é o Viktor Leintz, que foi para lá e lá ficou.

RG - E houve outros daqui que foram para lá.

DM - Foram sim. Mas eu me lembro do Viktor Leintz.

RG - Daqui que eu estou dizendo não é do Rio, não, daqui do próprio Instituto Oswaldo Cruz.

DM - Ah, sim.

RG - Um que morreu há pouco tempo. Como é nome dele?

WH - Maurício da Rocha e Silva.

DM - Foi.

WH - José Reis, Almir Afonso.

DM - José Reis, que agora está aqui em Manguinhos outra vez.

RG - José Reis?

DM - Não. Luís Rei.

WH - Esse é outra pessoa.

RG - José Reis é da SBPC.

DM - José Reis, eu sei. Ele era especialista em patologia das aves.

RG - É um grande animador da SBPC.

DM - Me lembro. Conheci muito ele.

RG - Acho que ele está vivo, não é? Acredito que sim. Deve estar velhinho, mas ainda atuante.

DM - É. Não tenho certeza, não. Mas eu confundi com o Luís Rei, que esteve sempre na Unesco, se não me engano.

RG - Esse eu não conheço.

DM - É o diretor desse instituto lá.

RG - Eu já ouvi falar, sei que existe, mas não...

DM - Ele é parasitologista. Autor de um livro de parasitologia muito bom.

RG - Bom. Então eu acho que a gente pode prosseguir.

WH - É. Tem mais uma coisa em que eu queria tocar, que é o seguinte: nessa época - eu não sei se o senhor participou também -, a partir dessas críticas ao projeto científico, é que se começa a falar no Ministério de Ciência e Tecnologia.

DM - É. E um dos grandes batalhadores por isso foi o Herman Lent.

WH - O senhor sabe como é que começou essa discussão? O senhor participou disso?

DM - Não. Era uma época muito difícil para mim, porque eu estava como titular na atual UniRio. O professor tinha saído, e eu, queria atender a Manguinhos e à Escola, estava formando uma equipe, lutando para conseguir a nomeação de assistentes, fugindo de injunções políticas, querendo nomear ex-monitores. Depois de uma grande luta, eu consegui. Porque tive o apoio de um general médico, que era professor na atual UniRio, que chegou a presidente da Fundação. Ele me apoiou integralmente. E por isso eu não podia, não tinha tempo para...

RG - De que escola o senhor está alando? A de Saúde Pública?

DM - Não, da Escola de Medicina e Cirurgia, da UniRio atual. É da FFERJ.

RG - Porque depois também o senhor teve toda uma ligação com a Saúde Pública, não é?

DM - É. Bom. Aí, simultaneamente, eu já tinha sido convidado para dar aula na Saúde Pública. E aí, todos os anos, eu tinha turmas de engenharia sanitaristas, de biólogos, de inspetores sanitários, e eram programas completamente diferentes.

RG - Em que época foi que o senhor lidou com isso?

DM - Isso foi um período longo. Está no currículo tudo isso, com datas e tudo.

RG - Certo. Era só para localizar, porque o senhor até já falou nisso, e eu acho que foi na década de 50.

DM - Não, isso foi no fim de 50, toda a década de 60 e até a cassação.

RG - Então pega justamente - é o que eu estava imaginando - a época do Jango, onde existe essa ênfase na questão da saúde pública.

DM - É. Isso mesmo.

RG - Foi nessa época que o senhor mais teve vínculos.

DM - Tinha um ministro da Saúde, que era muito atuante, pelo que eu pude observar - parece que Souto Maior que foi cassado, não é?

RG - Quer dizer, nesse período o senhor chegou a sentir um apoio maior à questão da saúde pública, em detrimento da pesquisa de base, da chamada ciência pura?

DM - Ah, sim. É. E a prova disto está aí, eclodiu agora, com o dengue, com o Aedes e com o perigo da febre amarela. Porque de 70 para cá tudo foi abandonado.

RG - Pois é. Isso foi realmente o que aconteceu. Mas nós gostaríamos de esgotar esse período que antecede o golpe de 64. Porque a reta final seria o que vem depois, e sobre isso a gente até já falou bastante, mas sempre falou picadinho. Um pouquinho aqui, um pouquinho ali. O senhor nos disse na última vez que a cassação foi como um raio, que veio de um “céu de almirante.”

DM - “De almirante” não, de “brigadeiro”.

RG - “De brigadeiro”, claro

DM - Brigadeiro só voa com o céu azul, almirante com o mar espelhado.

RG - É. Eu misturei os dois. Eu fiquei surpreendida com essa sua afirmação porque, para a gente, que viveu de uma outra maneira esse período, é difícil imaginar as pessoas... isso revela uma certa ingenuidade da parte de vocês, não revela? O que o senhor acha?

DM - Não, não foi. Nós tínhamos passado por três inquéritos, de 64 até 70. Todos tinham sido arquivados. E nós sabíamos, por informações de pessoas que conseguiam descobrir que quando o Raimundo de Brito foi ministro da saúde, o Rocha Lagoa tentou nos alijar de Manguinhos. E o Raimundo de Brito, que era um homem que não tinha a menor conotação com saúde pública, era um cirurgião, foi diretor do Hospital dos Servidores do Estado disse: “Ô, Lagoa, eu não vou fazer o que você pede se não tiver provas.” Depois do Raimundo de Brito, já no governo Costa e Silva, veio o Leonel Miranda, que, se não me falha a memória, morreu recentemente. Era o dono da Casa de Saúde Dr. Eiras. Ele disse a mesma coisa: “Lagoa, sem provas, nada feito.” E aí veio o Médici, e cometeu a iniquidade de nomear o lagoa ministro da Saúde.

WH - Agora, o senhor disse que quando começaram os inquéritos, o Rocha Lagoa ainda não era diretor do Instituto.

DM - Em 64. Mas logo depois ele foi.

WH - Esses inquéritos então não começaram por pressão dele na direção?

DM - Esses inquéritos eram por causa talvez do SNI, ou de outro órgão, não sei.

WH - Poderia ser por iniciativa do próprio Ministério da Saúde?

DM - Não sei. Difícil saber. Eu me lembro quem era o ministro da Saúde!

WH - Era o Raimundo de Brito.

DM - No início de 64, em abril de 64, mas antes quem seria? Será que antes já havia alguma insinuação nesse sentido?

WH - Os inquéritos começam depois de abril de 64, e o Rocha Lagoa ainda não é diretor. No Ministério da Saúde se instalam 16 comissões, eu acho, e uma delas no Instituto.

DM - É. Isso mesmo. Do general Aluísio Falcão.

WH - e outra com o Olímpio da Fonseca.

DM - Outra com o Olímpio da Fonseca. E a última foi no Serviço de Segurança do Ministério. Aí eu não me lembro quando é que o Lagoa foi nomeado diretor.

WH - Foi em junho.

DM - Pois é. E aí, naturalmente, ele se aproveitou dessas coisas para fazer a política.

WH - Mas mesmo antes dele ser diretor, ele poderia ter pressionado para se instaurarem esses inquéritos?

DM - Pode ser. Porque se ele tinha prestígio para ser diretor, as pessoas que atuaram nisso - a gente não sabe direito quem foi - poderiam ter ajudado. Uns dizem que foi o ministro da Marinha, o almirante Rademaker. Outros dizem que foi o prestígio que ele tinha com o cardeal D. Jaime Câmara.

RG - O próprio Rocha Lagoa? Ele teria contato com todas essas pessoas?

DM - É. Porque eles são de uma família tradicional, mineira, de católicos, e havia uma tia do Rocha Lagoa que era superiora num convento de Minas. Que tinha prestígio com ele.

RG - E quem tinha contato com o Rademaker?

DM - O próprio Rocha Lagoa. Porque o Rocha Lagoa tinha um tio que foi desembargador do Dutra. Uma família de gente que ocupava posições importantes. De modo que foi isso. Ele começou a trabalhar. E quando morreu o Costa e Silva e veio o Médici, ele começou a trabalhar para ser ministro. Eu me lembro que uma vez, eu estava na casa de meu filho, e chegou uma visita, um casal. Era o general Nogueira Paz. De grande prestígio, desde o tempo do Castelo Branco. Foi o general que ocupou a Universidade de Brasília, quando saiu o Darcy.

RG - Em 65, não é?

DM - E o Nogueira Paz era casado com uma mulher - eles são do Ceará - que é prima da minha nora. E a minha nora me apresentou a ele, a minha mulher estava presente. Ele disse: “Ah! Eu escutei muito falar do senhor. Aliás, eu queria dizer uma coisa, que o senhor trabalha numa casa que deve ser uma maravilha.” Eu disse: “Por quê?” Eu não me lembro agora quem era o ministro da Aeronáutica. “Porque o brigadeiro fulano de tal foi convidado pelo diretor de Manguinhos para visitar Manguinhos. E outro dia nos encontramos numa reunião, e ele faz os maiores elogios a Manguinhos.” Eu disse a ele: “É porque ele foi levado nas salas de visitas. O senhor diga a ele para ir à escoteira, sem acompanhante, sem cicerone, para visitar os laboratórios que trabalham. Aí ele vai mudar completamente o ponto de vista dele”. Minha mulher ficou assustada: “Você não devia estar falando isso”. Aí ele perguntou: “Quer dizer que o senhor acha que a nomeação do Rocha Lagoa para diretor de Manguinhos...” Eu disse: “Foi o pior erro que a revolução cometeu. Porque ele é absolutamente incompetente”. Aí, ele ficou pensando e disse: “É. Havia um concorrente para ele, que era o coronel - disse lá o nome, eu não gravei - diretor do Instituto Militar de Biologia, mas o Lagoa foi nomeado e diziam que esse coronel era muito competente”. Eu disse: “Pelo menos vinha dando demonstração que sabia dirigir um Instituto, que poderia ser uma miniatura de Manguinhos, que é o Instituto Militar de Biologia”. E a minha mulher ficou assustada. Mas levou tempo ainda para sair, levou uns meses, porque aí veio a nomeação dele para ministro. É. Ele já era ministro. Mas aí veio se aproximando o mês de abril, e ninguém sabia de nada, ninguém podia esperar nada. E saiu. Caiu o raio em cima da gente.

WH - Pois é. Eu queria voltar para trás...

DM - Mas aí não termina nunca, hein?

WH - Pois é. Mas eu queria voltar bem para trás. E falar um pouco do que foi o golpe militar, como é que se sentiu esse clima político, o governo Jango, aquele momento de euforia política, e...

DM - Olha, minha filha, eu não senti nada disso. Foi um negócio tão armado no silêncio, que nós não sentimos anda disso. O governo, às voltas com a sua política e iniciativas sociais. Reforma agrária, problemas de trabalhismo...

WH - O senhor chegou a participar desse debate na área de saúde pública?

DM - Nada, nada. Eu tinha um colega de turma que era muito chegado ao ministro Souto Maior e que era diretor do sanatório em Curicica. Esse rapaz morreu cedo. Foi cassado logo. Ele me contava essas reuniões. Naquela famosa reunião do Automóvel Club, ele estava na primeira fila, sentado ao lado do ministro Souto Maior.

RG - Ele era um entusiasta das medidas?

DM - Era um entusiasta. Era um homem de esquerda e tudo. Arthur Henrique de Almeida.

RG - Os cientistas, de um modo geral, as pessoas com quem o senhor se relacionava, eram otimistas, achavam que as coisas...

DM - Com a revolução?

WH - Não. Durante o governo Jango.

DM - Ah, sim! Sim. E hoje nós estamos tendo a prova. Não estão querendo fazer a reforma agrária nos mesmos moldes da do Jango? Não estão dando verbas para as merendas? Fazendo esses convênios para a garotada fazer esporte? De modo que a sensação que nós tivemos foi que nós íamos entrar num período obscurantista.

WH - Mas isso antes de acontecer?

DM - Não. Quando saiu o negócio. Eu não me lembro em que dia da semana caiu, o 1º de abril - porque eles falam que foi no dia 31 de março, mas só sentimos em 1º de abril. Mas na véspera, nós tínhamos saído, eu e minha mulher, fomos a uma reunião, chegamos tarde, almoçamos, e aí voltei para deitar. Daí a pouco tocou o telefone. Era uma irmã, que morreu recentemente, casada com um deputado do PTB, pelo Rio Grande do Sul, dizendo que eu ligasse a televisão porque estava acontecendo uma porção de coisas. E eu vi - ninguém me contou - a cena seguinte: o Flávio Cavalcanti, que morreu recentemente, de câmara na mão, no posto 6, defronte a TV Rio, na rua defronte da entrada do Forte. Aí chegou um general - que naquele tempo era coronel - fardado, e quando o sentinela apresentou armas, ele deu um murro na cara do sentinela, tomou a metralhadora dele e saiu atirando para dentro.

WH - Quem era?

DM - General Montagne. Que até recentemente era do Conselho Nacional de Desportos. Eu vi, ninguém me contou. Nunca mais isso apareceu na televisão, nem nunca mais ninguém contou.

RG - O senhor deve ter ficado bem impressionado nesse momento. Deu para imaginar o que vinha pela frente.

DM - Pois! Aí eu contei às pessoas que não tinham assistido, e elas diziam: “Mas não é possível!”. Eu dizia: “Eu assistia isso. Não tenho interesse em inventar isso”. Esse meu cunhado foi um político de grande sucesso, de grande prestígio. Era gaúcho de São Borja. Foi diretor do Imposto de Renda, foi quem organizou o Imposto de Renda. Ele teve quatro períodos, sempre como presidente da Comissão de Finanças da Câmara. E sempre visado tremendamente por Roberto Campos e depois de Roberto Campos, pelo Delfim. Até que quando chegou o Costa e Silva, ele foi cassado. Hoje ele vive em São Paulo...

RG - Como é o nome dele?

DM - César Prieto. Mas não tem nada a ver com o Arnaldo Prieto, que foi ministro do Trabalho, completamente inoperante.

RG - Outra família.

DM - É. Prieto é muito comum na Espanha. O pai desse meu cunhado era espanhol e foi engenheiro da coluna do Getúlio na Revolução de 30. Talvez, daí, tivesse nascido um certo prestígio.

RG - Dr. Domingos, o senhor devia ter informações assim por vias, eu não digo profissionais, mas eventualmente familiares. Porque o senhor contou, logo no começo da sua entrevista, que o senhor tinha um cunhado - e eu acho que também um irmão - muito ligado aos partidos de esquerda. Havia alguém da sua família que estava muito ligado a um grupo da esquerda.

DM - Não. Só pode ter sido o César Prieto. Ele era um homem de dois metros de altura, pesava 140 quilos. Carlos Lacerda tinha horror a ele. Um dia, o Lacerda disse um palavrão para ele na Câmara, ele foi lá, segurou o Lacerda, levantou (rindo): “Repete isso!” E o Lacerda não repetiu.

WH - Não teve coragem.

DM - Não teve coragem. Hoje, parece, ele está muito bem de vida, porque minha irmã morreu. Ele teve três filhos com a minha irmã. Um mais jovem morreu num desastre de automóvel e os dois outros, se têm contato, eu não sei, porque também raramente os vejo. A moça mora em Niterói, e o rapaz, que está com 48 anos, está por aí.

RG - Dentro da comunidade científica, particularmente do IOC, de Manguinhos, vocês comentavam essas... Havia assim um conhecimento do que vinha acontecendo no país? O senhor sentia isso?

DM - Ah! Nós comentávamos. Mas naturalmente com muito cuidado, não é? Naturalmente com muito cuidado. Porque ninguém estava querendo agravar uma situação. Se bem que, durante muito tempo, nós esperamos. Mas depois dos três inqueritos e de se passarem seis anos...

### **Fita 10 - Lado B**

DM - ... seis anos, ninguém mais esperava nada. E aí veio a cassação. Cassação de oito e, surpreendentemente, nós ficamos de fora, eu e Masao Goto.

WH - Os senhores foram só aposentados, não é?

DM - É. Depois fomos aposentados.

WH - Agora, naquele momento, logo depois do golpe, como é que se refletiu isso dentro do Instituto? Como era o clima?

DM - Ah! Mas tinha gente, tipo - quem meu Deus?! - Gilberto Teixeira, Rocha Lagoa, a equipe do Lacorte, que estavam muito felizes.

WH - O Xavier também?

DM - Xavier também. E evitamos até nos cumprimentar.

RG - Para não se comprometer?

DM - Para não se comprometer.

RG - Por quê? Vocês representavam o quê, exatamente, naquele momento?

DM - Os inimigos, os subversivos.

RG - Já desde daquela época?

DM - É. Do início do golpe.

RG - E os subversivos eram mais do que esses dez que foram cassados?

DM - Não. Bom! Eram. Mas acontece o seguinte: como não havia prova dessa subversão... a segundo lista que o Rocha Lagoa fez, que incluía - nós vimos essa lista - pessoas como Felipe Neri Guimarães, Mário Vianna Dias e Jorge de Paula Guimarães, o Médici não quis.

WH - Quem teve essa informação de que o Rocha Lagoa teria preparado outra lista?

DM - Ah! Isso é muito difícil a gente provar, mas chegavam essas notícias. O próprio Rocha Lagoa anunciava que ia sair mais. Existia um professor, que morreu, que não foi de Manguinhos, mas frequentou o laboratório de fisiologia, Lauro Solero. Era um homem de comportamento surpreendente. Ele era um homem de direita, mas não admitia que o governo tomasse atitudes violentas. E um dia, no antigo edifício da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, quando a polícia estava querendo invadir e os estudantes estavam sentados na escadaria, ele sentou-se no meio dos estudantes. E quando saiu a cassação, nós não sabíamos se iríamos ser todos presos, e ele foi convidar o Haity Moussatché a ir para a casa dele. E eram, essas pessoas que vinham nos contar. “Vai sair mais cassação.”

RG - As pessoas que tinham trânsito, os liberais, os que não estavam identificados...

DM - Mas tinha atitudes de gente decente.

WH - Agora, logo depois do golpe, o Joaquim Travassos da Rosa continua a ser diretor. E se fazem dois inquéritos aqui, logo em 64. O senhor podia falar um pouco sobre o inquérito policial militar do qual o general Falcão era presidente?

DM - Pois é. Esse foi um homem muito bom, muito extraordinário. Um homem decente. Eu já tive a oportunidade de falar que ele me perguntou: “O senhor pertenceu ao Partido Comunista, ou o senhor era um assinante de A Classe Operária?” E eu dizia: “Não, nunca pertenci a partido nenhum. Assinante, eu nunca fui, de coisa nenhuma.” Falei na revista Scala, que eu recebo até hoje, uma revista alemã, e ele disse: “Ah! Eu também recebo.” E nunca houve nada. Eu nunca pertenci a partido nenhum.

WH - Mas havia algum tipo de delação já, para se instaurar esse inquérito?

DM - Isso eu não sei. Olha, sinceramente, eu não sei por que o Rocha Lagoa me meteu nessa lista. Porque ele sempre foi muito sorridente comigo, muito cordial.

WH - E o senhor não tinha problema nenhum com ele?

DM - Nunca ninguém esperava que ele incluísse nessa lista o Hugo de Souza Lopes!

RG - O Hugo era amigo dele, não é?

DM - Pois é. No jornal O Globo apareceu lá que o Hugo teria dito que ele era um patife. E o Hugo, ainda ontem, repetiu lá em Manguinhos para o Arouca e outros: “Eu nunca disse isso. Eu apenas que ajudei a formar tanto pesquisador, tanto professor, sem saber que estava criando uma víbora”. Era o Rocha Lagoa.

RG - Pois é. Mas o Rocha Lagoa disse, nesse mesmo artigo, que ele não era responsável por nada disso.

DM - É. É muito fácil jogar a culpa em alguém que morreu.

RG - Claro.

DM - Jogar a culpa no Médici. Mas, evidentemente foi ele. Não tenho dúvida.

WH - Mas também era toda uma situação, uma conjuntura institucional, política, não é?

DM - Pois é. Eu fico pensando no que pensam as pessoas que ostensivamente tomaram atitudes contra nós, agora que está havendo essa volta.

RG - Lá de dentro?

DM - Lá de dentro e de outros lugares.

RG - Ainda tem gente lá, até hoje, daquela época?

DM - Ué! Até bem pouco tempo, quando chegou o Arouca, tinha o Gilberto Teixeira! Que foi um dos maiores patifes que houve no Instituto Oswaldo Cruz. Um dos responsáveis mais chagados pelo massacre de Manguinhos.

RG - Ele saiu, morreu ou foi...?

DM - Não. Ele está transferido para outro local.

RG - Ele pediu para sair.

DM - Não. Eu acho que ele foi transferido. Ele foi um tremendo perseguidor. Peçam à Cristina para contar o que ele fez com ela.

WH - Ela já me falou nisso. E ele é mal-educado, não é?

DM - Mal-educado e boca suja. E não é só isso, é incompetente!

WH - Mas ele foi aluno do Herman ou do...

DM - Foi. De muita gente. Mas isso não quer dizer nada. Eu tive um colega de turma, que já morreu, que conseguiu se formar em veterinária e em biologia porque o Travassos me pediu para ajudá-lo: Geth Jansen.

RG - É. Essa é uma figura interessante. Eu gostaria que o senhor falasse. Parece que ele tinha vínculos muito estreitos com o aparelho repressivo, não é?

DM - Foi meu colega de turma na UDF e foi meu colega de turma na Veterinária. Mas parece que ele tinha dificuldade de dinheiro. E um dia, chegou para o Travassos e pediu que lhe arranjasse um emprego. Ele já era estagiário lá, e queria uma remuneração. E o Travassos, a única porta que ele viu para bater foi a do Evandro Chagas, que estava organizando o Instituto de Patologia do Norte. E Geth ia pra lá. Ia e voltava. Mas quem fazia os trabalhos escolares para ele era eu. E sempre estivemos juntos, almoçávamos juntos e tudo, na mesma mesa, o Herman Lent, sempre fomos muito chegados.

RG - O Geth era amigo de vocês?

DM - Amigo. Pois é. Nós não púnhamos a menor dúvida.

RG - E o que aconteceu?

DM - De repente - se não me engano começou a direção do Aragão - ele se aproximou do Aragão e começou a se afastar da gente. E nunca mais se aproximou. O Travassos, se não me engano, era padrinho de uma filha ou de um filho dele. E nessa época o Travassos também deixou de falar com ele.

RG - Ele foi se afastando.

DM - Se afastando. E aí ficou, praticamente, inimigo da gente. Não almoçava mais conosco, enfim, nessa ocasião ele fez um grande mal ao Instituto. Porque havia uma estagiária que era muito nossa amiga e freqüentava muito o nosso laboratório. Descendente de alemães. Tinha sido nossa aluna na Veterinária, minha e do Hugo.

WH - Como era o nome dela?

DM - Gisela Magda Bunge. Era uma alemã grande, bonita e rica. Morava em Santa Tereza. Ela mora agora em Friburgo. A filha dela parece que é professora na Universidade Rural, não tenho certeza. É muito competente. O Herman tem examinado trabalhos dela e tem elogiado muito. Mas Jansen se afastou completamente.

RG - Mas o que ele fez com a moça, que eu não entendi?

DM - Casou-se com ela! E proibiu que ela fosse a Manguinhos. E ela já tinha trabalhos muito bons sobre doença de Chagas.

RG - Se ele casou com a moça rica, ele podia até ter melhorado o seu...

DM - O padrão dele.

RG - E até o comportamento. Mas continuou na mesma linha.

DM - Proibiu que ela fosse a Manguinhos. E ela era muito nossa amiga. Aí se afastou completamente.

WH - O Jansen chegou fazer parte de uma seção de segurança do ministério?

DM - Isso eu não sei. Já ouvi falar, mas não sei mesmo.

WH - A gente tem informação que ele teria pertencido.

DM - Isso é possível, até. Porque a família do Jansen, o pai dele, foi militar e alto funcionário, depois de aposentado, do Ministério do Exército. Um irmão dele chegou a general, se não me engano, João. E ele tinha um cunhado também que era general, Montarroyos. De modo que é possível isso.

WH - Ele fez curso na ESG, também?

DM - Fez. Fez.

WH - Por que se fazia curso na ESG naquele momento? Qual era a razão?

DM - Ah! Eu não sei. Nunca me convidaram para nada disso! Eu acho que era uma indicação mais ou menos segura que vinha lá de cima.

RG - Mas o Jansen, de certa maneira, não pegou vocês de surpresa, porque ele já tinha se afastado há muito tempo e não foi uma pessoa que apunhalou ninguém pelas costas.

DM - Não. Acho que não. Mas eu creio que ele soubesse. Porque, ele, nessa época, eu acho que já era muito chegado - se não era assistente, já ia ser - do Olímpio da Fonseca. Já era. Em 69, ele já era assistente do Olímpio da Fonseca na Faculdade de Medicina de Vassouras.

WH - E o Olímpio da Fonseca foi presidente de um outro inquérito no Instituto.

DM - Foi. Mas aquilo foi por causa das nomeações do decreto do Jango Goulart, que mandou incluir nos quadros todos aqueles que recebessem dinheiro, a qualquer título. E eu fui favorecido, porque eu era bolsista. Mas o Olímpio, no relatório, ele disse: "Não. Desses todos, os dois que podem continuar, que têm direito, são Domingos Arthur Machado e Dirce Lacombe". A Dirce ainda está lá.

WH - Mas o inquérito dele não foi apenas pra apurar esses casos. Houve também uma parte política.

DM - Bom, isso eu não sei. Só soube dessa parte.

WH - O senhor não foi chamado?

DM - Não. Houve uma parte política, por exemplo, esse eu tive notícias, mas eu acho que isso foi com o general. Porque foi autorizado que nos dessem conhecimento dos

depoimentos. E houve gente que disse: “Ah, se eu soubesse que era para isso, não ia contar o que contei”.

RG - Porquê? Contaram coisas dos amigos, dos conhecidos?

DM - É.

RG - Aí todo mundo ficou sabendo quem eram os delatores.

DM - Pois é. Isso mesmo.

RG - Porque diz-se - eu acho que foi o Dr. Hugo que nos falou - quem em alguns lugares não houve delação, absolutamente. No Instituto houve sim. Quer dizer, foi um lugar que houve isso, claramente.

DM - É. No Instituto houve delação. Porque havia pessoas com quem a gente conversava diariamente, e que conversa atualmente, que pertenciam ao grupo do Lagoa: Estácio Monteiro. Quando é que podia passar pela cabeça da gente que o Estácio fosse fazer uma delação?! O que eles podiam delatar? E no meu caso, eu nunca fiz nada de errado lá dentro!

RG - Mas o Estácio fazia o quê? Ele era colega de vocês?

DM - Ele era. Ele era encarregado do setor de vacinas por vírus.

RG - Está lá até hoje?

DM - Está. Mas foi perseguido pelo Guilardo. E agora está no pavilhão Cardoso Fontes, lá onde trabalha a Pedrina. Mas foi proibido de fazer a vacina. Vacina contra o herpes.

WH - Por que proibiram?

DM - Porque estava fazendo sucesso. Só pode ser isso. Porque um homem como o Guilardo - eu nem sei o que ele é, parece que é major do Exército, major médico - chegar a dirigir um instituto como o Instituto Oswaldo Cruz... Só pode fazer bobagem.

WH - Dr. Domingos tem outra coisa aqui que eu estou em dúvida. Logo depois do golpe de 64, foram afastados vários chefes de divisão e vários chefes de seção. Essas pessoas foram afastadas mesmo ou pediram demissão?

DM - Olha, eu tenho a impressão, não sei bem quem foi, mas alguns pediam demissão.

WH - E outros foram afastados?

DM - Afastados. Por exemplo, o Herman Lent era Chefe. Eu acho que ele pediu demissão. Mas o Teixeira de Freitas continuou.

WH - Mas ele foi afastado também, depois.

DM - Teixeira de Freitas? Não sei. Por pouco tempo, porque logo voltou. E eu me lembro que eu era o substituto dele. E durante uns dias eu fui o chefe.

WH - Da helmintologia.

DM - É. Da helmintologia.

WH - Agora, é interessante, porque esse afastamento se dá antes da posse do Rocha Lagoa como diretor. E parece que teria sido ato do ministro mesmo, que afastou algumas pessoas.

DM - Não sei. O ministro era?

WH - Raimundo de Brito.

DM - Raimundo de Brito, isso mesmo. Não sei. Porque o Raimundo de Brito, eu me lembro, foi uma tarde visitar Manguinhos e foi ciceroneado pelo Rocha Lagoa. E almoçou lá no refeitório. Pelo menos me deu a impressão de que tinha almoçado. Tinha muita gente, não é? E depois saiu com o Rocha Lagoa, e num momento nós vimos ele apontando uma parede do edifício antigo, da qual tinha caído todo o emboço. E o Rocha Lagoa, à distância, dava a impressão de que ia providenciar a recuperação daquilo tudo.

WH - Rocha Lagoa já era diretor?

DM - Era o diretor.

WH - E o Travassos? O Travassos da Rosa, ele fica um pouco mais, até junho. Qual era a situação dele ali, naquele momento?

DM - Eu tenho a impressão de que ele estava perdido. De que ele já não conseguia grande acesso ao ministro. Porque o ministro não conhecia pesquisadores, ele é um homem da área médica, principalmente médico-cirúrgica. De modo que, eu tenho a impressão, o Travassos estava apenas aguardando a demissão. E aí, me parece que o Travassos foi trabalhar no Instituto de Microbiologia, da Faculdade Nacional de Medicina, cujo chefe era o Paulo de Góes. Tenho essa impressão. E ele ficou lá algum tempo. Depois, eu não tenho mais notícias.

RG - Perdeu o traço dele. E em 65, tem um grupo que tenta ir ao ministro para fazer um relato do que acontecia no Instituto. O senhor lembra dessa época, como é que isso foi organizado?

DM - Não. Não me lembro. E nem foi, nem nada. E nem me lembro de ter sido convidado para isso.

RG - É interessante, porque é um momento novo na vida nacional, e as pessoas ainda tentam ter acesso ao poder, achando que haveria uma possibilidade de...

DM - Eu não sei quem foi. Não sei se foi o Tito, Walter, não sei, Não me lembro desse episódio.

WH - Por exemplo, tem um artigo de jornal, que diz que o Dr. Moussatché faz um apelo ao ministro dizendo que Manguinhos estava se transformando num instituto produtor de vacinas.

DM - Fábrica de remédios e vacinas. É. Não só ele, como o Herman Lent fez essas declarações.

WH - E isso era a opinião de um grupo?

DM - Era a opinião do pessoal que trabalhava, do pessoal que se inseria na linha do Oswaldo Cruz. Tinha um grupo que achava que o governo estava mais interessado em produção. E eles acabaram vencendo.

WH - Mas o setor de produção, realmente, teve um incremento, depois do golpe de 64?

DM - Teve. Teve sim. mas depois decaiu. Porque não havia competência. E a prova disso foi o surto de meningite, que pegou o Brasil de surpresa. Foi preciso o socorro de um laboratório francês para combater a meningite: Laboratório Merrieux, não é?

(interrupção da fita)

DM - Agora está havendo um período de ressurgimento, não é? E em várias áreas. Outro dia, o Haity Moussatché e o Tito faziam referência a uma espécie de sangue novo, que está penetrando, e à possibilidade de que surjam técnicos competentes. Não só na área de pesquisa como na área de produção. Agora, a grande preocupação, que é uma consequência deste período negro, é com a biblioteca, porque a biblioteca, que foi transferida ali para aquele instituto...

WH - O INCQS.

DM - Ela está correndo sérios riscos.

WH - Agora, as pesquisas também sofreram muito, durante esse período.

DM - Ah, sim. A pesquisa foi orientada no sentido da pesquisa aplicada, no sentido dos assuntos relacionados com as grandes endemias. Só isso. Não sei como está agora, mas tenho a impressão que a contratação de técnicos só é possível para determinadas áreas, como por exemplo na vacinoterapia. Para outras áreas, de pesquisa pura, por exemplo, helmintologia, entomologia, pode haver um estágio remunerado, utilizando uma verba que esteja sobrando por qualquer motivo. Mas tenho a impressão de que a presidência ainda não tem a liberdade de fazer voltar aquele período em que o Instituto Oswaldo Cruz era procurado por gente que tinha ansiedade em saber. Ainda ontem, lá em Manguinhos, eu ouvi referência ao fato de que o número de estudantes, que procura a biblioteca é muito grande. Tem momentos em que chega a atrapalhar, porque a coisa não está bem ordenada.

RG - É. A biblioteca é realmente tão boa que um primo meu que fez pós-graduação em psiquiatria em Porto Alegre veio para cá com as referências de que esse era o único lugar em que essas coleções existiam no Brasil. E eu disse: “Deixa que eu vou ver.” E fiquei surpreendida, porque tinha, e eu achava que não ia ter. (rindo)

DM - Pois é. E em Manguinhos tem área para se fazer uma biblioteca de acordo com as normas técnicas. Não é? Não era colocar ali.

RG - Ela está provisoriamente ali.

DM - Provisoriamente. Diziam que aquele edifício estava arriscado a ceder por causa daquele peso. Tem um outro edifício de seis andares que parece que não agüenta, também. Está sendo utilizado para outras coisas.

WH - Dr. Domingos, voltando um pouco a essa questão da pesquisa, da obrigatoriedade, em certo sentido, de ter que trabalhar com a pesquisa básica, eu queria que o senhor falasse um pouco da divisão à qual o senhor estava ligado, a Divisão de Zoologia. Como é que foi esse processo, de 64 até a cassação de vocês, do trabalho científico?

DM - Olha, eu vou lhe dizer. Nós praticamente nem sentíamos. Porque continuamos nosso trabalho. Cada qual com aquela preocupação de manter o ritmo de produção, de manter o ritmo de trabalho. O trabalho no fichário da coleção, o trabalho no preparo de material para pesquisa, o trabalho nos desenhos do material pesquisado e na descrição. Isso não nos deixava tempo para nos preocuparmos. Vinha gente, chegava de manhã ou na hora do café, comentava: “Vocês viram? Fulano de tal foi cassado. Um instituto tal foi fechado.” Mas nós íamos levando.

WH - É. Mas isso não aconteceu, por exemplo, com o Departamento de Patologia, do Walter Oswaldo Cruz.

DM - Pois é. Nós tivemos essa sorte. O Herman Lent, não sei bem o que ele sofreu. Mas ele deve ter sofrido. Porque o Rocha Lagoa várias vezes tentou expulsá-lo do segundo andar. E andou tomando peças de mobiliário, mesa uma coisa assim. Porque ele ficava próximo à direção. Isso incomodava, não é?

WH - Ele interferia nas verbas, na vinda de verbas do exterior?

DM - Ah! Isso não tem dúvida! Não tem dúvida.

WH - No caso do departamento de vocês, houve algum fato flagrante de intervenção?

DM - A gente pedia a compra de livros. E aguardávamos. De vez em quando ia à biblioteca perguntar se tinha chegado o livro tal. Isso era assim uma... Enquanto isso chegavam outros, que a gente via, de outras áreas, como a microbiologia, a virologia, que não eram áreas visadas. E aí, nós passamos a ter a certeza de que o que nós pedíamos tinha que ficar esperando.

RG - Havia um boicote claro.

DM - Sem dúvida. E gente acabava comprando, com sacrifícios, lá na Kosmos e pedia para importar o livro.

RG - E vocês compravam do próprio bolso.

DM - Do próprio bolso. Isso aconteceu mais de uma vez.

WH - Vocês eram chegados ao Walter Oswaldo Cruz?

DM - O mais chegado era o Herman Lent. Por uma questão de horários. Um chegava às sete horas da manhã e ao meio-dia saía. O Walter chegava às nove e meia, dez horas, e ficava até de noite. Eu, às vezes, conversava coisas rapidamente. E como era uma especialidade que não tinha nada a ver comigo, problemas de coagulação de sangue, e ele tinha uma atividade muito grande, muitos estagiários, eu tinha pouco contato. Com o irmão dele não tinha nenhum. Nenhum mesmo. Com o Oswaldo.

RG - Eles eram muito diferentes, não é?

DM - Cientificamente eram.

### **Fita 11 - Lado A**

RG - Dr. Domingos, no primeiro dia, quando eu conheci o senhor, no carro, informalmente, o senhor comentou sobre as pessoas que passaram a evitar cumprimentá-los, ou cumprimentar o senhor, particularmente. E o senhor deu também essa declaração no jornal. Saiu em O Globo um comentário seu a esse respeito. Isso deve ter sido uma coisa particularmente difícil de viver.

DM - Isso foi muito difícil. Eu tenho um grande amigo, até hoje, Euclides Janot de Matos. Ele é engenheiro civil e engenheiro agrônomo. A nossa amizade cresceu porque nós viajávamos juntos para a Universidade Rural, do Km 47, onde éramos professores. E eu sou padrinho de casamento do filho dele, Euclides Janot de Matos Filho, que é capitão-de-

fragata e na época trabalhava no Cenimar. Depois eu vi que era uma coincidência. Minha mulher é que me chamou a atenção: “Você não acha que o Dr. Janot e a D. Beth- que era a mulher dele - nunca mais nos telefonaram?”. Eu disse: “Não, não tem nada disso”; “Não será por causa da cassação?”. Eu disse: “Ah, não acredito!” Felizmente, logo depois, houve uma reunião em que nós nos encontramos. Eles foram muito cordiais e tudo isso. Mas outros, nunca mais apareceram. Felizmente eu esqueci os nomes.

RG - Isso aconteceu com os conhecidos, não com os verdadeiros amigos.

DM - Ah, não! Com conhecidos que nunca mais quiseram nos falar.

RG - Pessoas de outras áreas ou de áreas variadas?

DM - É. Lá na Escola de Medicina e Cirurgia havia um professor tremendamente reacionário, de direita, esse jogava até piadas: Francisco Fialho. Não me incomodava muito, porque eu nunca o considerei grande professor - o pai dele não, o pai dele foi um sujeito extraordinário, era professor também, mas ele, Francisco, não. Não ligava muito. Mas quando passava, jogava piadas.

RG - E o apoio? Quer dizer, o oposto, a solidariedade, apareceu?

DM - Ah, apareciam estudantes antigos, que vinham hipotecar solidariedade. E havia alguns que vinham, mas a gente sentia que era falso.

RG - No cômputo final da condição humana, o que prevaleceu: o positivo ou o negativo?

DM - Ah! O número dos que nos apoiavam era menor do que o dos que desapareceram da nossa vida.

RG - Ah é! Isso deve ser uma constatação muito...

DM - É. Foi uma coisa desagradável.

WH - E institucionalmente, Dr. Domingos, por exemplo, a Academia Brasileira de Ciências, a SBPC, qual foi a reação?

DM - Olha, a única que se manifestou publicamente foi a Associação Médica do Rio de Janeiro: Dr. Assis Pacheco. Ele fez declarações públicas condenando a cassação. Mas o sindicato médico, não. A SBPC fazia uma oposição, mas não muito aberta. Era natural, já era considerada uma instituição de esquerda, podia ser fachada. A Academia de Ciência, só quando chegou Aristides Leão é que começou a dar apoio integral.

WH - O Arthur Moses não...?

DM - Arthur Moses, ele não teve uma ação muito aberta. Mas recebia bem o pessoal.

WH - E o CNPq.

DM - Olha, eu fui um dos que assistiram ao início da SBPC, mas intimamente eu achei que não tinha sido aquilo que eu desejava. Por isso é que eu nunca... Deixei de contribuir e tudo.

RG - Ah, é!? Por quê? Como é que foi essa história da sua...?

DM - Eu achei que não estava muito clara a atitude. Eu falava com o Hugo, e ele dizia: “Não, tem que ser assim mesmo.” Mas o Hugo era um sujeito cauteloso. Porque o Hugo tem dois genros, todos os dois militares, não é?

WH - Mas o que o senhor...

DM - Mas hoje eu estou convencido de que eu exagerei, sabe.

RG - Em que o senhor exagerou?

DM - Nessa minha atitude de julgar que a SBPC não tinha sido muito... ainda mais que gente muito mais importante do que eu, naquela época, tinha sido cassada, tinha sido exilada, como o Leite Lopes e outros, não é?

RG - Quer dizer, mal ou bem, até talvez não correspondendo à sua expectativa, a SBPC foi a única que levou essa luta durante esses anos.

DM - Foi, a única não, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro também. E na primeira convocação que nós recebemos para o Instituto Oswaldo Cruz, na coisa organizada pelo Morel e pelo Luís Fernando, que foi no auditório da Escola de Saúde Pública, o Assis Pacheco foi lá e novamente fez um discurso rememorando, e até cometeu um engano. Engano não, acredito que ele tenha feito de propósito. Ele disse que o ato indigno da cassação dos pesquisadores de Manguinhos fora obra do Emílio Médici “Garrafazu!”.

RG - Foi uma brincadeira, não é? (rindo). E qual foi a importância desse ato para vocês?

DM - Foi importantíssimo, nós ficamos alguns dias sem saber o que fazer. Durante três dias eu procurei tirar o que podia de lá. Porque um funcionário - não sei se ele ainda é de lá - o Amilar, é que veio comunicar que a direção de Manguinhos tinha determinado que nós só tínhamos três dias para retirar o nosso material de lá. Nesse assunto, foram favorecidos o Herman Lent, porque ele saiu mas ficou o José Jurberg, que lutou tremendamente para manter aquilo; o Hugo de Souza Lopes, porque grande parte da coleção dele fazia parte da coleção geral de entomologia, e igualmente Sebastião José de Oliveira. Depois, Hugo de Souza Lopes conseguiu que um diretor do Museu Nacional, num ato de verdadeira bravura, Dalci de Oliveira Albuquerque, contratasse um caminhão de mudanças, dessa Fink, fosse a Manguinhos e transportasse os armários da coleção entomológica para o Museu Nacional. De modo que o Hugo pôde continuar a trabalhar.

Agora, lá na helmintologia, eu já tive a oportunidade de dizer, já havia uma certa separação de grupos, e eu não podia entrar lá. Então, não pude fazer mais nada.

RG - Com quem que ficou?

DM - Ficou na coleção geral de helmintologia.

RG - Quem estava dirigindo nessa época o departamento?

DM - Era o Teixeira de Freitas, mas logo ele ficou doente. Sofreu o acidente e morreu. Aí, acho que ficou a Anna Kohn, mas não tenho certeza.

RG - Vocês não tinham um relacionamento assim suficientemente...

DM - Não. Já estava... a única pessoa com quem eu tinha contato diário era o Amílcar Arandas Rego. Mas com os outros já havia uma separação. Por isso é que agora, sinceramente, eu não me sentiria emocionalmente muito bem voltando para lá. Conversando com o Luís Fernando, disse a ele que, como eu tive durante muitos anos vínculo com a Escola de Saúde Pública, gostaria de voltar para lá. Mas não tive oportunidade ainda de falar com o Morel, porque isso vai depender dele, depois, do Simões Babosa. E chefe da seção do Luís Fernando, é o Mauro, não sei qual é o sobrenome dele.

WH - Também não conhecemos.

DM - Se eu tiver uma sala para ir lá, eu irei, mas não sei se vou ter condições de ir diariamente. Mesmo porque o acesso da Escola de Saúde Pública para mim é mais fácil. Porque pela Avenida Brasil, saltar do ônibus, atravessar a passarela, subir aqui, eu não vou conseguir mesmo. E a Escola de Saúde Pública, eu estou ali na porta, naquela estrada antiga.

RG - É verdade. Mas essa questão que existia nos eu laboratório, eu não lembro do senhor ter falado, não. Por exemplo, o Teixeira de Freitas não era um amigo, não era do mesmo grupo?

DM - Era. Mas a cordialidade foi cedendo, foi desaparecendo.

RG - Mas era por questão assim... De que tipo eram essas diferenças entre...

DM - Por causa da proximidade com o Lagoa.

RG - Ah, é?! Todas essas pessoas do seu departamento?

DM - É. E o Travassos já estava ficando, fisicamente, impossibilitado, estava muito doente. E ele se descuidava da Saúde. Mais de uma vez eu insistir com ele, com o filho dele, que depois morreu, o Haroldo, para o levarmos a um neurologista. Porque ele tinha um problema de coluna que o incomodava muito. E eu pensei até no Paulo Niemeyer. Mas ele

nunca foi. De modo que aquele pessoal que tinha entrado muito depois de mim, que tinha se aproximado do Travassos, como a Ana, o Teixeira... Havia também uma funcionária lá que tinha domínio total e absoluto sobre o Teixeira. Não sei o sobrenome dela, chamava-se Silvina, ela batia os nossos trabalhos à máquina, mas depois deixou de bater. E aí nós é que tínhamos que ir catar milho e bater.

WH - Houve muita oposição ao Rocha Lagoa, depois que ele assumiu a direção do Instituto?

DM - O pessoal se encolheu mesmo. Só o grupo do Walter Cruz, do Herman, do Tito, do Haity. Hugo, eu não sei, tenho a impressão que o Hugo não, mas o Sebastião. Nós todos estávamos esperando a qualquer momento a cassação e...

WH - Mas eles chegaram a ir até o ministro Roberto Campos, até o Magalhães Pinto.

DM - Pois é. Mas eu não fui convidado. Não sei. Por intermédio do Amílcar, me parece que andaram com políticos mineiros, mas não adiantou nada. Ainda mais com Roberto Campos, de jeito nenhum. Bob Fields.

RG - É. São engraçadas as alianças que se fizeram naquela ocasião. Quer dizer, contra o Lagoa, as pessoas foram procurar quem? Roberto Campos e quem mais?

WH - Magalhães Pinto.

DM - É. Eram os interlocutores mais disponíveis, mais receptivos, naquele momento.

WH - Na época do Magalhães Pinto como militar das Relações Exteriores, teve uma operação retorno. O senhor sabe o que...?

DM - Houve. Pois é. Mas nada apareceu lá em Manguinhos. Pelo menos com relação a mim. Ninguém acreditava nesse retorno.

WH - Parece também que em 1966 quase foi criado o Ministério da Ciência e Tecnologia, pelo qual um grupo de cientistas está se mobilizando há muito tempo.

DM - É isso mesmo.

WH - E aí, um grupo propunha a entrada do instituto para o Ministério da Ciência e Tecnologia? O senhor conhece um pouco essa história?

DM - Ministério da Ciência e Tecnologia. Mas aí, a reação foi muito grande. Quem sabe bem dessa história é o Herman Lent, porque ele atuou grandemente nisso. Ele deve ter escrito alguma coisa sobre isso.

RG - Mas o Herman não está nem, indo a esses encontros agora, ele está se recusando a dar declarações.

DM - Não. Ele está se recusando a voltar. Por quê? Não sei.

RG - E ele não quer falar sobre essas coisas.

DM - É. Ele fala uma coisa que até repercute - eu já disse isso a ele - em cima de mim, do Moacyr e do Hugo. “É porque eu tenho compromisso com a Santa Úrsula.” Todos nós temos. E por isso nós procuramos falar com a madre, antes...

RG - Vocês conseguiram já fazer contato com a madre?

DM - Não conseguimos. Mas ainda hoje uma pessoa da assessoria estreita da madre veio me felicitar pelo que tinha visto nos jornais e tudo o mais.

RG - Ah. Que bom. Vocês vão conseguir...

DM - Eu digo, sinceramente, que eu não posso ter a pretensão de continuar um tempo longo. Mesmo porque esse contrato é de nove meses, não é?

RG - Mas todos são, eu acho. Eles são todos temporários e depois renovados.

DM - Eu não sei, não me interessei pelos detalhes. Porque eu, nem de longe, admito a possibilidade de ir lá duas vezes por semana. Porque isso não é honesto. Isso não está no meu modo de pensar. Nunca agi assim. Sempre cumpri os meus horários, até exageradamente, a ponto de ir trabalhar durante as férias, porque não podia parar uma determinada pesquisa. Por isso é que eu acho que... Não sei, vamos ver.

RG - Pois é. Esse momento, que é um momento especial na vida de vocês, está suscitando uma série de acontecimentos paralelos, como essas entrevistas que vocês têm feito, têm dado ao jornal...

DM - É. Isso é um negócio surpreendente. Não sei como é que se desencadeou essa cadeia de...

RG - De mídia, não é?

DM - É. (rindo)

RG - Porque o senhor pode ver que isso é realmente um assunto que tem uma repercussão. Eu acho que houve um compromisso do governo Sarney, de não fazer retaliações e tudo...

DM - Não... Porque... Uma crítica que eu faço ao Herman é que esta onda de entrevistas tem uma força grande sobre aquilo que é representado pelo slogan “Brasil nunca mais”. É não voltar a acontecer nunca mais isso.

RG - Claro. Eu acho que não é. Por acaso que os jornalistas estão procurando vocês, porque, na verdade, eles sabem que têm leitores para esse tipo de matéria. Ou seja, as pessoas estão querendo esse tipo de coisa.

DM - É. Quer uma prova disso? Aqui defronte, ali na porta da pesquisa, tem um jornaleiro antigo, um italiano, Salvador, que conhece todo o pessoal que trabalha ali na pesquisa. E na segunda-feira, quando eu cheguei, ele me chamou e pegou a *Última Hora* para me mostrar. Disse: “Eu vou guardar.”

RG - Estava emocionado, o jornaleiro. Pois é. Eu acho que a nação está esperando coisas desse tipo, e o caso de Manguinhos, na época, foi muito impressionante...

DM - Eu dei um convite para aquela moça bonita, de olhos verdes, que estava no café. A Natália.

RG - Ela é professora daqui?

DM - É professora, mas ela tem uma atividade burocrática de grande importância, que é o histórico escolar do pessoal, dos alunos do Centro de ciências Biológicas. E o marido dela, José Carlos Vandenkamp - ele é filho de holandês - foi durante mais de 20 anos o superintendente do *Globo*. E a família dela toda é de militares. Pessoal reacionaríssimo. Então, eu fiz questão de dar o convite a ela. E ela vai levando a *Última Horta* para mostrar ao marido. O marido não vai gostar muito, não. (rindo)

RG - Bom, não sei. Na época da grande censura, *O Globo* era o jornal que dava mais notícias. Era o que podia furar mais. Pelo fato de ser tão ligado à situação, ele tinha até um espaço, porque outros meios eram mais visados. Agora, na *Folha*, o Perissé diz - eu anotei alguns comentários que achei interessantes nas declarações de vocês - que o Rocha Lagoa queria matar os cientistas de fome. Que um dos objetivos dele até seria esse, quer dizer, não só afastá-los das pesquisas, como, realmente, matar, literalmente. Quer dizer, tirar o ganha-pão e a sobrevivência. Como é que o senhor vê isso? É um exagero do Perissé ou realmente houve isso?

DM - (rindo) Olha, no caso do Perissé, talvez fosse possível isso. Mas no caso do Herman Lent já não seria, porque o Herman Lent era aposentado do Pedro II. No caso do Sebastião também poderia ser. No caso do Hugo de Souza Lopes, ele era aposentado da Universidade Rural. Já eu...

RG - O Sebastião disse que teve dificuldades sérias.

DM - Teve. Eu já era aposentado do Ministério da Educação e do estado. De modo que não vi como isso seria possível. O Tito também poderia ser.

RG - Para alguns foi difícil viver naquele momento.

DM - Ah foi! Foi. O Haiti viajou logo. O Ubatuba também.

WH - Foi para a Inglaterra, não é?

DM - Não, foi para a Venezuela primeiro.

WH - É. O Moacyr disse que ficou desempregado, que só depois do afastamento do Rocha Lagoa do ministério, em 72, é que eles começaram a ter ofertas de emprego.

DM - Ele conseguiu. Porque eram bloqueadas as entras dele, quer dizer, a admissão em laboratórios particulares.

RG - Quer dizer, o Rocha Lagoa tinha um poder tão grande que mesmo...

DM - Tinha! Pois o Ministério da Saúde tinha um Departamento de Fiscalização da Medicina...

RG - ... Privada! Daí esse poder que ele tinha. É claro!

DM - É. E de registro de medicamentos e tudo o mais.

RG - Foi muito importante o senhor ter me dado esse dado, porque eu não estava entendendo como é que ele podia ter tanto poder assim na iniciativa privada. Era através desse departamento, então.

DM - É.

RG - E, já o Masao Goto, por exemplo, ele fala de uma coisa extremamente séria - assim como o senhor também fala - uma coisa que vai além do nível individual. Quer dizer, o Goto diz que ele teve uma defasagem científica. Que esse afastamento, na verdade, o impossibilitou de estar hoje em dia...

DM - É o meu caso também.

RG - O senhor faz uma declaração de outro tipo. É que vocês como cientistas militantes, deixaram de formar toda uma geração.

DM - Ah! Pois é. Isso é importantíssimo. Se bem que aqui eu já estou começando a formar gente.

RG - É. Mas isso foi alguns anos depois.

DM - Isso é outra coisa, não tem nada com Manguinhos.

RG - E é outro tipo de gente, não é? Um é de um nível, outro é de ...

DM - É.

RG - e nesse mesmo artigo da *Folha de São Paulo*, eles entrevistaram também cientistas paulistas, pessoas de fisiologia e outras áreas, que também tiveram problemas políticos, saíram do país, foram afastados. Fala-se muito ali dessa questão, que teria sido uma das diretrizes desses governos afastar o pesquisador e comprar, claramente, a tecnologia importada. Quer dizer, dispensar essa pesquisa local, essa independência, e que hoje em dia é muito difícil superar essa defasagem em que a gente ficou em relação...

DM - E há muito mais do que isso. Eu posso citar três exemplos. Quatro. Um daqui de Manguinhos, Haity Moussatché. As pesquisas dele, que estão em desenvolvimento na Venezuela, com a equipe dele, são da maior importância para a obtenção de uma vacina contra as serpentes peçonhentas, jararacas e cascavéis. Outros três foram para São Paulo. Um Hildebrando Pereira, foi para a França, acho que para a Universidade de Paris, não tenho certeza, trabalhar na vacina contra a malária.

RG - É no Instituto Pasteur mesmo que eles trabalham.

DM - Pois é. E dois outros, um casal, que apesar do nome são brasileiros: Victor e Ruth Nussenzweig, que eram da equipe do Samuel Pessoa, que foi toda cassada, e estão também, numa outra linha, desenvolvendo a vacina contra a malária, que será uma das maiores conquistas da medicina experimental, se sair. Então, isso podia ser feito no Brasil. E não foi por culpa de quem? Por culpa do AI-5.

WH - E a ciência no Brasil hoje, Dr. Domingos? A Fundação Oswaldo Cruz...

DM - Há um esforço muito grande, como eu já disse, para melhorar. E o próprio Haity nos disse que está sentindo, em certas áreas, que a coisa parece que está caminhando bem. E nós temos até mesmo uma revista de divulgação, como a *Ciência Hoje*, que está trabalhando intensamente, está se interessando, ampliando o público interessado em ciência. Porque muito garoto de nível médio está assinando a revista.

WH - O senhor sabia que na Fundação parece que tem um programa, agora, de biotecnologia?

DM - Eu li isso. Mas não sei quais as bases em que vai ser feito isso. Mas são caminhos. Esse é o caminho. A coisa tem que se desenvolver nesse caminho. E uma das coisas que o presidente da Fundação nos falou, não sei se o Hugo ou o Perissé já falaram nisso, é que ele desejaria estabelecer um convênio com uma instituição como a Santa Úrsula, no sentido de possibilitar estágios para estudantes e professores que estejam trabalhando em mestrado.

RG - Foi o senhor que nos falou isso.

DM - Pois é.

WH - Agora, uma coisa. Os senhores vinham trabalhando com ciência - todo um grupo, não só no Instituto mas em outras instituições -, houve um afastamento desse grupo. As

pessoas foram cassadas, aposentadas. E hoje se volta de novo a trabalhar com ciência. E esse período todo? Ele vai poder ser recuperado? Ele ficou para trás...?

DM - Ah! Eu tenho a impressão de que vai ser muito difícil recuperar. Quer dizer, vai-se ter que partir, novamente de um... Bom, em alguns casos não houve interrupção. Por exemplo, o Hugo tinha o material...

### **Fita 11 - Lado B**

DM - Como eu disse antes, o Hugo pôde continuar porque ele estava instalado no Museu Nacional. E logo que as coisas começaram a esfriar, ele completava a sua pesquisa bibliográfica aqui em Manguinhos, porque ele tinha lá no Museu toda a sua coleção de separatas, fichários e tudo. Com o Herman não houve interrupção, porque o José Juberg continuou trabalhar e o procurava.

RG - Fazia a ponte.

DM - É e o procurava. E de vem em quando o trabalho saía publicado em algum lugar.

WH - Quer dizer, o José Juberg continuou, de certa forma, o trabalho que o Herman vinha desenvolvendo no Instituto.

DM - Continuou. E desenvolvendo, porque o José Juberg já era colaborador dele.

WH - E na fisiologia, por exemplo?

DM - Ah! Aí parou, acabou. Foi destruída completamente. Acabou a seção. Acabou a Seção de Farmacologia.

RG - Por que uma seção acabou e a outra foi preservada?

DM - Eu tenho a impressão de que é porque era o Haity Moussatché o personagem. Não era tanto o Tito, mas o Haity e o Mário Vianna Dias, que eram os mais visados. Não sei se alguém contou um episódio acontecido no inquérito do general Aluísio Falcão. Um dia o general chamou o Moacyr. E o Moacyr tem um relacionamento muito bom, apesar de ser de uma formação de esquerda. O general perguntou: “O senhor me desculpe fazer essa pergunta. Se o senhor não quiser responder, é livre. Mas eu fui informado de que atrás da cadeira do Dr. Haity tem uma fotografia grande de Karl Marx”. Aí o Moacyr disse: “Isso parece piada. Porque tem, realmente, uma fotografia lá. Mas não é aquela barbaça do Karl Marx, é uma barbinha de Jesus Cristo, de Miguel Osório de Almeida, que foi o fundador da Fisiologia no Instituto Oswaldo Cruz. Se o senhor quiser, eu posso levar o senhor lá para verificar”; “Não, o senhor está me dizendo, eu acredito”. Mas ele não acreditou e foi visitar o Haity. Foi visitar e disse o que queria. Aí o Haity disse: “Pois não. Vamos ver. Aqui está a fotografia. Este, evidentemente, não é Karl Marx. O senhor já deve ter visto”. E depois começou a mostrar: “Este aqui é o Álvaro Osório de Almeida, que foi também fisiologista, Branca Osório de Almeida, que foi irmã, também fisiologista.” E foi

mostrando as fotografias. Ele disse: “Ah, eu estou satisfeito, muito obrigado”; “Não! Tem mais. Vamos ali na outra sala.” (risos) E aí castigou o homem.

WH - Era o general Falcão?

DM - É. Mostrou um homem com uma barba enorme. Ele olhou espantado, e o Haitly disse: “É. Esse pode lembrar o Karl Marx. Mas esse é um dos maiores fisiologistas do mundo: Pavlov. Russo, um grande cientista, que serviu de modelo a muitos, no mundo inteiro”. (rindo) Mas olha, episódios dessa natureza existem às dúzias. Por exemplo, de visitar casas de cassados, pegar a biblioteca e queimar. Queimar livros como o do Stendhal, Le Rouge et le Noir - O Vermelho e o Negro. (rindo) E a quantidade de material que nós perdemos! A permuta de separatas com autores russos, autores da cortina de ferro, que jogavam no mar, simplesmente.

RG - Isso era feito individualmente ou institucionalmente?

DM - Não. Naturalmente em relação aos endereços, porque eles tinham sempre a lista.

RG - Sei. Mas, que quero dizer, isso era um contato que os cientistas tinham de indivíduo para indivíduo.

DM - Não! Era uma norma, toda vez que a gente publicava um trabalho, a gente mandava para especialistas que se correspondiam conosco. Mandava para bibliotecas no mundo inteiro. E aí recebia em troca.

RG - Mas quem mandava era o cientista ou era a bibliotecária?

DM - Era o cientista, geralmente.

RG - Isso se perdeu, esse contato todo se perdeu. É nesse sentido que as pessoas falam dessas perdas...

DM - É. Isso vai custar muito restabelecer.

RG - ... bibliográficas. Eu acho que devia ser a isso que um de vocês estavam se referindo nas entrevistas, e que eu não tinha entendido.

DM - O Hugo, por exemplo, tem um episódio - não sei se ele contou - que durante algum tempo ele estava no Museu e tinha dificuldade de remeter correspondência. Mas aí, veio para a Academia de Ciência o Aristides Leão, que é um sujeito completamente desanuviado, liberal. E o Hugo acabou sendo secretário da Academia e passou a fazer a correspondência pela Academia.

RG - Ele contou, porque foi uma coisa muito importante. Dá para perceber o espaço que essa correspondência ocupa...

DM - É isso mesmo.

RG - ... na vida de um cientista desse porte.

DM - Agora, o Hugo tem uma capacidade de amortecer impactos, que dificilmente outros têm. Por exemplo, quando saiu o Aristides Leão e veio esse Matos Peixoto, em muito pouco tempo não houve mais como o Herman Lent conviver com ele. E aí o Herman deixou de ser o editor da Revista Brasileira de Biologia e dos Anais.

WH - Quais foram os desentendimentos?

DM - Ah, isso eu não sei. Coisas, por exemplo, assim: “Ô, Herman, eu estou querendo acabar com esse estoque de Revista Brasileira de Biologia. Eu acho que eu vou vender a peso”. O Herman disse a ele: “Mas não faça isso. Você manda fazer um levantamento das instituições que não têm e doa.” Mas ele acabou vendendo a peso.

RG - Esse tipo de desentendimento, até por pequenas coisas, mas que revelam uma outra concepção de mundo.

DM - É. Isso mesmo. Isso mesmo.

RG - Mas também o Herman é uma pessoa difícil, não é? Eu não o conheço pessoalmente, mas parece que ele é de difícil trato.

DM - Ele não cede. Ele é muito reto. Muito amigo dos amigos e não perdoa nada dos que cometem erros.

RG - É uma coisa muito alemã, essa dureza de procedimento.

DM - Ele não tem nada de alemão, ele é descendente de poloneses.

RG - Ah! Ele não é de origem alemã, não?

DM - E nem é judeu. Ele é judeu porque nasceu judeu. Mas ele disse para madre: “Eu sou ateu”. Um dia, alguém chegou lá e ele estava arrumando o laboratório que a madre tinha cedido a ele. E ele disse: “Eu sou um judeu, armando a minha tenda árabe numa universidade católica.”

RG - É engraçado. Mas o Herman não é alemão não é? Esse nome...

DM - Não. Ele é brasileiro.

RG - Mas de origem alemã?

DM - O pai dele é polonês.

RG - Com esse nome, achei que fosse de origem alemã. Mas o Hugo tem essa facilidade, não é...

DM - Ele amortece os impactos. Por isso é que ele foi ficando agora, com esse Matos Peixoto.

RG - Qual o vínculo dele, hoje em dia, com a Academia?

DM - Ele tem um encargo na administração, não sei qual é. Ele sempre foi um homem assim, capaz de amortecer os impactos. E a prova disso foi o primeiro contato com o Francisco de Paula da Rocha Lagoa, a pedido do tio dele, Mário da Rocha Lagoa. Depois, começaram os desentendimentos, e ele foi agüentando. Até que veio a cassação, e aí não tinha mais jeito.

RG - Extremamente tolerante.

DM - É. Ele é muito. Por isso ele é conhecido como “Hugo Bonzinho”.

RG - Essa história é ótima.

WH - Dr. Domingos, tem outra coisa que o senhor falou há pouco, que a volta desse grupo à Fundação não é uma reintegração.

DM - Não.

WH - E o senhor deu outro nome.

DM - Não. Isso é uma contratação. Sabe por quê? Porque reintegrar seria como que anular a nossa aposentadoria. E aí, nós íamos ter prejuízo. Nós já estamos tendo, porque, eu ainda não sei quanto é, mas, segundo eu soube, o contrato é pouco menos da metade do que o Arouca tinha nos dito! Que esta em torno de vinte mil.

RG - É. Saiu em algum lugar que seriam quinze mil.

DM - Eu não sei ainda, porque ainda não vi. Eu assinei o contrato e não recebi a cópia. E esse pedaço eu não li.

RG - É. Agora, eu imagino que não seja para ir duas vezes por semana, poderia ser uma coisa assim como um meio expediente.

DM - Pois é. Mas eles falam ali no contrato em tempo integral.

RG - É. Talvez pelas injunções burocráticas, porque de fato a Fundação está muito ligada às normas do ministério, não tem a menor autonomia.

DM - Eu sei.

RG - Agora, isso não significa que o que está no contrato seja o que de fato fique acordado entre as partes; pode haver um outro tipo de acordo. Nos jornais eu li também - eu acho que o Goto diz isso - que vocês só queria voltar todos juntos, e havia problemas até de idade para algumas pessoas, não é?

DM - É.

RG - Que só voltariam em bloco, e que também não quiseram requerer a volta, quiseram ser chamados.

DM - Isso é aquela coisa da anistia, não é? Nós não requeremos. Porque nós não podíamos requerer a volta, quando nós nem soubemos por que saímos!

RG - Seria legitimar aquele ato.

DM - É. A única pessoa que requereu, nós não sabemos bem por quê, foi o Ubatuba. Admite-se que o Ubatuba tenha recebido um convite para ir para a Universidade de Brasília, onde ele ainda está. Mas para isso ele precisaria estar de acordo com o que o governo tinha estabelecido, e por isso ele requereu. E aí aconteceu uma coisa curiosa. É que o estatuto do funcionário público ainda está em vigor; e de acordo com a lei, com um artigo lá do estatuto, não pode haver reversão depois dos 60 anos. E aí ele não reverteu, mas demonstrou que aceitava.

RG - Pois é.

DM - Isso foi uma coisa que todos criticaram, do Ubatuba.

RG - Porque também ele estava longe. Os outros mantiveram um contato muito estreito...

DM - Não. Não. Ele veio. Mais de uma vez ele veio comemorar.

RG - Veio conversar com vocês?

DM - É num almoço. Veio ele, a mulher dele. Havia esse contato. E o Tito sempre teve um contato estreito com ele.

RG - E vocês chegaram a expressar diretamente a ele essa questão?

DM - Isso não, porque aí nós já soubemos depois.

RG - Porque também tem os problemas com o nível de aposentadoria, vocês ficaram num nível de começo de carreira, não é?

DM - Todos. Isso mesmo.

RG - E esse erro poderia ser, acredito que juridicamente, reparado.

DM - Ainda não foi restabelecido. Nós ainda estamos muito abaixo do último nível. Nem o Tito, que é o mais velho, é nível 25.

RG - Vocês não estão nem no nível em que estavam na época.

DM - Não. Porque nós estávamos acima dos que estão no nível 25, que foram aposentados no nível 25.

RG - Pois é. Bom. Sintetizando, apesar de todas as dificuldades de uma reparação verdadeira - aquilo que a gente estava conversando no telefone, que tem algumas coisas que são irreparáveis - como é que o senhor vê, como é que o grupo está vendo esse momento agora?

DM - Olha. É uma coisa que às vezes emociona. Nós não podemos deixar de admirar o esforço do Sérgio Arouca. Imaginamos o que ele dever ter engolido de sapos para chegar a esse resultado. Não podemos deixar de admirar o esforço e o sofrimento, antes da chegada do Arouca, do José Juberger, que sempre lutou pelo nosso lado. De modo que nós achamos que isto é uma grande conquista. Ainda mais que pode ser uma contribuição valiosa para que não se repita no Brasil uma situação desse tipo, que em alguns casos se tornou irreparável, em relação aos que morreram, não é isso? Nós não podemos saber que injunções teve essa coisa na morte, na semana da cassação, do João Ferreira Teixeira de Freitas e do Madureira Pará. Madureira Pará era muito chegado a nós. O Teixeira de Freitas tinha sido muito chegado a nós. E sem contar muitos outros, fora do Brasil. A morte do Samuel Pessoa, em São Paulo, que foi até impedido de trabalhar no laboratório dele na Faculdade de Medicina. Foi o diretor do Instituto Butantã que arranhou um canto para ele continuar a trabalhar. De modo que, sob esse aspecto, eu desejo muito que seja uma grande contribuição para que uma situação como essa não se repita. Não se repita. E nós não podemos deixar de ser gratos ao Sérgio Arouca, ao Morel, o Luís Fernando e ao Arlindo, que sempre nos prestigiaram. E todo aquele escalão de acesso ao Arouca - Cristina, Ana. E lá na superintendência, também, não podemos deixar de estar gratos. E se, por qualquer motivo, eu ou mais alguém tiver que interromper esse contato, será porque não foi possível, realmente, continuar.

RG - Bom. De minha parte, eu quero agradecer os eu depoimento. Foi um privilégio para a gente, poder...

DM - Muito obrigado. Foi um prazer grande. Foi cansativo para mim, mas acho que foi muito mais para vocês.

RG - Imagina! Para nós não.

WH - Não. De maneira nenhuma.

DM - Porque isso depois tem que ser posto em ordem. (rindo)